



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**



**IRAMI GONÇALVES FERNANDES MARTINS**

***PEDAGOGIA DO AMOR: A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO  
DESENVOLVIMENTO DA ALMA***

**Campo Grande/MS  
2022**

**IRAMI GONÇALVES FERNANDES MARTINS**

***PEDAGOGIA DO AMOR: A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO  
DESENVOLVIMENTO DA ALMA***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação – PROFEDUC –, área de concentração Formação de Professores e Diversidade, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande – MS, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira.

**Campo Grande/MS  
2022**

M343p Martins, Irami Gonçalves Fernandes  
Pedagogia do amor: a educação sob a perspectiva do desenvolvimento da alma / Irami Gonçalves Fernandes Martins.  
– Campo Grande, MS: UEMS, 2022.  
193 p.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Educação –  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.  
Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira

1. Formação Docente 2. Educação Integral 3. Filosofia Espírita 4. Corpos – Diversidade I. Bessa-Oliveira, Marcos Antônio II. Título

CDD 23. ed. - 371.3

**IRAMI GONÇALVES FERNANDES MARTINS**

***PEDAGOGIA DO AMOR: A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO  
DESENVOLVIMENTO DA ALMA***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande-MS, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Formação de Professores e Diversidade.

Aprovada em ...../...../.....

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira (Orientador)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Profa. Dra. Bartolina Ramalho Catanante (Membro Titular Interno)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof. Dr. Fábio Pereira do Vale Machado (Membro Titular Externo)  
Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano (INSTED)

---

Prof. Dr. Marsiel Pacífico (Membro Suplente Interno)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Prof. Dr. Valdir Aragão do Nascimento (Membro Suplente Externo)  
Centro Universitário Anhanguera MS

Para meus “amigos” de dimensões outras, por se manterem ao meu lado me intuindo, amparando-me nos momentos de dúvidas e dificuldades.

Para meus filhos (Oyara, João Manoel, Lara), e netos (Victória Mariane, Miguel e Mariah) por permearem a minha vida de tantas ações e eventos que me prepararam para a docência, para o cuidado aos filhos e netos de Outros pais.

Para a professora Clarinda Mendes de Aquino (*in memorian*) pela presença (espiritual) sempre carinhosa, derramando fluidos benfazejos por todos os cantos da escola que leva seu nome.

Para Vítor Bento Anis (*in memorian*) estudante do C.M.A., que despediu-se da vida corpórea esta semana, tentando aplacar a dor dentro de si. Que seu ato de desespero sirva de lição para todos nós educadores.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus (energia espargida em o Universo), essa força imaterial e imutável que mantém tudo em equilíbrio, a minha família e aos amigos que permeiam minha vida de amizade, de solidariedade, de compreensão e cooperação.

Ao meu orientador Marcos Antônio Bessa-Oliveira, o mais descolonial, corajoso e ético, que posso me lembrar, por me assumir como orientanda, dado o tema do trabalho, cujas vertentes teóricas fogem ao caráter acadêmico-catedrático, ainda que estejam vinculadas às ciências da educação e às filosofias.

Ao professor Valdir Aragão do Nascimento pelas palavras de otimismo e estímulo durante o mestrado.

Ao meu esposo Lúcio Pereira da Silva por assumir o fogão (enquanto eu mesma não tinha tempo para fazer uma refeição adequada) e me servir com carinho e compreensão, por ser sempre presente, sempre amigo e namorado amoroso.

Aos meus amigos-parceiros Ana Carolina e Marcio Bresolin pelo apoio e companheirismo: de escrita, de risos, de gastronomia, de literatura e de sincera amizade.

As minhas irmãs Jones Fernandes Caballero, Daliz Gonçalves Fernandes, Jeanete Gonçalves Fernandes e Lionete Fernandes, minhas companheirinhas de vida, por me distraírem durante as mil tarefas diárias com a família, o trabalho e o mestrado, organizando cafés de fins de tardes – uma vez por semana –, emprestando-me os ouvidos e os ombros, sempre com tão afetuosa acolhida.

Aos meus pais: Eufrasia e Hernando Fernandes (*in memoriam*). Ela por ter me ensinado a ser forte, ele por ter me ensinado a sonhar.

A Méliça Lopes por me mostrar os caminhos que eu deveria traçar para chegar ao Mestrado, incentivando-me a mostrar as minhas experiências no formato acadêmico.

As professoras de apoio Elizete da Silva Rodrigues, Florence Joyce Lopes Rosa e Ana Cláudia de Campos Ferreira por comporem comigo planos de trabalhos e práticas pedagógicas, a fim de melhorar o desempenho dos estudantes com necessidades especiais.

Aos amigos Antônio Aurélio Marques e Fabíola dos Santos, gestores da Escola Estadual Professora Clarinda Mendes de Aquino, pelas expressões de amizade e respeito; pelo companheirismo e apoio na luta por uma educação melhor, mais humana.

A Marlene Felipetto Rossi de Oliveira por ter ido me pescar em outras paragens; por me colocar de volta à sala de aula e depois de se aposentar, continuar fazendo parte da minha vida.

A Dalva Barbosa de Souza pelos conselhos e orações durante todo o percurso do Mestrado, bem como a equipe da Casa Espírita Fonte de Luz, pelas conversas, indicações de livros e incentivo incondicional.

Ao Dr. Décio Iandoli Junior por receber-me com tanto carinho, orientando-me quanto às médicas e pesquisadores da área eu deveria buscar fundamentação para a escrita, incentivando-me a mostrar a verdade que, segundo ele, “está à disposição de todos, basta que cada um tenha maturidade e humildade para desvendá-la.”

Aos Doutores Alexandre Fontes da Fonseca e Alexander Moreira-Almeida, que gentilmente autorizaram o uso de suas escritas enriquecendo meu trabalho.

Aos demais colegas e amigos da Escola Estadual Clarinda Mendes de Aquino por me aturarem, sendo eu aquela que tencionou registrar no ambiente escolar, com as práticas da *Pedagogia do Amor*, mesmo quando ainda era semente.

Aos colegas de turma do Profeduc pela amizade e parceria.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Educação/Profeduc, pela dedicação e profissionalismo.

Aos professores membros da banca de qualificação por terem aceitado o convite e pela grandiosa contribuição.

## RESUMO

O presente trabalho visa analisar, a partir de um referencial teórico epistemológico-existencialista e descolonial, a “Pedagogia do Amor” e as potencialidades e possibilidades dessa pedagogia no processo de formação de uma cidadania plena. Intenta-se, ainda, demonstrar o quão importante é o (re)conhecimento de filosofias epistemológicas outras que valorizem o Ser integral, investindo em uma parte dele, pouco reconhecida pela academia, o centro dos comandos da inteligência e da vontade — o espírito ou a alma — para a efetivação da aprendizagem e da formação para a vida. Apesar de considerar-se a importância que pedagogias outras têm, no que diz respeito à compreensão do que é o ser humano em sua integralidade, é imprescindível conhecer a sua interdimensionalidade e isso se dará sob a perspectiva dos princípios da filosofia-ciência Espírita. A revisão bibliográfica e documental constitui a abordagem metodológica elencada para a execução do estudo. Nessa revisão, foram mapeados e analisados artigos, livros, teses, dissertações, monografias e fontes audiovisuais; material imprescindível para dar respostas, ainda que momentâneas, ao problema da pesquisa investigado. O problema de pesquisa aqui listado será tratado a partir da análise de trabalhos de pesquisadores mencionados ao longo da escrita, tendo como ponto fulcral os ensinamentos filosóficos reestruturadores de consciências, tendo como meio a mediunidade de um Francisco Cândido Xavier, um Divaldo Pereira Franco, incansáveis vivenciadores das obras básicas kardequianas e as vivências crísticas primitivas, aurindo luz e razão em suas práticas humanas. Todos, evidentemente, referenciados ao final do texto. Desse modo, pretende-se contribuir para uma melhor compreensão de como a *Pedagogia do Amor* pode conferir à educação e à formação docente e discente um instrumental teórico mais abrangente, inclusivo e democrático. Salienta-se que a escrita tem no seu bojo os princípios científicos e filosóficos Espíritas, corroborando para seu entendimento, vários pesquisadores contemporâneos da área Médica e da Física, além de especialistas de áreas outras, que se aventuram a sair do lugar comum na busca de sentido para a vida humana especialmente em face de o momento histórico conturbado e de o lugar em o qual estão colocadas, sobretudo, as pessoas com algum tipo de diversidade-especificidade, principalmente, os que se encontram em situação de vulnerabilidade. Reconheço a dimensão da tarefa, bem como seu caráter utópico face à realidade sociocultural brasileira vigente, marcada cada vez mais pela incerteza, pela descrença e transitoriedade que caracteriza a pós-modernidade e seus discursos de desconstrução.

**Palavras-chave:** Formação Docente. Educação Integral. Filosofia Espírita. Corpos/Diversidade. Ciência.

## RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar, desde un marco teórico epistemológico-existencialista y decolonial, la “Pedagogía del Amor” y las potencialidades y posibilidades de esta pedagogía en el proceso de formación de una ciudadanía plena. También se pretende demostrar cuán importante es el (re)conocimiento de otras filosofías epistemológicas que valoran el Ser integral, invirtiendo en una parte de él, poco reconocida por la academia, el centro de los comandos de inteligencia y voluntad -el espíritu o el alma-, para la realización del aprendizaje y la formación para la vida. A pesar de considerar la importancia que tienen otras pedagogías, en lo que se refiere a la comprensión de lo que es el ser humano en su totalidad, es fundamental conocer su interdimensionalidad y eso se dará en la perspectiva de los principios de la filosofía-ciencia espírita. La revisión bibliográfica y documental constituye el enfoque metodológico enumerado para la ejecución del estudio. En esta revisión se mapearon y analizaron artículos, libros, tesis, disertaciones, monografías y fuentes audiovisuales; material esencial para dar respuestas, aunque sean momentáneas, al problema de investigación investigado. El problema de investigación enumerado aquí será tratado a partir del análisis de los trabajos de los investigadores mencionados a lo largo del escrito, teniendo como punto central las enseñanzas filosóficas reestructuradas de las conciencias, teniendo como medio la mediumnidad de un Francisco Cândido Xavier, un Divaldo Pereira Franco, infatigables experimentadores de las obras fundamentales de Kardec y de las primitivas experiencias críticas, trayendo luz y razón a sus prácticas humanas. Todo, por supuesto, referenciado al final del texto. De esta forma, se pretende contribuir a una mejor comprensión de cómo la Pedagogía del Amor puede dotar a la educación y formación de docentes y estudiantes de un instrumento teórico más integral, inclusivo y democrático. Cabe señalar que la escritura tiene en su núcleo los principios científicos y filosóficos espíritas, corroborando para su comprensión, varios investigadores contemporáneos en las áreas de Medicina y Física, así como especialistas de otras áreas, que se aventuran fuera del lugar común en la búsqueda de sentido para la vida humana, especialmente ante el convulso momento histórico y el lugar en el que se encuentran, sobre todo, las personas con algún tipo de diversidad-especificidad, especialmente aquellas que se encuentran en situación de vulnerabilidad. Reconozco la dimensión de la tarea, así como su carácter utópico frente a la realidad sociocultural brasileña actual, cada vez más marcada por la incertidumbre, la incredulidad y la fugacidad que caracteriza a la posmodernidad y sus discursos de deconstrucción.

**Palabras clave:** Formación Docente. Educación Integral. Filosofía Espírita. Cuerpos/Diversidad. Ciencia.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO – MEU LUGAR DE FALA É O ESPAÇO DE ACOLHIMENTO: A SALA DE AULA</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – PARA SUPERAR A COLONIALIDADE E A SUBSERVIÊNCIA: UMA EDUCAÇÃO CAPAZ DE LIBERTAR AS ALMAS DOS HOMENS</b> .....	<b>36</b>
1.1 – MINHA INSPIRAÇÃO: histórias que ainda me comovem .....	<b>60</b>
1.2 – CULTURALIDADE: o rigor dos costumes dos outros em mim.....	<b>75</b>
1.3 – O CENTRO DO DEBATE É O HOMEM .....	<b>80</b>
1.3.1 – SER CÓSMICO: idealização descolonial .....	<b>81</b>
1.4 – O CONCEITO DE ALMA (ESPÍRITO) NA HISTÓRIA HUMANA.....	<b>85</b>
1.5 – PERTENCIMENTO E IDENTIDADE .....	<b>87</b>
1.6 – BRASIL: um país colonizado e colonizante.....	<b>92</b>
<b>CAPÍTULO 2 – COLONIALISMO RELIGIOSO: NA BUSCA DE IDENTIDADE, PERDA DE SENTIDO</b> .....	<b>97</b>
2.1 – HEGEMONIA RELIGIOSA: um passeio pela historicidade da fé irracional.....	<b>122</b>
2.2 – A CONTRADIÇÃO DOS DISSIDENTES .....	<b>126</b>
2.2.1 – Escola sem partido, escola laica .....	<b>130</b>
2.3 – EPISTEME DOS CORPOS-SUJEITOS .....	<b>133</b>
2.4 – EDUCAÇÃO-TRANSFORMAÇÃO: premissa de uma Nova Era.....	<b>134</b>
2.4.1 – Bases morais de uma educação transformadora .....	<b>136</b>
2.4.2 – Brasilidade: consequências nefastas da colonização europeia .....	<b>136</b>
2.4.3 – Educação inovadora para enterrar de vez o preconceito .....	<b>140</b>
2.5 – PROBLEMATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL .....	<b>145</b>
2.5.1 – A dialogicidade, o tempo e o (des)alento na educação brasileira.....	<b>147</b>
<b>CAPÍTULO 3 – A PEDAGOGIA DO AMOR CONTEMPLA A DIVERSALIDADE DE SUJEITOS EM DESENVOLVIMENTO</b> .....	<b>151</b>
3.1 JUSTIFICATIVAS DE PROCEDIMENTOS .....	<b>151</b>
3.2 SÃO CINCO OS PRINCÍPIOS DO ESPIRITIMOS.....	<b>153</b>
3.2.1 – Crença na existência de Deus .....	<b>155</b>
3.2.2 – Crença na imortalidade da Alma .....	<b>158</b>
3.2.3 – Crença na Comunicabilidade dos Espíritos .....	<b>162</b>
3.2.4 – Crença na Pluralidade das existências .....	<b>165</b>
3.2.5 – Pluralidade dos mundos habitados .....	<b>167</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS – PEDAGOGIA DO AMOR: A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA ALMA</b> .....	<b>171</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>179</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>183</b>

## INTRODUÇÃO – MEU LUGAR DE FALA É O ESPAÇO DE ACOLHIMENTO: A SALA DE AULA

O presente trabalho tem como ponto de partida as minhas vivências “no chão” de escolas. O foco, por conseguinte, é o sujeito-aprendente e o sujeito-ensinante como indivíduos em constantes transformações, adquirentes de competências e habilidades capazes de se fortalecer e se autonomizarem. Por esse meio a humanidade poderá, pelas práticas sociais e inter-relacionais, emancipar-se, desenvolver-se integralmente. O fundamento é a formação de modos outros de vivência coletiva com vistas à eticidade, ao bem comum, ao respeito ao meio ambiente, à valorização da vida e da ciência e ao progresso solidário, seja de um indivíduo tanto quanto de todos os indivíduos. (FERNÁNDEZ, 2001).<sup>1</sup>

A esta perspectiva corrobora a premissa de que uma sociedade só é justa quando a educação, a saúde, a segurança e o trabalho são para todos. Ao compreender que o que é bom para mim e para meus filhos é bom para os Outros, engajei-me ao longo da vida nas práticas pedagógicas não convencionais, que demonstram eficiência na relação junto aos estudantes de todas as idades, etapas e níveis, por isso, o esforço em sintetizar e sistematizar a *Pedagogia do Amor* como fundamento de uma educação libertadora e libertária. No entanto, para que essa vertente de pensamento seja uma unidade, é preciso que os homens sejam educados para um outro fim, que não apenas para se colocarem como força de trabalho em uma sociedade capitalista e excludente, ou que a educação seja o meio mais adequado para se alcançar os objetivos desejados, materialmente falando.

Questões como essas são consideradas a todo momento pelos educadores, que vislumbram formas outras de educar, como destaca José Herculano Pires, filósofo e professor, para quem os caminhos da educação são Outros e que a formação dos educadores requer conhecimentos de ordem extrafísicas.

As dimensões da educação decorrerem das dimensões do homem. Se o homem pode

---

<sup>1</sup> Nosso trabalho tem, a princípio, algumas ideias muito bem formadas acerca da Educação e suas práticas na atualidade em contextos múltiplo-escolares. Da Educação Infantil à Universidade, deverá ficar evidente ao decorrer da leitura deste trabalho, ainda temos práticas educacionais bem poucos emancipadoras. Contrário a isso, temos bem mais nas escolas e universidades uma visada de formação em atendimento ao mercado de trabalho que, essas instituições têm que seguir como condição, por exemplo, para serem “contempladas” por diferentes verbas governamentais que vinculam educação à números e não às *trans*-formações sociocrítico-culturais dos sujeitos envolvidos na educação. Nesse sentido, nosso trabalho como um todo tem como premissa desvendar práticas didático-pedagógico-epistemológicas que vislumbrem a *trans*-formação dos sujeitos envolvidos na educação por meio de perspectivas que promovam, por exemplo, a libertação de corpos e de almas das amarras coloniais/mercantilistas do passado e do presente.

ser encarado, tanto espiritual como socialmente, numa perspectiva de sucessões dimensionais, então o processo educativo também será susceptível dessa visualização. E é precisamente numa teoria dimensional do homem que vamos buscar as possibilidades de uma formulação teórica da educação nesse sentido. Formulação aliás que pode levar-nos a maiores possibilidades metodológicas na colocação filosófica do processo educacional (PIRES, 1985, p. 27).

Desse modo, esta escrita descortina a proposição de um olhar renovado pela *Pedagogia do Amor* sobre o estudante-professor-professora e seus discentes. E, ainda que o meio acadêmico relute a aceitar, conquanto as ciências já ratifiquem, propõe um passeio pela filosofia da Alma (espírito) na busca de entendimento sobre a interdimensionalidade do Ser-sujeito, da compreensão do seu estado íntimo e dos mecanismos que promovem o seu desenvolvimento-conhecimento, em que se assentam seu conforto, suas escolhas e seu bem-estar, a sua integridade e dignidade.<sup>2</sup>

A proposta de educação sob a perspectiva do desenvolvimento da Alma, por conseguinte, é capaz, por exemplo, de amenizar-erradicar da sociedade o preconceito racial e social, de gênero, o feminicídio, o *bullying*, o suicídio, as *fakes news*, a corrupção e a alienação coletiva, o analfabetismo, a exclusão escolar-social, pois promove a compreensão das dimensões da diversidade, conforme esclarece Sandra Maria Nascimento de Mattos (2012, p. 17).

[...] a exclusão guarda tanto o ato de excluir como o de excluir-se de um processo. Aquele que é posto ou sai de um processo. Aquele que é incompatível com o processo. Aquele que fica privado, é expulso ou retira-se de um processo. A exclusão é um processo que atinge todas as camadas sociais, porém, com maior intensidade a camada popular.

O processo educacional como temos tido não tem e nunca teve engajamento quanto ao desenvolvimento do Ser (mas do Ter), institucionalmente falando. Esse processo subsistiu por muitos anos por que a clientela escolar era outra. Estamos agora recebendo estudantes, desde muito pequenos, com grande interesse e curiosidade e, segundo Paulo Freire (1996), a curiosidade é elemento constitutivo para se ensinar e para se aprender. Não estamos mais naquele período de educação bancária, atendendo uma clientela educada para gerar mão de obra, para atender um mercado econômico altamente castrador (de consciências). Essa clientela criada e organizada para fazer mais do mesmo, para servir, não existe mais. E nem é esse tipo de estudante que queremos promover.

A prática escolar e os resultados apresentados anualmente pelas provas externas, principalmente, o volume de casos de violência e de crimes cometidos por abuso ou discriminação demonstram que os educadores não têm avançado no ato de educar. De outro

---

<sup>2</sup> Aqui estaria, de certo modo, o princípio da *Pedagogia do Amor*, uma prática docente de *auscultar corações*.

modo dizendo, precisa-se mudar o conceito de Educação, para formar educadores com uma visão mais abrangente da vida, do Ser humano, do Planeta, pensando também em a natureza, no meio ambiente, pois os homens e a natureza estão interligados e não há como se cuidar de um em detrimento do outro, sem que ambos sofram algum tipo de prejuízo desolador.

Nessa perspectiva, Franz J. Hinkelammert (2003, p. 20), parceiro de Enrique Dussel na obra *Cristianismo e libertação Por um mundo diferente: Alternativas para o mercado global*, encontramos reflexões teológicas que pensam em alternativas e mudanças para que o capitalismo e o socialismo possibilitem um mundo outro no qual caibam todos.

Assim sendo, pode-se efetuar a crítica ao sistema vigente a partir do imaginário do mundo no qual todos caibam. Isto dá a dimensão crítica e mostra uma orientação desejada e necessária. Trata-se do mundo para o qual é preciso caminhar. É o mundo que o sistema dominante torna impossível. É o mundo que o sistema chamado de globalização exclui. Mas é o mundo para o qual deve-se aprender a organizar e melhorar para nele continuar-se vivendo. Por isso, o mundo em o qual caibam todos os seres humanos – e a natureza igualmente – demanda mudanças radicais. De fato, o mundo para o século das inteligências mais refinadas expressa a carência de ética, e se a humanidade quiser sobreviver aos efeitos contrários, deve aprender a viver com as mudanças que se operam no campo da ética e do mundo sustentável.

As afirmações do autor comungam das ideias de Enrique Dussel, Win Dierckxsens, Luis N. Rivera Pagán e Giulio Girardi, cujos textos foram coletados e organizados por Jorge Pixley (coordenador, 2003), e remete ao momento atual que a humanidade vive, no qual entende-se que é preciso ecumenidade para se pensar, de modo geral, num mundo que seja para todos, em educação de equidade, para que as gerações novas possam vencer desafios, criar e recriar conhecimentos autonomamente.

As novas gerações de estudantes querem falar, criticar, errar, refazer, e a educação deve dar-lhes as ferramentas, imprimindo desta forma, nos educadores, pais e sociedade a importância de se educar para “Ser” sujeito respeitoso e afetivo, *experienciando* modos outros de viver, sendo os diferentes um pouco de cada um e todos formadores do mesmo Ser-coletivo, consoante com o que preceitua a professora Amélia Hamze no artigo intitulado “O professor e o mundo contemporâneo”.

O saber conviver com as diferenças é saber conviver com pessoas possuidoras de crenças, compreensão de vida e interesses diferentes. A Educação cultivando valores de solidariedade está ao lado dos excluídos e combate os efeitos do capitalismo. A luta contra a exclusão social também passa necessariamente pelo trabalho do professor (HAMZE, 2021, p. 4).

Essa reflexão está ancorada e referenciada em estudiosos que, muito além das falas e das recomendações relevantes, apresentam práticas de grande valia para a época à qual estamos inseridos e comprovam que os estudos acerca dos muitos corpos do sujeito-homem-mulher: físico, emocional, psíquico, espiritual, assim como das múltiplas inteligências e os

sistemas neurais, que contemplam as diversidades são altamente necessários à formação docente e nas suas práticas em salas de aulas. Isso por que, conforme Hamze,

Os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais, a fim de que os alunos possam fundamentalmente compreender e refletir sobre a realidade, participando e agindo no contexto de uma sociedade comprometida com o futuro. Grandes desafios se descortinam a nossa frente (HAMZE, 2021, p. 4).

A autora preceitua que uma das competências mais significativas refere-se ao descobrimento, pelos estudantes, de ferramentas que permitem desenvolver confiança em “suas capacidades de criar, de construir e reconstruir a fim de que o estudante se plenifique a partir de competências e habilidades e, não mais, somente, através de conhecimentos.” (HAMZE, 2021, p. 4).

Nesse contexto, a professora Amélia Hamze não está sozinha. Para comprovar que a prática educativa requer desenvolvimento de aspectos bem específicos dos educadores e da academia que os formam, traz-se aqui pensamentos de cientistas de várias áreas, incluindo a Física, ao longo da escrita, para demonstrar o que todas as religiões de todos os tempos já sabem. O Homem é Duo. Assim sendo, cabe pensar o que do homem é mais importante, o que é mais vulnerável? A Educação, como registro e vivências históricas, aplica-se ao corpo físico ou à alma? As lembranças, as emoções, a solidariedade são desenvolvidas no corpo ou na alma? Com a palavra, portanto, em várias partes do texto, pesquisadores que saem do comodismo, do lugar comum da ciência materialista, para olhar o mundo ao seu redor com todas as suas misérias, com suas tragédias, contradizendo o avanço tecnológico e científico da atual fase da humanidade. E o fazem em busca de uma formação mais humanizada que parece ter se perdido ainda mais nos últimos anos.

Para tanto, o “método” utilizado neste trabalho é a da pesquisa qualitativa-bibliográfica de livros, artigos, dissertações e teses assinados por estudiosos como Johann Heinrich Pestalozzi, Eurípedes Barsanulfo, Herculano Pires, Paulo Freire, Pedro Demo, Enrique Dussel, Walter Mignolo, Zulma Palermo, Décio Iandoli Jr., Emanuel Burck dos Santos, Santo Agostinho, Léon Denis, São Tomás de Aquino, Sebastião Camargo, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Leonardo Boff, Allan Kardec, Dr. Raul Teixeira, dentre vários outros, que reúnem saberes de várias áreas, dentre as quais da educação, da medicina, da filosofia, mas também da psicologia e da psiquiatria.

Na outra ponta, as observações na prática, em salas de aulas, interagindo com os estudantes, analisando seu desenvolvimento-potencial. As conversas diárias com colegas,

professores de outras disciplinas, os professores de apoio, quando possível os pais e acompanhantes desses estudantes. Levantando *in loco* as informações sobre o desenvolvimento cognitivo-intelectual e dimensões outras deles, suas relações com os colegas, a participação crescente em atividades de grupo antes, durante e após a convivência e estudos pedagógicos e metodologicamente ancorados na *Pedagogia do Amor*.

Ao longo da escrita desta dissertação faz-se uso do termo Fenomenologia, a partir das contribuições de Edmund Husserl (1990), e levando-se em conta que o termo significa a epistemologia da diferença, o status da universalidade, o termo pode ser considerado uma dicotomia no meu trabalho por ter o conceito de universal, pautado pelo eurocentrismo. Nesse sentido, aparentemente, é improvável que a fenomenologia atenda aos propósitos do texto. Isso se pensar-se em termos teórico-materialistas, como querem aqueles que não aceitam “levantar véus” ou discutir pragmatismos por perspectivas de vieses outros.

Pensando-se, no entanto, que a observação dos fenômenos é algo inerente ao ser humano, tem-se que a fenomenologia, palavra derivada de “fenômeno”, também passa pelo crivo do pessoal, da busca constante de entendimento dos seres humanos sobre si mesmos e tudo que lhes chega, movimenta suas estruturas psíquicas e emocionais, provoca-lhes necessidades de autoavaliação constante. Nesse viés, concebe-lhe a todo momento condições de mergulho em questionamentos, navegar no seu mundo íntimo em busca de instrumentos que lhes capacitem para a vida externa, porque internamente é a sua vida-vivência-primeira, seu estado íntimo, o Ser de si mesmo (GOMES, 2009).

Esses são fenômenos observados pela psicologia humanística, adepta da Fenomenologia, conforme descreve William Barbosa Gomes (2009), Psicólogo e Professor de História da Psicologia e Epistemologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em *Relações metodológicas entre fenomenologia, historiografia e psicologia humanista*:

É difícil pensar neste fluxo de reflexões e de expressões da inteligência humana como uma força unitária. Ela se compõe de muitas camadas que formam contrastes e realçam focos. São sincronias que se estruturam como marcas do tempo. Mesmo assim, há um movimento que segue seu rumo e que depois o interpretamos como história. Esse movimento é diacrítico, seguindo como uma noite depois de um dia, uma época depois de outra época, uma letra depois da outra, e assim por diante (Barthes, 1964/1971). É uma passagem, uma estrada sem retorno (GOMES, 2009, p. 2).

Na perspectiva descolonial a fenomenologia também se assenta no fato (e nas dúvidas) de os seres humanos passarem pelo crivo do questionamento pessoal, do periférico, ainda que seja no campo da observação e de análise ou na busca de compreensão sobre espaços de

vivências, sejam íntimos ou geográficos.

Edgar Nolasco (2012) aborda o tema com olhar inquiridor dos pensadores descoloniais, cujas teorias nem sempre correspondem à realidade latino-americana, já que a maioria tende pelas teorias importadas, o que não as invalidam; porém, as inviabilizam quanto à aplicação no contexto fronteiriço a que pertencemos. Segundo o autor “o intelectual periférico parece ainda não se sentir seguro, intelectualmente falando, para pensar a partir de seu próprio lócus geostórico, sem correr o risco de cair em um ‘localismo’ piegas e chinfrim” (p. 5).

É possível afirmar que essa ideia em relação à cultura brasileira, considerada como menor pelos que negam a essência da brasilidade, “bancando” gratuitamente o preconceito contra as diferenças e os diferentes, é vista pelo professor como algo de menor importância, já que o melhor é se buscar, segundo ele e concordo plenamente, formas de se resolver essas questões. Ao descrever a cultura latino-americana, Nolasco (2012) menciona os espaços como sendo a região periférica ou lugares periféricos como “o dentro”, contrapondo-se aos países não latinos os “de fora”.

A questão, em uma abordagem crítica, resume-se não em saber se de fato existiu “dentro e fora”, mas, sim, em saber como resolver esta “ferida aberta” (ANZALDÚA) que marcou para sempre as produções culturais humanas e o próprio saber no mundo. “Dentro e fora, centro e periferia são metáforas dúplices que dizem mais sobre os loci da enunciação do que sobre a ontologia do mundo. Há e não há dentro e fora, centro e periferia” (NOLASCO, 2012, p. 1).

Portanto, os termos descolonialidade e fenomenologia estão de acordo com o contexto histórico atual, ainda que do ponto de vista da dialogicidade histórica, porém, com sentido *outro*, e não com o significado que postulam os dicionários, por exemplo, pois as palavras que explicitam o que pretendo e preciso colocar posicionam-se no campo da semântica. Entendendo a semântica “num sistema linguístico, o componente do sentido das palavras e da interpretação das sentenças e dos enunciados”, segundo a definição do dicionário online *Oxford Languages* (s/a, s/p) traduzido para o português.

Conforme essa perspectiva, o descolonial é atravessado pela interpretação do desfazer o que antes foi feito/dito/vivido, nem sempre para fazer/dizer/viver de outra maneira, mas interpretar diferentemente das interpretações antes feitas. Se assim não fosse, estar-se-ia ainda crendo na Terra plana, considerando em conceitos materialistas da vida humana, que não cabem mais nem no intelecto, nem nas construções históricas e científicas ou tecnológicas deste tempo, pois as mudanças se agigantam na esfera mundo com velocidade simultânea, deixando todos “absurdados”, à mercê da íntima pobreza espiritual e intelectual, dando a

dimensão do quão pouco se sabe e/ou entende-se sobre quase tudo. Percebe-se assim, que se desenvolveu bastante a inteligência, mas falta muito para o desenvolvimento moral-espiritual (em uma versão da filosofia Espírita, mas que pode ser lida como filosofia cristã-primitiva ou filosofia moral) a chave desse enigma.

Esse esclarecimento se faz necessário, porque é sabido que a língua é livre (e viva) e a interpretação requer ferramentas que não cabem em um único meio de avaliação, nem sequer um viés filosófico ou ideológico, já que, segundo Enrique Dussel, “a ideologia é então um sistema interpretativo-prático” (DUSSEL, 1997, p. 11). Sabe-se que a escrita tanto quanto a interpretação dependem de meios outros de observação e de critérios que envolvem competências e habilidades geradoras de impessoalidade, de tolerância, de certo apagamento da autocultura e autoconhecimento, porque a fala do outro, o texto do outro, demandam, também, muito da leitura e das experiências de outros tantos autores (BARTHES, 1974).

Diante dessas reflexões acerca dos conceitos de fenomenologia e descolonialidade, volta-se à sala de aula e à disposição com que é construído o discurso docente desta autora. Assim, registra-se aqui as vivências que envolvem a pesquisa em questão de forma total e absoluta. E pensa-se que de outra forma, a pesquisa não teria atingido a bom termo as expectativas da mestranda. Muito importante, nesse período, a atenção sempre pronta do Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira (orientador), sua paciência e orientação segura, pois em meio ao trabalho, à pesquisa, às práticas que eram/são relevantes e concomitantes, as escritas ocorriam/ocorrem vertiginosamente, dificultando muitas vezes a prontidão e o tempo necessários.<sup>3</sup>

Embora a avaliação não seja tão importante, considerando que o viés do olhar da mestranda não é o mesmo que guia a academia, é importante o debate, inadiável. Dessa forma, esclarece-se que nessa perspectiva a que a autora se debruça é de um descolonialismo muito mais abrangente, mais acentuado, vai além das fronteiras terrenas. Para compreendê-lo é preciso ter amplitude de consciência como o tem o Físico teórico, professor e escritor Marcelo Gleiser (2019) e o demonstra ao abordar temas que vão muito além do conhecimento da maioria, e de pesquisar o espaço, permitindo-se transgredir as medidas que moldam a ciência materialista, em busca do que acredita: “em formas de vida ainda não descobertas no

---

<sup>3</sup> A minha prática docente, nesse sentido, segundo meu orientador, “tem maior relevância quicça os referenciais teóricos que ancoram sua [esta] escrita. Haja vista que sem a consciência intencional da prática da *Pedagogia do Amor* em salas de aulas como prática de *trans-formação* (FREIRE; DUSSEL), teorização nenhuma, na atualidade, por mais bem intencionada que essa seja, está disponível para orientar práticas dessa natureza”: palavras do professor Bessa.

cosmo.”

Pelo conjunto de sua obra, o físico ganhou o Prêmio Templeton, “Nobel da espiritualidade” nos EUA. “Esse prêmio homenageia quem oferece contribuição excepcional para a afirmação da dimensão espiritual da vida”. Outros nomes que inspiram este trabalho, concernente ao amor universal que deve ligar as criaturas, um dos pilares da Pedagogia do Amor, estão os também agraciados “com o prêmio o Dalai Lama, a Madre Teresa de Calcutá, o bispo sul-africano Desmond Tutu e o físico inglês Freeman Dyson.”

Percebe-se, por esse prêmio, o quanto pessoas ao redor do mundo têm se posicionado no lugar em que a humanidade precisa estar: trabalhando, estudando e, sobretudo, visando o bem comum, a prática da Ética e o respeito à natureza. Conseqüentemente, em consonância com a *Pedagogia do Amor*, uma pedagogia que tenta a (re)conciliação do homem-mulher com tudo isso. Gleiser representa a Pedagogia do Amor enquanto descolonial extensivo, ou seja, aquele que, em consonância com o entendimento da educadora que escreve, envida esforços em pesquisas fora dos planos físicos da Terra, desbravadores de campos Outros nos quais se espera encontrar convergência entre ciência, espiritualidade, vida com abundância “de viver”.

Segundo João Colares da Mota Neto (2016), em sua obra *Por uma Pedagogia decolonial na América Latina*, na qual discute profundamente teorias de autores descoloniais, no Brasil um dos marcos da busca por paradigmas *outros* na educação é Paulo Freire com o lançamento de *Pedagogia do Oprimido* (1968), tido como alternativa para vencer as teorias tradicionais-bancárias, à ciência tradicional e à filosofia eurocêntrica. Neto (2016) cita Enrique Dussel como (re)formulador da filosofia da libertação (2016, p. 254), que foi influenciado em grande parte pelos estudos da sociologia. Os paradigmas dusselianos atravessam minhas reflexões teóricas, pois que a sociologia, tratando de questões sociais que são ponderáveis pela *Pedagogia do Amor*, acreditando piamente que tal teoria dá conta dessas distorções se amplamente divulgada e experivividas. Dussel citado por João Colares da Mota Neto (2016, p. 254) diz:

Já em 1968, a doutrina da dependência começou a ser discutida. Em encontros interdisciplinares com sociólogos e economistas, começamos a descobrir a necessidade de tornar a filosofia independente na América Latina. Em 1969, enquanto discutia com sociólogos em Buenos Aires, vi minhas visões filosóficas básicas profundamente criticadas. Aí surgiu a ideia: por que não uma filosofia da libertação? Um Fals Borda não fala de “sociologia da libertação”? Quais seriam os pressupostos de tal filosofia? (DUSSEL, 1983, p. 12, tradução livre minha).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> “Ya en 1968, se comenzó a hablar de la doctrina de la dependencia. En reuniones interdisciplinarias con sociólogos y economistas, comenzamos a descubrir la necesidad de independizar la filosofía en América Latina. En 1969, discutiendo con sociólogos en Buenos Aires vi profundamente criticadas mis opciones filosóficas

De acordo com Neto (2016), Dussel (re)afirma que sua filosofia da libertação teve como fontes iniciais as contribuições da sociologia de Fals Borda, do pensamento de Herbert Marcuse, da teoria da dependência de Enzo Faletto, Fernando Enrique Cardoso e da filosofia de Emmanuel Lévinas. Esses autores teriam lhe permitido uma análise crítica ao eurocentrismo. Essas críticas, no entanto, não foram feitas apenas no campo do debate frio, Enrique Dussel, a partir daí passou a pensar nos países periféricos, denominados dos “de baixo” e a se ocupar deles, pensando nas populações como “vítimas” do “capitalismo mundial”.

E a partir de *Cristianismo e Libertação Por um mundo diferente: Alternativas para o Mercado Global*, Dussel *et al* (2003) aprofunda seus questionamentos, absorvendo talvez as múltiplas facetas da vida humana e voltando às raízes primeiras, chama para si a responsabilidade ao falar de outras vidas além desta precária vida que somos/temos baseadas no consumo e na satisfação imediata de nossas necessidades ilusórias.

A austeridade, o não-consumismo, a não destruição de bens necessários não renováveis (petróleo, plástico...), o sentido de uma nova civilização que se conforma com o já alcançado tecnicamente, e que desenvolva somente na solidariedade o necessário para a ciência, a arte, a justiça, a mística, deve começar a ser motivação profunda da “espiritualidade cristã” ( DUSSEL *et al*, 2003, p. 34)

Nesse sentido, o campo do desenvolvimento da consciência passa pelo crivo sociológico, econômico, cultural, filosófico, ecológico como concebe Enrique Dussel ao pensar a descolonialidade, nessas esferas, para “libertar” a América Latina, e por que não pensar em uma libertação para além das fronteiras geográficas, “libertar e constituir consciências”? Parece-me que Dussel tem como percepção a libertação das estruturas paradigmáticas, o que chamo de consciencial-mental-espiritual.

Isso alarga os horizontes e é complexo entender assim, no entanto, a medicina e os médicos, como vamos descrever ao longo do trabalho, têm pesquisado cada vez mais as obras de André Luiz /Francisco Cândido Xavier, levantando véus, comprovando teorias apresentadas por eles há cerca de sessenta anos, sobre “descolonialidade” extrafísica – mente – consciência – alma ou espírito. Invariavelmente esses pesquisadores dizem que não temos ainda como conceituar certos fenômenos, por não haver em nossas referências palavras que circunscrevam esses conceitos, por estarmos ainda sendo regulados pela pragmática materialista, mas que no fundo mudam as palavras, nem sempre as formas, e que, aos poucos, a ciência avança também nessa questão. O fato é que todos, médicos, educadores, religiosos-

---

básicas. Allí surgió la idea: por qué no una filosofía de la liberación? Acaso un Fals Borda no habla de “sociologia de la liberacion”? Cuáles serian los supuestos de una tal filosofía?” (DUSSEL, 1983, p. 12).

moral (pois dentre estes há os que estão para além das ideias pseudo cristãs ou pseudo religiosas) queremos a mesma coisa: a liberdade total e irrestrita das amarras do poder temporal incrustados nos homens e mulheres, apesar do avanço das ciências, da literatura, da tecnologia.

Uma *ética ecológica* trata a condição de possibilidade absoluta dos seres vivos, exercida, em última análise, no respeito ao direito universal à sobrevivência de todos os seres humanos, especialmente dos mais afetados e excluídos: dos pobres do presente e das gerações futuras, que herdarão, se não adquirirem uma consciência pronta e global, uma terra *morta*. A Vida é concisão absoluta da existência humana, e por isso a Vida da terra se chama concisão ampliada. Na realidade, a Terra não pode ser destruída, nem tampouco a Natureza (em sua mera constituição física, química ou simplesmente material); o que nela pode ser destruído são as condições para a existência da Vida. A Vida pode ser destruída na Terra (DUSSEL, 2003, p. 23).

Falar sobre isso é muito fácil, porém, é muito mais difícil. Fácil porque é o que penso, sou eu derramada nessas páginas; difícil por que apesar de reconhecer o avanço, também na academia, a verdade incontestável é que ela ainda não abraçou a literatura de epistemologia espírita-espírita, que trará um embasamento lógico às teorias descoloniais, que fundamentam meu trabalho. Literatura essa com bases científicas de alta envergadura, de valores de grande alcance nas práticas do despertar da consciência humana haja vista a grandiosa obra de Francisco Cândido Xavier, professor Dr. Raul Teixeira (Físico), Divaldo Pereira Franco e outros tantos.

Para Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) educador, político, jornalista e precursor da Pedagogia do Amor no Brasil, por exemplo:

O aprender com a Natureza requer uma complexidade de entendimento que culmina com o respeito, a ordem e a harmonia. O Espírito programa viver no ambiente que desperta sua sensibilidade e com isso desenvolve suas potencialidades, promovendo avanço e progresso na sociedade em que vive (*apud* AMUI, 2007, p. 102).

Nesse contexto, Eurípedes Barsanulfo é categórico em afirmar que: “Ninguém educa sem compreender. Não há avanço sem mudança de postura e de sentimentos”. O autor, possivelmente, bebeu na fonte Kardequiana que postula por uma metodologia de trabalho que quebra paradigmas do século XIX, “iluminando os campos da filosofia com os princípios da moral, abalizando-a com os sentimentos cristãos (primitivos)”.

Repete-se, porém, que adotar ou não as práticas da filosofia enquanto religião é escolha de cada um, mas não é prerrogativa deste trabalho. Interessa a filosofia e as ciências que advêm daí, muito embora, considera-se que a religião, aqui reconhecida como Moral (moralidade vivenciada), fator que se desenvolve na alma, tem muita importância no fazer e no Ser das criaturas, desde que elas tenham conhecimento e compreensão para além das ideias

colonizantes.

Assim, crê-se que internalizar os princípios da filosofia Espírita e sua referência enquanto ciência natural é fundamental para se pensar em conceitos mais abrangentes de liberdade-descolonialidade, pois é em a “religiosidade irracional” que os mitos se criam e se fortalecem, manipulando a grande maioria das pessoas que a ela se apegam com paixão e cegueira. Mas também não se pode negar que é na religiosidade – de fé raciocinada – que a ciência avança, comprovando hipóteses há muito aventadas, que o digam os médicos-pesquisadores de distintas especialidades, bem como os físicos, os psicólogos, psiquiatras, teólogos, filósofos e educadores que “se aventuram” a olhar para trás e olhar mais longe à frente. Cita-se, portanto, o professor Dr. Décio Iandoli Junior (2020), que deslimita a medicina quando afirma em *DA ALMA AO CORPO FÍSICO* que:

[...] é chegada a hora de serem removidos os véus que cobrem o assunto, sempre tratado como misticismo, sobrenatural e religioso, mas que, na nossa ainda insignificante opinião, deve ser abordado pela ciência, pelo bem dos avanços médico-científicos, seja na área da neurologia e psiquiatria, seja na antropologia e na filosofia. Isso porque estamos transgredindo uma importante fronteira que delimita esta nova e promissora etapa de desenvolvimento humano prenunciada pelo trabalho de Allan Kardec e tão bem explicitada por Edgar Morin (IANDOLI JUNIOR, 2020, p. 345).

O autor se pronuncia sobre a Neurofisiologia Transdimensional (Iandoli Jr., *et al* 2020), propondo uma reflexão de modo a imprimir em meio aos seus pares e outros, discussões sobre o cérebro humano – do ponto de vista fisiológico, filosófico e espiritual – contemplando assim, a Alma-Espírito (sua sobrevivência e capacidade comunicativa). Além dessas questões, Iandoli Junior pesquisa a mente extrafísica, a escala e níveis de consciência, a glândula Pineal, a consciência individual e suas manifestações-relações com o corpo físico, tanto quanto suas influências na saúde integral dos indivíduos.

Abro aqui “parêntese” para mencionar uma particularidade sobre o pré-projeto apresentado à Universidade Estadual do Mato Grosso Sul, Campus Campo Grande, pleiteando uma vaga no mestrado que hoje tem esta dissertação em defesa. Dadas às circunstâncias e o tema levado a cabo no documento, surpreendeu-me o fato de o professor Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira que não sendo um estudioso da matéria, mas sendo homem desapegado das picuinhas teóricas, apesar de extremamente rígido e profissional de excelência, afinado com a organização acadêmica, aceitou-me como orientanda, sabendo-me autodidata. Depois da primeira reunião para falar sobre o funcionamento dos trabalhos no Mestrado e o programa de estudo, as leituras obrigatórias para o desenvolvimento de artigos que faria, disse-me que estava lendo Allan Kardec, para ter noção mais clara da proposta do

projeto. Foi uma grata surpresa, pois ouvira falar que alguns orientadores sugerem mudanças nos projetos dos acadêmicos que “não atendem ao seu cabedal de conhecimento”, e presumia também que meu orientador não tinha nenhuma proximidade com leituras pelas quais eu fundamentara meu pré-projeto.

Portanto, salienta-se que a empatia do Dr. Bessa-Oliveira, além de ajudar muitíssimo, tem corroborado com a hipótese da pedagogia nascente: a *Pedagogia do Amor*, quando é presente nas ações docentes, oportuniza os sentimentos, os pensamentos e a vontade a se moverem em direção aos objetivos. Iniciando o mestrado às cegas, óbvio que no caminho percorrido, muitas vezes me perdi/perco. E nesses momentos, o meu orientador demonstrava/demonstra respeito, paciência e consideração. Seu investimento em mim produziu esse empoderamento, que resultou na minha participação e desenvolvimento adequados para uma mestranda. Assim, atuo junto aos estudantes, empodero-os o quanto posso, pois é preciso desenvolver noções de autopoder, de autoamor e autoperdão para se ter rendimento. Em síntese, de acordo com o que afirmam Almir Sater e Renato Teixeira (1990) em *Tocando em Frente*:

Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz

Nesse sentido, Márcia Gouvêa (2017), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) em *A espiritualidade na obra de autores da psicologia, saúde e educação*, chama a atenção para novos modelos de profissionais da educação e configura a urgência de se falar sobre, dadas as mudanças rápidas que ocorrem nas ciências da educação e na tecnologia, sobretudo em função da pandemia do Covid-19 (SARS-CoV-2) que globalizou a disseminação do vírus e ceifou muitas vidas nos diferentes continentes, atingiu o modo de viver da cultura humana e as condições da produção do conhecimento, tendo em vista que é cada vez mais notório que o tema tem sido discutido em muitas academias, uma gama enorme de produção científica tem sido produzida com a finalidade de provocar o despertar dos docentes em relação à dimensionalidade das pessoas. Segundo Lousada,

[...] na Educação, os resumos das teses selecionadas apresentaram maior preocupação em uma formação mais humana e acreditam que a *espiritualidade* é fundamento na prática educativa, que pode auxiliar na tarefa de formar um ser humano mais coeso, inteiro e completo e postulam que o professor precisaria vivenciar a espiritualidade no seu processo de autoformação (LOUSADA, 2017, p. 1).

Lousada (2017) argumenta sobre a importância do (re)conhecimento da *espiritualidade* para as três áreas vitais da formação humana (psicologia, saúde e educação),

pensando no desenvolvimento integral do indivíduo. Com vasto material publicado na internet, o professor Dr. Alexander Moreira-Almeida tem discutido com profissionais do Brasil e de outros países a importância da espiritualidade e do conhecimento, de como isso se dá, para as crianças e adolescentes, defendendo em parte, que as escolas, assim como as famílias, devem se apropriar de ações reflexivas por meio da filosofia e da ciência, do diálogo e do afeto. Em *O crescente impacto das publicações em espiritualidade e saúde e o papel da Revista de Psiquiatria Clínica*, o psiquiatra-professor Dr. Moreira-Almeida (2010) explicita que:

As relações entre espiritualidade e saúde têm despertado um crescente interesse na comunidade acadêmica e na população em geral. Uma medida objetiva que reflete essa importância está no número de artigos indexados nas principais bases de dados internacionais na área de saúde. [...] O Brasil, pela sua dimensão, sua diversidade e tolerância religiosa, bem como sua crescente produção científica e relevância no cenário internacional, tem um grande potencial para ser um país líder no avanço do conhecimento e da integração da espiritualidade na saúde. É muito bom saber que a Revista de Psiquiatria Clínica tem assumido um papel de destaque nesse processo de ampliação das fronteiras do conhecimento humano, bem como de humanização dos cuidados em saúde. (MOREIRA-ALMEIDA, 2010, p. 1).

Nessa perspectiva, havemos de considerar que não se pode pensar a espiritualidade sem se pensar na antologia, individualidade, atributos, manifestações e propriedades da (i)matéria do Espírito-Alma, que será objeto de reflexão no 3º capítulo deste trabalho.

É preciso, porém, antes de dar a conhecer o que será tratado no terceiro capítulo, salientar que correlata à *Pedagogia do Amor*, Amui, organizadora do Livro *Princípios que Fundamentam a Educação do Espírito* (2007), espria o pensamento do professor Eurípedes Barsanulfo (1880-1918) e suas práticas pedagógicas, em quem nos inspiramos por ser ele um modelo plausível e sempre atual, no trato com criaturas em fase de desenvolvimento, ele que é o precursor da *Pedagogia do Amor* em solo brasileiro (1907). O educador dá uma dimensão do significado de educação libertadora, focada no desenvolvimento do corpo Espírito (Alma), para a ascensão do indivíduo na sua integralidade. Mais descolonial impossível.

E apesar de pautar suas práticas em teoria europeia, não se pode afirmar que ele tenha importado tais ideias, pois, conforme consta no livro de AMUI (2007), o professor Barsanulfo não tivera nenhum contato com tais teorias, vindo a conhecer os princípios espíritas depois de ter suas práticas pedagógicas já *experienciadas*. O que demonstra que as pessoas que não se alimentam da mesmice, buscam por si mesmas, fazer diferente, fazer com criticidade para citar Paulo Freire (1996, p. 21), porque ensinar exige bom senso (1996, p. 61), segundo o autor de *Pedagogia da Autonomia*.

Embora seja um argumento pouco atraente para a academia, por experiência e

pesquisas que envolvem a mente, os pensamentos e sentimentos como será dito logo mais, não é preciso conhecer teóricos para se vincular a um deles (mas também é bom dizer que se os conhecemos e nos afinizamos, tanto melhor), segundo os teóricos, pois não conhecendo Paulo Freire e outros nomes da área que pensam a educação como movimento de libertação, os seguia intuitivamente. Ora, o que se pode pensar disso? Um dia você os conhece e os admira, percebendo que você já era um deles. É como vestir uma peça de roupa que se ajusta perfeitamente ao seu corpo e você definitivamente não conhece quem a fez. Mas você se identifica com a peça e quando a descobre, não a deixa se perder nunca mais.

Assim são as ideias que te chegam. Eu imprimia em meu trabalho a teoria freireana sem nunca ter ouvido falar de Paulo Freire, até que num encontro de formação de professores, falaram-me das maravilhas que eram as “dicas” de Paulo Freire. Isso nos finais da década de 1980. Eu disse: Mas esse eu não só conheço, como copio. Esse conhecer não se estabeleceu no sentido presencial do termo corpo-físico, pois nunca tive essa felicidade, nem por meio de suas obras. No entanto, como demonstrar que tínhamos afinidades sem divagar em conceitos de outras esferas que não a física? Como ter certeza que seus pensamentos, navegando pelos espaços, não tenham chegado até mim? Como saber se as ideias de Johann Heinrich Pestalozzi da mesma forma não tenham chegado até Eurípedes Barsanulfo e deste até Paulo Freire e a mim?

O fato, portanto, é que em toda a história humana pessoas nasceram e nascem com aptidões, com habilidades e competências que não fizeram nada para tê-las (nesta vida). Isso é algo que a ciência materialista não explica. E o não entendimento-conhecimento desses fenômenos naturais, promove a manutenção da hegemonia política e de religiosos mal-intencionados, para imprimir na população ideias errôneas acerca do mundo, das relações, da vida, em especial da extrafísica.

Em a obra de André Luiz/Francisco Cândido Xavier denominada *Pensamento e Vida* (1958), o autor espiritual relaciona pensamento e vida como uma corrente ininterrupta de ondas que se movem e se cruzam, quando afirma que “o alicerce mental mora no alicerce da vida, refletem-se as criaturas reciprocamente na criação que reflete os objetivos do Criador.”

A mente é o espelho da vida em toda parte, ergue-se na terra para Deus sobre a égide do Cristo à feição do diamante bruto que arrancado ao ventre obscuro do solo, avança com a orientação do lapidário, para a magnificência da luz. [...] reconhecemos que o coração que é a face é o cérebro é o centro das suas ondulações, gerando a força do pensamento que tudo move, criando e transformando, destruindo e refazendo para acrisolar ou sublimar (André Luiz/Francisco Cândido Xavier, 1958, p. 04).

Nessa perspectiva, ambos, André Luiz e Francisco Xavier, que têm sido estudados pelas Associações de Médicos Espíritas de todo o Brasil (AMEs) e exterior, assinalam que todos nós somos reflexos uns dos outros, tendo, como que antenas invisíveis no cérebro, instrumentos que nos permitem tanto emitir quanto receber vibrações uns dos outros; permutamos, assim, voluntária ou involuntariamente pensamentos e sentimentos, “dentro de nossa relativa capacidade de assimilação no mundo das imagens.” Os autores elucidam-nos, assim, que “ninguém permanece fora de permuta incessante, respiramos no mundo das imagens que projetamos e recebemos” (LUIZ; XAVIER, 1958, p. 04).

Essa dimensão de pensamento e sentimento percebe-se em Eurípedes Barsanulfo, exemplar pedagogo, político e jornalista que viveu no final do século XIX, início do século XX, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, onde fundou a primeira escola com ideais e princípios Espíritas, implantando em solo brasileiro a *Pedagogia do Amor* (infelizmente não a sistematizou, pois não era essa a sua proposta). Barsanulfo passou a oferecer educação gratuita às crianças e órfãos sem condições de arcar com as despesas educacionais a partir do ano de 1907. O professor conduziu seu trabalho de acordo com a metodologia pestalozziana, coroando suas práticas pedagógicas com afeto, com amor, com cuidado, as mesmas marcas do educador Paulo Freire, como vamos demonstrar. Sua proposta era

“[...] demonstrar a grandiosidade da natureza e identificar nela os elementos básicos de equilíbrio do corpo e do Espírito”, dinamizando pensamento e percepção pela “observação constante, lógica e dedutiva, promovendo a ação experimentadora dos acontecimentos palpáveis da vida, levando a compreender os fatos subjetivos que se desenrolam na intimidade do Ser” (AMUI, 2007, p. 21).

Seus ensinamentos e exemplos continuam atuais, como se pode reconhecê-los na Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2017), documento que normatiza-orienta a educação no Brasil. Nesse sentido, a *Pedagogia do Amor* é uma prática ancorada no desenvolvimento das habilidades e competências essenciais para a formação humana consubstanciando a transformação social-coletiva.

Aqui abro espaço para uma reflexão acerca da BNCC. Há um descontentamento por parte dos educadores, críticas contundentes acerca do documento, tido como uma forma de enfraquecer o ensino, as regras, a sistemática educativa, sendo ela um padrão de oferta de conteúdos fechados. De um lado os professores da escola básica reclamam que não se pode educar sem repassar conteúdos (e a Base diz que não é para trabalhar conteúdos ou recomenda que os conteúdos estejam vinculados ao contexto?), de outro os professores da academia reclamam que os estudantes que chegam à universidade são despreparados. Desse modo a academia replica nos acadêmicos o velho conceito de Educação: o instrucional. Uma colega

disse em uma reunião de alinhamento recentemente: eu concordo com tudo o que você diz sobre a Pedagogia do Amor, conheço tuas práticas, elas funcionam. Mas o que fazer, se os professores da universidade (ela está fazendo mestrado) reclamam que os estudantes que entram na universidade estão cada vez mais despreparados? Ao invés de respondê-la, pergunto: preparados para quê?

É preciso reconhecer que tanto um quanto outro grupo de educadores têm razão. No entanto, se pensarmos em as habilidades essenciais, devemos repensar os conteúdos, as atitudes, o pensamento crítico, preservando possibilidade de autoconstituição dos estudantes como seres de autodesenvolvimento, e ensinar regras, apenas, não parece ser uma boa opção para emancipar os indivíduos. A emancipação pressupõe capacidade de dar conta tanto do mundo externo quanto do interno, tem a ver com humanizar-se, harmonizar-se, constituir espaços de alegria, de satisfação para si e para os que o rodeiam, independente de ter feito universidade, do cargo ou profissão que tenha escolhido.

Outra discussão entre o professorado é que a BNCC, teoricamente, foi feita para formar mãos de obras para o mercado de trabalho. A educação desde que a conhecemos é assim. A diferença é que atualmente o/a professor/a pode discutir isso com seus estudantes. Eles podem e devem assenhorear-se do movimento hegemônico-capitalista, estabelecendo barreiras entre o que o sistema oferece e o que eles escolhem receber-oferecer também. Nessa perspectiva, os cidadãos e cidadãs podem perfeitamente, em movimento autônomo, não ficar na dependência do sistema. De qualquer maneira, e isso tem que ser discutido com os estudantes, inevitavelmente, todos vão para o mercado de trabalho. Ora, então não é o mercado de trabalho que deve ser o fantasma sociopolítico, mas a forma como as pessoas chegam e se estabelecem nele. Por isso, a Pedagogia do Amor é uma âncora, pois além de crítica, ela viabiliza a transformação íntima, a ideologia, a formação cidadã consciente do papel a que cada indivíduo vai exercer no mundo.

De qualquer maneira, é preciso compreender que a sociedade não vai absorver toda mão de obra que as universidades colocam no mercado de trabalho todos os anos. Por outro lado, o mercado de trabalho tem demandas importantíssimas para as quais não se precisa de estudo superior; nem todas as pessoas que saem da educação básica quer ou precisam ser “colonizados”. Sim, colonizado, pois é uma forma de resistência sair do ensino básico preparado para empreender seja lá no que for, dando conta de trabalhar, de namorar, casar, ter filhos, casa, carro. Isso é competir verdadeiramente e vencer. Ser feliz é a meta: se para isso precisa-se passar pela universidade, ótimo. Mas se quisermos, sem pieguismo, respeitar as

diversidades, temos que pensar que o país não precisa apenas de “doutores”, no entanto, que os “doutores”, para além da educação técnica que recebem, devem antes ser educados para desenvolver senso de humanidade.

Frente ao exposto, pede-se desculpas aos que divergem dessa opinião. Mas o convite à reflexão é necessário e urgente. Somos tão manietados ao conceito de educação tradicional que não paramos para refletir que os mecânicos, os eletrecistas, as/os funcionários domésticos, carteiros, motoristas, que se especializam em cursos técnicos, ganham tão bem quanto um professor ou professora de escola pública, melhor ainda que a maioria do professorado de escola particular. Essas pessoas ocupam espaços relevantes na vida das outras com quem têm relação trabalhista/social/cultural. Achar que elas são “menores” por que não foram para a universidade é puro preconceito. O que dizer daqueles que têm cursos superiores e estão no mercado de trabalho, competindo com as pessoas que não foram para a universidade? Essas pessoas estudaram regras a vida inteira e não desenvolveram competências e habilidades humanas para gerir-se. Não sabem vender-se. Sim, vender-se, porque ter um diploma não prepara, exclusivamente, a pessoa para colocar-se com sucesso no mercado de trabalho; não é essa a função da educação ou não deveria ser. Não importa o que prega o sistema.

Pensar em a BNCC como documento que tem somente a prerrogativa de preparar pessoas para o mercado de trabalho é repetir o que tem sido dito/feito. Agora, vê-la como expoente de construção de competências e habilidades para a vida é dar rumo novo à educação. Isso, com certeza, não tem a ver com sistema, mas com atitude. Todo professor no seu espaço de trabalho pode e deve fazer diferente. Ainda que se considerem as dificuldades que os estudantes trazem de casa, à falta de investimento, de políticas públicas. Ainda que se (re)considere o baixo salário dos educadores e demais funcionários das escolas, as salas cheias. Ainda que o sistema tenha tudo contra, educar é atitude, é fazer diferente; é uma questão individual, de pensar fora da caixa e empreender. Educar é colocar em prática o que o sistema não recomenda, mas que todo professor sabe que é necessário. Enfim, é de mudança que se precisa e ela vai acontecer queiramos ou não. Podemos participar desse movimento, sermos os precursores da atualidade, como fizeram tantos que educaram para a vida, não para ganhar dinheiro. O dinheiro, o sucesso devem ser consequências não o mote.

Dessa maneira, é importante esclarecer que a *Pedagogia do Amor* não é algo que pertença a alguém ou a alguma instituição em particular já que, com amor, muitos educadores agiram em todos os momentos históricos a que temos notícia. E esses educadores não

tencionavam educar pela vantagem que os estudantes poderiam obter ao fim dos estudos, mas a vida saudável e plena do ponto de vista espiritual que teriam a partir de a educação com formação ética. Portanto, a Pedagogia do Amor é uma corrente de pensamento teórico-pedagógico, primeiramente implementada no Brasil pelo professor Eurípedes Barsanulfo, fundador do Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Minas Gerais, em 1907, que se fez referência no ensino público brasileiro, embora, nem por isso, tenha tido suas experiências reaplicadas pelo Estado.

Por conseguinte, imprime-se o dever de disseminar o amor como construtor de bênçãos nas vidas dos docentes e discentes, que devem chegar a eles via estudo, conhecimento-esclarecimento. Sendo a Pedagogia do Amor uma pedagogia de formação contínua, propõe que o amor seja levado em conta, pois ele revigora a todos. Nesse sentido, entende-se que para o aprendizado efetuar-se, os docentes devem obter essa prática via estudos teóricos, para que o aprendizado seja transformador. Assim, compreende-se que o aprendizado deve realizar-se nas atitudes. É o que se denomina “mudança íntima”, a vivência resultante dos estudos, a aplicação na prática. E isso não termina no fechar dos livros, na ocasião da formatura ou, ainda, quando um professor ou professora passa no concurso público e consegue estabilidade no emprego, conforme sinaliza Alzira Bessa França Amui.

A Pedagogia do Amor não é um trabalho pronto e nem acabado com regras pré-estabelecidas ela tem compromisso de atender às reais necessidades do Ser. Sua aplicabilidade depende do conhecimento aprofundado sobre o pensamento, o sentimento, a memória, a consciência, a vontade, o livre-arbítrio [...]. O estudo do Ser espiritual e o conhecimento a respeito de suas potencialidades conduz o Espírito a sentir a grandeza da vida, desfazendo-se das ilusões que o levam a realizar atos inconsequentes e antiéticos (AMUI, 2007, p. 28).

A autora salienta que essa educação não é limitadora, pelo contrário, atende a todas as idades, todas as fases da vida do indivíduo “da infância à velhice”, conforme demonstra Eurípedes Barsanulfo e, nesse quesito, também o patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire (1921-1997). Ambos demonstram afinidades nas práticas pedagógicas, por isso, são citados como fundamentação as minhas falas e práticas. Ambos são referências para aqueles docentes que pensam além das esferas sutis da educação basilar e mecânica. Ambos viveram o que ensinaram. Não dá para ser diferente, pois o exemplo ensina mais que as teorias.

Em *Pedagogia do Compromisso: América Latina e Educação Popular* (2018), obra organizada por Ana Maria Araújo Freire, somos presenteados com textos freireanos inéditos; assim podemos, educadores e educadoras, beber mais na fonte, saber mais das contribuições de Paulo Freire, viver mais o que o apóstolo da educação brasileira pensava, conhecer melhor o cidadão do mundo, mestre que nos legou grandes lições de vida, de educação e amor à

nobre causa.

Antes de tudo, não é possível exercer a tarefa educativa sem nos perguntarmos, como educadores e educadoras, qual é a nossa concepção do homem e da mulher. Toda prática educativa implica na indagação: o que penso de mim mesmo e dos outros? Faz tempo, em *Pedagogia do oprimido*, analisei o que ali denominava a busca do Ser Mais. Nesse livro, defini o homem e a mulher como seres históricos que se fazem e se refazem socialmente. E a experiência social a que em última instância nos faz, que nos constitui, como estamos sendo (FREIRE, 2018, p. 25-26).

Assim, Paulo Freire provoca-nos a pensar que, enquanto gente-pessoas, seres históricos, somos “seres incompletos, inacabados, inconclusos”, passíveis de novos aprendizados, de (re)formulação de ideias, (re)construtores de saberes, de experiências e vivências. A totalidade disso incide na transformação do sujeito de fato. Portanto, percebe-se uma tênue linha entre os pensamentos de Barsanulfo e Freire. Ambos têm muito em comum, sobretudo, quanto à amorosidade na prática pedagógica e à consciência de que o educador e a educação têm compromisso com a justiça, a democracia, a liberdade. Além disso, ambos defendem que a educação passa pelo desenvolvimento contínuo do Ser, pois, ninguém é ou se torna, num determinado momento, pronto ou acabado. Essa é uma perspectiva bastante atraente, e é nos educadores citados que encontro os fundamentos que se alinham ao ideário de educação para agentes do século XXI.

Para melhor explicitar meu intento, devo citar muitas vezes o autor descolonial Enrique Dussel e seu empenho reflexivo pela libertação dos povos fronteiriços. Preceitua-se, nesse ínterim, que seu trabalho também atravessa a minha escrita e tem convergência com as ideias de Eurípedes Barsanulfo e Paulo Freire, pois, todos querem a mesma coisa: uma educação que seja capaz de construir pontes entre as pessoas e as nações. Uma educação que no mínimo, seja capaz de dar liberdade de pensar, para o agir das pessoas.

Consequentemente, busca-se uma educação que transforme para melhor a sociedade em melhorando os sujeitos. Que imprima nas populações possibilidades de expressão, de crescimento, de curiosidade (FREIRE, 1996, p. 91) e também teimosia, pois na certa mudar exige rebeldia. Ainda que seja uma rebeldia acentuada pelo afeto, pela magnânima consciência de dever. E nesse quesito é apropriado convidar Jesus, o Nazareno, para participar deste debate, pois a fundamentação da *Pedagogia do Amor* está toda atravessada pelos seus ensinamentos, no que tange ao desenvolvimento ético e amoroso dos indivíduos entre si. Afinal, o Nazareno tinha um quê de “rebeldia” moldada no saber. Saber que os do seu tempo pouco ou nada entendiam da mensagem que viera pregar-viver. Mensagem essa que tem a ver com mudanças estruturais da humanidade, assentando-se, primeiramente, no íntimo das pessoas. Uma tarefa para o futuro daquele momento histórico. Já que naquele tempo era impossível o

acesso de tais ensinamentos, pelo menos pela maioria, conforme José Herculano Pires (1914-1979), jornalista, filósofo, educador, escritor e tradutor brasileiro, aponta.

A grandeza do Cristianismo naufragou no mar da lama da falsa moral puritana. A moral Endógena do Cristo que brota das fontes naturais da pureza espiritual transfigurou-se às avessas na moral exógena das exigências institucionais da Igreja, falsamente dotadas pela moral social, numa tentativa hipócrita de nivelamento dos mais diversos graus da evolução moral dos homens (PIRES, 2014, p. 28).

O autor demonstra em suas reflexões, a par com os conceitos kardequianos, “que essa evolução corresponde à espiritualização dos sujeitos” (PIRES, 2014, p. 29), pois é individual, intransferível e “depende das condições pessoais de cada um, das tendências temperamentais, que se harmonizam com as heranças genéticas”. Não há, no entanto, regra geral, pois cada indivíduo tem aspirações elevadas ou não da alma, essas tendências podem se chocar com as exigências biológicas dos indivíduos. Desse modo, segundo o autor, o nivelamento contrário às especificações tipológicas naturais é impossível, pois

[...] querer inverter essa estrutura psicobiologia através de votos, juramentos, rituais e outras medidas exteriores é provocar conflitos imprevisíveis que pode levar o indivíduo a desequilíbrios profundos. Jesus jamais condenou alguém a abstinências forçadas ou a cilícios masoquistas, dentre outras imposições colocadas pela Igreja a seu bel prazer. De onde tirou o Cristianismo essas medidas irracionais? Da cabeça nebulosa dos teólogos, esses doutores do absurdo, imaginários pesquisadores de Deus que chegam agora à conclusão através da moderna Teologia Radical que matou Deus definitivamente (PIRES, 2014, p. 29)

Embora tenham adulterado os conhecimentos trazidos por Jesus, o Nazareno, assim como adulteraram os conhecimentos implementados no mundo por Sócrates, sobre o Espírito ou a continuação da vida em outras dimensões, a verdade é que os movimentos centrados nessa perspectiva da vida

[...] onde o apóstolo João bebeu, já na velhice, elencaram-se alguns elementos da Filosofia judaica de Filon de Alexandria. Para desenvolvê-la, Agostinho e Aquino tiveram que abeberar-se em Platão e Aristóteles. Os neoplatônicos, deram também sua contribuição aos teólogos. Desse sincretismo místico e religioso, na mesma pauta do sincretismo místico saiu a Doutrina da Igreja. Onde ficou o Cristo? Numa posição intermediária do mito irracional da Trindade (PIRES, 2014, p. 30).

Segundo Pires (1914-1979), em *Revisão do Cristianismo* (obra póstuma) a decepção dos judeus com os fatos que envolveram Jesus, desde a sua tenra infância, forneceram os elementos que fizeram o Cristianismo primitivo ganhar formas dogmáticas político-religiosa, atendendo aos interesses formais. Os judeus esperavam alguém, que segundo a tradição, traria novas ideias, a “salvação” para a humanidade (salvação, aliás, que não queriam) e que tal evento seria privilégio do seu povo. No entanto, como observa John Dominic Crossan (1994), as coisas não funcionaram conforme as escrituras; e Jesus se mostrava avesso à divisão, ao preconceito de raça e ao apadrinhamento moral de alguns em detrimento de outros. Afinal, ele

era gente como a gente. Era crítico da maneira como se tratavam as mulheres, os pobres, os doentes, as crianças.

Jesus foi um crítico e um revolucionário social e político de seu tempo, dedicando sua vida a promover, por meio de seus ensinamentos, uma revolução social na Palestina, tendo como público-alvo os oprimidos da época, portanto, era um descolonial. A opressão era levada a cabo pelo Império Romano e pela elite judaica. Jesus os concitava para a revolução que, segundo Ele, só obteria êxito se tivesse como premissa básica a conscientização da condição de oprimidos em que viviam (CROSSAN, 1995).

E sendo Sua mensagem o amor, a fraternidade e a tolerância, natural que nasceria como um dos diferentes e excluídos socialmente, não por que isso era obrigatório, mas condizia mais com os ensinamentos que aquela população precisava receber e que Ele era o portador (ama o teu irmão como espera que ele vos ame; perdoe os teus inimigos; distribua o que tens; se fizeres o bem a um desses pequeninos – doentes, deserdados da sorte – é a mim que o faz). Jesus, então, nascido em família pobre e crítico das práticas religiosas da época, vivendo entre aqueles que a sociedade considerava “de má vida”, confundiu os Judeus “que tinham que desfazer esse engano, o menino intruso devia ser sacrificado” (PIRES, 2014, p. 14). Assim se deu a sua morte. E assim nasceu Jesus que atendia as mais diversas ideologias e interesses “mundanos”.

Outrossim, natural fazer-se comparações entre os autores citados antes, pois têm em suas vertentes teóricas um quê de liberdade e compromisso com o desenvolvimento de ideias marcadamente éticas. O que vale dizer, que todos bebem/beberam na mesma fonte em um momento qualquer. Isso, inclusive, reforça as minhas colocações acerca das leituras e escritas que fazemos. Sendo assim, nós somos o resultado de todos os outros que ouvimos, que lemos e outros tantos terão, em alguma medida, um pouco de nós. Imagine o que levam de nós, os nossos estudantes?

Por isso, não devemos ser levianos, afirmar qualquer coisa, defender ou criticar ideias outras, apenas porque as desconhecemos ou não nos são simpáticas. Coloquemos essas ideias a par de outras e deixemos que nossos estudantes formem opiniões, discutam, defendam ou não tais ideias. O importante é que tenham oportunidade de se colocarem. Se não nos mantivermos abertos para as mudanças não vamos perceber o que estão fazendo os físicos quânticos, a parapsicologia, a psicologia transpessoal, dentre outras ciências que estudam, pesquisam o imponderável. Mas isso vai aparecer naturalmente no trabalho, logo mais à frente. Vamos por parte.

O importante agora é o entendimento de que só por que desconhecemos algo, não quer dizer que esse algo não exista. Desmentir o desconhecido é o que fizeram com Jesus, O Nazareno. Por desconhecerem a ciência que era por Ele aplicada, nas suas diversas manifestações de amor pelo próximo, curando, retirando espíritos dos obsediados, criou-se o mito de um salvador de hora última, sem se levar em conta toda a Sua travessia de vida. Imagine se os doutores “da lei” como eram chamados os sacerdotes do tempo e do templo, diante do HOMEM que distribuía de graça, tudo o que o templo vendia e muito caro, se dariam por satisfeitos. Conforme salienta Pires (2014) “ai daqueles que se opusessem contra o Cristo Crucificado, pois cometeriam o crime sem perdão de querer penetrar os mistérios sagrados.”

Desse modo, os mesmos que crucificaram Jesus, o Nazareno, passaram a usar a cruz como instrumento que o santificava. Ironia pura “os fiéis” não questionarem, por exemplo, por que Jesus foi crucificado? Basta uma pesquisa simples para se constatar que todos os considerados criminosos à época ou morriam apedrejados como morreu *Estevão* (entre 33 e 40 d.C), considerado o primeiro mártir do cristianismo, ou eram crucificados (HORSLEY, 2000).

Do ponto de vista da História Cultural, sabe-se que a tradição literária chancela a informação de que os povos de ascendência helênica também foram punidos, em várias ocasiões, com a pena capital por meio da crucificação. À época, os helênicos denominaram essas práticas de tortura e morticínio como *apothympanismos*, pena capital utilizada, inclusive, na maior cidade-estado do mundo helênico (HALL, 1996).

Segundo Gerard S. Sloyan (1995), no caso de Jesus de Nazaré, especificamente, o crime de que fora acusado era o de ter violado a *Lex Julia Majestatis* (Lei de Lesa Majestade), publicada no ano 8 a.C.. A acusação assentava-se na premissa de que Jesus queria prejudicar sua Majestade, outorgando a si mesmo o título de Rei dos Judeus. Por essa razão que

A prova definitiva do que a acusação atribuída a Jesus Cristo se referia a ele pretender ser rei dos judeus está na inscrição feita em grego, hebraico e latim, posta sobre cruz, em que se lia: “JESUS, O NAZARENO, REI DOS JUDEUS” (Jo 19,19). Segundo Cohn (1990), a lei romana determinava que o delito do acusado fosse inscrito sobre o cadafalso ou sobre a Cruz. O *titulus* (tabuleta colocada sobre a cruz, geralmente em tom jocoso) representava, portanto, uma emanação da pena e os romanos colocavam-na sobre a cruz dos condenados, justamente, para indicar a razão da condenação (OLIVEIRA JÚNIOR, 2019, p. 4)

A ironia disso está justamente em o fato de que Jesus não havia cometido crime a não ser o de abrir os olhos daquela gente contra as ideologias impostas pelos mandatários e religiosos, da interferência nefasta que faziam na vida dos menos afortunados, das mulheres,

consideradas seres menores, insignificantes, da obrigatoriedade de demonstrações externas de fé.

[...] O problema do sagrado e do profano, que para Jesus não existia, pois ele violava a santidade do sábado e não teve medo de se hospedar na casa do republicano Zaqueu, tornou-se uma das questões mais graves do Cristianismo. Ao invés de se buscar a santidade da alma, buscava-se a santidade das coisas: crucifixos, medalhas, escapulários, bentinhos, rosários, fitas, véus, paramentos, cálices de ouro e assim por diante (PIRES, 2014, p. 33).

Isso demonstra que em matéria de descolonialidade, de superação das evidentes mazelas sociais e do enfrentamento do poder religioso e econômico-materialista, até onde se foi com a pesquisa, iniciando em Sócrates, passa por Jesus, se explicita em Pestalozzi, atravessa Paulo Freire, se intensifica nos autores descoloniais, materializam-se nos médicos-pesquisadores, chegando a esta autora e outros tantos, que ponderam resultados sob a ótica da crítica. Isso acontece por que na esfera planetária nada se perde, como disse certa feita Antoine Lavoisier (1743-1794), cientista francês: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Em a natureza e entre os seres vivos tudo se acomoda, interliga-se, constrói-se, transforma-se. Não fosse assim e não haveria avanço científico, tecnológico. Percebe-se, desse modo, que o conhecimento, por vezes, chega fragmentado, produz dúvidas, descrença. Num dado momento alguém encadeia esse conhecimento com algo novo, avalia-se, discute-se, compara e eis que o que não existia, passa a ser considerado meritório.

Destaca-se que foi isso que despertou o interesse de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), educador, escritor e tradutor francês, um homem das ciências. Os fatos observados por ele geraram a codificação da filosofia-ciência espírita<sup>5</sup>. O professor lionês (nasceu em Lyon, na França) não criou nada, apenas registrou o que havia na superfície sociocultural; investigou os fenômenos e concluiu que tudo o que era negado, havia fundamento lógico. Tratou, então, de organizar tais conhecimentos e para não levar o mérito pelo trabalho, considerando que nada criara, usou o codinome Allan Kardec (SOUTO MAIOR, 2013).

Em educação é isso que deve mover as criaturas. Não encontrando na exterioridade nada que dê conta de mudar o sistema, procura-se na interioridade dos indivíduos os

---

<sup>5</sup> No que tange à dupla orientação da doutrina espírita, Kardec explicita, no texto intitulado *O que é o Espiritismo?* (1968) uma definição que explica o espiritismo como doutrina filosófica e como ciência espírita: “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que emanam dessas mesmas relações” Cf.: KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo?*. *Revista Espírita* – 1868 – Ano XI – Jornal de Estudos Psicológicos.

elementos passíveis de transformação, produzindo alterações em ações e reações frente às problemáticas que a vida apresenta. Isso, no entanto, somente ocorrerá se os sujeitos-professores-estudantes adquirirem conhecimentos para tanto. Assim sendo, para a sistematização da *Pedagogia do Amor* é necessário, conforme os ensinamentos filosóficos e científicos, com base nos autores citados, envidar esforços para melhorar a Alma dos homens e mulheres deste e dos tempos vindouros. Portanto, sendo a educação formal acadêmico-escolar os meios de se produzir e reproduzir tais conhecimentos, que seja ela a precursora dessas mudanças, superando assim, os conflitos em termos de individualidades e coletividades humanas.

Antes de adentrar propriamente nos capítulos, faz-se necessário esclarecer que sendo eu alguém que ao longo da existência tem centrado esforços em pesquisas e estudos dessa e outras naturezas (intitulada autodidata), a tendência da escrita é, por vezes, de acentuada força nas emoções. Isso pode provocar a impressão de desconsideração às normas da academia e do trabalho acadêmico, cujo rigor é conhecido. Por isso, pede-se gentilmente aos leitores que desconsiderem o que lhes pareçam inconveniência, pois o motivo da escrita existir são as (minhas) emoções regradas de realidade. Por outro lado, rogo que considerem, a partir da leitura de mundo, no atual contexto histórico que todos vivenciamos, a possibilidade de mudança de paradigma em relação a certas exigências acadêmicas culturalmente centrada no colonialismo europeu. Essas exigências mudam a “apresentação”, não o conteúdo ou o discurso. Enseja-se, assim, que descolonizemo-nos, que desamarremo-nos e desarmemo-nos, libertando-nos das formas e preconceitos a que se atrelam as instituições de ensino.

Sabe-se que diante da guerra na Europa, das enchentes no Brasil, da COVID-19 ao redor do planeta, das endemias, da corrupção, violências e doenças por todos os lados, miséria, fome, frio, impossível não pensar fora de um sistema feito para ser sempre igual, esperando resultados diferentes. Sendo assim, uma bela capa não diria muito sobre qualquer história escrita no interior de um livro. Diante, portanto, da realidade do mundo, não há mais o que enfeitar, a não ser o íntimo das pessoas e isso se faz com palavras emocionantes, afetivas, reais, pensadas, imantadas de reflexões e ações concretas. Assim como são reais, cheias de verdades, as experiências dos estudantes, dos docentes, das pessoas em geral. Por consequência, minhas escusas antecipadas, pois o que os leitores lerão é real, intrigante e necessário que seja reconhecido como opção de teoria pedagógica, de (re)organização educacional, social, econômica, administrativa.

Esclarecida a questão, orienta-se que no Capítulo 1 deste trabalho, *PARA SUPERAR A*

*COLONIALIDADE E A SUBSERVIÊNCIA: UMA EDUCAÇÃO CAPAZ DE LIBERTAR AS ALMAS DOS HOMENS*, são abordados temas referentes às possibilidades de transpor as inúmeras influências legadas à mentalidade humana contemporânea, influências essas que aprisionam os indivíduos aos conceitos coloniais construídos para manter por tempo indefinido a obediência cega aos pressupostos ideológicos do colonialismo.

No capítulo 2, sob o subtítulo *COLONIALISMO RELIGIOSO: NA BUSCA DE IDENTIDADE, PERDA DE SENTIDO*, discutem-se temas atinentes ao universo religioso e às intervenções exercidas pelo colonialismo. Perpassam pelo capítulo 2, ainda, discussões acerca das noções de historicidade e fé irracional; a verificação epistemológica dos corpos-sujeitos; questões referentes à Educação, tendo como foco as possibilidades de transformação que esta encerra; e contribuições sobre a problematização da educação no Brasil.

E, enfim, no capítulo 3, pretende-se fechar a escrita com conceitos epistemológicos filosóficos e científicos Espíritas e contribuições de pesquisadores das várias áreas do conhecimento inerentes à espiritualidade, Espírito (Alma). *A PEDAGOGIA DO AMOR CONTEMPLA A DIVERSALIDADE DE SUJEITOS EM DESENVOLVIMENTO* tem a escrita que pretende tratar ainda de noções outras que fundamentam o trabalho, elencando que a *Pedagogia do amor* é tida como um avanço na Educação, tendo em vista o desenvolvimento do SER INTEGRAL. Tal pedagogia produz o êxito esperado por considerar o essencial nos indivíduos: a ALMA, espaço de desenvolvimento do conhecimento, de amor, de empatia, de compreensão das diferenças, no qual ficam impressas as boas e más lembranças e experivivências.

Em consequência, estude-se e ensine-se sobre a Alma aos sujeitos e eles vão compreender o porquê das coisas. A isso se devem prestar as religiões (moral), religiosidade e a academia, assim como atualmente têm feito os médicos-pesquisadores, os teólogos, os juristas em seus meios, como se poderá observar ao longo da escrita.

## **CAPÍTULO 1 – PARA SUPERAR A COLONIALIDADE E A SUBSERVIÊNCIA: UMA EDUCAÇÃO CAPAZ DE LIBERTAR AS ALMAS DOS HOMENS**

Fala-se muito em superação da colonialidade nas universidades e nos meios intelectuais (ALFREDO BOSI, 1992; RAMÓN GROSGUÉL, 2007; ANÍBAL QUIJANO, 2000, dentre outros), porém, é preciso compreender em que bases se dá o evento e em que medida esse evento se internaliza dentro das pessoas. Do contrário continuar-se-á a “bater em ferro frio”. A descolonialidade, na educação, passa por esferas outras situadas no âmbito do espírito (alma), tem a ver com a (in)capacidade do indivíduo analisar, escolher, postar-se em meio à sociedade de forma autônoma.<sup>6</sup>

Nesse sentido, é sempre bom ter em mente que a educação se constitui de dentro para fora. A mudança ou transformação ocorre no *self* do sujeito, na sua essência (quando ocorre) e não nos aspectos físicos, pois este é matéria bruta, não moldável. Nessa perspectiva, o Espírito é campo-essência que deve ser conhecido e explorado pelos educadores, pois é área de atuação dos docentes, conforme preceitua a Base Nacional Comum Curricular de 2017, ao propor o desenvolvimento das competências e habilidades.

Essas são ferramentas intra-sujeito, portanto, no campo do Educar e não o do Instruir (aprendizagem de fora para dentro). Ou seja, *Educar* tem sua epistemologia no latim “*ducere*”, no sentido de colocar de dentro para fora, em um primeiro plano. Assim, debatendo noções gerais sobre o Espírito-Alma, parte integrante e princípio ontológico das pessoas. Espaço considerado das aspirações e possibilidades. Desse jeito, cria-se oportunidade de gerar nos indivíduos uma fundamentação segura, para que eles aprendam a aprender e a expandir conhecimentos, replicando o aprendizado (VIEIRA; HASEGAWA, 2018).

Por outro lado, a Instrução – em latim “*struere*” – que significa acumular, colocar de fora para dentro (VIEIRA; HASEGAWA, 2018), visa à repetição das mesmas ideias e à cópia

---

<sup>6</sup> Vai parecer, a princípio, meio dissenso se dissermos que é preciso descolonizar o espírito para a promoção da descolonialidade como opção *outra* para a vida? Talvez, mas vamos fazer tal afirmativa e, ao mesmo tempo, vamos tentar explicá-la. Estamos nos baseando na ideia que temos, sobre tudo – inclusive na cresça espiritual – baseada em uma única lógica de mundo: a ocidental pela perspectiva eurocêntrica. Logo, estamos compreendidos, para fazer tal argumentação, na ideia do Cristianismo como salvaguarda, lá nos idos séculos XIV/XV/XVI, da manutenção da colonização das subjetividades de povos mundo afora. Assim, para termos a descolonialidade como projeto de universalização do mundo para convivalidade das diferenças, é preciso descolonizar inclusive nossas noções de crenças cristãs. Mas isso, e como, pretendem ficar mais esclarecidos ao longo da escrita desta dissertação.

de outros. A instrução, somente, não é capaz de produzir indivíduos que sejam reflexivos, com potenciais habilidades e competências, como se pretende que a educação o faça. Instrução é o que as escolas vêm fazendo ao longo dos anos. Colocando, assim, trabalhadores formais no mercado de trabalho, que atendam às necessidades da economia e à política, enchendo salões enormes de crentes que esperam por uma revolução salvacionista ao invés de começar a andar em direção a ela (para dentro de si mesmo). Educar é outra coisa. E é sobre isso que se tem que discutir, reformular conceitos, mudar o jeito de tratar o tema.

A cada época somos conduzidos a buscar novas maneiras de aprender – para que possamos avançar. Presenciamos o estabelecimento da era tecnicista, que automatizou as atividades humanas acanhando suas habilidades. Nem sempre o desenvolvimento de novas técnicas foi acompanhado do valor da ética e dos sentimentos. O Espírito precisa do tempero do amor para aguçar a sensibilidade e sua percepção [...] (AMUI, 2007, p. 99).

Antes de refletir o pensamento da autora, precisa-se salientar que tanto Espírito quanto Alma têm o mesmo significado para a filosofia Espírita. O que muda entre um e outro é mera conceituação para entendimento das pessoas, sobre o contexto em que se encontra um e outro, dependendo da dimensão que ocupa por (in)determinado tempo.

Em *O livro dos Espíritos*, Allan Kardec define: “Alma é um espírito encarnado, do qual o corpo não é senão um envoltório” (KARDEC, [1857], 1995, p. 18). O espírito, conseqüentemente é a alma depois de deixar o corpo, depois da morte física, ou seja, na erraticidade. Para que os leitores, alheios a esse tema, tenham melhor entendimento, registra-se que os dois são uma só imatéria-energia-corpo espiritual. Portanto, aparecendo no texto tanto uma quanto a outra palavra, trata-se da mesma “coisa” na sua essência.

Voltando à citação de Amui (2007), o processo tecnicista, segundo a autora, embrutece os sentimentos, gerando “construções frias”, resultando em prejuízo aos sentimentos, conseqüentemente, ao Espírito-Alma. Como o sujeito não é máquina, não se pode mensurar sua capacidade apenas pela prática do processo tecnicista. “Na verdade, o Espírito é o grande universo a ser desvendado. Sem esse entendimento o processo educativo fica limitado, distanciando-se dos verdadeiros caminhos que promovem a felicidade íntima.”, afirma Amui (2007, p. 100). Essa visão se aproxima de Paulo Freire, que pensa a educação como formadora de sujeitos autônomos.

De acordo com Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (1996), é preciso que, sobretudo, que aqueles que estejam em período de formação, desde os primórdios desse processo, assumam-se “[...] como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou

a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22).

Ao comparar os saberes necessários, apontados pelo autor, para quem intenta educar, com as práticas comuns em salas de aulas, vê-se o quão distante se está do “alcançar os objetivos”, sobretudo, no que diz respeito ao livro didático. Mesmo que não seja obrigatório, mas recomendado, está cristalizado no imaginário docente o seu uso, como se fora um cabresto, uma muleta a que se apega nas horas-aulas. Quando o professor leva o livro didático para a sala de aula e propõe que o estudante resolva as questões nele sugeridas, está basicamente instruindo-o a seguir um esquema previamente planejado.

Evidentemente, isso não significa que não se possa fazer uso de livro didático em um momento ou outro com fins de pesquisa. Mas ao propor aos estudantes que montem, com seu professor ou professora, seu material didático ou lista de conteúdos que consideram apropriados num determinado espaço de tempo, com assuntos que lhes interessam, o conhecimento se cristaliza/clarifica. Ao final do trabalho, os estudantes terão pesquisado, discutido, formatado o trabalho de maneira muito mais gratificante. Esse trabalho terá significado para o estudante, pois ele aprenderá colocando “a mão na massa”, planejando-se, desenvolvendo-se, autorando-se. Afinal, não é assim que os docentes aprendem? Os professores aprendem preparando aulas, pesquisando, estudando, montando material didático.

Da mesma forma que Freire (1996), Pedro Demo (2000) discute o papel do docente nessa perspectiva e salienta que o contraditório, que compromete a educação, está em a maioria dos professores “saberem” ensinar, mas não saberem aprender, assim como o estudante não sabe aprender, pois a ele não é dado ferramentas para isso. Nessa perspectiva, o discente é como o próprio docente que não descobriu ainda quais são essas ferramentas. Para Demo (2000, p. 16), os educadores se configuram como um exemplo a não ser seguido, já que alguns professores “[...] desconhecem o esforço reconstrutivo que a aprendizagem supõe, com base em pesquisa e elaboração própria, individual e/ou coletiva, perdendo-se em amenidades e futilidades que já fazem parte do folclore pedagógico.”

Levando-se em conta o avanço da tecnologia e o uso continuado desta pelos estudantes, percebe-se que eles sabem bem onde buscar respostas. O que falta a eles é uma mediação responsável e motivadora, para que sejam capazes de produzir o próprio conhecimento. E isso nos remete a Pestalozzi e novamente a Paulo Freire. O primeiro foi o iniciador de tudo o que vimos discutindo: o afeto em sala de aula; o segundo, corrobora-o, expandindo a ideia de afeto, incorporando em sua *Pedagogia da Autonomia* (1996) outros sentimentos de igual importância para quem deseja ensinar-aprender: a compaixão, o amor, a

solidariedade, a criticidade, vislumbrando que o educador tenha ética e coerência, pois “ensinar é uma especificidade humana”. Nessa mesma perspectiva temos em Eurípedes Barsanulfo, citado por Alzira Bessa França Amui (2007), o conceito de educação na acepção epistemológica da palavra:

Essa educação conclama a prática do bem e da caridade dentro e fora dos lares (*da escola, da academia* – grifo meu). O bem deve ser sentido, aprendido e vivenciado, é ele que auxilia o despertar da consciência, tornando o Espírito mais lúcido e responsável perante a vida. Quando o Ser iniciar suas construções no bem, com constância, estará iniciando a sua educação espiritual (AMUI, 2007, p. 29).

Desse modo, vamos encadeando os pensamentos dos autores com os ditos descoloniais, na tentativa de “desamarrar” os laços que inibem a continuidade. Segundo Walter Mignolo (2003), na perspectiva epistemológica todos os saberes estão centrados nas histórias locais europeias. Que a epistemologia seja herdada da Europa, parece-me que não seja um problema, pois as histórias-mundos têm suas origens, em parte na cultura europeia. Isso é fato, apesar de haver controvérsias sobre a Europa ter criado ou copiado das civilizações mais antigas a sua cultura. O problema é considerar que todas as histórias locais sejam vistas como globais, projetos de vida dos diferentes povos, ocultando suas próprias origens, a sua formação cultural, para valorizar a cultura importada, enquanto se diminui ou desdenha o valor da cultura local, neste caso, latino-americana.

Da perspectiva epistemológica, o saber e as histórias locais europeias foram vistos como projetos globais, desde o sonho de um *Orbis universalis christianus* até a crença de Hegel em uma história universal, narrada de uma perspectiva que situa a Europa como ponto de referência e de chegada (MIGNOLO, 2003, p. 41).

Já o dissemos antes, a historicidade é como um rio caudaloso, nascido de fontes que o alimentam incessantemente. O rio escorre pela terra, cortando montes, vencendo obstáculos até se juntar a outros rios para desembocar no mar. Ninguém se pergunta se as águas que passam no leito de um rio, passarão uma outra vez. A história se faz dessa forma. Os conhecimentos se mesclam, completam-se, fundamentam-se, independente do lugar de onde vêm: da Europa, do Oriente, da Ásia, do Ocidente. A ciência perscruta, alimenta-se de novidades sem se deixar seduzir por ilusões passageiras, pois ela tem fundamentação teórica e se baseia na historicidade. Portanto, é preciso estar aberto para as mudanças que são provocadas no pensamento humano, incessantemente.

Sobre isso, Allan Kardec teve o cuidado de expressar-se a favor do desenvolvimento da ciência e o progresso da consciência, que mereceu do codificar da filosofia Espírita a seguinte advertência: “Quando surge um fato novo que não se situa no círculo de alguma ciência conhecida, o sábio, para estudá-lo, deve despojar-se de seu saber e considerar que é

um estudo novo que não se pode fazer com ideias preconcebidas” (KARDEC, [1867] 2004, p. 41).

Assim caminha a literatura, a filosofia, a ciência: na completude da incompletude, sempre à espera do novo para persistir existindo. Por consequência, sabe-se que nada está solto e que ao ignorar-se as partes, todo conhecimento será fragmentado. Por quanto, conforme nos relata Ana Maria Araújo Freire, citando Paulo Freire, em *Pedagogia do Compromisso: América Latina e Educação Popular*, a História não começa e não termina neste ou naquele autor ou professor.

Com respeito ao par esperança-desesperança, é bom recordar que a História não começa e não termina conosco. Creio é necessário ser mais humilde em relação à nossa tarefa individual. Claro que se me considero “o” líder, se creio que a mim pessoalmente me cabe a missão de transformar o mundo, posso cair na desesperança. Porém se humildemente sei que sou um entre milhares, que a História não se acaba com minha morte ou com minha geração, senão que segue, então compreenderei que o mínimo que eu possa fazer sempre terá algum resultado importante (FREIRE, 2018, p. 53).

Assim tem sido com a educação: ela é fragmentada. Não se dá o devido valor para o sujeito integral. A ironia é que, sendo o Brasil um país chamado periférico, alimenta-se de valores que nada têm de original. Dessa forma, mantêm-se a colonialidade, apesar dos “gritos” e conflitos que envolvem os agentes e pacientes do sistema educacional. Por conta disso, Pedro Demo faz críticas à educação brasileira. Professor, escritor, defensor do Educar pela Pesquisa, em *Ironias da Educação* (2000), ele se refere às esferas do poder como empecilho para o desenvolvimento do setor. O autor, sem defender a descolonialidade, dá aporte para se pensar que a colonialidade é estendida pelo poder público, sobretudo à educação, ao dimensionar os problemas mantidos pelo sistema.

Quase todas as instituições educacionais indicam mais o atraso do que a capacidade de acompanhar os tempos. Deveriam em si direcionar os tempos. Os conselhos de educação tendem de modo alarmante a postar-se como entidades policiaescas, preocupadas apenas a manter a ordem, a letra, o texto. Enquanto capricham em salamaleques nas sessões, como se todos os nobres colegas estivessem ali para garantir a aprendizagem dos alunos e da sociedade, além da própria, por trás, viceja o submundo dos interesses escusos. As secretarias de educação continuam palanques políticos, e o Ministério, ponta de lança do Banco Mundial e plataforma de governo (DEMO, 2000, p. 14).

Por isso, é preciso compreender que a educação como está muito se assemelha à educação tradicional bancária. Claro que ela sofreu alguns ajustes aqui e ali, desde a chamada escola novista, mas as pedagogias que se assentam em autores descoloniais e libertários ainda não se fixaram nos chãos de todas as escolas, e nem em suas matrizes curriculares. É uma questão de autogestão da prática educativa. Por outro lado, é uma questão de desprendimento e solicitude para guiar as práticas conforme se pensa a educação, para elevar parâmetros de

pensamentos a outras esferas de conhecimentos, mudando o pragmatismo, rendendo-se ao inevitável: o homem carece de ser autodescoberto na sua intimidade, para dar conta de se resolver na exterioridade.

Em consequência, elucida-se quaisquer dúvidas que possam se vincular à Pedagogia do Amor, pois como se fundamenta nos princípios da Filosofia Espírita, está aberta às novas descobertas, conforme pondera Allan Kardec em a *Gênese Espírita*: “[...] **O espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, modificar-se-á sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita**” (KARDEC (2008, [1868], p. 27, grifos meus).

Mas é bom que se diga, que cada professor em sua sala de aula, pode e deve fazer a diferença, construindo possibilidades para o desenvolvimento não só da inteligência, mas da consciência sobre si mesmo e seu (auto) despertar para as coisas que vão além do espaço sala de aula, físico e/ou comunitário. Nesse aspecto, a Pedagogia do Amor oportuniza um direcionamento, pois atua de dentro para fora. Os estudantes podem assim, aprender a aprender de forma segura, serena, sem que os conceitos ou preconceitos, por exemplo, lhes atravessem os sentimentos e decisões, pois nesse ponto já atingiram a consciência de valores intransferíveis. Nessa perspectiva, Sebastião Camargo (2013) fundamenta nossa defesa da evolução da consciência humana.

Se a filosofia socrática influenciou o pensamento ocidental e construiu um dos alicerces da Boa Nova, encontramos, na (Doutrina) filosofia dos Espíritos, o mais legítimo e concreto roteiro de iluminação e libertação da consciência, desde que bem entendido e vivenciado. Trata-se de uma proposta de autoconhecimento que considera o percurso do princípio inteligente, desde as primitivas manifestações da vida mental – o universo invisível, intangível, imponderável, etc. –, relacionando-o aos elos da cadeia evolutiva, no seu movimento progressivo, visando a compreensão do homem integral.(CAMARGO, 2013, p. 33).

Tendo em vista isso, elenca-se que o sistema educacional, enquanto fomentador de desenvolvimento, tem o compromisso de envidar esforços para que mudanças se operem na esfera íntima das pessoas. Para além disso, sabe-se que promove mudanças também nas esferas culturais, sociais, políticas, administrativas. Não há como se desenvolver novos conceitos de vida a não ser por meio da mudança dos indivíduos, aspecto que só se dará com a mudança do conceito de Educação. Por isso, trabalhamos no sentido de demonstrar que a *Pedagogia do Amor* contempla as premissas do desenvolvimento humano. O que se espera, a partir daí, é que ao ensinar a ler, escrever, somar e socializar, ensine-se aos estudantes que eles são vistos e compreendidos para além do corpo físico.

Concretamente, espera-se desvendar os meandros do espírito humano, da Alma, para

que cada um possa se autocompreender, autorrespeitar-se e aos outros, imunizando-se todos contra possíveis efeitos externos, ações que invisibilizam e excluem as pessoas. Espera-se, por conseguinte, internalizar a ciência do espírito no ímo dos indivíduos, para se ter noções gerais de humanidade, compreendendo-se, de fato, o papel dos homens-mulheres no planeta Terra. E para além disso, compreender o seu papel-compromisso com o seu planeta íntimo, sua esfera imortal, o cantinho silencioso de cada um: o espírito ou alma. Conquanto, é a partir daí que os homens (indivíduos) se fazem para o bem ou para o mal, para o sucesso ou para o insucesso, para a corrupção ou para a ética. E isso não é prerrogativa de professores ou de pais, muito embora a orientação segura e o apoio deles sejam fundamentais.

Vê-se que é preciso desvendar os “mistérios” até agora colocados por baixo dos “alqueires”: o conhecimento da dimensionalidade do homem espiritual, pois a dimensionalidade do homem físico já conhecemos. Ela é efêmera. Consequentemente, não contempla todas as esferas humanas. Resta, então, pensar e pesquisar o elemento indelével que representa uma parte da dualidade corpo-espírito, sendo este o espectro que carrega em si o verdadeiro espaço com potenciais de desenvolvimento. É preciso considerar o que já diziam os clássicos filósofos, pedagogos e cientistas que deixaram marcas na história. Exemplo de Léon Denis, que teve vida e obra transcrita por Sylvio Brito Soares (1893-1979) em *Páginas de Léon Denis*.

A lei do destino consiste no desenvolvimento progressivo da alma, que edifica a sua personalidade moral e prepara ela própria, o seu futuro; é a evolução racional de todos os seres partidos do mesmo ponto para atingirem as mesmas eminências, as mesmas perfeições. Essa evolução se efetua, alternadamente, no espaço e na superfície do mundo, através de inúmeras etapas, ligadas entre si através da lei de causa e efeito (SOARES, 2002, p. 88)

Considerando essa perspectiva, nunca é demais repetir que é tempo de moldar novos caracteres, de acordo com as habilidades e competências exigidas na contemporaneidade, para dar-se conta de superar todo tipo de subserviência e de ações maléficas que entravam o progresso humano. Entendendo subserviência, conforme o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (2011): a palavra tem origem no latim (*subservientia*), como sendo qualidade do que é servil o mesmo que servilismo. Tem o mesmo significado de adulação, bajulação.

Entretanto, imagina-se que os leitores, à primeira lida, não concordem com que a população seja subserviente (bajuladora ou aduladora). Atendo-se ao significado da palavra cruamente, ninguém crê nisso. Então, pergunta-se: por que é preciso descolonizar-se das ideias e culturas europeias e estadunidenses, se não há uma imposição ou delimitação fronteira-geográfica que a obrigue a ser assim ou assado? Em que plano estão os “copiadores”

ou “imprimires” valores em nós que nos aproximam do discurso dos colonizadores seja no campo político, religioso, econômico, filosófico ou linguístico?

Bem se vê que tudo é uma questão de palavras, ou de pedras, para usar metáforas de José Saramago: *As palavras são apenas pedras a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra margem, a outra margem é o que importa.* Porque o que importa mesmo não é o caminho que as pedras percorrem, mas chegar do outro lado do leito do rio em condições de se projetar entre as pessoas e se fazer compreender, segundo o autor português, conforme se vê no poema:

Terás então de ler de outra maneira, como não serve a mesma para todos,  
cada um inventa a sua, a que lhe for própria.  
Há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura,  
ficam pegados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas  
a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é para que possamos chegar à outra  
margem, a outra margem é que importa. A não ser, a não ser, quê...  
A não ser que esses rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que  
lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua,  
e apenas sua, a margem a que terá de chegar.”

José Saramago (in *A Caverna*. Cia das Letras, 2011, p. 77)

O que se sabe, conseqüentemente, é que as palavras mudam, pois, a língua é viva. Mas o que conta mesmo é o que elas representam ou representaram em dado momento histórico. Neste caso, dizem que se dá valor ao que não é latinidade, mais do que se dá a (nossa) latinidade, é por que (in)conscientemente se está atolado na subserviência, ainda que isso não se expresse no sentido literal, mas no sentido consciencial. E nesse quesito, o autor Jose Saramago é crítico ao comentar que a maioria da população não reflete sobre si mesmo, sobre o mundo e os fatos, por isso, na sua opinião, “o mundo” se demora na ignorância.

A rigor, a colonialidade existe por que existem ideias estruturais pré-estabelecidas que não são combatidas, simplesmente por que se desconhece sua existência. É algo no subconsciente das pessoas, no campo da subjetividade. Não se sabe como ela se dá, não é aparente como o marco divisório entre fronteiras; não é algo materializado detectável pelos cinco sentidos humanos. Vale dizer que se está muito apegado em crenças e sentimentos que sejam relevantes apenas aos cinco sentidos. Natural que daí advenha o investimento enorme em propagandas que dizem a todo o tempo o que se deve vestir, comer, como andar, o que usar ou ouvir para sermos descolados, aceitos em determinados grupos.

É por causa dos cinco sentidos que as agências publicitárias escalam cores, sons, imagens ao compor um projeto publicitário, de acordo com o que a mente, supostamente, entende com maior ou menor grau de relevância e instituem modelos de comportamentos ao rebanho. Em épocas de campanhas eleitorais, são as agências publicitárias que vendem a

imagem deste ou daquele candidato, como se vendessem camisas em lojas de confecções.

Assim, sugere-se à população em quem e por quê votar, mostrando as “qualidades” de cada um. Nesse negócio de interesses estritamente financeiros não se tem valor ou honra. Encanta quem melhor mente, representa ou gasta. E os indivíduos desavisados das artimanhas, deixam-se emocionar pelos papéis representados pelos “atores políticos”. Se não houvessem outros, esse é um forte motivo para que a educação seja orientada sob um outro prisma. Ainda nesse raciocínio, da mesma maneira chegam aos sujeitos os conceitos ou a representação do que é ser homem ou mulher, colono ou não colono, indígena, negro ou branco, pobre ou rico, direita ou esquerda, quem manda, quem obedece, heterossexual, bissexual, homossexual, madame, prostituta, menino “de rua”, filhinho de papai.

Criou-se conceitos para esses sujeitos e esqueceu-se de que esses sujeitos são sentimentos, emoções, valores que também não se podem mensurar pelos cinco sentidos. Não há uma linha divisória aparente que se constitua como demarcadora-leitora de caráter, de sentimento. O que existem são ideias preconcebidas que funcionam como balança, para medir as pessoas de acordo com a conveniência, convivência, situação aparente, modelo sempre reforçado. Uma puta pobre é apenas uma puta. Já uma puta rica é acompanhante de luxo. O gay com formação acadêmica e boa situação financeira é o doutor fulano, o empresário, o marido de cicrano; o gay pobre é o *viado* inconveniente. Com a mesma medida, o estudante filho de gente de “bem”, endinheirada ou financeiramente bem-sucedida é o estudante com problemas; o estudante, filho de pobre, que dá trabalho, é o problema. O motorista homem que comete erro no trânsito é o motorista descuidado; a motorista mulher que comete gafe no trânsito é péssima motorista.

O preconceito também é linguístico e gramatical, exemplo disso é a discussão que se fez no Brasil, quando a presidenta Dilma Rousseff foi eleita e fez questão de ser chamada presidenta e não presidente. Discutiu-se substantivo feminino em todos os jornais e rádios do Brasil, nas ruas, nas esquinas, nos bares, (imagino que, muitíssimo, nos bordeis), como se a última letra da palavra fosse fazer a diferença, mais do que as ações e decisões da mulher que ocupava o principal cargo do país. Esse é apenas um fato, que molda a concepção de conceito que o brasileiro tem sobre tudo. Conceito pobre, posto que à maioria, conforme Saramago, não é dado pensar. E aqui, eu-mulher pobre, fronteira, professora, entendo que meu lugar de fala passa também por essas questões de vivências e de experivivências múltiplas.

Entende-se, assim, que o servilismo, passou da prática do trabalho, seja do esforço braçal ou intelectual do antigo modelo capitalista-materialista-colonial, para o campo psíquico há muito tempo. E nessa esfera todos são conduzidos, com exceção de uma pequena massa crítica, que é de fato, a massa que faz a diferença, que ressignifica as coisas e explora o mesmo campo psíquico tão valorizado pelos colonizadores. Atualmente, os colonizadores de dentro. Não os de fora, mas os que pegaram carona na sua ideologia e permanecem orientando a população via tecnologia, meios de comunicação e políticas públicas de condução (orientação), alienação.

Essa pequena massa crítica que se opõem, tem um poder imenso, pois atua na esfera do encantamento, da educação, da arte e invariavelmente leva a grande massa a pensar, seja cantando letras de fundo crítico, seja lendo textos que explicitam a realidade ou assistindo a seminários, palestras, filmes, peças de teatros, programas de humor (os que prestam), novelas nos quais estão impressos textos e ideologias de mentes éticas-críticas (quando o são). Nesse sentido Enrique Dussel faz um alerta importante em *Filosofia da libertação* (1997), quando refletindo sobre a necessidade de se buscar a origem das coisas, nos faz pensar em como nossa cultura, nossa ideologia se sustenta, de onde vem e como (re)produz o que somos; e a necessidade de voltar às origens para avançar.

É como voltar, pegar o que é bom, descartar o que “não nos pertence”, que em nada nos acrescenta, o que não nos interessa, pegando tudo o que tem valor para a formação individual e coletiva, compondo o povo que luta para ser, no lugar que é seu, com a língua e a linguagem suas, costumes, epistemologias latino-americanas. “Aproximar-se é avançar para origem originária para a própria arqueologia do *discurso metafísico* (grifo nosso), filosófico, mais ainda: histórico, político” (DUSSEL, 1997, p. 24).

E é assim, com olhar perscrutador que se amplia para dimensões outras, esta reflexão, alargando os horizontes, procurando sentido para a vida humana e principalmente para as diversidades humanas. E nessa busca de (re)começo, encontra-se no discurso metafísico algo que se deve assimilar como um discurso além das bases conhecidas da língua, da cultura tradicionalmente tida como sendo a cultura da coletividade, pela qual a sociedade é atravessado o tempo todo. Portanto, é preponderante, para a educação em geral, o seu (re)conhecimento.

Nesse sentido, temos duas formas, por ora, para conceituar metafísica: recorrendo a Aristóteles, que sendo grego e não muito esperado na defesa do meu projeto, não posso deixar de valorizar a riqueza de seus conhecimentos, para defender minha teoria. Faço então, o que

propôs Enrique Dussel, volto ao filósofo, pego o que é bom, deixo o que me impede de considerar minha cultura natural e original. Seguindo o raciocínio, no contexto metafísico, o aristotelismo<sup>7</sup> é a ramificação essencial da filosofia “[...] caracterizada pela investigação das realidades que transcendem a experiência sensível, capaz de fornecer um fundamento a todas as ciências particulares, por meio da reflexão a respeito da natureza primacial do ser; filosofia primeira” (HOUAISS, 2007).

O kantismo pode ser uma surpresa por aqui, no entanto, não se deve furtar aos conhecimentos trazidos a lume por essa corrente de pensamento, pois epistemologicamente tem grande valor na Pedagogia do Amor, conquanto explicita seus fundamentos, tanto quanto Aristóteles, Platão e Sócrates, onde tudo começou; passando depois por Rousseau, Pestalozzi, Kardec, Eurípedes Barsanulfo até chegar no maior nome da brasilidade educacional a que temos notícia: Paulo Freire. O kantismo concebe a metafísica como sendo o “estudo das formas ou leis constitutivas da razão, fundamento de toda especulação a respeito de realidades suprassensíveis (a totalidade cósmica, Deus ou a alma humana), e fonte de princípios gerais para o conhecimento empírico,” conforme aponta Aloisia Carneiro da Silva Pinto (2019), em “A Moral Kantiana enquanto fundamento da Ética: elemento para uma gestão pública eficiente”.

Com Enrique Dussel e sua *Filosofia da libertação* (1997), pondera-se o fato de que em todos os tempos ocorreram dicotomias como as que temos hoje entre as distintas filosofias, coisa que, provavelmente, haverá sempre, pois tudo está alinhado a algum tipo de poder. Desde o início dos tempos, homens e mulheres em seus contextos históricos foram de certa forma tidos e tidas como “descoloniais”, no sentido que a palavra tem atualmente, ao trazerem à população do seu tempo, novos conhecimentos e exteriorizá-los, contribuindo para e com o avanço intelectual e moral de suas sociedades.

É verdade que muitos desses autores, filósofos, pensadores em geral, foram esquecidos ou desconsiderados, alguns mortos, outros “apagados”, sendo a grande maioria (como o caso dos citados) (meio)considerados. À época, levou-se em conta o que diziam e que era favorável que o grande público soubesse, desde que o que diziam não esclarecesse a massa, não afetasse a condução de regimes, poderes políticos e religiosos. Como diz Dussel (1997, p. 68), “A ética da libertação deve, em primeiro lugar refletir sobre a implementação geopolítica

---

<sup>7</sup> ARISTOTELISMO – por esse termo entendem-se alguns fundamentos da doutrina de Aristóteles que passaram à tradição filosófica ou que inspiraram as escolas ou os movimentos que se reportam mais diretamente ao próprio Aristóteles, como a escola peripatética, o Aristotelismo. Árabe, o Aristotelismo cristão medieval, o Aristotelismo do Renascimento e várias outras tendências do mundo medieval e moderno. Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 79.

da própria filosofia, à medida que se encontra situada no ‘centro’ ou na ‘periferia’”. Seja essa periferia o oposto ao centro das cidades, ou seja, referência aos países denominados periféricos.

Dessa forma, expressa-se real interesse em levar em conta todos os que histórica e dialogicamente, direta ou indiretamente, contribuíram para a formação dos pensamentos libertados e libertadores (alguns de nós consideram-se livres) sendo esses: brasileiros, latino-americanos europeus, africanos, asiáticos. No entanto, esclarece-se que à medida que se fala sobre descolonialidade, fala-se no sentido da descolonialidade pensada pelos latino-americanos. E, sabidamente, não existindo outro termo (desconhecendo) para usar, e entendendo que autores fora da esfera da latinidade, citados na escrita, são pensadores à frente do seu tempo, no contexto em que atuaram, permita-se dizer que, para seus contextos históricos, eles foram descoloniais, pois trouxeram ideias novas para os povos do seu tempo e ainda estão presentes nas academias.

No capítulo IV do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de autoria de Allan Kardec, cujo subtítulo é “Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo” [1869], o autor reconfigura o cristianismo na sua essência primitiva, dando vazão aos ensinamentos morais do Cristo e, ao mesmo tempo, retoma ensinamentos e autores que o antecederam, mas que foram fundamentais para o que O Nazareno traria como informação e conhecimentos para a humanidade, alguns séculos depois. Fazendo, portanto, a ligação histórica dos acontecimentos sociopolítico-religiosos, como se reconhece atualmente, por exemplo, pelas pesquisas que avançam, apesar do materialismo científico.

[...] As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los [...]. Desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão. (KARDEC, 2013, p. 31-32).

Trata-se, portanto, de pensar “fora da caixa”, disseminar ideias e informações que deram formas para que as sociedades fossem menos hegemônicas, mais avançadas intelectual e moralmente; e o fato de não terem sido assim considerados (em grande medida ainda não o são), não significa que devemos desconsiderá-los, pois contribuem para com nossa formação, sobretudo, no que concerne ao campo metafísico da existência, um dos princípios da Pedagogia do Amor.

Nesse contexto, a perspectiva filosófica adotada na presente pesquisa se aproxima de

Dussel, ainda que timidamente, quando o autor afirma que os filósofos sempre estiveram atrelados ao poder. “Na história, pelo menos desde os gregos, a filosofia esteve atada ao carro do poder – é verdade que sempre houve também, contradiscursos filosóficos de maior ou menor criticidade” (DUSSEL, 1997, p. 76). Em consonância com o autor, que sabe-se é desprovido de orgulho causa-pátria, como deve ser todo ser esclarecido e ativo ética e politicamente, é ele um intelectual em busca de meios de se resolver os problemas da América Latina sem deturpar ou menosprezar culturas e filosofias outras.

Enrique Dussel, em *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão* (2012, p. 62), relativa a essa subjetividade em que se ancoram a subserviência e alienação, cita Descartes (2001, p. 38): “de sorte que este eu, quer dizer, minha alma, pelo qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e ainda é mais fácil de conhecer do que o corpo, pois, se não houvesse corpo, a alma não deixaria de ser o que é”. E leva-me a pensar que a subjetividade descrita por ambos, está em consonância com a subjetividade descrita pelos espiritistas, que vai muito além dos sentidos a que estamos acostumados a usar para detectar todos os elementos, acontecimentos e conhecimentos que nos chegam.

Dussel (2012, p. 61-62) detalha ainda mais o que pensa sobre essa questão, ao descrever o corpo humano como sendo “uma máquina para ponderar sobre a res extensa [coisa extensa] totalmente estranha à alma”. E citando a concepção kantiana, o autor pondera sobre a ética da libertação, sendo essa libertação da esfera da colonialidade-subjetividade ou como a extensão da possibilidade do indivíduo dual kantiano.

Parece que a ética descrita por Dussel, a ética capacitante de produzir a liberdade no homem, das amarras do poder sensorial e psíquico, é apequenada pela ideologia, pela concepção de sociedade vigente. E nesse campo, sempre bom lembrar que ninguém sofreu tanta discriminação e preconceito nos últimos anos como Paulo Freire (1921–1997). O autor foi a "vítima do século". Os “crimes” cometidos por apoiadores do presidente Bolsonaro, natos negacionistas da ciência, da cultura, da universidade, das diferenças, em relação à pessoa e ideologia do professor, foram cruéis, apesar de ser Freire reconhecido e respeitado em grande parte do mundo, e de os atos e falas contra ele serem veiculados pela mídia internacional.

Dentre outras razões e da mesma forma que se repudia o fato, considerando o preconceito inerente às almas pequenas, destituídas de pudor e valor, nega-se a desqualificar autores outros que em seus países e em seu tempo sofreram por parte dos dirigentes dos sistemas o mesmo “apagamento moral-intelectual”. Agir “como eles” é o mesmo fazer o

que fazem os negacionistas brasileiros, atrelados à ideologia de um presidente insensato e sem conhecimento basilar de equidade, de ética, de solidariedade, ou seja, de moral, como se tem entendido, sendo capacidades humanas que permitem a aproximação entre pessoas e povos, a socialização, o respeito, o agir sempre em prol do outro, esperando o melhor para todos. Os negacionistas fazendo coro ao presidente, desqualificaram repetidamente Paulo Freire, atuando contra a ciência e as filosofias de valores humanísticos reiteradas vezes, nos últimos três anos de governo da direita.

Por isso, não é aconselhável conceber uma história humana com recortes. Com essa convicção, salienta-se que em todos os tempos vieram ao mundo pessoas que deixaram conhecimentos para a humanidade, para ajudar a coletividade a avançar. No século XX nasceu no Brasil, Paulo Freire, que legou para o mundo diretrizes para a educação, que se forem bem aplicadas pelos diferentes países, quiçá pelo Brasil com mais ênfase, teremos em alguns anos formados homens e mulheres, que mesmo que recebam educação de ideologia de direita, neoliberal ou que o valha, não serão subservientes, nem serão compassivos com os que mentem, exploram, saqueiam e matam pela fome, pelo medo, pela falta de cultura, vacinas e arte, pois, a falta dessas também matam. Primeiro os sonhos, a disposição, a saúde, gerando a tristeza, a solidão, a depressão, a morte lenta, o suicídio.

Voltando a Dussel (1997), que não tratando especificamente desse assunto, mas ponderando sobre as filosofias, para atender questões de colonialidade *versus* “de[s]colonialidade”, afirma que:

A filosofia que souber pensar esta realidade, a realidade mundial atual, não a partir da perspectiva do centro do poder político, econômico ou militar, mas desde além da fronteira do mundo atual central, da periferia, esta filosofia não será ideológica (ou ao menos o será em menor medida). Sua realidade é a Terra toda e para ela são (não são o não-ser) realidade também os “condenados da terra”.(DUSSEL, 1997, p. 16).

Por tudo isso, pensa-se que há colonialidade, há subalternidade, mas uma tanto quanto a outra são discutíveis. Propagar a subalternidade como um sistema em o qual o colonialismo europeu colocou os brasileiros e nela “obrigatoriamente” permanecem, há controvérsias, pelo menos do ponto de vista do pensamento epistêmico-dimensional. A subalternidade pode ser entendida por esse viés, como uma condição não definitiva. Os sujeitos que têm consciência de si mesmos, não dependem de sistemas de governos ou espaços físicos para se sentirem livres. O contrário também é verdadeiro. Pessoas que são limitadas do ponto de vista da reflexão (independente de formação acadêmica) podem ter toda a liberdade no campo exterior, porém, sentem-se prisioneiros das amarras e das influências conceituais que as prendem em redomas invisíveis, exemplo dos negacionistas. Estes são influenciáveis e

somam os milhões de eleitores e crentes (de todas as escolas religiosas, incluindo os espíritas) desavisados da razão (da fé raciocinada).

Divaldo Pereira Franco, contemporâneo de Francisco Cândido Xavier, um dos mais respeitados médiuns da atualidade, desde a infância comunica-se com os Espíritos. Ele, tanto quanto Francisco Cândido Xavier, não cursou nenhuma universidade e, apesar disso, publicou mais de duzentos e cinquenta livros. Formado na Escola Normal Rural de Feira de Santana, na Bahia, diplomou-se professor primário em 1943. Trabalhou como escriturário no antigo IPASE, em Salvador, e aposentou-se em 1980. A exemplo de Chico Xavier, Divaldo Franco tem dedicado a vida à divulgação do espiritismo e do evangelho de Jesus à luz da ciência, como modelo de educação formal para (re)organizar a sociedade, dignificando os indivíduos. Aos 94 anos de idade e 74 anos de oratória espírita, “Divaldo atinge surpreendente e exemplar performance, com mais de 20 mil conferências e seminários em 71 países, dos cinco continentes – em muitos deles, por várias vezes”, conforme consta em sua biografia, disponível no site da *Mansão do Caminho*, obra benemérita idealizada pelo médium, verdadeira cidade de acolhimento aos órfãos e famílias em situação de vulnerabilidade.

Sendo, Divaldo Franco, um homem comprometido com a evolução humana, foi intitulado por Francisco Cândido Xavier de ‘Semeador de Estrelas’. Teria dito Chico Xavier sobre Franco: eitem “estrela na boca, suas conferências têm atraído numeroso público, que se emociona com os comentários, narrativas e ensinamentos transmitidos, os quais promovem o autoconhecimento e anunciam o alvorecer de uma Nova Era.” Portanto, ao se falar em Educação libertadora, em Pedagogia do Amor e espiritismo-espiritualidade, saúde mental, solidariedade, não se pode furtar ao ensejo de falar de Xavier e Franco, tendo-os como maiores médiuns brasileiros que parte do mundo conheceu-conhece, sobretudo, pela simplicidade, empatia, ética.

Ambos dispensam maiores apresentações, pois seus livros e de seus “benfeitores”, assim como suas paranormalidades-mediunidades são objetos de pesquisas em universidades e instituições outras, conforme referenciado ao longo da dissertação. Francisco Cândido Xavier tem suas obras com André Luiz e Emmanuel (Espíritos) analisadas por médicos e físicos, enquanto que Divaldo Pereira Franco e Joana de Ângelis (espírito), dentre outros gêneros de escrita de relevante valor para a psicologia pós-moderna, produziram a *Série Psicológica*, que muito tem contribuído na formação de educadores, psicólogos e psiquiatras, promovendo grande avanço na ciência que tem aos poucos se permitido o “levantar dos véus”, devido aos esforços de pesquisadores nos grandes centros acadêmicos do Brasil e do exterior.

Em recente palestra, intitulada “A Causa da Crise Mundial, Individualismo, Hedonismo e Consumismo”, Divaldo Franco (2018) foi direto e incisivo, fazendo fortes críticas, ao se posicionar sobre o comportamento dos cristãos espíritas, e sob a égide de Kardec, recomenda não rejeitemos a ética e a moral em nenhuma circunstância.

Encontramo-nos, dizia um visitante de alta esfera, no momento de crise da humanidade terrestre, mas é necessário lembrar que a crise que se alastra pelo mundo tem origem no indivíduo. A criatura humana está em crise e como é natural essa crise individual é resultado do vazio existencial. Expande-se, forma a crise familiar, a crise social, nacional e internacional.(FRANCO, 2018, s/p).

Divaldo Franco é retratado em sua biografia, publicada na página da Mansão do Caminho, instituição que acolhe mais de cinco mil crianças em situação de vulnerabilidade, atendendo também seus familiares, como sendo “exemplo incontestável e irretorquível da mediunidade missionária, exercida desde a infância”. E a exemplo do médium Chico Xavier é um trabalhador pela causa da evolução coletiva, “deixando por onde passa pegadas luminosas que identificam a paranormalidade iluminativa e indicadores de perseverança, disciplina e dedicação à Causa do Bem em nome de Deus e de Jesus”, teria dito Chico Xavier a respeito de Divaldo Franco.

Na referida palestra o médium assevera que a sociedade perdeu o endereço de si mesma, parafraseando Thomas Heart, filósofo inglês, que há mais de 280 anos teria escrito à sociedade do seu tempo que o homem havia perdido o endereço de Deus. Franco considera que o fenômeno é resultado “de excesso de conforto para uns e da escassez quase absoluta de artigos de primeira necessidade para outros.” O que, segundo ele, “produziu na sociedade o choque do indivíduo perante a consciência.” Pereira Franco, profundo conhecedor do psiquismo humano, concretiza seu discurso assinalando que para fugir à própria consciência, o indivíduo faz uma transferência de “natureza psicológica”, procurando gozar, aproveitar, usufruir o máximo de bens materiais, “para não se inteirar dos desafios humanos.”

O nobre orador, refletindo sobre as mazelas vividas “pelo homem”, cita Dr. Rollo May (1904-1994) e suas conclusões para a atual conjuntura crítica-moral das sociedades. O citado aborda, segundo Divaldo Franco, que o individualismo tornou-se instrumento de defesa do indivíduo para sobreviver no caos dos relacionamentos interpessoais. Tal reflexão tem como fundamento o afastamento das pessoas que se envolvem cada vez mais com os aparelhos eletrônicos, em geral, e a internet. Sobre isso, o orador disserta: “a comunicação virtual aproximou-nos tecnicamente dos estranhos e afastou-nos do nosso meio familiar, das nossas amizades.” E que em consequência, a nossa afetividade ficou mecânica, fria. Então, diz ele, “recolhemo-nos ao individualismo, mantendo o coletivismo sem emoção, passando a usar

palavras habituais na rede sem que elas representem o que sentimos, parecendo, assim que preenchemos a ausência do nosso sentimento.” Mera ilusão, pois se continua a repetição do que foi ensinado pelos colonizadores, dado que ainda não superou-se os modos operantes europeus, tampouco aprendeu-se a refletir racionalmente.

Segundo o médium – palavra de etimologia latina: (medius, a, um) que está no meio, intermediário, pessoa que intermedeia a comunicação com os espíritos – o “notável filósofo, teólogo e servidor humano, o Dr. Rollo May “afirmou com propriedade, que os males que afligem a nossa sociedade são resultado de três elementos essenciais: o individualismo, o sexismo e o consumismo.” Durante a palestra, o orador se detém de forma clara a explicar cada uma delas e como se relacionam psicológica-mental e espiritualmente nos indivíduos. Por tudo o que nos remete Divaldo Franco, e durante a escrita também Francisco Cândido Xavier, percebe-se o quanto se faz necessário educar com eficiência e prudência aos indivíduos, pensando em sarar a coletividade de doenças de ordem moral, mental, emocional, psíquica e espiritual.

Nessa mesma perspectiva, o professor, médico-espírita e pesquisador, Décio Iandoli Junior (2020) declara com convicção que

“[...] todos os conhecimentos, as teorias e especulações explorados por nós trazem-nos uma nítida percepção do homem encarnado como ser transdimensional, pois parte permanece no plano físico e parte permanece no plano espiritual.” E, segundo o pesquisador, é como em um *iceberg*, a maior porção está submersa e não pode ser vista no plano físico (IANDOLI JUNIOR, 2020, p. 215).

Em linguagem clara para que leitores fora da sua área o compreendam, Iandoli Jr. assevera que suas pesquisas o levam a admitir que a porção física é temporária, perecível e descartável, isso por que a realidade física para os indivíduos é efêmera. “Essa porção é utilizada como instrumento que possibilita ao Espírito ou Alma, transitar nessa dimensão, experimentar suas sensações e aprender as lições que o mundo de sensações tem a ensinar” (p. 215).

Argumentando sobre a tese apresentada, Iandoli Junior desenvolve a Teoria da estrutura fisiológica transdimensional e para tanto, baseia-se no Físico Sérgio Placência (UFMS, 2020) e sua pesquisa sobre mecânica quântica (Associação Médico-Espírita do Mato Grosso do Sul – AME-MS), explorada em *Da Alma ao Corpo Físico*, parte III. Para Placência, o grande objetivo é entender a interface físico-etérico. O autor apresenta, na obra, o que André Luiz/Chico Xavier (1958) chamaram de centro de forças (...) um dos componentes de uma estrutura transdimensional que seria composta por dois elementos (chakra e centro de

força). (...).

Consideramos todas as nossas hipóteses cujo objetivo é instigar as mentes competentes para desvendar esse intrincado sistema transdimensional de relação corpo-mente (espírito) que se abre diante de nós. Para isso, é preciso profundo conhecimento de Física, Química, Biologia e Medicina, sendo necessário um trabalho transdisciplinar que possa nos levar a uma posição o mais próximo possível da verdade.(IANDOLI JUNIOR, 2020, p. 228)

Salienta-se que a mesma inquietação que imprime em os médicos a necessidade de se construir concretude quanto a saúde dos indivíduos, lançando-se às pesquisas sobre a ciência Espírita e seus parâmetros conceituais e práticos, os Físicos, dentre os quais Alexandre Fontes da Fonseca (2022), debruçam-se sobre investigações, publicando ensaios, artigos, livros, produzindo seminários bastante relevantes para a academia como um todo. Por isso, adianta-se algumas falas de Fonseca para sustentar minha tese, por conseguinte, reporto aos leitores, parte do resumo do texto do autor, intitulado “Ensaio teórico sobre afinidade no Espiritismo”, publicado no *Jornal de Estudos Espíritas*, criado e fomentado pelo autor.

Segundo o Espiritismo, a afinidade é uma das condições fundamentais para a ocorrência de fenômenos espíritas como o intercâmbio mediúnico, a eficácia da prece e do passe, e a influência dos Espíritos sobre os encarnados. Entretanto, a Doutrina Espírita (DE) não descreve em detalhes o mecanismo da afinidade entre dois ou mais Espíritos. Diversos autores espíritas encontraram nos conceitos simples de frequência e sintonia da Física uma forma de descrever o conceito de afinidade do Espiritismo. Esses conceitos permitem compreender a afinidade entre pessoas e Espíritos que tem os mesmos pensamentos, sentimentos e gostos [...]. Neste trabalho, proponho uma nova definição de conceito de afinidade com base no aprofundamento dos conceitos de frequência e sintonia da Física. Assim como um objeto físico material não possui apenas uma única frequência natural de vibração, mas um espectro amplo de frequências naturais, proponho definir um conceito de espectro de vibrações de um Espírito baseado no seu conjunto de qualidades morais. (DA FONSECA, 2022).

Percebe-se que o avanço nas pesquisas em a área médica e física, imprime um movimento elucidativo para outras áreas, com especial propriedade para a educação (pois os médicos e físicos são também professores), podendo contribuir para que essas consciências, a partir dos dados observados, modifiquem-se, ganhem liberdade, quebrem os laços com a subalternidade consciencial. Para que não se faça mais do mesmo, portanto, os educadores têm que mudar seus conceitos, pois eles são formadores de opinião e devem, eticamente falando, postular pela clareza, pela lógica, pelo bom senso ao lidar com consciências carentes de tantos conhecimentos, tanto quanto de valores.

Outro tanto, é fundamental que as academias retomem os ensinamentos sobre a imortalidade da alma do ponto no qual parou, para não ir “muito longe” na história, em Sócrates (mais à frente Jesus, o Nazareno), em Allan Kardec. E, na atualidade, lendo pesquisas e livros de médicos e juristas espíritas (espiritualistas), que têm explorado com

eficiência e cientificidade a dualidade do Ser. Dado, por conseguinte, que a humanidade sempre teve notícias dos conhecimentos extracorpóreos. Que todas as religiões têm o conceito de Alma-Espírito e sustentam a “sua salvação” por meio de bem viver-proceder.

Para a Pedagogia do Amor, por conseguinte, o conceito de Educação está estritamente ligado ao desenvolvimento da Alma. Histórica-filosófica-epistemologicamente a base da educação sempre teve como premissa o Educar a Alma. A tradição colonialista inverteu esse papel, legando aos indivíduos a cultura inversa ao desenvolvimento, assim, imprimindo em a memória coletiva a estagnação, a desvalorização ou o apagamento do valor da individualidade.

Isso nos leva a José Herculano Pires dado os seus esforços no campo da pesquisa, abrindo caminho para a medicina, e talvez o judiciário, mais notadamente aos escritores, pesquisadores médicos-juristas-espíritas ou espiritualistas que vêm em vários continentes, obtendo certo grau de sucesso, sobre a mente-cérebro/alma-matéria e a relação manifesta entre o corpo físico e o corpo espírito, ou seja, levantando discussões sobre “a fisiologia transdimensional”, como se refere o Dr. Décio Iandoli Junior, médico, professor e pesquisador, na parte II da obra *Da alma ao corpo físico* (2020).

Conforme cita José Herculano Pires (1982),

Estamos entrando na Era Cósmica, numa sequência natural do desenvolvimento da Era Tecnológica. Tudo se encadeia no Universo, como assinala o *Livro dos Espíritos*. Com o avanço científico e técnico dos últimos séculos, e particularmente do nosso, a Terra amadureceu para a conquista do espaço sideral. O impacto de nossos primeiros contatos com outros mundos já produziu profundas modificações, de que ainda não demos conta, em mundivivência. As pesquisas espaciais continuam ampliando nossa visão da realidade cósmica. Uma nova civilização está surgindo aos nossos olhos, sob os nossos pés e sobre as nossas cabeças (PIRES, 1982, p. 43-44).

Na sequência o professor e filósofo chama a atenção dos leitores para a forma como isso deve dar-se para que não haja desequilíbrio cultural, na sua opinião “já bastante abalado”. Ele postula da ideia de que para que isso ocorra de forma natural, temos que cuidar “seriamente da renovação de nossos instrumentos culturais básicos, a saber:”

a) a Economia deve se tornar universal, rompendo os diques e as barreiras de um mundo pulverizado, para lhe dar a unidade necessária e a flexibilidade possível para o atendimento dos povos e de suas camadas diversificadas, afastando do planeta os privilégios e os desperdícios, a penúria e a fome. (...) A duras penas, a nova mentalidade econômica já está se definindo em todas as nações civilizadas, mas o egoísmo das camadas privilegiadas ainda impede a compreensão das exigências de fraternidade e humanismo dos novos tempos.

O autor, no que tange à Moral, é categórico na defesa do rompimento com os “envelhecidos padrões de egoísmo e sociocentrismo”, que segundo ele foram “moldados em

preconceitos de vaidade, de ambição e prepotência, para elevar-se a novos padrões de humanismo, respeito por todos os direitos humanos” (p. 44).

**b)** a Moral [...] Altruísmo – interesse pelos outros – humildade, fraternidade, tolerância e compreensão, são essas as novas palavras de uma moral realmente cristã. A violência terá de ser expulsa da Terra dos homens, com seu cortejo de brutalidades [...]. A honra e a dignidade humanas são incompatíveis com a estupidez dos brancos, inadmissíveis num sistema de civilização. Como adverte Fredric Wetham, a violência é um câncer social, que corrói e destrói toda a estrutura de uma civilização (PIRES, 1983, p. 44-45).

E com olhar e espírito de educador, postula Pires que o homem verdadeiramente homem “deve ter horror e vergonha à violência”, pois, na sua concepção ser violento é ser amoral, o que implica em ser contra o que a educação responsável deve ter como foco central, e finaliza o autor, “quem não respeita os outros não respeita a si mesmo” (p. 45).

Ao tratar da Educação, Pires salienta que sendo o estudante o foco, o objeto da educação tem que ter seus conceitos básicos renovados. E nesse paradigma o autor afirma que sem amor não se educa. E parte da “educação familiar” para outros tipos de formação, afirmando que “os povos selvagens são mais civilizados que os povos civilizados”, no tocante à educação. Pois, segundo ele, os selvagens “intuem com pureza e ingenuidade o verdadeiro sentido da educação [...], endossando o pensamento de todos os grandes pedagogos e educadores da Grécia antiga e do mundo moderno, a partir de Rousseau”. Eu diria que endossando, principalmente, os pensadores pós-modernos, em especial os espiritualistas-espíritas.

**c)** a Educação – Kardec ensina que a criança, embora tenha o seu passado em geral, lamentável, nasce vestida com a roupagem da inocência para tocar o coração dos pais e despertar-lhes o amor e a ternura de que ela necessita para o desenvolvimento das suas potencialidades humanas. [...] Como dizia Gandhi, não se pode levar uma criatura ao bem pelos caminhos do mal.

Para Pires, a mesma medida vale para o estudante. Ele deve contar com as mesmas prerrogativas, pois que a “educação com violência é domesticação; e sem amor não se educa, deforma-se” (p. 45). O autor avança na reflexão comparando a educação dos ditos povos civilizados em contraponto aos povos selvagens: “Nos povos selvagens a educação não foi deformada pela ideia do pecado, pelo mito da queda do homem, que envolvia o mundo de violências e mentiras capazes de aterrorizar um brutamonte, quanto mais uma criança” (p. 45). Salienta-se, portanto, que a Educação espiritualizada é “a única que pode enfrentar as exigências dos novos tempos, cuidando do desenvolvimento” das múltiplas inteligências e faculdades de maneira racional “sem os prejuízos dos falsos conceitos e dos temores infundados das formas de educação religião”, acadêmica e leiga do nosso tempo.

Não fossem apenas os problemas na Educação, há que se atentar para o fato de que atravessamos enormes dificuldades do ponto de vista moral em todas as áreas, sobretudo em a política e em as relações humanas. Exemplo disso é a guerra entre a Ucrânia e a Rússia, ainda em meio à pandemia provocada globalmente pela COVID-19. Assim, tudo está obscuro, pois a guerra tem consequências desastrosas em todo o mundo, provocada também pelas ações que os países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) têm (ou não) tomado na tentativa de parar o avanço das tropas russas sobre a Ucrânia. Enquanto isso, no Brasil, enchentes “anunciadas”, inundações e mortes que supostamente poderiam ter sido evitadas, pois são recorrentes em algumas cidades e regiões, continuam acontecendo. “Desastres naturais” devastadores, gerando perdas de bens, de vidas; uma crescente onda de sofrimento de perturbação de toda ordem.<sup>8</sup>

Ou seja, já se tinha a impressão que o caos estava instalado, quando vozes do governo federal, com mais ênfase, do presidente da República, coloca o país ao lado do agressor-invasor do território ucraniano, ao contrário do movimento mundial contra essa invasão. Em meio a isso tudo, as vítimas das enchentes, da fome, das doenças e da alta da inflação permanecem sem uma resposta concreta em forma de políticas públicas que atendam a demandas urgentes. Portanto, esse é o contexto para se falar de mudança de conceito de educação, de vida, de política. Percebe-se que avançam a ciência e a tecnologia, no entanto, a moral contrastando com a inteligência, permanece como pedra sem lapidação. E, afinal do que são feitas as guerras, senão das relações doentias de cérebros e espíritos despreparados para lidar com as responsabilidades e deveres do poder?

Por outro lado, em a perspectiva do amor, do afeto, a pandemia tem sido um divisor de águas, sobretudo, para a educação, pois a COVID-19 coloca à prova as habilidades dos professores e dos pais, dos gestores e de toda a sociedade, para lidar com seus próprios medos tanto quanto com a superação deles; com a ansiedade e com todas as reações advindas desse

---

<sup>8</sup> Além disso tudo, em diferentes âmbitos – municipais, estaduais e federal – a educação vem sofrendo cortes e recortes e não somente de verbas. Ora um, ora outro projetos de leis nessas instâncias têm tentado cercar a educação por meio de limitantes na atuação do professor. Ora dizendo ser a favor do direito de escolha no processo de educação infantil (A Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou, nesta quinta-feira (10), o Projeto de Lei 3262/19, das deputadas Chris Tonietto (PSL-RJ), Bia Kicis (PSL-DF) e Caroline de Toni (PSL-SC), que permite que pais eduquem seus filhos em casa (o chamado homeschooling). Fonte: Agência Câmara de Notícias), ora limitando o acesso da criança às práticas das artes nas escolas sob alegação de legitimação de ações contra a sexualização (Projeto de Lei n. 231/2019, do Deputado Estadual Capitão Contar que quer acabar com a Liberdade de Expressão Cultural. [...]. A proposta do Deputado Estadual Capitão Contar pretende proibir danças que, segundo ele, “aludem à sexualização” no ambiente escolar e que promoveriam, na avaliação do Deputado, a “erotização precoce de crianças e adolescentes”. Fonte: ACP MS – SEXTA-FEIRA, 08 MAIO 2020 / PUBLICADO EM GERAL, NOTÍCIAS, ÚLTIMAS).

fator.

Se a pandemia nos trouxe ensinamentos em educação, foi que os estudantes precisam dos educadores, mas precisam também da paciência e da presença dos pais. As escolas que antes estavam cheias de crianças para docentes-babás cuidarem, agora é espaço limitado, que não pode receber mais que um número reduzido de estudantes. Isso é benéfico para a educação, pois com menos indivíduos nas salas de aulas, com certo distanciamento entre eles, é possível que o docente consiga desenvolver com tranquilidade e êxito o seu trabalho, ficando a cargo dos pais o apoio com as tarefas complementares, com a presença e a demonstração da importância que têm os momentos em família.<sup>9</sup>

Porquanto, diminuindo a pandemia, estudos deverão apontar que as causas do baixo rendimento escolar, dentre outras razões, estão a *superlotação das salas de aulas*, a falta de preparo dos educadores para lidar com as almas, expressas na intimidade dos indivíduos; e as defasagens de aprendizado que terão que ser mitigadas, exigindo dos profissionais da educação trabalhos colaborativos, metodologias ativas, aplicação de conhecimento sobre inteligências múltiplas, estratégias que atendam às demandas acentuadamente inquietantes. Enquanto isso, a administração pública terá que demandar esforços e investimentos para avançar no Programa de Recomposição das Aprendizagens.

A precariedade da educação, portanto, passa por muitos lugares comuns, inclusive, pela (desin)formação dos docentes. Nesse ponto propõem-se, ao abordar a educação sob os conceitos da *Pedagogia do amor*, baseada nos princípios Espírita, que os indivíduos reconheçam-se como parte de um todo, porém como uma individualidade responsável por si mesmo e para com o outro, inclusive para com o meio ambiente, casa natural de todos.

Assim, no que se refere a esses aspectos do ser humano, encontramos em a filosofia espiritista o conhecimento epistemológico, a ciência produtora considerada por autores clássicos, modernos e contemporâneos (devidamente referenciados ao longo da escrita e no final), a fundamentação para a *Pedagogia do Amor*. A proposta visa, desse modo, uma Educação capaz de suprir os indivíduos das habilidades e competências para a vida e suprimir da sociedade os velhos hábitos e conceitos materialistas-oportunistas-negacionistas, geradores de conflitos o que se considera resultado de uma educação ineficiente, alimentada pelo poderio econômico, os interesses políticos, na falsa crença de que todos devem estudar para

---

<sup>9</sup> É evidente que nesse contexto estava me referindo ao tempo de picos altos de casos de COVID-19, por exemplo, no Brasil como um todo em que a grande maioria das instituições de educação estavam fechadas para aulas e todo o trabalho docente era realizado em situação remota com professores, alunos e alunas de casa.

“Ter” algo na vida. Nessa perspectiva faz-se instrução e não educação. E, por fim, salienta-se que indivíduos instruídos, apenas, são os indivíduos “mal preparados” tanto pela educação familiar quanto acadêmica. Em consequência de uma educação que não imprime valores, é impositiva e mercantilista, não atende ao que normatiza a Constituição Federal Brasileira. (1988) e, em função disso e de outras questões elencadas em diversas oportunidades, reflete-se que a mudança que se propõe não é de hoje, ela vem de longe.

Platão (428 a.C.-347 a.C.) ao reforçar as ideias socráticas sobre a imortalidade da alma e sua independência do corpo físico, assinalou uma vertente de conhecimento filosófico que destravaria as engrenagens do poder temporal político-religioso. Poder este, mantenedor da hegemonia de uns sobre a maioria, engrenagem que prende os homens em ideologias escravizantes. Conforme aponta Alan Kardec (1804-1869), para Sócrates o espírito é um ser individual, que embebido de amor é capaz de grandes coisas. O amor, afirma o autor, é um Espírito Superior que preside ao amor maior, universal.

O amor que há de unir os homens por um laço fraternal é uma consequência dessa Teoria de Platão sobre o amor universal como Lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que “o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demônio”, isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, essa proposição foi lhe imputada como crime.(KARDEC, [1864], 2013, s/p).

Essas ideias de Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) e Platão, assim como de outros filósofos que vieram depois, foram muito criticadas, tidas como mentiras, negacionismo que ao longo da história promoveu inverdades, contrariando a ciência e aos filósofos, iniciando assim, o que hoje conhecemos como *fake news*. O termo norte-americano foi popularizado no Brasil a partir das eleições do ano de 2018, que elegeram o presidente Jair Messias Bolsonaro e dezenas de homens e mulheres, para distintos cargos públicos, sob a propagação de mensagens duvidosas que remetiam aos eleitores a mensagem de que “eles, sim” eram “pessoas de bem”, “pessoas de Deus”, “os salvadores” da Pátria e da família, se mantendo com apoio de inúmeras congregações religioso-evangélicas a hegemonia na rede, prática que gerou polêmicas veiculadas em várias partes do mundo.

Levando-se em conta a propensão dos eleitores que se deixam enredar por falsas promessas, entende-se que é preciso que haja uma ação educativa com a finalidade de obter êxito no desenvolvimento do indivíduo, visando a sua transformação. Nessa perspectiva, justifica-se o esforço em uma reflexão apurada sobre o contexto histórico político-econômico-social da atualidade, e a retomada no tempo, em linhas gerais, das ramificações ideológico-religiosas e seus tentáculos nos meios políticos e educacionais. Não se pode ignorar que tais instituições religiosas, afetadas pelo poder, promovem o aliciamento dos seus seguidores, por

isso é importante elencar que as alianças entre essas instituições e o poderio político mantiveram e mantêm as rédeas invisíveis de comando sobre a população, sobretudo, a mais carente e menos letrada.

Essa questão é bastante discutida por Pedro Demo, sobretudo, quando se trata da formação dos professores e o papel das universidades e sua atuação na formação dos profissionais. Formação que requer grandeza de pensamentos e sentimentos. Em *Os desafios Modernos da Educação* (1995), entre outras colocações, o autor elenca que é de fundamental importância que o ensino superior, enquanto espaço formal de educação, deve ter como “desafio central a produção de conhecimento próprio com qualidade formal e política, capaz de postá-la na vanguarda do desenvolvimento” (DEMO, 1995, p. 127). E, acrescenta-se que para que o estudante-professor tenha êxito, assim como seu discente, é preciso cuidar do desenvolvimento do aprender de dentro para fora, o que traz epistemologicamente o verdadeiro sentido de Educar.

No tocante ao autor e quanto às críticas feitas ao seu pensamento, pela grande maioria dos professores, convidados a estudá-lo nos últimos anos no Mato Grosso do Sul, leva-se em conta que ele pensa a partir do papel que o docente tem (deve ter) nos espaços que ocupa, sobretudo, como indivíduo que tem liberdade e que produz liberdade. Todos os docentes são livres para atuar como acham que devem? Assim deveria ser, mas é claro, há uma questão administrativa, questão de gestão. É preciso refletir sobre o papel docente: os professores têm vontade, gana de envolver-se em projetos ou os propõem para a equipe escolar? Será que esse/essa profissional não é uma luz atuando como fomentador ou fomentadora de mudança, como preconiza Demo? Os docentes são vítimas do sistema, assim como os estudantes, ou essa é mais uma das tantas ideias colonialistas, já que muitos docentes atuam na contramão do sistema, trabalhando em as piores condições e mesmo assim suas ações viabilizam mudanças? Cobra-se escrita, leitura dos estudantes e considera-se que a maioria não produz, como bem salienta Demo, na obra citada anteriormente. Mas é preciso perguntar-se: quantos por cento dos professores do estado do Mato Grosso do Sul (para ficar “em casa”) leem, produzem textos, escrevem projetos e os desenvolvem com regularidade? Quantos livros os professores leem por mês? Quantos artigos escrevem por bimestre? Em geral, os docentes participam de seminários, de cursos de formação continuada sem que seja a custo de convocação?

Teria razão Pedro Demo de cobrar envolvimento dos professores? Teriam os professores motivos para alegar que Pedro Demo está errado, justificando que o sistema não ajuda? Os docentes que saem da academia cheios de sonhos, recebem dela instrumentos para

dar conta das enormes dificuldades que é ter que ensinar indivíduos que não querem aprender? E se, para os estudantes, as salas de aulas pereçam prisões, se elas apresentam “condições difíceis” de tolerar? E se uma das condições seja o docente ter problemas e não conseguir, assim como os estudantes, esconder, ignorar? Se é difícil para os docentes não é também para os estudantes?

Enquanto isso não ficar claro, vamos continuar com a instrução sistêmica operada ano a ano colocando no mercado força de trabalho, mas não cidadãos efetivamente preparados para os desafios que a sociedade demanda. A instrução preconiza que os conhecimentos dos livros didáticos e outros materiais pedagógicos e metodológicos sejam repetidos, incansavelmente, aparelhando os estudantes para dar repostas treinadas, permanecendo eles à mercê das mensagens e notícias duvidosas, sem que tenham em si ferramentas de avaliação e ponderação relevantes de tudo o que vê, ouve e sente. O contrário também é verdadeiro, em se tratando da Pedagogia do Amor, conforme a expressão dada a ela por Eurípedes Barsanulfo, segundo apontamentos de Amui (2007, p. 27), para quem “A Pedagogia do Amor educa o Espírito. Tem seus princípios fundamentados na moral cristã, desenvolvida por Jesus (*o Nazareno* – grifo nosso) e sua aplicabilidade foi muito bem estruturada por Pestalozzi”.

Para esse fim, é função da Educação e dos educadores, das academias e das escolas desmistificarem essa gama de hibernação-mental coletiva e promover reações contrárias e permanentes. Com isso, espero que os leitores compreendam meu esforço em introduzir o tema, as finalidades que sustentam a minha escrita. E para justificar meus anseios, importante descrever eventos, vivências que impactaram a minha formação.

### **1.1 – MINHA INSPIRAÇÃO: histórias que ainda me comovem**

Justificando o projeto de Mestrado, as pesquisas *in loco* e os resultados aqui elencados, voltam-se os pensamentos e experiências escolares, fruto deste trabalho, e imagens fortes me vêm à mente. Algumas delas bem desagradáveis. Foi no chão de escola que aprendi o significado de palavras como racismo, preconceito, intolerância. Foi em bancos duros de salas de aula que aprendi, enquanto estudante, a ser professora. Estudante de escola pública durante o regime militar, em um tempo em que os estudantes tinham medo de seus professores, tive o privilégio de conhecer alguns profissionais afetuosos. Mas tive também

professores carrascos, indiferentes. É preciso dizer que naquele tempo os professores não tinham formação acadêmica para lecionar e alguns deles calcavam nos estudantes suas inseguranças, seus medos e preconceitos. Quanto mais medrosos e inseguros eram, mais os estudantes sofriam em suas mãos.

Percebe-se ainda hoje resquícios desse modelo na chamada educação e práticas tradicionais. Substituiu-se a agressão física pela psicológica e moral, de estudante para estudante de estudante para professor, de professor para aluno e de professor para professor. Apesar disso, tenho a felicidade de estar em sala de aula num tempo em que se pensa liberdade e autonomia para estudantes e professores. Nem sempre foi assim, por isso escolhi das centenas de experiências, quatro que me impactaram profundamente, desde que eu era estudante do ensino fundamental, até os dias atuais. Devo iniciar, no entanto, esclarecendo que por motivos óbvios, os nomes das pessoas aqui referenciadas foram trocados.

Em 2018, trabalhando na Escola de Aatoria Professora Clarinda Mendes de Aquino conheci alguns estudantes com necessidades especiais. Todos eles marcaram minha vida, mas escolhi falar do Luiz Enrique da Silva, codinome “Pelé”, porque ele representa a maioria dos estudantes das escolas públicas de periferia no Brasil: adolescente negro, pobre, com dificuldades de aprendizagem, chegou ao Ensino Médio sem ser alfabetizado. É bem verdade que o poder aquisitivo nem sempre determina o que alguém é ou vai ser. Também é verdade que as pessoas que rodeiam esse alguém podem ser determinantes na sua formação. Espero, por isso, que os Luiz-Henriques que existem por aí tenham olhares amorosos por si.

Luiz Enrique é do tipo fanfarrão, conversador, agitado. Percebi desde o início das aulas que ele era rápido de raciocínio, simpático, além de ter liderança (entendida como sendo formador de grupos da indisciplina), portanto, várias habilidades se faziam presentes nele, o que me levava a uma questão: por que ele era barulhento, agitado? Haveria de ter um motivo para ele chamar a atenção. Ou seria para desviar a atenção? Por quê? Aos poucos, observando a turma, estudando o comportamento dos alunos em início de ano letivo, conversando com eles mais de perto, percebi que Luiz Enrique da Silva não só não era alfabetizado, como não identificava nenhuma letra do alfabeto. Era um copista. Levei um tempo nessa investigação, pois o garoto era “escorregadio”, mais de um mês e meio para convencê-lo, em conversas particulares, a aceitar ajuda.

E propus ações específicas para trabalhar com ele, ao mesmo tempo, montei um projeto pedagógico interdisciplinar, levando em conta as habilidades socioemocionais para trabalhar com toda a turma, pesquisando e discutindo sobre neurociência, especificidades,

empatia, múltiplas inteligências, de modo que ele e outros colegas, com problemas relativos, tivessem apoio de pedagogas, sem sofrerem *bullying* no ambiente escolar.

Assim, o caso foi encaminhado para a gestão, que buscou na família as informações necessárias (pois ele não tinha laudo na escola), e à Secretaria de Estado de Educação, que enviou professora de apoio para ele e outros colegas em semelhante situação. Luiz Enrique me fez pensar muito na “qualidade de ensino” que temos no país. Temos bons professores no Ensino Fundamental, o currículo é o mesmo para todas as escolas, então, por que alguns alunos avançam e outros não? Talvez, exatamente, por que o currículo seja o mesmo para todos os estudantes. Quem sabe o problema sejam as salas muito cheias. E o professor não tenha tempo para atender mais individualmente seus discentes. Com certeza um pouco de cada situação que é imposta pelo sistema, modelo que temos que aprender a vencer, mesmo que seja com ações pontuais.

Ações que devem servir para se descobrir os meninos como o Luiz Henrique. Estudante negro, risonho, simpático, barulhento. Não tinha como não me comover e me encantar. Nele tudo me intrigava. Como alguém com esse feitio interior não encantou outros professores como encantou a mim? Como ele pudera estudar nove anos no ensino fundamental e chegar ao ensino médio analfabeto? Estas e outras questões eram discutidas com colegas. Dentre eles, alguns que não compartilhavam das minhas ideias, considerando-me protecionista. Isso foi mudando à medida que o estudante passou a aceitar ajuda da professora de apoio e a avançar.

Outra medida tida como “antipática” foi a resolução de adaptar as atividades do estudante. Já tínhamos estudantes com deficiências físicas que exigiam esse tipo de atendimento. Mas Luiz Enrique e outros colegas que acabavam de chegar à escola não aparentavam nenhum sinal de deficiência, até que descobrimos que não eram alfabetizados. Opa! Algo que aprendi ao longo da vida é que não há fogo sem fumaça. O estudante que pende totalmente para um extremo, apresenta algum tipo de problema e requer cuidado e intervenção. Não há maus alunos. O que há são alunos com problemas íntimos: insatisfação, vergonha, mágoa, solidão, tristeza, raiva. Sintomas de “doenças” da alma. São pessoas desajustadas em ambientes de conflitos. Almas doloridas representam distúrbios muito comuns em salas de aula. Mas o que se pode fazer se o conceito de educação que cerca os meios escolares é acompanhado de elementos instrucionais? Como trabalhar esses conflitos se não enxergamos além do corpo físico, e esses nem sempre são simpáticos aos olhos dos docentes?

Portanto, o corpo que habitamos não está mais circunscrito aos mesmos espaços formais onde, desde que fomos colonizados, vestiu-se “índios”, colocaram-se correntes nos “pretos” e encapuzaram com chapéus de palha o homem do campo como se esse fosse um “jacu”. Quer dizer: aos corpos fora dos padrões modernos e pós-modernos (estou pensando em corpos latino-americanos em pleno século XXI) foram lhes dado os direitos de serem coadjuvantes de histórias locais que apenas serviriam para consolidar a manutenção de uma história universal como projeto global. (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 76).

Isso me fez compreender os muitos questionamentos levantados como: se ele não aprende por que vamos perder tempo? Como vamos avaliar o aluno se ele não acompanha a turma? E como ficam os conteúdos? De fato, levou tempo para trabalhar argumentos como a própria BNCC (2017) e a sugestão do desenvolvimento das competências e habilidades. Os professores sempre foram estimulados a serem conteudistas. A aplicarem conteúdos, sem refletir sobre qual ou quais habilidades esses conteúdos contemplam no estudante. O estudante com dificuldades pode não atingir o grau de conhecimento dos colegas, mas vai desenvolver competências para agir de acordo com o que o contexto em que está inserido exige. Será mais participativo e reflexivo nas ações interpessoais. Poderá dar conta de assumir cargos e realizar atividades que lhe forem designadas. Pode ser um homem (ou uma mulher) produtivo(a) e bem resolvido(a). O que não se pode fazer é negar a esse(a) estudante a oportunidade de crescimento por que ele tem dificuldades cognitivas de aprendizagem.

Na escola, nas academias ou nos espaços expositivos os corpos são controlados a fim de manutenção de um padrão de aprender, na forma perfeita de ser corpo ou para serem corpos em exposição em situação de beleza perfeita. Contudo, até mesmo o pensamento e a epistemologia fronteiriços são impedidos de “criarem” corpos *outros* em situação de interioridade ao pensamento moderno europeu em manutenção através da imposição da globalização estadunidense. (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 77).

Mas voltando às experiências com o Luiz Henrique, minhas expectativas foram superadas. No final do ano, tanto ele quanto os estudantes com laudos estavam lendo, alguns mais outros menos, mas avançando. O estudante era o que tinha mais dificuldades, porém, levou-se em conta não só o aprendizado cognitivo, mas o desenvolvimento de habilidades e competências. Assim o aluno e seus colegas sentiram-se confortáveis, produtivos, estudando com afinco, com segurança, obtendo bons resultados. Tudo no Luiz Enrique mudou, inclusive o sorriso. Este agora passou a ser confiante, pois ele desenvolveu autoestima e dentro daquilo que lhe é possível, avançou visivelmente.

Foi também na sala de aula que vi pela primeira vez uma cena chocante, cena de maus tratos, preconceito, que nunca saíram da minha tela mental: o *bullying* de um professor para com uma aluna. Experiência traumatizante do meu tempo de estudante do ensino fundamental (primário). Novata na escola, não conhecia nem o professor, nem os colegas, mas “de cara”

simpatizei com a Irani (cujo sobrenome não lembro, afinal lá se vão mais de cinquenta anos). Além dos nomes parecidos, tínhamos amizade no olhar e amor no coração como semelhança. Negra, magra, alta, pobre, minha amiga era o “saco de pancadas” do professor: loiro, olhos verdes, estilo europeu.

Um dia o professor Salvador Cristhofer chegou na escola mais mal-humorado que de costume. Ao entrar, ele não perdoou Irani, porque ela sorria. A menina ganhara de presente dos pais um par de brincos. Ela era naquele momento, aparentemente, o único momento da sua vida até ali, a criatura mais feliz do mundo. Tinha algo que fazia dela uma igual às outras. Causava admiração. Ela apenas sorria; não esboçava nenhum gesto, nenhum som, mas estava bem e isso incomodou profundamente nosso professor “emocionalmente desajustado”. Nesse ponto, o que devo pensar? Que o tal professor não teve bons professores, não foi educado no lar, como se supõe que seja uma educação familiar: minimamente ética. Hoje vejo na figura do Salvador uma vítima da educação preconceituosa e materialista.

O professor retirou do bolso o seu lenço, molhou um pouco uma das pontas, dirigiu-se à carteira em que eu e Irani sentávamos. Acusou-a de estar com as orelhas sujas e passou a esfregar o lenço com força, falando alto, que iria “limpar aquelas orelhas imundas de menina suja, preta, encardida”. Não sei por quanto tempo ele ficou ali esfregando o lenço nas orelhas dela. Enquanto o sangue escorria, lágrimas silenciosas escorriam naquela face para mim tão querida. O tempo escorria e o silêncio cortava o coração da gente. Eu era muito pequena, mas me agarrei nos braços daquele homem, pedindo misericórdia. Ele soltou minha amiga com um safanão, e me colocou em pé, de castigo, virada para a parede, durante longas horas. Foi minha primeira resistência. Enquanto a aula seguia, eu planejava uma rebelião contra o professor e contava com o apoio de minha mãe para isso.

[...] na arte o corpo que dança e atua, por exemplo, não pensa; na cultura o corpo da mulher não produz conhecimentos, por que aquele pensamento hegemônico delegou esse direito/dever apenas ao homem; na economia o corpo que tem poder é o corpo do centro sobre os muitos corpos marginais; na política, quem dita leis são os corpos políticos dos homens e nunca a mulher que não tem voz ou vez e menos ainda tem direito à política, e, igualmente, na educação o corpo que aprende e ensina é o corpo branco, fático e eurocêntrico em detrimento dos outros muitos corpos: indígena, negro e mulato, para lembrarmos-nos apenas dos corpos da diferença colonial que compõem a formação brasileira, que não são gentes, e obedecem (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 82-83).

Aos corpos das diferenças, mesmo dentro da escola, muitas vezes, restam ficar paralisados vendo/sendo agredidos. Assim, convencendo minha mãe a ir à escola e denunciar o professor para a gestora, no mesmo dia iniciei minha vida de ativista, aos nove anos de idade. Irani não participou das minhas lutas em favor de uma educação mais humana, menos

humilhante. Ela ficou semanas sem ir à escola, pois suas orelhas inflamaram, incharam, tivera que tirar os brincos, mais tarde foi tirada da escola por que a escola não tinha muito a oferecer nem para ela, nem para sua família. Nunca mais soube nada da minha amiga. Essa experiência nos leva a outra, muitos anos depois.

Carlos Marin Damasceno estudava no 5º Ano, em 1986. Negro, pobre, o mais velho entre sete irmãos. Tinha o dia e a noite, um barraco para morar e uma mãe trabalhadeira, mas muito atarefada, que dava duro na vida para criar a prole sozinha. Os irmãos estudavam durante o dia, ele à noite, pois ajudava a mãe com pequenos serviços. O estudante era alto, magro, muito bonito. Chamava a atenção das meninas, mas não se atrevia a atravessar os limites “de classe”. Revoltado, não ouvia as pessoas, pois estava sempre se defendendo.

Infelizmente, os profissionais daquele tempo não sabiam como lidar com garotos “desajustados”, os meninos e meninas que tinham a alma dolorida. Volta e meia o estudante era suspenso e isso em nada ajudava sua formação. Um dia, Carlos se desentendeu com um colega e gritou na sala; enfureceu-se com o professor que pediu silêncio, falou um palavrão e foi suspenso. Nunca mais voltou. E não ficou vivo para contar o porquê estava tão magoado naquele dia. Morreu pouco tempo depois, ao, supostamente, praticar um delito que não justificou seu assassinato.

Desde então passei a questionar: por que a vida escolar é tão punitiva com os que já chegam a ela sem alegria, com medo, sem esperança e com mais preocupações do que suas poucas idades conseguem aguentar? As escolas, de modo geral, classificam por cima os estudantes, enquanto que o público que realmente precisa dela não tem o apoio no lar, o equilíbrio familiar, apoio psicológico, muitas vezes nem a simpatia dos seus pares na comunidade escolar, para colocá-los em pé de igualdade com os outros estudantes que vêm de realidades muito diversas: “[...] diversas e controversas, às vezes, culturas, necessariamente, devem ser diluídas [...] *diversalmente* (faço aqui menção ao conceito de *diversalidade* do Mignolo (2003)) que está na ordem das diferenças coloniais tratadas na horizontalidade.” (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 99).

Portanto, depois disso tudo colocado, deixo neste trabalho relatos de como ficaram em mim registrados o sorriso do Luiz Henrique, as lágrimas da Irani e a deserção do Carlos M. Damasceno, infelizmente. A eles dedico minha pesquisa de Mestrado e minha Dissertação. São estudantes como eles que me motivam e me levam a querer escolas melhores, melhores profissionais da educação, para “sarrar” as ações e os sentimentos “adoecidos” dos estudantes, por uma sociedade consumista e injusta. Trabalho com vistas a que meus estudantes, num

futuro próximo, façam a diferença nos espaços que ocuparem, independente do lugar onde nasceram, das comunidades que frequentaram, das condições familiares, pois a escola deve ser para eles o ponto de apoio, de partida e de chegada às concepções equilibradoras da vida. Esclarece-se Bessa-Oliveira ao falar da Educação ainda hoje mais problemática com a pandemia:

É sabido que cerca de 70% de brasileiros e brasileiras, se não mais, sequer têm contato com o chamado meio real de acesso à Arte, a Cultura e a Educação por meio das tecnologias: imaginemos, pois, esses e essas terem acessos ao chamado ambiente virtual/midiático/tecnológico que demanda todas as estruturas aqui listadas antes e outras que me escapam agora para terem acesso à Educação?! (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 1967).

Considero assim, que como estudante aprendi a ser professora. E aprendi que alguns de nós, ao contato com as dificuldades inerentes ao ato de ensinar e aprender, nos tornamos indiferentes, frios. Mais ou menos o que ocorre com os trabalhadores da saúde pública. De tanto ver a dor impressa no seu ambiente de trabalho, mais mascarada se tornam suas ações frente a elas. Uma forma de se autoprotger das emoções. Há algo de contraditório aqui, pois a sensibilidade e as emoções são salutares para quem lida com vidas, seja no campo da saúde ou da educação. Ambas têm como desafio diário cuidar de corpos, sejam eles físicos ou espirituais. São vertentes de um mesmo indivíduo e um não se dissocia do outro, a não ser na hora do seu desencarne (da morte). Mas isso é assunto para outro momento, estando ele no campo das ciências humanas, mas também no mundo da psicologia, da física e da filosofia. E como já foi dito, o trabalho não abrange todos os conceitos da filosofia espírita, muito embora estejam esses conceitos epistemologicamente reconhecidos cientificamente.

Faço essas considerações levando em conta meus estudantes com dificuldades de aprendizagem. Mas também os estudantes com “dificuldades” comportamentais, que é um outro nível de “deficiência” (ou eficiência), para a qual a maioria dos profissionais da educação ainda não são preparados, pois são problemas apresentados por indivíduos que não têm laudos médicos. Não foram detectadas neles nenhuma “falha” de ordem psicológica ou biológica. Portanto, não há ninguém dizendo aos professores como lidar com esses estudantes. Os seus “desequilíbrios” estão em outras instâncias de “corpos”, dos vários que os indivíduos têm além do físico: psicológico, sociocultural, emocional, espiritual. E me permito, nesse aspecto, assegurar, com base em anos de experiência, que esse é um dos grandes problemas da educação, sobretudo da educação básica.

Nesse sentido, verifica-se no texto *Distúrbios de aprendizagem*, de Stephen Brian Sulkes (2020), que a dificuldade de aprendizagem e baixo rendimento escolar podem estar

ligados a vários fatores, sendo um deles o distúrbio do neurodesenvolvimento. De acordo com Tanya Froehlich; Bruce Lanphear; Jeffery Epstein; William Barbaresi; Slavica Katusic e Robert S Kahn (2007 *apud* MSD, 2021, p. 1), que pode envolver “disfunção da atenção, da memória, da percepção, da linguagem, da solução de problemas ou da interação social”. E este último, pode ser o problema em grande parte dos estudantes das escolas públicas, pois há entre eles um grande número de estudantes sem atenção adequada dos pais, porque eles trabalham muito. Outros oriundos de famílias sustentadas por avós, faltando um dos pais em casa, e também, decorre do isolamento dos indivíduos, no lar, por conta da tecnologia, mais recentemente, por causa da pandemia.

Esses distúrbios podem ser leves e de fácil controle com intervenções comportamentais e educacionais, “podendo ser distúrbios mais graves ou menos graves, inclusive, levando as crianças afetadas a precisar de apoio” (MSD, 2021, p. 1). Ocorre que em dimensão menos grave e sem laudos os estudantes podem ficar à margem do conhecimento, e os baixos rendimentos escolares podem se perpetuar na vida delas. “Os distúrbios de aprendizagem envolvem uma incapacidade de adquirir, reter ou usar habilidades ou informações gerais, o que resulta de dificuldades com a atenção, com a memória ou com o raciocínio e afeta o desempenho acadêmico” (MSD, 2021, p. 1).

Sendo o termo distúrbio de aprendizagem o mesmo que distúrbio do desenvolvimento, segundo o *Manual MSD: Versão para Profissionais de Saúde* (2021), é uma anomalia que consiste em problemas neurológicos sujeitos à interferência na aquisição e retenção dos conteúdos estudados. Os estudantes que apresentam essas dificuldades, têm, conforme cita o autor, diminuída a aplicação de habilidades ou conjuntos de informações que lhes chegam, tendo inibido assim, o desenvolvimento da aprendizagem. Daí o papel do docente, observar as especificidades, procurando focar em outras habilidades e competências que esses estudantes podem ter ou desenvolver, que vão melhorar as suas condições de vida tanto escolar como social comunitária.

Ainda sobre os distúrbios, Sulkes (2020) considera que as crianças podem nascer com eles ou desenvolvê-los à medida que crescem. As causas não são de todo conhecidas, porém, aventa-se que sejam oriundas de:

[...] doença da mãe ou uso de drogas tóxicas pela mãe durante a gravidez, complicações durante a gravidez ou parto (por exemplo, pré-eclâmpsia ou trabalho de parto prolongado) e problemas com o recém-nascido no momento do parto (por exemplo, prematuridade, baixo peso ao nascimento, icterícia grave ou pós-maturidade). Após o nascimento, possíveis fatores incluem exposição a toxinas ambientais como chumbo, infecções do sistema nervoso central, cânceres e seus

tratamentos, desnutrição e isolamento social grave ou abuso ou negligência emocional (SULKES, 2020, p. 1).

Por conseguinte, prevalecem as condições difíceis que a maioria dos estudantes (em especial de escolas públicas) enfrentam devido a vários fatores sociocultural e econômico das famílias, incluindo alimentação deficitária, menos qualidade de vida (lazer, esporte, arte), baixa estima, a dor causada pelo *bullying*, o enfrentamento ao preconceito, à violência doméstica só para citar alguns dos elementos que interferem na vida e no desenvolvimento dos estudantes. E isso todo educador sabe, pois é corriqueiro versar sobre isso no chão de escola.

Não canso de me surpreender com o chão de escola. Diante do depoimento de um estudante de quinze anos, senti-me profundamente entristecida com essa tal educação, educadores. Certamente que a *Pedagogia do Amor*, esclarece, enobrece, acolhe. E ao se sentir “abraçado”, respeitado, naquela aula, o estudante relatou sua experiência. Aqui identificado como Sérgio Porto, afrodescendente, teria ele se envolvido em uma situação, que sabemos, não é exceção no meio escolar. Segundo o estudante, passou por um processo de violência psicológica, social e moral (*Bullying*) por cerca de dois anos, na escola que estudara antes de vir parar em minha sala de sétimo Ano. O aluno relatou que, apesar das reclamações, não conseguiu ser ouvido por seus pais, nem pelos educadores à época. Esse processo reforça a ideia de que o *bullying* pode ser silencioso, pois as vítimas nem sempre conseguem comprovar o drama a que estão expostos. Assim, sentem-se sós, sem a rede de apoio que deve ser a família e a comunidade escolar, inicialmente. Em consequência, elas sofrem duplamente: pela agressão e pela silenciosidade dos adultos.

Conforme relatou o estudante, entendendo que ninguém faria nada por ele e “cansado de sofrer nas mãos do agressor”, certo dia perdeu o controle e o agrediu “loucamente”. Como resultado, o agressor teve o nariz quebrado e outras lacerações pelo rosto e corpo. E devido à vítima praticar boxe, com 12 anos de idade na ocasião, foi a ele imputado a pena de dois anos no “reformatório”. Apesar da dolorosa revelação, foram duas aulas de emoção, de verdades, de olhos no olhos e de esclarecimentos entre colegas, professora e vice-versa.

Portanto, ao final, os estudantes demonstraram terem adquirido consciência da gravidade do colega. Seus olhos os denunciaram, agora sim, sabiam que culpar uma pessoa, ridicularizar, ofender, agredir de qualquer forma, por causa do corpo dela, da cor da pele, do gênero, da altura, da roupa que usa, da etnia, no mínimo é uma estupidez. Em consequência, houve entendimento geral, de que ao desrespeitar o outro, fere-se a Alma do outro, abrigo dos

temporais, mas também do perdão e da tolerância. Sabendo que a alma não tem cor, não tem sexo, não tem tamanho, que é uma energia vital, mudam os conceitos dos estudantes acerca das diferenças.

Essa proposta de educação integral esclarece o indivíduo e amplia a sua consciência, de modo que os estudantes veem com naturalidade essa dualidade, desse modo passando a manifestar respeito pelo outro e a contemplar a si mesmo como um Ser de horizontes além da esfera física, agigantando-se. Nesse contexto, a definição de alma como corpo espiritual ganha relevância, pois os indivíduos encontram a si mesmos, quando percebem o outro em sua integralidade, compreende-se, compreendendo também o outro, desenvolvendo, portanto, empatia e solidariedade.

Segundo a tradução de Pires (1975 [1867] p. 90), do *Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, na tentativa de conceituar a matéria de que é feito o Espírito (alma), usa da prerrogativa do questionamento acerca da falta de termos apropriados para tanto; no entanto, nos dá uma ideia dos elementos que o compõem.

Como podemos definir uma coisa, quando não dispomos de termos de comparação e usamos uma linguagem insuficiente? Um cego de nascença pode definir a luz? Imaterial não é o termo adequado; incorpóreo seria mais exato; pois deves compreender que, sendo uma criação, O Espírito *ou alma* deve ser alguma coisa. É uma matéria quintessenciada para a qual não dispomos de analogia, é tão eterizada, que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.

Ainda nessa perspectiva, é notório que a pandemia trouxe situações inusitadas e bastante difíceis de se enfrentar. Aumentaram os índices de depressão entre os estudantes, o suicídio que já era muito alto no Mato Grosso do Sul, teve em 2020 um aumento de cerca de 112%, apontado por um órgão oficial de comunicação, da capital do estado. A matéria de capa do *Jornal Campo Grande News*, de 23/06/2020, sintetiza essa estatística: "Suicídios crescem 112% na Capital e matam mais que assassinatos" (KEMPFER, 2020, p. 1). E, assim como, aumentaram os números das violências domésticas, devido ao isolamento social, em 2021, muito provavelmente, o número de suicídios também deve aumentar. De modo geral, os indivíduos não estão preparados para viverem em reclusão. Soma-se a isso o fator desemprego alto desencadeador de dificuldades nas relações familiares.

Sabe-se que a pandemia já matou no Brasil mais de meio milhão de pessoas. E que as vacinas chegam de forma lenta; que os jovens continuam provocando aglomeração. Entre outras coisas por que o chefe da nação é a favor da contaminação de rebanho, ou seja, supostamente, quanto maior o número de infectados, mais rápido a população estará imune. O que não se explica para a população é que os infectados serão os menos privilegiados

economicamente, pais e avós dos nossos estudantes. Se de um lado vê-se o negacionismo à ciência infiltrado nas diversas camadas sociais, de outro desponta a educação como meio para se aventar respostas a tantas questões de foro ético.

O surto viral pulveriza este senso comum e evapora a segurança de um dia para o outro. Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. A tragédia é que neste caso a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros é isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos. É uma estranha comunhão de destinos. Não serão possíveis outras? (SANTOS, 2020, p. 7).

Nesse sentido devemos considerar que a maioria dos estudantes não têm os recursos tecnológicos para acompanharem as aulas remotas. Entre os que têm os recursos, preferem não participar, estão desmotivados ou foram para o mercado de trabalho (no caso dos estudantes do ensino médio). E os docentes se veem em polvorosa para dar conta do aprendizado de todos, inclusive de si mesmo, já que a pandemia tirou todos da zona de conforto. Segundo Boaventura de Souza Santos (2020), em *A cruel Pedagogia do Vírus* mais uma vez, a pandemia mostra duas facetas distintas: os que têm e os que não têm como se proteger ou pelo menos minorar as atuais condições socioemocional-psicológicas.

A rigidez aparente das soluções sociais cria nas classes que tiram mais proveito delas um estranho sentimento de segurança. É certo que sobra sempre alguma insegurança, mas há meios e recursos para minimizar, seja, eles os cuidados médicos, as apólices de seguro, os serviços de empresas de segurança, a terapia psicológica, as academias de ginásticas (SANTOS, 2020, p. 6).

Frente ao exposto, devo dizer que meu lugar de fala é a sala de aula. Salas de aulas de escolas públicas de periferia. Ambientes que remetem ao meu tempo de estudante. Alunos que me lembram a minha infância, minha adolescência, minha juventude. Minhas salas de aulas estão cheias de estudantes frágeis, fortes, carentes, bem resolvidos, medrosos, corajosos, agressivos, calmos, alegres, infelizes, indígenas, negros, brancos, pardos, ricos, pobres, gays, lésbicas. Minhas salas de aulas são um universo talhado para grandes empreendimentos na formação humana. É nesse ambiente que melhor me realizo, no qual sempre vejo grandes oportunidades, é onde minhas expectativas são, invariavelmente, alcançadas. É nesse ambiente, povoado de alegrias e esperanças, de tristezas e de sonhos, de medos e de algazaras que meu querer rebelde de melhorar o mundo se acentua a cada dia.

Aqui abro um aparte, para confessar que cometi erros ao longo da vida. Muitos deles por desinformação, outros tantos por rebeldia, mas nenhum deles foi tão providencial quanto o de deixar a sala de aula num momento crucial da minha existência. Pois o fiz por desalento com a educação, mas também por não conseguir conciliar o grande volume de aulas com a educação dos filhos. Eu não conseguia, naquele tempo, resolver os problemas dos alunos em

sala, apenas, e despencava para as residências dos pais, para engendrar conversas e incentivar as famílias ao diálogo e demonstração de afeto para com os filhos. Isso é loucura, não? Mas era assim, não me desvinculava do trabalho. Falta talvez de maturidade, de resiliência ou excesso de zelo.

Nesse período, os filhos eram as criaturas primeiras com as quais tinha grandes responsabilidades. E, embora tenha deixado o ambiente escolar, de certa forma nunca deixei de atuar na educação, pois sempre estive envolvida com trabalhos sociais de atendimento às crianças, adolescentes e jovens em situação de risco. E, depois, trabalhando por longo período na imprensa, pude constatar o alto índice desse público envolvido com crimes e atos infracionais, fazendo uso de drogas lícitas e ilícitas, com depressão, cometendo suicídio.

Constata-se que grande parte desses indivíduos advém da exclusão do sistema educacional. São meninos e meninas que não encontram amparo nas famílias, nem na escola, e encontram nas ruas favorecedores de desvios de condutas que os levam a derrocadas em plena fase que é própria para o desenvolvimento e formação. Isso está posto pelos meios de comunicação, diariamente, é fato.

Sabe-se que mudança nesse sentido exige ousadia, perseverança, pois o contexto social está marcado por crenças e ações imbecilizantes e isso faz prosperar os índices cada vez maiores do aumento da pobreza, do feminicídio, do suicídio, do preconceito de todo tipo, o *bullying*. E o consumo desmedido dá o tom que acentuam ainda mais as diferenças. Todos querem consumir os mesmos objetos, pois esses encham os olhos (independente da realidade financeira que tenham), mantendo vazios os corações. Todas são ações que geram impacto nas cadeias e presídios, cada dia mais lotados, sem se prestar ao fim a que se destinam que é a ressocialização das pessoas. Conforme Mattos, no artigo publicado em 2012 e intitulado “*Inclusão/exclusão escolar e a afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares*”. Mostra disso é que o Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal organizou uma apostila com “orientações para a atuação profissional frente a situações de suicídio e automutilação” (CRP/DF, 2020, p. 10), inclusive citando dados estatísticos do Mato Grosso do Sul.

Vale mencionar que os especialistas abordam o tema como epidemiologia, cujas anomalias características estão nos sentimentos e motivações do comportamento suicida.

[...] partir da epidemiologia, identidades, comportamentos e situações que aumentam as chances de suicídio. São fenômenos diferentes, que incluem etapas do ciclo de vida, raça e etnia, histórico de tentativas, diagnósticos psiquiátricos e a relação das pessoas com o trabalho. A epidemiologia nos permite compreender a relação entre

esses fatores e o sofrimento psíquico intenso que pode levar ao autoextermínio (CRP/DF, 2020, p. 10).

Nesse sentido, entende-se que a exclusão escolar tem efeito maléfico para os estudantes, já que a escola, com todos os problemas que têm, está aparatada de instrumentos de observação e encaminhamento desses indivíduos, para tratamento por profissionais da saúde ou algo que o valha. Traz-se à tona a questão da exclusão, por isso é de bom tom traçar uma linha entre este e seu oposto que é a inclusão escolar. O conceito de exclusão tem uma relação dialética à inclusão. Isso demonstra que falamos em inclusão social, escolar e familiar, porque compreendemos que há o oposto: a exclusão. Portanto, depreende-se que esse fator opera uma série de desajustes e problemas de ordem social, de saúde, cultural também, por conta da incompreensão das manifestações nos sujeitos, das diversas dimensões da solidão, das necessidades básicas de conhecimento sobre si mesmo, e da dor causada em função da exclusão.

Considerando os excluídos e dissertando sobre a natureza humana Lybio Magalhães (1996) se apropria do pensamento do bioquímico Harrison Brow, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, para refletir sobre a possível perversidade humana. Para o autor a sociedade cria os mitos do nosso tempo, causada em boa parte por ignorância (desconhecimento). E de certa forma nos completa o pensamento:

o homem seria capaz de criar um mundo no qual todos pudéssemos viver livres, com mais abundância e de maneira mais criativa. No entanto, poucos se revelam otimistas: a maioria encara o futuro com mais apreensão do que esperança. E isso ocorre numa época em que a raça humana tem mais poder, mais potencialidade. São incontáveis os problemas de cunho sociopolítico que por falta de solução viram mitos. Alguns deles dizem respeito à natureza humana (MAGALHÃES, 1996, p. 33).

Ainda conforme o raciocínio de Magalhães (1996, p. 33) retoricamente: “Seremos criaturas desagradáveis, nefastas, egoístas?”, logo à frente o próprio autor argumenta que “a história dos nossos antepassados paleolíticos, que constitui 80% da experiência humana, demonstra o contrário”. Ele defende que o ser humano não nasce com instinto de agressão e egoísmo e cita “a extraordinária descoberta, em 1971, dos Tassaday – uma tribo de 27 homens da Idade da Pedra, que durante seis séculos viveu isolada ao sul da Ilha Mindanao, nas Filipinas, confirma essa tese.”

Caracterizava aqueles homens a total ausência de agressividade. Não constavam do seu vocabulário expressões para designar armas, ódio, hostilidade, guerra etc. Usavam a faca filipina para agenciar comida, cortar lenha, abrir clareiras e picadas nas matas. Dispensavam o uso de arco e flecha que em nada ajudavam (MAGALHÃES, 1996, p. 34)

Na obra *Ciência e Vida: Luz do Espiritismo*, Magalhães menciona que por tudo o que

foi relatado, conclui que o ser humano aprende com as experiências, com as motivações, daí nossos opiniões se encontram, no tocante à exclusão, pois o que esperar de indivíduos que nascem para amar e serem amados, mas não encontram essa conexão nos espaços por onde circulam? Vale lembrar diz o autor, “que o insigne Decodificador do Espiritismo, Allan Kardec, ensina em “Os Livros dos Espíritos”, desde 1857, que somos criados simples e ignorantes e, conforme sentenciou Jesus: “Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.” (Mateus 16:2).

Isso, no entanto, não nos desobriga à solidariedade, à presteza de afeto, pelo contrário, nos conclama, principalmente, aos docentes a fazer nossa parte no serviço do esclarecimento das almas, que passam por nossas “mãos”. Pois se cada um é responsável por si mesmo, cabe aos tutores, professores, que façam o melhor, para reter o maior tempo possível, os estudantes em ambientação de acolhimento e produção de conhecimento.

Relatando diariamente, na imprensa, fatos infelizes que envolvem esse público, revigorou-se em mim o “amor compromisso”, a vontade de desenvolver o meu projeto de vida. Assim, voltei para a sala de aula da qual havia me afastado há anos. E ao fazer essa inversão, tomei algumas decisões, levando-se em conta as minhas experiências com escolas e com os paradigmas socioculturais e políticos que envolvem a vida da população, das políticas públicas e a falta delas, especialmente da população em fase de crescimento e formação. Para fazer diferente, inevitavelmente, tive que ser “do contra”, pois como dizia minha mãe: *para ser como todos, não precisa fazer esforço, apenas seguir a fila*. Assim, na chamada terceira idade, depois de anos de atividade na área da comunicação, voltei para os meninos e as meninas que enchem meu espírito de alegria e coragem.

Como argumento em defesa das minhas escolhas profissionais (jornalismo e educação), devo dizer que nos meios de comunicação conheci o melhor e o pior nos “homens”, a grandeza dos feitos e também a miséria a que estão relegados os excluídos. Por consequência, o que me fez retornar para a sala de aula é a constatação de que para melhorar o mundo, não há outros meios que não seja pelo chão de escola (de lar), espaço de acolhimento e cuidado. O compromisso dos educadores é com o investimento de tempo, paciência, estudo e sabedoria no trato com a educação de crianças e adolescentes. Na imprensa, então, eu mostrava o resultado das mazelas; como professora contribuo para a melhora das expectativas dos estudantes, investindo na vida com qualidade.

Dessa forma, entendendo que para se pensar a educação dos estudantes, convém dar enfoque para o sujeito e seu espaço íntimo, espaço de atuação do professor, e sendo a

atividade pedagógica o trabalho do sujeito-orientador, necessário se faz que esse sujeito (re)conheça todos os conceitos e manifestações da vida humana, para que, em se tratando de mudança estrutural da sociedade, tenha parâmetros a serem seguidos sistematicamente na efetivação do seu labor junto à clientela formadora do corpo-coletivo, a sociedade.

Para tanto, faz-se necessário que a academia conheça e estimule pesquisas de tendências pedagógicas estruturadas no afeto (atributo do espírito) como bem colocaram Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), Paulo Freire (1921-1997) e Hippolyte Léon Denizard Rivail, vulgo Allan Kardec (1804-1869), referências chaves deste trabalho, pois que pensam o sujeito na integralidade.

Esses autores se completam à medida que estimulam o educador a pensar no desenvolvimento de dentro para fora, criando ambiente favorável por meio das relações afetivas nos ambientes escolares, sobretudo, nas salas de aula, de forma a impactar positivamente os docentes, visando eficiência no processo de uma formação cidadã comprometida com a coletividade. O professor deve imprimir no seu trabalho uma abordagem teórica fenomenológica-existencialista, metodologicamente descolonial, para atingir mais profundamente o sujeito-aluno, viabilizando concretude na formação de seu caráter, em cujo escopo estão todos os sujeitos: o pai, o estudante, o professor, o político, a pessoa razão da existência da educação e desta reflexão, pois

É preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem decência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1997, p. 25).

Cabe, portanto, discutir uma educação enquanto instrumento que dê “asas” aos estudantes, tanto quanto aos professores; que seja emancipatória não apenas no sentido da formação acadêmica de excelência, mas de uma formação de seres humanos capacitados para gerirem suas vidas, enfrentar dificuldades e resolverem seus problemas. Uma educação que permita aos sujeitos atuarem, efetivamente, na construção de espaços de convivência coletiva mais humanitária e participativa, nos quais todos tenham voz, respeito mútuo, oportunidades, vínculos de afeto e solidariedade; onde os indivíduos sejam capazes de não apenas reformular conceitos, mas transformá-los, naturalizando e estimando as diferenças.

## 1.2 – CULTURALIDADE: o rigor dos costumes dos outros em mim

Somos um pouco de cada um, e os outros um pouco de nós, pois nossas referências estão ligadas às experiências que se fazem presentes ao longo das nossas vidas. E não poderia ser diferente, o homem é um ser social e é na convivência humana que ele desenvolve suas características boas ou ruins, como deixa entrever a assertiva do Antropólogo Clyde Kluckhohn (1963, p. 28) “A cultura é a vida total de um povo, a herança social que o indivíduo adquire de seu grupo. Ou pode ser considerada parte do ambiente que o próprio homem criou”. É por meio da cultura que o homem interage e constrói as interpretações sobre si mesmo e os outros; conferindo, dessa forma, significado às suas ações e orientando a própria existência, como teoriza o antropólogo norte-americano Clifford Geertz (1989) no seu livro *A interpretação das culturas*.

Como se depreende das citações acima, na composição do ser humano como o conhecemos opera uma lógica interacionista, ou mais especificamente um interacionismo simbólico, no qual os homens e mulheres que vivenciam uma dada realidade cultural influenciam-na e, ao mesmo tempo, são influenciados por ela. Isto é, não há sociedade sem humanos e não há humanos sem sociedade.

O sociólogo estadunidense Herbert Blumer<sup>10</sup> (1982) põe em evidência a concepção de que o significado é uma manifestação de um construto social, isto é, associa-se intrinsecamente às atividades emanadas das atividades realizadas pelos indivíduos a partir das interações sociosimbólicas que constroem e vivenciam. Dessa forma, de acordo com os pressupostos teóricos de Herbert Blumer (1982, p. 2), a essência estrutural do interacionismo simbólico assenta-se em três premissas:

A primeira é que o ser humano orienta seus atos em direção às coisas em função do que estas significam para ele... A segunda é que o significado dessas coisas surge como consequência da interação social que cada qual mantém com seu próximo. A terceira é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai

<sup>10</sup> Herbert Blumer (1900-1987), sociólogo vinculado à Escola de Chicago, foi um dos primeiros pensadores a se debruçar sobre a interação social como fator preponderante das relações e inter-relações entre os indivíduos e a sociedade, cunhando o conceito teórico denominado de *interacionismo simbólico*. O conceito de *interacionismo simbólico* pode ser definido, grosso modo, por meio dos processos de interação social – que têm lugar na dinâmica relacional entre indivíduos ou grupos – mediados por relações simbólicas. Cf. GIDDENS, Anthony. **Sociologia**: uma breve, porém crítica introdução. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1984; e QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de O. e OLIVEIRA, Márcia Gardênia M. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim, Weber. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

encontrando em seu caminho.

Portanto, o lugar à que estamos inseridos, mas também todos os lugares por onde passamos imprimem a cultura ou (a)culturalidade que há em nós. O local da cultura pode ser geograficamente definido como o local onde acontece a vida das pessoas, espaço de convivência e ações sociais, políticas, artísticas, econômicas. Pode ser um espaço subjetivo no qual cada um tem sua identidade, independente do espaço físico onde se vive, labora, diverte-se, mantendo relação de proximidade com as demais pessoas com as quais têm muito em comum ou não.

Devo salientar que a questão é uma vertente de pensamento muito particular, levando em conta a minha formação – autodidata – que me expôs a muitas leituras, a comparar correntes filosóficas, sociológicas, históricas e epistemológicas, mas, principalmente, analisar a natureza das coisas, do mundo, das pessoas. De certo modo isso também tem relação com minha escrita que está em torno de uma perspectiva epistemológica *outra*. Logo, não estamos pensando tudo isso a partir dos mesmos roteiros estabelecidos pela sistemática de nenhuma área de conhecimento específico, nem mesmo da Educação.

Nascida e criada na região de fronteira com o Paraguai, neta de paraguaia e gaúcho crioulo, por parte de mãe; de avô uruguaio e avó mato-grossense por parte de pai, vivi na pele o preconceito linguístico que a família colonizada e a sociedade preconceituosa impetravam no lar, na escola, para que os descendentes não herdassem características das línguas guarani e castelhana-espanhola. Pois eram línguas consideradas de “bugres”<sup>11</sup>, hoje chamadas periféricas. Vê-se que o preconceito vem de longe.

Como sul-mato-grossense e fronteiriça, encontro em Nolasco a representação do meu estado íntimo, enquanto criatura ativa e reflexiva no meu papel cidadã. O autor tem um jeito doce de representar os (des)limites de fronteiras outras que margeiam as esferas dos espíritos que amam e respeitam os outros, amando e respeitando a si mesmos. Nem sempre foi assim.

Quem marcha rumo ao Centro-Oeste, mais precisamente em direção ao Estado de Mato Grosso do Sul, está condenado a ver o sol suspenso do outro lado dos limites das fronteiras. O bios que repousa no título desta introdução me permite dizer que o crepúsculo oscilante do luar, que borra as margens áridas e pantanosas, me fez entender que os limites entre os países, as línguas e as culturas movimentam-se, principalmente dentro do escuro da noite mostrando, por conseguinte, que as linhas

---

<sup>11</sup> Sobre o conceito histórico cultural da categoria bugre, veja CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Do índio ao bugre**: o processo de assimilação dos Terena. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/localfiles/biblio%3Aoliveira1976indio/Oliveira\\_1976\\_DoIndioAoBugre.-](http://etnolinguistica.wdfiles.com/localfiles/biblio%3Aoliveira1976indio/Oliveira_1976_DoIndioAoBugre.-) Acesso em: 22 abr. 2020. Veja também: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Do índio ao bugre**: da assimilação a etnia. Anuário Antropológico, 1(1), 295–300, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6005>. Acesso em: 12 jun. 2021.

são tênues e imprecisas, como o efêmero da estrela, tingida de um vermelho que descamba para um roxo quase negro, [...], esclareço que há vestígios pessoais, familiares, históricos e culturais meus, dos homens, do povo, enfim, da nação localista, inscritos pelos cantos desse lugar plural e híbrido que caracterizam essa zona fronteiriça do país (NOLASCO, 2010, p. 10).

A população da fronteira, nas últimas três décadas, não tinha esse olhar “romântico” para as diferenças linguísticas, nem respeitoso. Pressupõe-se que daí tenha se originado o preconceito com as línguas, bem como com os costumes oriundos do país vizinho do Mato Grosso do Sul<sup>12</sup>. Em verdade, conforme pesquisas antropológicas recentes, conduzidas na fronteira Brasil/Paraguai, o preconceito linguístico ainda existe; e apesar da carga negativa que carrega, é um dos instrumentos acionados por brasileiros e paraguaios para auxiliar na composição de suas identidades étnicas. Nesse contexto, enquanto os brasileiros acreditam ser desnecessário aprender espanhol, porque os paraguaios conseguem se fazer entender em português; os paraguaios consideram os brasileiros preguiçosos por não aprenderem o idioma, como assevera o antropólogo sul-mato-grossense, Nascimento (2012), que realizou pesquisa de mestrado em antropologia na região da fronteira Brasil/Paraguai, mais especificamente nas cidades de Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY.

Não obstante, Nascimento (2012, p. 93) esclarece que

O adjetivo preguiçoso, utilizado por Jucinaldo [um dos interlocutores do autor] para qualificar o brasileiro, não representa o consenso geral no Paraguai. Albuquerque (2010) já identificou naquele país uma admiração ao brasileiro por conta da sua disposição para o trabalho. Assim, a opinião de Jucinaldo pode ser relativizada como parte de um contexto particular de fronteira; onde características são utilizadas para compor a contrastividade identitária entre os dois povos.

Esse excerto nos dá a dimensão de quão intrincadas são, ainda, as relações humanas e socioculturais na fronteira Brasil/Paraguai. Mas essa complexidade no que diz respeito ao idioma não se verifica somente na Fronteira de Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY, como demonstra o trabalho conduzido por Silva (2016) na Fronteira do Brasil com a Bolívia, mais especificamente nas cidades gêmeas de Puerto Quijarro e Corumbá.

Na pesquisa levada a cabo por Jacob Alpires Silva (2016), em razão de realização de mestrado em estudos fronteiriços, fica patente o preconceito linguístico contra os estrangeiros por parte de alguns funcionários do Hospital brasileiro no qual o estudo decorreu. Nesse hospital, as mulheres bolivianas reclamam do tratamento que lhes é dispensado pelos profissionais, considerados por elas desrespeitosos e intolerantes no que diz respeito às

---

<sup>12</sup> Sobre o preconceito linguístico na fronteira, e como esse preconceito atua na construção identitária de brasileiros e paraguaios, veja NASCIMENTO, Valdir Aragão do. “**Yo soy paraguaio, chamigo**” Breve estudo sobre a identidade no Paraguai. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Sociocultural) – Universidade Federal da Grande Dourados/UGD, Dourados/MS, 2012.

diferenças culturais entre os povos. Em contrapartida, os profissionais de saúde reclamam não entenderem o que as parturientes querem dizer, isso por ignorarem os rudimentos do idioma espanhol ou os dialetos falados pelos bolivianos que não residem nas faixas de fronteira, mas precisam acessar os serviços de saúde no Brasil, gratuitos e de melhor qualidade do que o ofertado no país de origem.

Sobre a questão cultural e o problema do idioma, Jacob Alpines Silva (2016, p. 58-59) avalia que,

Dentro dos entraves percebidos pelos colaboradores no atendimento à mulher boliviana, surge a questão das distinções culturais. Os entraves ensejados pelas diferenças de caráter cultural configuram uma problemática em particular, dentre eles a questão do idioma é o mais recorrente “Às vezes a gente não entende nada do que elas falam, sabe? Principalmente se elas se comunicam em uma língua que a gente não conhece. Quando é espanhol, até que dá pra entender uma coisa ou outra, se elas não falarem muito rápido, mas se for outra [língua], aí fica difícil mesmo” [Gustavo – profissional de saúde da Maternidade de Corumbá – entrevista realizada em 7 nov. 2016].

Assim, de acordo com Nascimento (2012), a fronteira se configura um local ambivalente e complexo, posto que ao mesmo tempo em que repele, aproxima – o que pode ser verificado nas uniões matrimônios e nos processos de interação que convergem brasileiros e paraguaios nas bordas dos territórios dos dois países. É inegável a presença da diversidade na fronteira Brasil/Paraguai, seja ela perceptível ou não; apesar disso, o preconceito existe nas fronteiras, tendo influência na realidade dos indivíduos que nelas residem. E apesar do preconceito existente, essa diversidade fez em mim como que lençóis d’água, banhando-me de todas as cores, de todos os ritmos, raças e ideias que não se entrecrocaram, pelo contrário, somam sujeitos em mim, que se comunicam perfeitamente. Hoje sou uma cidadã do mundo.

Não poderia ser de outro modo, passei parte da vida em questionamento: afinal, qual é o meu lugar dentro do rico espaço cultural do Mato Grosso do Sul, do Brasil e do mundo? Como eu posso teorizar sobre locais de culturas sem me conectar com o meu passado e as experiências que me construíram, que desenharam o que sou? Além dessa miscigenação por descendência, convivi desde muito pequena com várias outras etnias que impregnam a minha existência das culturas orientais, italianas, indígenas, afrodescendentes, e que me aparelharam o espírito para viver com as diferenças. E, mais que essas convivências físicas, as leituras me aportaram em tantos lugares, aproximaram-me de tantos costumes, fizeram em mim tantos rumores, que seria impossível não me aprimorar os conceitos filosóficos.

Definitivamente, no espaço íntimo não há como determinar onde termina uma fronteira cultural e começa outra. Esse fato se deve, em parte, às percepções que vêm se

gestando no tecido cultural da sociedade moderna a respeito dos limites (materiais e imateriais) social e culturalmente impostos. Isto é, mais do que nunca, percebe-se que muito do que se considerava inamovível em termos de costumes, tradições e identidades podem, sim, sofrer reveses que as transformem.

Assim, povoam o universo sociocultural uma série de preocupações que têm nos sujeitos e suas realidades o objeto por excelência, bem como questões voltadas ao eurocentrismo, ao colonialismo do ser e do saber. Preocupações que advêm da inquietação provocada pelas pesquisas de caráter descolonial, tendo em vista que a perspectiva busca descolonizar as formas de pensar subalternizadas e libertar, dessa forma, as mentalidades – principalmente as colonizadas – dos conhecimentos anacrônicos e engessados sobre o mundo e a própria constituição sociopsíquica dos seres humanos que nele habitam.

Sobre o tema em questão, Luiz Fernandes de Oliveira e Vera Maria Ferrão Candau (2010, p. 16), em “Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil”, asseveram que

Nesse universo de preocupações, os estudos sobre relações étnico-raciais vêm se projetando no espaço acadêmico e nos movimentos sociais, a ponto de interferir de forma concreta em políticas públicas e ações governamentais. De fato, essa constatação pode ser melhor compreendida a partir do crescimento das lutas dos movimentos negros e da emergência de novas produções acadêmicas sobre questões relativas à diferença étnica, ao multiculturalismo e às identidades culturais.

No que tange à produção científico-acadêmica, é de notório conhecimento que o modo de colonização da América legou aos povos colonizados marcas indelévels, tanto da perspectiva econômico-material quanto da sociocultural e psicológica. Os povos colonizados, analisam os pensadores descoloniais Serge Gruzinski (1991; 2001) e Frantz Fanon (2007), foram (e estão ainda) marcados pelos valores emanados do colonizador, tendo os modos de ser, pensar e agir do colonizador impregnado as realidades dos mundos colonizados. É por meio do pensamento descolonial que tais influências podem ser debeladas, no todo ou em parte. É no seio dessas novas produções acadêmicas que eu, modestamente, inseri meu discurso, na tentativa de gerar, quiçá, novas formas de abordagem da realidade a partir de conhecimentos outros; conhecimentos outros que não negam os saberes já descobertos, mas quer fazer despertar para outras possibilidades de compreensão do mundo, tanto físico quanto espiritual.

Por essas observações, prefiro crer que minha alma me conduz por espaços outros de cultura universal, dado que cada alma é única, diferente, e carrega em si o dom de ser o que quiser ser, estar conscientemente onde quiser estar, pois para o pensamento (atributo da alma)

não há fronteiras.

Essa proposta de formação humana, portanto, tão necessária para aparar as arestas de uma sociedade discordante e agressiva, vemos em Léon Denis (século XIX), autor francês, defensor da corrente científico-filosófica que se contrapõe ao materialismo e ao positivismo, o alerta já naquela época: que a humanidade carece de novos horizontes. Que a educação formal não prescinde de esclarecimento espiritual, pois, segundo afirma, em *O problema do ser, do destino e da dor* (DENIS, 1975): “Toda alma tem, pois, a sua vibração particular e diferente. O seu movimento próprio, o seu ritmo, é a representação exata do seu poder dinâmico, do seu valor intelectual, da sua elevação moral” (p. 113).

### 1.3 – O CENTRO DO DEBATE É O HOMEM

Há uma preocupação enorme em se conceituar e organizar a vida, enquanto coletividade, de forma a atender as necessidades do mundo físico, materializado, como se as pessoas fossem caixinhas com cores diversas, estrategicamente colocadas em lugares e situações de acordo com suas características. Pode ser que assim sendo, isso funcione bem para o Estado e para as conglomerações econômicas, entretanto, considero que essa ideologia está ruindo sob os “pés” do globo terrestre. A organização social como tem sido não deu certo, pois as diferenças sociais estão cada vez mais aparentes, e isso significa que os padrões “morais” em uso até então são obsoletos.

Relatando isso, digo que reflito sobre o lugar da cultura sob o prisma do homem como a centralidade desse espaço, mas não como sujeito de rejeito. Isto é, educado (instruído) de fora para dentro para gostar de manifestações culturais sejam elas colonizadoras ou não. Pois se o homem é, também, o resultado das interações do meio, imbuído das reservas ditas morais de uma cultura, que posso chamar de ocupação de espaços no inconsciente das pessoas, natural que dentro do que lhe é ofertado, faça suas escolhas. Essas escolhas, no entanto, não podem ser consideradas erradas ou ruins culturalmente falando. Dado que, optar por esta ou aquela vertente cultural, não depende do espaço geopolítico que o indivíduo ocupa, mas do espaço de consciência, se assim me permitem, de cada um, desenvolvido e aprimorado no escopo muito particular da inteligência e dos sentimentos.

Para que se opere a evolução do meio é preciso que primeiramente se efetue a

evolução do indivíduo. É o homem que faz a Humanidade, por sua ação constante, transforma a sua morada. Há equilíbrio absoluto e relação íntima entre o moral e o físico. O pensamento e a vontade são as ferramentas por excelência, com a qual tudo podemos transformar a nós e ao redor de nós. Tenhamos somente pensamentos elevados e puros. Aspiremos a tudo o que é grande, nobre e belo. Pouco a pouco sentiremos regenera-se o nosso próprio ser, do mesmo modo, todas as camadas sociais, o GLOBO e a humanidade (DENIS, 1019, p. 99).

Ainda que eu trate do local da cultura como reflexão sobre espaço geopolítico, há em mim uma curiosidade mordaz e uma necessidade enorme de provocar discussões, no intento de promover a possibilidade de um movimento intelectual apta a aguçar a curiosidade das pessoas sobre a possibilidade de outras culturalidades, para além da esfera material terrena, lugar onde todas as diferenças convergem para a completude das pessoas e das coisas entre si. Não seria interessante imaginarmos que vivemos em um espaço cósmico infinito, temporariamente “exilados” em um pequenino corpo celeste chamado Terra, (como se fora em uma fazendinha) diante da imensurável grandeza do universo?

### 1.3.1 – SER CÓSMICO: idealização descolonial

Na perspectiva teórica de Enrique Dussel (2004, p. 269), o meio a ser utilizado localiza-se em uma espécie de práxis da libertação, entendida pelo autor como “a ação ou processo prático pelo qual o não livre passa a ser um sujeito fático da liberdade, o oprimido como ‘parte funcional’ se afirma como pessoa-sujeito”. Para Dussel (2004), na construção desse novo sujeito é imprescindível o movimento em que a crítica ética – tendo como ponto de partida a negatividade das vítimas – atue, nas palavras do autor: “o descobrir-se encobertos, ignorados, afetados-negados, leva ao início da tomada de consciência do si mesmo positivo, mas dialeticamente codeterminada pela consciência da relação negativa com o sistema” (DUSSEL, 2004, p. 285).

O que ocorre atualmente no país é o inverso dessa expectativa. Percebe-se, por isso, que está havendo uma ruptura dentre os poderes organizados, mas também entre a população, o que demonstra que estamos mais uma vez vivenciando uma fase de transição (a progressão exige chacoalhamento) muito maior do que se supõe. Estamos diante de uma Nova Era, e somos todos postulantes a um tempo social no qual somos todos aprendizes. Nesse contexto é preciso pensar a academia, o estudante, a escola como pontos de partida para a formação dos docentes, pensando a qualidade do ensino e a produção de conhecimento a partir do *status*

íntimos, espaço de habilidades e competências.

Em consonância com Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2010), penso que precisamos criar possibilidades de entendimento para com os estudantes, de manifestação artística, de vivência coletiva, perfazendo um “fazer-pensar” em si e no outro. Ainda, conforme Marcos Antônio Bessa-Oliveira (2010, p. 96),

[...] temos também a necessidade de criar, para os alunos, uma possibilidade de entendimento da arte como um fazer-pensar sempre juntos, que lhes proporcione a possibilidade de se tornarem seres humanos mais sociais, contemplativos, incisivos e críticos frente à sociedade contemporânea.

Por isso, o debate sobre a cultura, a educação e o sujeito deve ser uma preocupação da sociedade como um todo, para que ao se dar uma nova direção social ao país, não se turve a consciência frente a demandas obrigatórias e urgentes que precisam ser pontuadas, discutidas e encaminhadas por todas as instituições que visam garantir os direitos dos grupos, no espaço país, localizados. Nesse espaço a cultura é relevante, pois marca um espaço coletivo de luta e identificação que fortalecem as relações e, politicamente, isto é fundamental para a criação e manutenção de boas políticas públicas.

Trata-se de cada um saber quem é, o que faz no planeta, por que está onde está e para onde vai. Trata-se também da compreensão da individualidade do ser, da sua responsabilidade por si, suas ações como indivíduo participante de um corpo-coletivo. Trata-se ainda de cada um se reconhecer como individualidade com corpo físico e outros corpos, e a relação destes entre si, inclusive o espiritual onde se encontram os atributos como: inteligência, sensações, sentimentos, razão. E desta forma, que cada um saiba que seu bem-estar, seu progresso, a sua felicidade ou “salvação” dependem apenas de si mesmo, diferentemente do que ensinam as religiões e os religiosos dogmáticos.

Enrique Dussel (1977) busca, nessa intenção salvacionista, por assim dizer, que o homem se reencontre consigo mesmo em sua atitude existencial, isto é, em uma forma exclusiva e própria de o humano estar no mundo, notadamente em um contexto estritamente existencial, mas concretamente vinculado à sua cotidianidade. Nessa perspectiva, Dussel (1977) assemelha-se a Sartre (1997), especificamente no que toca ao existencialismo sartriano, no qual o homem é o único responsável por aquilo que é.

Espera-se, assim, que com esses conhecimentos os indivíduos adquiram consciência de si mesmos e das suas ações-resoluções, que estas sejam equilibradas, edificantes, geradoras de vida alegre, satisfatória, fraterna. Que a autonomia dos indivíduos aconteça em conformidade com as habilidades e competências de cada um, no momento de cada um,

respeitadas as diversidades. Conforme disserta Mignolo (2015, p. 176) sobre a epistemologia de fronteira e espaço que ocupam nessa reflexão o corpo-negro, os países periféricos e as implicações que impactam na nossa cultura e posicionamento (ou não) sociopolítico.

[...] as categorias básicas da epistemologia de fronteira: a percepção biográfica do corpo negro no Terceiro Mundo, ancorando assim uma política do conhecimento que se enraíza ao mesmo tempo no corpo racializado e nas histórias locais marcadas pela colonialidade. Ou seja, um pensamento que torna visível a geopolítica e a corpolítica de todo pensamento que a teologia e a ecologia cristã (por exemplo, o cartesianismo) esconde e que não pode mais controlar (MIGNOLO, 2015, p. 176).

Por essas reflexões se percebe a densidade do problema que é a colonialidade, pois ela é produtora de ações e reações individuais, capazes de instituir a partir delas movimentos contrários ao desenvolvimento saudável da coletividade, bem como valores humanizantes, necessários para se construir novos modelos de comportamento no corpo social-coletivo. Nesse ponto, busca-se eleger outros parâmetros para a educação, de modo a descolonizar o pensamento, os sentimentos e as ações. Práticas essas que têm sido sugeridas ao longo da história humana, nas quais fundamento meu trabalho de sala de aula e desta escrita.

Portanto, importa esclarecer aos leitores a questão do espírito (alma) e a importância desse conhecimento filosófico para a educação dos indivíduos. Embora os princípios da religião espiritista, em alguns pontos venham à baila, ela nos interessa apenas do ponto de vista da sua filosofia e da sua ciência em consonância com a liberdade de consciência e a postura ética impressas em seus conceitos e premissas, pensando a formação de homens e mulheres bem formados, de fato.

E nessa perspectiva, os autores descoloniais, dentre os quais Enrique Dussel, não devem ter a formação da filosofia espírita, no entanto, vê-se claramente como se alinham ao pensamento humanístico, sendo alternativas sólidas para argumentação da minha escrita, assim como Paulo Freire e Pedro Demo. Já que esses autores ponderam que a filosofia cartesiana, católica, quase sempre, não ancoram mais as argumentações de uma educação e/ou pedagogia do que se pretende ser ancorada no afeto, no amor. E na verdade, os leitores podem questionar: quem precisa dessa ou daquela filosofia?

É notadamente certo que a ciência tem tentado dar conta das brechas na materialidade humana, embora nem sempre consiga dar respostas; ocorre que a filosofia tem a potencialidade de gerar reflexões importantes, que vislumbram a imaterialidade humana – a alma, a essência do homem-mulher. A filosofia, portanto, não sendo cartesiana, propõem investigações em níveis outros de necessidades e de possibilidades, de alternativas na área do

pensamento humano que alargam os horizontes e sobreleva a condição do sujeito comum em *Ser* alguém, dando-lhe noções gerais de si mesmo e dignidade.

Essas ideias, portanto, vêm ao longo dos séculos sendo discutidas na ânsia de se esclarecer à humanidade sobre a individualidade do ser, sua essência e seu compromisso com sua ascensão ou derrocada. São discussões e estudos que têm sido combatidos, contestados por religiosos apoiados pelos governantes de todas as épocas. Estes monopolizam o conhecimento por meio do sistema, inibindo que os sujeitos tenham esclarecimento sobre uma filosofia que ampliaria largamente suas perspectivas de vida, sua visão de mundo. Principalmente, diminuindo a sua percepção em relação aos políticos e patrões, os quais determinam o posicionamento que cada indivíduo ocupa, por exemplo, na rede escolar, na universidade, e a posição social que ele vai ocupar ao longo da vida, com raras exceções, por meio das políticas públicas, que ainda não atendem às necessidades da maioria de “minorias”.

Sabe-se que, tradicionalmente, *somos colonizados* para mantermo-nos em “currais eleitorais”, como força de trabalho que agiganta a máquina econômica, cuja força vem das escolas públicas brasileiras, das EJAs, em grande parte da periferia, mantidos ignorantes e ignorados, como se constata diariamente pelas ações das igrejas, do presidente do Brasil e seus asseclas, pelos (ex)ministros da Educação, da Saúde e do Meio Ambiente. Estado e pastas sensíveis que deveriam ser cuidadosamente administrados em todas as épocas, especialmente em tempos de pandemia, de horror, de mortes por omissão, tragédias amplamente anunciadas. Isso nos impele a manter uma posição contrária a tudo que está posto para a Educação, pois é revoltante que, enquanto educadores, mantenhamo-nos “em cima de muros”, quando somos a força impulsora da mudança. E enquanto o móvel do nosso trabalho seja o ser humano, meio eficaz e único de capacitação para que tais mudanças se façam.

Desse modo, correndo o risco de ser também ignorada, mas com consciência tranquila, em face das pesquisas desenvolvidas durante (quase) toda a vida. Em vista, também, de inúmeros projetos pedagógicos bem-sucedidos, atrevo-me a apresentar, por meio desta escrita, minha contribuição ao meio acadêmico, ensejando colocar nespas de luz no espírito científico-educacional, com vistas a que as escolas, especialmente as públicas, tenham docentes completos de amor e de solidariedade, de conhecimento e reconhecimento da ciência lúcida que eleva o sujeito à condição moral e intelectual a que se destina.

Deseja-se, conseqüentemente, que os docentes tenham uma formação adequada, que sejam cheios de completude de conhecimento e de coragem. Que a formação acadêmica lhes ensine a serem professores com desenvolvimento crítico e afetuoso, para que tenham olhares

e sensibilidade ao lidar com seus estudantes. Reconhecendo neles espíritos carregados de sonhos, mas necessitados de força e de esperanças. Afortunados alguns, por terem pais presentes. Desgraçados outros por serem órfãos de pais vivos ou de não se enquadrarem naquilo que o sistema coloca como padrão. Público diverso para práticas pedagógicas que são infelizmente pensadas para todos sem levar-se em conta as diversidades socioculturais e intelectuais entre os educandos. Enquanto for assim, a conta não fecha. É preciso, portanto, educar a alma, para instruir e desenvolver o humano-indivíduo.

Reconhecemos, no entanto, o caráter idealista das propostas supracitadas, dada a complexidade dialética emanada da realidade concreta. Além dos muitos problemas de ordem sociocultural e política que tais elucubrações ensejam, resta ainda a complexidade humana e a incompletude que a caracteriza. Como seres em transformação constante, não nos reconhecemos ainda na nossa plenitude e nas muitas limitações que aninhamos no espírito; e que muitas vezes não as reconhecemos como nossas, porque nos desagradam. Educar a alma, eis a premissa fundamental, mas, sabemos das dificuldades para tanto, notadamente dentro do modelo de educação mecanicista que vigora na modernidade; modelo este estritamente comprometido com ganhos materiais e mundanos e pouco, ou nada, preocupado com a educação do espírito para as humanidades.

#### **1.4 – O CONCEITO DE ALMA (ESPÍRITO) NA HISTÓRIA HUMANA**

Por que propor mais uma pedagogia entre as tantas existentes? Por que pensar uma outra cultura para estimular os indivíduos às novas práticas pedagógicas? Espera-se que uma vez que os estudantes-acadêmicos tenham aproximadas do pensamento-sentimento a filosofia-ciência que abarca toda a existência humana, consigam respostas às muitas questões levantadas sobre o seu papel na escola e na sociedade. E diante da efervescência de problemas sociais, da sociedade líquida, da globalização, geradores de insatisfações e receios, levados para o campo da educação, consigam o equilíbrio necessário para melhor gerir suas ações pedagógicas. Outro elemento rigorosamente pensado é preparar o espírito(alma) humano para (con)viver com as diversidades. Esse propósito por si só, já justificaria o trabalho.

Consequentemente, é prudente refletir-se sobre a cultura a que os sujeitos estão colocados, os valores que essas culturas imprimem em a população. Refletir sobre a história

humana, apesar de os latino-americanos, discordar dos europeus por conta da hegemonia implantada além das suas fronteiras, sujeitando povos a sua cultura, ainda que essa historicidade não os contente, ela os trouxe até aqui. Pensar, por conseguinte, em uma história fragmentada não faz sentido.

Para novas culturas, portanto, novas formações. E nesse contexto, segundo João Francisco Pereira Cabral (2021, p. 1), “diferentes conceitos de alma foram traçados ao longo dos séculos, pela Filosofia. Platão, por exemplo, discorreu sobre a imortalidade da alma, unidade intrínseca ao homem”, sendo que um desses conceitos determina que “alma é a unidade intrínseca (ou psíquica, como será dito mais tarde) ao homem. O homem é a sua alma”. Outro conceito abordado pelo autor é o de que “o corpo é tratado como o lugar em que habita a alma sendo ele a expressão ou o sinal (semainei; sema = sinal, parece-se com soma) da alma. Sendo assim, a alma é diferente do corpo e usa-o como instrumento para realização dos seus desígnios” (CABRAL, 2021, p. 1).

Allan Kardec (1975 [1857], p. 26) emprega o termo “divergência” para expressar o fato de que as pessoas do seu tempo não se entendiam sobre o conceito da alma ou a sua natureza. Para o educador lionês, essa discrepância de pensamentos era gerada pelos inúmeros vocábulos tidos como insuficientes para definir a contento as categorias alma e natureza. O que ocorria, segundo Kardec, era a existência de inúmeras palavras que, em essência, não eram capazes de traduzir para termos inteligíveis e aceitáveis os conceitos em questão. E desse modo, cada um usava um vocábulo que lhe era conhecido, formulando noções diversas. Kardec assevera que uma língua perfeita em que “cada ideia tivesse a sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões” sobre o tema.

Constatado, desse modo, que é a partir da alma que o homem conhece, portanto apreende conhecimento, pensa-se a *Pedagogia do Amor*, a que busca a ascensão do espírito (alma) humano como fator determinante da relação produtiva entre a aprendizagem para a vida e o sucesso-progresso social-coletivo.

Ainda conforme Cabral, um dos conceitos platônicos é de que

[...] a alma é vinculada à linguagem, mas, estando associada ao corpo, padece da relação com esse. Assim, quando o corpo está mal, a alma também pode ficar doente e o tratamento deveria ser realizado à base do que chamamos hoje de terapia psicossomática (psique = alma; soma = corpo). Essa posição só reforça a anterior de ser a alma a unidade psíquica do homem (CABRAL, 2021, p. 1).

Em outra abordagem, Platão, conforme Cabral (2021, p. 1), aprofunda o diálogo sobre o tema, referindo-se sobre a alma como sendo uma espécie de viajante que tem “uma série de

ciclos reencarnatórios.”

A expiação se dá pelas faltas cometidas em vidas passadas que a alma guarda na memória e ao contemplar o inteligível faz sua escolha da vida que quer viver. Então, põe-se novamente em movimento para realizar sua trajetória, mas o corpo torna-se um obstáculo e a faz esquecer parcialmente o que contemplou no mundo inteligível. É assim que ela busca o conhecimento como tentativa de purificação da alma, através da inteligência. A alma é, pois, sujeito do conhecimento (CABRAL, 2021, p. 1).

Consequentemente, a fala acima remete ao (re)conhecimento do ser humano como ser duo e cita as migrações de vidas, embora aqui não nos interesse as questões reencarnacionistas apenas do ponto de vista conceitual, apesar da importância do tema para se compreender a vida como ela nos apresenta, com suas dificuldades, com as disparidades entre os pares, o que explica, inclusive, as diversidades entre as pessoas e aponta para a extensão do amor “Divino”, sendo o divino imaterial e imutável.

## 1.5 – PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

Na busca de identificação cultural, portanto, nem sempre obtém-se de pronto a legitimidade identitária, pois o sujeito é reprodução de muitas culturas. A ciência disso dá certa sensação de não pertencimento, no entanto, deve-se preservar historicamente a arte, a literatura, a história comum a todos os brasileiros. Nesse esforço legítimo e epistemológico adéqua-se a população como sul-americanos com fortes tendências de latinidade. Essa identificação com as línguas e a cultura fronteiriça, no caso do nosso Mato Grosso do Sul-Brasil, vivemos e nos reinventamos como cidadãos do mundo, aptos a receber e repartir nossas riquezas e culturas.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social cotidiana e da escala societal. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2009, p. 73).

Aníbal Quijano (2009) trata da colonialidade como sendo o poder de uns sobre os outros. Nesse contexto a sociedade é representada por valores inversos à justiça e à ética, e revela que há gente no comando e gente comandada, reflexo dos costumes arcaicos, mas em perfeita sintonia com o mundo capitalista. Nesse contexto sociopolítico a educação se desenvolve nos mesmos parâmetros, alijando as ações criativas-críticas dos indivíduos.

Como Aníbal Quijano, Homi K. Bhabha em citação de Paula Monteiro, em *O Local da Cultura* (1998), propõe um debate cultural que requer atenção e compreensão, de modo a intensificar vozes outras de pensadores originários dos países chamados periféricos, que ao refletirem sobre o lugar onde a cultura acontece, radicalizam o discurso, em se tratando das formas culturais herdadas do sistema colonial. Essa é a principal reflexão de Homi Bhabha.

Goethe sugere que a possibilidade de uma literatura mundial surge da confusão cultural ocasionada por terríveis guerras e conflitos mútuos. As nações não poderiam retornar a vida estabelecida e independentes sem perceber que tinham aprendido muitas ideias e modos estrangeiros, que inconscientemente adotaram, e vieram a sentir aqui e ali necessidades espirituais e intelectuais antes não reconhecidas (BHABHA, 1998, p. 32).

O autor, conforme explicita Monteiro (1999), demonstra que no discurso da colônia reverbera a marca do colonizador. E isso é feito de forma tão sutil que os colonizados, de consciência dominada pelos meios de informação e pela educação tradicional, não se atentam para o apagamento de sua individualidade cidadã. O panorama de vinculação alienista em que se demoram esses povos, preocupa Homi K. Bhabha (1998). O que inspira o autor a tratar de algo bastante discutido na contemporaneidade: o pós-colonialismo, posto como o contradiscurso daqueles que foram (são) objetos da dominação colonial.

Walter Mignolo, reforçando a ideia de poder colonial, ressalta que essa relação de poder é um padrão socialmente mascarado pelo discurso da modernidade. Como se dependesse apenas da retórica para se efetuar uma mudança de relações entre os que comandam e os comandados, historicamente fixados. Nesse contexto, o progresso e a “salvação”, assim como a felicidade são conquistas que justificam ações violentas da colonialidade e dos colonizadores. Ações estas que podem estar no plano da violência física, psicológica ou em outras esferas de relação. Segundo o autor, “é a colonialidade quem subjaz as diferenças existirem, pois aquela ressalta um sobre os outros e mantém sob a guarda do primeiro todos aqueles que surgiram depois” (2017, p. 13).

Essas relações são conflituosas, ainda mais quando os atores do grupo de comando são pessoas a quem a cultura e o conhecimento não chegaram. Pessoas desprovidas de bom senso e de humanidade. Temos visto isso com frequência no Brasil (após as eleições de 2018), tristes cenas firmadas no argumento de que “quem pode mais chora menos”. Essa é a toada do presidente da Nação que é discordante da ciência, fazendo coro ao ex-presidente Donald Trump, dos Estados Unidos da América, que afovalhou a política daquele país, tentando ignorar as leis e a democracia em nome da vaidade e das crenças egoísticas. Eles se relacionam com seus seguidores por meio das redes sociais, o que nem sempre pode ser

cerceada, enchendo de ideias sem nexos, as mentes desavisadas-colonizadas. Ideias essas que são distribuídas e compartilhadas numa velocidade surpreendente. Assim as *fakes news* se propagam vertiginosamente. Essas “orientações” são geralmente de cunho político e religioso. E a impregnação dessas ideias suplanta no imaginário coletivo o senso crítico, pois a colonialização, enquanto estrutura que retém o impacto da disseminação de conhecimentos, impede o pensamento reflexivo.

Em 2021, com o aumento dos infectados pelo novo Coronavírus, quando os hospitais não conseguem mais atender os pacientes com COVID-19, diante da negativa da eficácia da Cloroquina para preservar a saúde das pessoas, tão amplamente divulgada, inclusive pelo Ministério da Saúde com anuência de Jair Bolsonaro, colocando em risco milhares de vidas. O Brasil e o mundo viram estarecidos o retardamento de compra de vacinas e a não aceitação delas para contra-atacar a disseminação maior da doença. E, presentemente, temos na CPI das vacinas, no Congresso Nacional, visto e ouvido o motivo da demora na compra: a corrupção de agentes públicos, o que demanda apurada pesquisa investigativa, pois mais de meio milhão de vidas foram “descartadas” como se fossem ínfimas.

Esse é o ponto. As ideologias da administração pública e uma negação sistemática da eficácia dos imunizantes disponíveis no Brasil, assim como a demora em negociar com os fabricantes, têm elevado o risco Brasil em várias áreas, inclusive na econômica, a “menina dos olhos” do governo. Mas podem me perguntar: o que a crise política tem a ver com a Educação? Tudo e mais um pouco, pois a crise política precursora do negacionismo desenfreado de agora é a geradora de ideias que só a muito custo serão desmanteladas. A história mostra o quão é difícil vencer a ignorância e a estupidez. É uma luta de longo prazo. Isto posto, presume-se que a Educação é capaz de combater esses vícios de linguagem, de pensamentos e de ações, desde já. Nesse contexto, a mudança prescinde de uma cultura mais humanizada, menos excludente, mais racional e nacional.

Conforme Walter Mignolo (2003), a tentativa de mostrar o belo por trás de tanto poder e dominações não se justifica. As mazelas criadas a partir daí são visíveis, só não vê quem não tem capacidade reflexiva. A “minoría” defendida pelo autor, que é na realidade a maioria (esse conceito deve ser revisto), que não se encaixa em padrões determinados, é apresentada culturalmente como lindos, e isso é uma hipocrisia, desde que essa minoría não recebe o respeito, nem as políticas públicas, nem educação, tampouco oportunidade de trabalho e renda como deveria.

Por isso, a vertente descolonial dos conceitos de relação, têm nos pensadores latinos

contribuições outros que atravessam a modernidade e tenta produzir conhecimentos, cultura e arte, bem como educação com outros paradigmas. Esta é uma proposta que vem de encontro com nossas concepções, assim, buscamos na descolonialidade o embasamento para a sistematização da Pedagogia do Amor, para valorizar nas diferenças, o que elas têm de semelhante conforme explicita Walter Mignolo (2003), esperando de assim encontrar “legitimidade e validade para conhecimentos e saberes produzidos por sujeitos outros que não são aqueles que o padrão hegemônico impôs”.

Antes de seguir adiante, é preciso destacar que penso cultura como sendo os costumes e vivências de uma nação, comunidade, região, grupo, etnia, das suas manifestações artísticas, sociais, da sua identidade, produtora de bens artísticos e culturais tanto das individualidades, mas também na esfera coletiva, rigorosamente intencional nas lutas e crenças, nas manifestações políticas de defesa da própria identidade, conforme preceitua Walter Mignolo (2017), que compara a cultura com um espaço de resistência aos discursos hegemônicos que são acentuados e continuamente prevaletentes.

Desse modo, é importante situar o sujeito em um espaço “sócio-histórico”, não apenas momentâneo, mas principalmente na sua generalidade, levando em conta a sua formação humana, a agregação de fatores internos que o faz ser quem é: cidadão-cidadã de um determinado lugar. Mesmo que mude, que viaje, situe-se em lugares, temporariamente, diferentes: externos ou internos. Esse vai e vem permite que a cultura seja mesclada, influenciadora e influenciada, enriquecida, apesar de desvalorizada enquanto culturas locais, segundo pensamentos colonizadores.

Walter Mignolo (2017, p. 17) assevera que a “epistemologia fronteira e a descolonialidade seguem de mãos dadas”. O desprendimento do indivíduo se acentua desde que ele tenha compreensão do seu espaço e seus fazeres nesse espaço. Dessa forma se cria novos olhares para os corpos-sujeitos que circulam nesses espaços impregnando-se de histórias, artes, saberes, enfim. Nessa perspectiva os corpos-sujeitos a que mencionamos em vários pontos desta escrita, tem ampliado conceito de independência quando se trata do corpo-espírito, pois este tem independência e não se circunscreve a um determinado lugar ou cultura. Em razão disso, é preciso pensar “não nas fronteiras do estado nação, mas nas fronteiras do mundo moderno/colonial, fronteiras epistêmicas e ontológicas” (MIGNOLO, 2017, p. 20), e a partir desse espaço de discussão, alargar as fronteiras da consciência em

detrimento das fronteiras geográficas e geopolíticas.<sup>13</sup>

Pensamento similar tem Boaventura de Sousa Santos (1993) ao apregoar que as identidades culturais não são rígidas, nem imutáveis. O que pode ser observado nos migrantes e imigrantes que trocam de espaços geográficos com frequência ou que fazem isso por longos anos, porque dependem de processos de identificação, de acomodação para que haja a inserção social. Isso ocorre também, segundo o autor, por que

[...] as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (SANTOS, 1993, p. 31).

Assim, as identidades dão vida a novas identidades, num jogo sucessivo de integração e correlação entre as criaturas. Mas isso, conforme apregoam os pensadores, não se produz dentro de uma lógica de relação humana natural, mas numa relação de poder na qual o aculturado permanece em situação de subalternidade, lógica que foi naturalizada. Por isso, é preciso avançar em conhecimento-conceito filosófico. Dentre os pesquisadores que tratam da influência do colonialismo para além das questões comerciais, alicerçando suas análises em aspectos culturais, linguísticos e sociopsíquicos, destacam-se Albert Memmi (2007), Césaire Aimé (2006), David Scott (1999), Edward Said (2005), Franz Fanon (1961; 2007), Homi Bhabha (1998) e Talal Asad, (1973).

De qualquer maneira, desse esforço coletivo, em função de salvaguardar a diversidade e do ato de inserir socioculturalmente os indivíduos, nascem novas formas de significar as coisas, novos signos, dentre eles o linguístico, gerando novas definições sobre a sociedade, como atestam autores como os supracitados. E é nesse lugar comum que é produzida, por meio das ligações entre pares, a articulação entre as diferenças culturais.

Em relação a isso, o fronteiro estado do Mato Grosso do Sul levanta a voz se insurgindo contra o velho modelo, pois devido às suas raízes e suas diferenças culturais, espera que haja um encontro, um espaço de vivência pacífica entre todas as diversidades que formam a sua população, estabelecendo limites de ação e participação/colaboração. Construção e reconstrução de identidades imbuídas de valores que representem o passado-

---

<sup>13</sup> Talvez este ponto seja muito bem a ilustração daquela afirmativa feita por nós no início deste trabalho da necessidade de “descolonizar o espírito”. Haja vista que sem consciência da nossa sapiência de pensar, não avançamos em nada acerca de melhorias ou mudanças mais profundas em nenhuma contexto, quiçá na Educação.

presente, humanizando os indivíduos no que eles têm de comum para bem viverem nas diferenças.

Nesse contexto de construção e reconstrução contínua de identidades, outro teórico, Fredrik Barth (2000), cogita a contrastividade no processo de elaboração identitária. Essa constratividade seria a mola mestra das construções identitárias, posto que a partir do binômio nós/eles alicerçam-se indicadores que são usados na composição e alocação dos atores sociais quanto aos papéis que desempenham em sociedade. Então, é na diferenciação entre “nós” e “eles” que as identidades são geradas e continuamente transformadas – em razão das circunstâncias externas que as condicionam.

Para Valdir Aragão do Nascimento (2020), em “O acesso ao SUS na fronteira Brasil/Paraguai: estratégias e repercussões identitárias”, (p. 66),

A base dessa argumentação repousa no fato de que os indivíduos manifestam e amparam suas identidades por meio da conduta pública que adotam e do comportamento que escolhem, comportamento este que não é passível de avaliação imediata e direta, devendo ser interpretado, inicialmente, levando-se em conta as opções étnicas existentes e suscetíveis a acesso. Desse modo, tem-se que as identidades étnicas operam a partir de esquemas classificatórios em que inclusão/exclusão e interação são as categorias basilares. Aqui, o ego (eu) e o alter (outro) devem estar em comum acordo para que a conduta adotada tenha significado recíproco, atingindo assim seu objetivo.

Vê-se que a identidade ou suas configurações construtivas, constitui um campo de questões a serem estudadas, notadamente no que diz respeito às indagações referentes ao pensamento descolonial e sua relação com a Educação. Nesse contexto, o que poderia ser problematizado é a questão dos saberes produzidos (e ainda reproduzidos) na teia de significados engendrada pelo pensamento colonial. Como o indivíduo pode pensar por si mesmo e libertar-se se, de acordo com o pesquisador Tayson Ribeiro Teles (2017), a Educação tem por base um processo eurocêntrico, no qual as identidades, por mais fluidas que sejam, são influenciadas diuturnamente pelo legado colonial que subjaz a construção de pensamentos, sentidos e sentimentos sobre o que é o “outro” e o lugar que ele ocupa em relação a “nós”.

## **1.6 – BRASIL: um país colonizado e colonizante**

Sendo o Brasil um país que recebe gente do mundo todo, natural que nas salas de aulas

brasileiras se encontrem os filhos dos imigrantes ou eles próprios convivendo com os nativos. E nessa troca há a questão linguística. Os estudantes estrangeiros sentem essa imposição, mesmo que ela aconteça veladamente. De modo que a inserção desses estudantes se dá, com o esforço de educadores mediando às relações. De qualquer modo, esses alunos aprendem e ensinam com e os nativos e vice-versa.

Do ponto de vista cultural, os estrangeiros tanto quanto os brasileiros, especialmente os latino-americanos têm os mesmos traços culturais, e isso deveria ser uma ponte entre eles, mas não é o que acontece na absoluta maioria das vezes. E aqui é preciso abrir um espaço para refletir sobre o desafio a que se submetem, sobretudo, os professores da área de Linguagens.

A língua e a literatura como fontes de informação e formação, aparentemente, culminam com a formação humana, preparando os professores para o novo e o desconhecido. É ato observável, no entanto, que esses profissionais (como todos os da área de Linguagens) são mais abertos para lidar com as diversidades. É de senso comum, que os professores da área de Linguagens diferem dos que atuam em áreas mais rígidas, o que poderia ser tese de pesquisa, porque se supõe que aqueles, mais afeitos às leituras, conectam-se mais facilmente com a literatura, que é meio enriquecedor de inteligência, mas também de sensibilidade, por isso, teriam mais facilidade no manejo de problemas, inclusive de relacionamento entre estudantes em sala de aula.

Portanto, observa-se que os indivíduos que saem de determinado espaço geográfico ou temporal, assumem novos modos de vida ao contato com comunidades diferentes. Isso pode se dar por conta de que as realidades são diversas, e que o olhar, sob novas perspectivas, promove variações distintas no imaginário original. Mudança que pode ser interessante, se o sujeito, ao adquirir modos de lidar com novas culturas, não se torne refém dos valores da cultura em que se inseriu, excluindo a sua própria, num ideário que se estabelece como forma de colonização: És aceito, porém há que “ser” um de nós.

Muito comum se observar isso nos imigrantes que se estabelecem em nosso país, bem como nos emigrantes brasileiros depois de longo período “lá fora”. Esses apresentam padrões estabelecidos pelas sociedades nas quais foram inseridos. Na maioria dos casos, apenas a língua, identificada pelo sotaque, é que os mantêm como estrangeiros.

A identidade observada na literatura – com criticidade – é um alento, por ser a literatura (e outras artes) meio eficaz de se conhecer com exatidão a história de um povo. Ela

possibilita o confronto por meio de leitura, de pesquisa, e de observação em todos os aspectos: social, econômico, linguístico, psicológico e estrutural, o que forma a culturalidade. Nesse aspecto, a Teoria Literária, propõe uma reflexão mais profunda, ultrapassando o que, denomina-se de os limites da textualidade, ao pressupor que exista uma filiação entre a escrita, as instituições da sociedade e o poder. Do contrário, a ignorância continuará promovendo a cegueira. E nesse caso, caminharemos a passos largos para o precipício institucional por falta de critérios estabelecidos em consonância com a descolonialidade. O contrário também se aplica. Isto embasa a boa formação moral assentada em uma Educação eficiente no âmbito da formação humana.

As lições de Jacques Derrida, de Roland Barthes, de François Lyotard, de Michel Foucault, de Freud e Lacan, para mencionar alguns entre tantos, podem ser hoje revisitadas – e digo revisitadas, pelo fato de já se constituírem como lições – por terem rompido os limites dos campos disciplinares, estabelecendo a cooperação entre arte, literatura e teoria, e por terem entendido que nessa relação, nomeada por David Carrol de *paraestética*, o processo não implica o fim da teoria ou da arte, mas a sua revitalização mútua: nem a idealização da estética, nem a supremacia da teoria (SOUZA, 2002, p. 79, *apud* NOLASCO, 2018, p. 16 – nota de rodapé).

Entretanto, ao ver um ex-ministro da pasta da Educação sem educação nenhuma falando como um qualquer sem compromisso com a ética; um presidente sem liderança saudável, agindo contra a ciência, desrespeitando as diferenças, algo que é a característica da formação brasileira; apoiando o que se configura se tornar um genocídio na Europa; um ministro do Meio Ambiente, tratando de burlar as leis vigentes para autorizar derrubadas de florestas, de invasão às terras indígenas e a prática de garimpos, que destroem os rios e mares, envenenam a natureza, penso nos professores e pais que essas pessoas tiveram na idade própria de se educar. Aqueles que não se acanham de “passar a boiada”, enquanto o povo, a imprensa e as autoridades se “distraem” com a mortandade causada pela pandemia.

E considera-se que elas, para além das selvagerias que cometem, do asco que imprimem em as pessoas, são indubitavelmente assim como quaisquer criminosos, vítimas da educação colonizadora numa sociedade materialista, que defende os interesses pessoais em detrimentos dos interesses coletivos. Foram ensinados a se dar bem a qualquer custo. No Brasil existe uma lei no imaginário popular que conceitua esse tipo de comportamento muito comum no meio político e na sociedade em geral, que é a *Lei de Gerson* (1976), a qual determina que “se algo pode dar errado, não tem problema, pois mesmo que der errado, a gente dá um *jeitinho* de fazer parecer certo”: *o jeitinho brasileiro*.

Portanto, os educadores precisam de criticidade para desempenhar o papel que lhe é reservado na história, o de transformar os sujeitos para a vivência num *novo tempo*. Uma

direção que pode ser apontada pelo conhecimento tão antigo e tão novo, feito que é inevitável, dadas as proporções e rapidez com que avançam a ciência e a tecnologia. Conhecimento eficaz para nos elevar da posição de subalternidade à condição de seres magistrais do ponto de vista não só da intelectualidade, mas grandiosos do ponto de vista moral.

Sobre isso, em *Perspectivas atuais da educação*, Moacir Gadotti (2020), inspirado por Paulo Freire, reflete sobre os tempos difíceis que estamos vivendo, e como isso tem afetado a Educação. Segundo o autor, é um tempo de perplexidade e de crise de paradigmas, apesar disso, não podemos, enquanto educadores, deixar que isso se constitua num álibi para o imobilismo.

Um tempo de expectativas, de perplexidade e da crise de concepções e paradigmas não apenas porque inicia-se um novo milênio – época de balanço e de reflexão, época em que o imaginário parece ter um peso maior [...]. É um momento novo e rico de possibilidades. Por isso, não se pode falar do futuro da educação sem certa dose de cautela. É com essa cautela que serão examinadas, neste artigo, algumas das perspectivas atuais da teoria e da prática da educação, apoiando-se naqueles educadores e filósofos que tentaram, em meio a essa perplexidade, apesar de tudo, apontar algum caminho para o futuro. A perplexidade e a crise de paradigmas não podem se constituir num álibi para o imobilismo (GADOTTI, 2020, p. 1)

Nessa perspectiva, ao discutir a destituição colonial na *consciência coletiva*, portanto, é obrigatório fazê-lo pelo crivo racional, pois os estudantes, alheios aos modos de vida diversos, ao respeito a eles e ao hábito da reflexão e da interpretação, até para serem incluídos nos grupos, aceitam o que o grupo oferece, sem reclamar, subalternizando-se por acomodação. Isso é observado em todo chão de escola. Faça-se então um trabalho para acelerar a inclusão desses sujeitos no espaço de pertencimento que é de todos, dado que os limites impostos são de cunho imaginário. No fundo somos todos viajores no espaço e tempo limitados para os corpos-físicos, mas para os corpos-espíritos, ilimitado, permanente, incircunscrito, inimaginável, de acordo com a filosofia socrática, decodificada pelo professor Rivail-Kardec, como vamos observar mais detalhadamente no terceiro capítulo deste trabalho.

Os jovens, mesmo as crianças, precisam se engajar em novas práticas de comportamento, onde o outro tenha o mesmo valor e mereça o mesmo respeito que se deseja para si. Essa educação libertadora de preconceitos e formadora de cidadãos “moralmente desejáveis” passa indiscutivelmente pelo campo do Espírito (do desenvolvimento moral da Alma). E aqui não se deve pensar nas religiões que adotam a crença da dualidade do ser, até porque as religiões são o resultado do que os homens fazem delas. Trata-se de reconhecer um dos corpos do sujeito apto para mudanças no campo da ética e de outros valores que são prenúncios de ações de verdadeiros “homens de bem”, aqueles “que cumprem a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”, conforme conceitua Allan Kardec (ESE/FEB.

Cap. 17, item 03).

Portanto, mais uma vez, de acordo com as ideias supracitadas, vamos encontrar o vínculo entre autores de vários campos e espaço temporal, para verbalizar e reafirmar nossa fala, sobretudo, entre aqueles que defendem o amor, o afeto, a descolonialidade, a solidariedade e a presença ativa de educadores entre si e da sua relação com seus estudantes. Esse é um esforço que deverá ser feito com empenho. Um esforço enorme de mudar não apenas o rumo da prosa, mas mudar o destino dos homens. A Pedagogia do Amor se presta a isso: mudar o conceito de Educação, mudando o destino dos homens. Desse modo, presume-se que uma sociedade mais (bem elaborada) justa estará sendo implementada.

## CAPÍTULO 2 – COLONIALISMO RELIGIOSO: NA BUSCA DE IDENTIDADE, PERDA DE SENTIDO

Em primeiro lugar queria chamar atenção para uma mudança de narrativa da filosofia atual. Certos temas tabus na tradição secularista do Iluminismo vão perdendo sua agressividade, e se inicia uma maneira de se encarar a realidade cultural com novos olhos. [...]. Esta temática, unida à busca pela origem da cultura Ocidental, que não pode se referir, única nem principalmente, à filosofia helênica ou romana, apresenta a possibilidade de abordar novos problemas (DUSSEL, 2016, p. 5).

Constata-se em Enrique Dussel a serenidade dos “grandes” pensadores; os que buscam encadear o pensamento do homem, desde remotos tempos até a atualidade, dão margem a que pensadores outros investiguem também filosofias *outras* que reclamem a descolonialidade. E neste caso, vamos avançando um pouco mais para pensar a descolonialidade do Espírito, a quebra das amarras que ensejam aprisionar, ainda, o corpo-espírito-consciência.

Causa certa leveza constatar que Dussel (2016) abre a possibilidade de se pensar a filosofia como algo atual, vinculada às antecessoras em algum grau de dialogicidade. Por conseguinte, isso corrobora com minhas ideias de entrelaçamento de textos, muito embora tenhamos que ter o cuidado de avaliar, sistematicamente, quais pensadores continuam, estendem o pensamento que coadunam com pensamentos outros, dos que fragmentam o pensamento, fragilizando o enredo histórico. Essa temática é oportuna à medida que levanta questões e abre espaço para o debate acerca do cognoscível.

Primeiro, uma constatação é evidente que tendo ambos – consciência e sapiência – tornam-se impossíveis duas coisas: 1) **pensar-se-sendo-europeu e/ou estadunidense**; por conseguinte, tendo a primeira, a segunda é que **se entende e pensa- sendo latino-americano**. As duas afirmativas, é claro, baseiam-se na interrogativa de Facundo Giuliano (comp.), Hamid Dabashi, Walter Mignolo, Bárbara Aguer y Camila Downar no livro “¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer” (2018). Mas também estão já acercadas – como respostas a essa pergunta-título – de reflexões que estão sendo erigidas desde 2012 aqui em Mato Grosso do Sul-Brasil por meio de pesquisas desenvolvidas nos ambitos dos Grupos de Pesquisas NECC-UFMS e NAV(r)E-UEMS. Claro, consciente da/de/a partir da **fronteira** (exterioridades) como lugar epistemológico [pedagógico e filosófico] esta está, a fronteira, para muito além de lugar geográfico físico, de perpetuações geo e/ou teológico de produção de saber – teorizações analíticas –, de geopolíticas econômicas, e do mesmo jeito concentra-se na ideia de lugar epistêmico que re-teoriza, com sentido de re-existência descolonial, para se pensar- sendo latino-americano. Evidentemente, cada qual latino no seu lugar *biogeográfico*, mas a **partir das** consciências e sapiência de sermos Suls (BESSA-OLIVEIRA, 2021a, 61, grifos do autor).

Antes de adentrar ao tema apresentado no título, faz-se necessário algumas considerações acerca da filosofia Espírita, pois para refletir sobre a colonialidade, pensando a

descolonialidade, é importante a compreensão sobre a desconstrução epistêmica presente nessa filosofia. Desconstrução não apenas na forma, mas nas ideias de justiça, geradora de comportamentos tidos como universais. De maneira que é possível afirmar que a filosofia Espírita é a própria descolonialidade iniciada no século XIX.

Primeiramente, nossas considerações tendo como marco as contribuições de Allan Kardec, o codificador da filosofia espiritista, intenta aclarar a compreensão sobre o que se denominou chamar “doutrina”, objetivando – também – a ampliação dos saberes atinentes aos pressupostos filosófico-científicos e religiosos do espiritismo. Essa tríade configura-se, simbolicamente, em um triângulo no qual (e para o qual) convergem poderes oriundos de forças espirituais. De acordo com o espírito Emmanuel, psicografado por Chico Xavier (2009 [1940] Definição, p. 19-20)

A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo de nobres investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual [Emmanuel: O Consolador. Definição, p. 19-20<sup>14</sup>].

Desse modo, conforme os ensinamentos de Emmanuel, o espiritismo tem base tríade: científica, filosófica, religiosa. Muito embora, é bom que se diga, não religiosa do ponto de vista dogmático. Allan Kardec sistematizou, no “Pentateuco Espírita”, o que remete à religião, o Evangelho Segundo o Espiritismo, publicado em Paris em 1864, tendo elencado nele os *ensinos morais crísticos primitivos*, destituídos das formas dadas ao cristianismo os que o antecederam (KARDEC, 2012).

A propósito dessa assertiva, Kardec (2007, p. 56) acrescenta, na obra *A gênese* (Cap. I, item 56), que a moral preconizada e ensinada pelos espíritos é a do Cristo, até porque, segundo Kardec, não há outra melhor e que “O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, do seu passado e do seu futuro [...]”.

A doutrina Espírita tem, portanto, como fundamento os ensinamentos de Jesus na sua pureza de princípios, na simplicidade e na solidariedade, na igualdade, na tolerância, que remete *não ao ensinar o outro*, mas *a si mesmo* antes de tudo. Em consequência, o codificador vinculou à

---

<sup>14</sup> Excerto extraído do site da Federação Espírita Brasileira/FEB. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/colunistas/triplice-aspecto-do-espiritismo-2/> Acesso em: 22 jul. 2021.

doutrina os pressupostos do Jesus-humano-pacificador, conciliador, austero, afetuoso.

Segundo Pires, a confusão entre esses ensinamentos e o seu aprendizado se deu por várias razões, sobretudo por que o sentido

[...] de suas palavras, e até mesmo de suas expressões alegóricas, de que às vezes se servia para se fazer mais compreensível, eram entendidas de maneiras diversas, segundo a capacidade de compreensão de certos indivíduos ou grupos. Esse é um processo de deformação bastante comum nos tempos de ignorância e que hoje se repete nos meios e regiões ainda não atingidos pelo progresso (PIRES, 2014, p. 17).

Não obstante a importância de Jesus para as religiões judaico-cristãs em todo o mundo é necessário situar essa personagem também na esfera histórico-cultural e sociológica de sua época – mais especificamente o denominado *Jesus Histórico*. Pesquisadores como John Dominic Crossan (1994; 1995), Ernest Renan (1995) e Jakobsenius Schweitzer (2005), dentre outros, chamam atenção para as muitas interpretações dadas à mensagem de Jesus, ressaltando a subordinação da maioria dessas interpretações às teologias das igrejas cristãs; aos cultos externos e suas formas de proselitismo e aos axiomas engessados na filosofia dogmática, definida esta última pela tradição (sob a influência direta das políticas clericais erigidas ao longo da história como instrumento de dominação ideológica).

Conforme os autores mencionados acima, a constatação da existência de interpretações diversas sobre Jesus Cristo ao longo de sua passagem pela terra aponta para a existência de estudos que tenham como objeto o aspecto mais literal da mensagem cristã, no qual a estrutura fundante e basilar dos ensinamentos de Cristo é secundarizada. A questão que norteia as reflexões sobre o aspecto histórico da vida de Jesus se resume à seguinte indagação: o que é que Jesus de fato andou fazendo?

A propósito das interpretações, Kasper (1978, p. 34) as entende como parte de uma crise que manifesta certo dualismo,

A teologia, com este dilema entre o Jesus histórico e a sua interpretação ideal, participa na problemática generalizada do espírito da época moderna. Trata-se do dualismo entre as ciências do espírito e as da natureza, *res cogitans* (Descartes), lógica da razão e lógica do coração (Pascal), o dualismo entre relações pessoais existenciais e materiais. Este dualismo metódico se transportou para a teologia, desembocando, ao distinguir entre Jesus histórico e Cristo da fé, em um duplo acesso a Jesus: um histórico-crítico, racional e outro interno, superior, intelectual-espiritual, existencial pessoal, crente (Tradução livre nossa).<sup>15</sup>

<sup>15</sup> “La teología, con este dilema entre el Jesús histórico y su interpretación ideal, participa en la problemática generalizada del espíritu de la época moderna. Se trata del dualismo entre las ciencias del espíritu y las de la naturaleza, *res cogitans* (Descartes), lógica de la razón y lógica del corazón (Pascal), dualismo entre las relaciones personales existenciales y materiales. Este dualismo metódico fue transportado a la teología, conduciendo, al distinguir entre el Jesús histórico y el Cristo de la fe, en un doble acceso a Jesús: histórico-crítico, racional y otro interno, superior, intelectual-espiritual, existencial, personal, creyente.” KASPER, 1978, p. 34.

Embora as duas correntes busquem separar o Jesus Histórico do Cristo da Fé, a relevância da presença de Cristo, bem como de sua personalidade única, não pode ser desvinculada de sua obra, que se caracteriza, a um só tempo, pelo seu caráter dicotômico ativo e passivo. Existem diversos textos, reputados como apócrifos, que tiveram sua origem a partir de escritos que tratavam da historicidade no que tange à vida de Cristo. A maioria desses manuscritos encontram-se coligidos no livro *The Apocryphal New Testament* (Oxford University Press, 1924), da autoria de Montague R. James. Consoante as informações desse acadêmico medievalista, as muitas figuras desenhadas nas catacumbas dos cristãos – como pombas, peixes, âncoras e outros símbolos considerados de uso cristão – configuram uma prova da crença no Cristo histórico. Outro ponto relevante nessa materialidade da crença no Cristo histórico é a presença do anuário cristão, do domingo, e da igreja, como observa Cairns (2008)<sup>16</sup>, historiador da religião e professor emérito do Wheaton College.

Nesse contexto, verifica-se a existência de duas entidades, o Jesus Histórico e o Cristo da Fé, cindidos em razão da necessidade cultural e histórica de explicação mais racional dos fenômenos que caracterizam a figura de Jesus Cristo. Em verdade, não havia – até meados do século XVIII – por parte do cristianismo preocupação com a questão da vida histórica de Jesus. O que existia era um sentimento de irrestrita confiança nos relatos constantes nos evangelhos, notadamente no que se referia à história de Jesus (CROSSAN, 1994; 1995; RENAN, 1995; SCHWEITZER, 2005).

No tocante à religiosidade que atravessou os séculos, chegando até nossos dias, o professor Earle Edwin Cairns (2008) leciona que os grupos religiosos-hegemônicos – com algumas alternâncias no poder – têm dado o tom na política, na economia, na academia, na vida pública e privada dos indivíduos. Assim, presume-se que o misticismo, até o presente momento, tem andado de mãos dadas com o centro dos interesses capitalistas-materialistas (CAIRNS, 2008). Contrário a isso, Pires (2014, p. 133) se pronuncia com propriedade, pensando um novo momento histórico, no qual os velhos padrões se tornaram obsoletos: “o complexo religioso é um fenômeno humano, entranhado na carne, no sangue, nos nervos, no psiquismo e no espírito do homem”.

Daí entender-se que os indivíduos construam em si as condições para o “dolo” para interferências outras à sua vida privada, profissional, política, promovendo ele mesmo permanente indefinição quanto às importantes decisões de cunho particular e coletivo. Sabe-

---

<sup>16</sup> Cf. CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 41-42.

se que a subserviência vem justamente da condição de desajustamento interno do indivíduo que, não sendo (Ser), pensa ser e corrobora para que os que sabem que não “é” continuem programando o seu “é” invisível, sem se aperceber de que é marionete culturalmente manietado às expressões, principalmente de fé (ou falta dela), pois os dois extremos são colonizantes, como atesta Frantz Fanon (2008<sup>17</sup>) na sua obra clássica *Pele negra, máscaras brancas*. Corrobora também esse entendimento Marcos Bessa-Oliveira quando ressalta que

O projeto de cristianização do Ocidente que deu ancoragem ao projeto de homogeneização dos corpos pagãos, por meio do controle das almas desses indivíduos, acabou por subsidiar a crença de que é o corpo quem deve pagar por todos os pecados cometidos em plano terreno que não estivesse *sub judice* da colonialidade salvadora do pensamento moderno europeu e agora sob a extrema-direita ultraconservadora que defende “[...] ‘Deus acima de todos’ para conseguir ocupar o lugar hoje por ele [o atual presidente da República] (des)ocupado.” (BESSA-OLIVEIRA, 2020b, p. 36). (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 1976)

Nessa perspectiva, importante a fala de Pires (2014), pois se abre a oportunidade de se refletir o homem enquanto “Ser”, sabendo-se que “é”, compreendendo sua incompletude, trabalhando para que suas decisões tenham o poder de transformar. Em relação à descolonialidade, portanto, tem-se que pensá-la a partir do sujeito-interno, pois conforme nos alerta o autor, nele se misturam “os elementos da magia, do animismo, do medo, da credence das superstições, do antropomorfismo, do sadismo, do masoquismo, do delírio, do amor e do ódio, da esperança e do desespero, da vida e da morte, de Deus e do Diabo.” (PIRES, 2014, p. 133).

Vimos recentemente, como disse o líder do governo na CPI das vacinas, após o interrogatório (15/07/21) a um dos envolvidos no “esquema” de tentativa de compras superfaturadas dos imunizantes, “estamos constrangidos” em conhecer o conteúdo das tratativas de diferentes grupos de agentes públicos (militares e civis) e políticos, em cargos muito próximos ao presidente, e pessoas de menor “destaque”, “os laranjas”, encenando papéis patéticos diante de uma nação escandalizada, sabedora dos esquemas que são negados pelos mesmos que incorreram aos “deslizes” frente às leis vigentes. Sim, os brasileiros, boa parte deles, sentem-se ridicularizados, porque é sabido como as coisas caminham nos meandros do poder, assim como todos sabem de que lado a corda arrebenta (G1.GLOBO,

---

<sup>17</sup> Frantz Fanon (1925-1961) trata dessa questão da inexistência de um “eu” próprio no homem colonizado. Posto que, para Fanon, a verdadeira identidade do colonizado está perdida, tendo sido obliterada pela lógica de dominação ideológica do colonizador. Fanon recorre à linguagem, ou à sua manipulação ideológica, para explicar como o homem colonizado é levado a se anular, enquanto detentor de uma cultura própria, para aceitar a subordinação e um lugar secundário na cultura do colonizador. Veja FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 33-52.

2021<sup>18</sup>).

Isso é colocado para reforçar a ideia de que quando o Ser não pensa, o corpo padece, como sabiamente dizia minha mãe. Sabe-se onde vão parar os “sem destaque” na vida pública, os “vendedores, representantes de empresas”, que se colocam no papel de servidão, achando que desenvolvem importantes papéis no sistema político atual.

Diante do exposto, observa-se que a corrupção na política brasileira é sistêmica e tem raízes na colonialidade-eurocentrada subjetiva, aquela que está impregnada na psique dos indivíduos, conforme destaca Zulma Palermo (2014, p. 33-34), pensando uma *Pedagogia Descolonial* aos moldes do pensar de Quijano.

Essa lógica da colonialidade desenvolvida [...] dá origem à formação de subjetividades individuais e sociais, indissociáveis da colonialidade do saber ou da colonialidade epistêmica. A estruturação da subjetividade encontra seu foco – a meu ver – nos problemas de raça, gênero e sexualidade como objetos centrais dos estudos que ocupam a posição colonial. Mas aqui me parece essencial esclarecer que essa noção de distância daquela desenvolvida pela filosofia eurocêntrica à maneira de Heidegger e Levinas, como aquelas que tanto Dussel (2006) quanto Maldonado Torres (2003) defendem e reconhecem genealogias diferentes e recolocadas e geopolíticas. (Tradução livre nossa).<sup>19</sup>

Segundo essa avaliação, pondera-se os sujeitos-homens-mulheres e suas especificidades, e para além das especificidades, mas ao mesmo tempo pensando que elas importam ao se autoconstruírem, os sujeitos, usando a prerrogativa da liberdade de escolha, podem se instrumentalizar como (de)movedores de competências e habilidades de suporte no autodesenvolvimento subjetivo do Ser criado(r)-criativo.

Numa outra perspectiva, o sujeito vai para a universidade (quando vai) pensando em se formar e se dar bem na vida. Alguns conseguem (ultra)passar as barreiras internas (resultante das especificidades) e externas (cultural-social-econômica), mas a grande maioria, como resultado de vivências padronizadas na colonialidade, não desenvolve mecanismos centrados nas competências e habilidades que pensam a coletividade.

Em verdade, a preocupação dos macrogestores da educação brasileira é atender às

<sup>18</sup> Cf. [g1.globo.com/politica/Na CPI, líder do governo se diz ‘constrangido’ com diálogos entre vendedor da Davati e servidor](https://g1.globo.com/politica/Na-CPI-lider-do-governo-se-diz-constrangido-com-dialogos-entre-vendedor-da-Davati-e-servidor). **G1 — Brasília 15/07/2021 18h46**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/07/15/na-cpi-lider-do-governo-se-diz-constrangido-com-dialogos-entre-vendedor-da-davati-e-servidor.ghtml> Acesso em: 22 jul. 2021.

<sup>19</sup> “Esa lógica de la colonialidad desarrollada [...] dá lugar a la formación de subjetividades tanto individuales como sociales, inseparables de la colonialidad del saber o colonialidad epistémica. La estructuración de la subjetividad encuentra su focalización – según lo intiendo – en los problemas de raza, género y sexualidad como objetos centrales de los estudios que ocupan a la posición colonial. Pero acá me parece imprescindible aclarar que esta noción de distancia de la desarrollada por la filosofía eurocentrada a la manera de Heidegger e Levinas com los que entran tanto Dussel (2006) como Maldonado Torres (2003), reconociendo genealogías y geopolíticas distintas e relocadas.” (PALERMO, 2014, p. 33-34).

demandas do capital neoliberal, investindo na preocupação de bons técnicos; mas negligenciando a formação desses indivíduos no que tange ao domínio do conhecimento humanístico-filosófico necessário à construção de cidadãos completos, não apenas autômatos. No que concerne ao campo neoliberal, a educação desvincula-se da esfera social e política, passando a ser parte na engrenagem do mercado e, conseqüentemente, funcionando nos moldes que o particulariza, tendo no consumo sua força motriz.

Nesse sentido, a professora Sonia Alem Marrach (1996) apresenta três objetivos principais da educação sob a égide do neoliberalismo:

1. Atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa. Assegurar que o mundo empresarial tem interesse na educação porque deseja uma força de trabalho qualificada, apta para a competição no mercado nacional e internacional. [...] 2. Tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários. O que está em questão é a adequação da escola à ideologia dominante. [...] 3. Fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática, o que, aliás, é coerente com ideia de fazer a escola funcionar de forma semelhante ao mercado, mas é contraditório porque, enquanto, no discurso, os neoliberais condenam a participação direta do Estado no financiamento da educação, na prática, não hesitam em aproveitar os subsídios estatais para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos no mercado escolar (MARRACH, 1996, p. 46-48).

Por conseguinte, conclui-se que a educação espiritualizada e racional é preponderante nas escolas, nas academias, na família e por que não, nas igrejas? Pensa-se nessa faceta educacional como forma outra de descolonizar o pensamento dos indivíduos, levando-se em conta que não há, ainda, uma cultura de educação para o desenvolvimento moral das criaturas. Isso é o que vimos tentando elencar a maior parte do tempo na nossa escrita (incorrendo, inclusive, ao desagradável exercício da repetição), fazendo o link entre corrupção, violência, miséria e injustiça à falta de uma *educação que molde o caráter*.

Nunca é demais lembrar que se convencionou, ao longo do tempo, crer que a educação moral se daria pelo ensino religioso, para tratarmos de desmitificar essa (in)verdade. Esse era o compromisso das igrejas, desde remotas épocas. E não deu muito certo, pois a maioria delas postularam pelas ligações equivocadas com o poder político-administrativo, fazendo seus acordos, suas trocas e nessa negociata, conforme os autores aqui arrolados, sobretudo Pires (2014).

Uma religião é o pressuposto global de solução arbitrária para toda essa problemática. Enquanto a cultura humana engatinhava, as religiões serviram para remediar situações, embora muitas vezes fizessem o contrário, agravando-as. Hoje, com o avanço acelerado do Conhecimento, em todas as áreas culturais, nada sobrou para o tempero das religiões (PIRES, 2014, p. 133).

Nessa perspectiva, conforme Pires (p. 133), “a receita cristã, depurada dos adendos

teológicos, mostra-se adequada a esta hora da evolução terrena”. Mais à frente o autor refutando a mística teológica, vai asseverar que “é tempo de fecharmos as portas das boticas teológicas e ligarmos o anseio religioso do homem, à sua provada capacidade de pesquisa científica”, pois Religião sem Ciência, conforme o autor (p. 134), é ignorância.

A botica teológica está enterrada atualmente até o pescoço nas negociatas das supostas compras de vacinas. A CPI da Pandemia tem levantado informações, em conversas de *WhatsApp* (em celulares dos envolvidos no esquema apreendidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito), demonstrando que grupo evangélico participou das tratativas de compra paralela de vacinas ao Ministério da Saúde e prefeituras de vários estados. Segundo a imprensa televisiva, em noticiário diário, acerca das investigações do caso, o grupo é comandado por pastores evangélicos que dão sustentação ao atual Governo Federal. Essa prática não é de agora, haja vista que as instituições religiosas, independentemente da denominação, sempre estiveram – ao longo da história – envolvidas com o poder político, como observa o sociólogo Eduardo Lopes Cabral Maia, em sua dissertação de mestrado defendida em 2006 (MAIA, 2006).

Percebe-se, assim, que culturalmente essas práticas estão incrustadas na alma (espírito) brasileira. Nem por isso, no entanto, todos os brasileiros e brasileiras coadunam dessa pragmática, o que demonstra também que determinados sujeitos adquirem meios de se elevar moral e psiquicamente (consciencialmente) em detrimento de outros. Por isso, pensa-se em uma educação que atinja a todos independentemente de classe social, de idade, de etnia, de gênero, etc., em conformidade com o que propõe Pires: “É necessário, agora, colocar o problema em termos mais amplos e arejados. O sistema sectário, fechado e arrogante, não pode prevalecer num mundo que se abre para as relações cósmicas” (2014, p. 133).

Nesse mesmo cenário, reconhece-se que uma pequena massa crítica (de pesquisadores, intelectuais, artistas, escritores e profissionais liberais) tem se insurgido contra o poder estabelecido. E pautado pela filosofia e pela ciência, situa-se num patamar superior de humanidade. Esse grupo de indivíduos visa avançar em conhecimento, para dar respostas às questões de foro íntimo, que amiúde provocam o riso, mas também a dor; promove o sujeito, porém, pode desmotivá-lo.

É sabido que o resultado da inversão de valores e da desimportância que se dá aos outros e à vida, se apresenta como dor, doenças psicossociais, depressão, suicídio, corrupção; em geral é responsável pelos desmandos de toda ordem, dos altos índices de crimes cometidos contra as mulheres, as crianças, os gays e lésbicas, os indígenas, os deficientes físicos e

intelectuais, os negros, os pobres, a devastação das florestas e rios.

Essa massa crítica que se descontenta com as regras pré-estabelecidas não reclama à beira do caminho, pois isso seria inócuo. Ao contrário, contrariando as normas ideológicas vigentes, busca melhor se informar, comprometendo-se com a conversão de conceitos e atitudes (malfazejas) em dignidade nas relações humanas. Dentre os educadores da Educação Básica ainda são poucos os que se engajam nessa vertente. Há os que se negam a aceitar que hajam modos diversos de se pensar e educar, dado que fincaram os pés nesta ou naquela corrente pedagógico-ideológica e filosófica, permanecendo em zona de conforto.

Apesar e por isso, não há como negar o registro dos conceitos Espíritas impressos como premissas de determinadas associações às quais estão vinculados os indivíduos altruístas, mobilizadores de mudanças. Esses mesmos conceitos têm chamado atenção de educadores, bem como de médicos, psicólogos, jornalistas, juristas, físicos e escritores outros, que ampliam suas visões de mundo e da natureza humana, contribuindo para com a elevação dos padrões mentais das pessoas que os seguem, sobretudo, nas redes sociais. Nessa abordagem, a *Associação Médico-Espírita* (AME) com sede na maior parte dos estados brasileiros, entende a saúde

[...] como estado de plenitude e harmonia orgânica, psicológica e espiritual. É uma entidade com fins científicos, educativos e beneficente e sem fins lucrativos. Segue a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, tendo em vista as suas relações, integração e aplicação nos campos da Filosofia, da Religião e das Ciências, em particular da Medicina, procurando fundamentá-las através de estudos, realização de estudos científicos e ensino do novo paradigma médico-espírita.

Essa atmosfera de mudança de paradigmas tem sido salutar para o desenvolvimento de cultura outra, menos dependente dos sujeitos em relação à origem, classes, ideologias, reparando-corrigindo as discrepâncias em geral. Dessa maneira, pensa-se em erigir uma sociedade nova para novos sujeitos e um novo momento histórico.

Percebe-se, assim, que o esforço dessas classes de profissionais-instituições em (re)pensar propostas de vida outras, tem impactado positivamente a cultura brasileira. Nesse viés, a Associação Jurídica-Espírita, também com ramificações em quase todos os estados da Nação, tem como um dos seus maiores representantes Haroldo Dutra Dias. Mineiro por nascimento, ele tem milhares de seguidores nas redes sociais. Além de grande estudioso do Espiritismo, o magistrado é reconhecido internacionalmente como escritor, conferencista e tradutor dos textos evangélicos. Também é especialista em paleontografia, crítica textual, aramaico e francês. Em seus textos, Dias aborda o Cristianismo de uma forma outra, desmistificando tanto o Cristianismo quanto a figura de Jesus, como o faz a maioria dos

estudiosos espiritistas e espiritualistas da atualidade.

Não obstante, as críticas ao Cristianismo já são uma constante no pensamento descolonial. Numa perspectiva anticolonial, Aimé Césaire (2006 [1955]) engendrou também análises contundentes sobre o Cristianismo, acusando-o de fazer suscitar equações desonestas, nas quais o Cristianismo figura como diametralmente oposto à civilização e o paganismo à selvageria. Tais construtos só poderiam resultar, avalia Césaire (2006, p. 5, tradução livre minha), nas “abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas seriam os índios, amarelos e negros”.<sup>20</sup>

Numa demonstração que os conceitos espíritas são defensores da vida na sua integralidade, cita-se matéria veiculada no jornal *Folha de São Paulo*, em 19 de maio de 2008, objetivando a pretensa luta dos juristas para espiritualizar o judiciário. Em extensa reportagem

[...] o jornal Folha de S. Paulo fala da recém-criada Associação Jurídico-Espírita de SP que tem o objetivo de discutir temas polêmicos como o aborto, a eutanásia, o casamento gay, a pena de morte e as pesquisas de células-tronco. A Associação também defende o uso de cartas psicografadas nos tribunais.

No que toca à Educação, muitos autores têm se empenhado em registrar e divulgar os princípios morais da filosofia, como o fez Wellington Balbo em *Espiritismo atual e Educador* (2009). Sim. Educador, porque a meta da filosofia em questão é educar o Espírito (Alma), para o desenvolvimento da consciência humana.

[...] o Espiritismo veio para dialogar com o cotidiano, que suas lições são para aplicação constante. Daí a necessidade da simplicidade e naturalidade ao se transmitir a mensagem espírita. Ela deve ser de fácil compreensão, deve estar aberta tanto às inteligências mais robustas quanto às mais singelas (BALBO, 2009, p. 68).

Essa perspectiva de Educação, coaduna-se com o pensamento de Celma Laurinda Freitas Costa (2009) que apresentou os princípios da doutrina espírita em seu trabalho de mestrado, analisando a viabilidade dos princípios Espíritas como programa didático-pedagógico. A autora analisa a *Pedagogia Espírita*, considerando-se que “o Espiritismo traz ensinamentos sobre o homem, a natureza, a origem e o destino do mundo, as esferas material e espiritual, Deus e princípios religiosos cristãos, ditados pelos Espíritos por meio dos médiuns” (COSTA, 2009, p. 8), *enquanto que nós tendemos por uma pedagogia mais aberta, livre das amarras e denominações quaisquer vinculadas à religiosidade* (como a conhecemos até então, mística, irracional, fantástica e sobrenatural), ainda que, com os fundamentos que

---

<sup>20</sup> “Abominables conséquences colonialistes et racistes, dont les victimes devaient être les Indiens, les Jaunes, les Nègres” (CÉSAIRE, 2006, p. 5).

perpassam as ações pedagógicas, vinculadas aos pressupostos espírita-cristão-primitivos, rigorosamente, atravessadas pelas ciências e pela filosofia Espírita (COSTA, 2009).

Pressupondo-se que religião, no fim das contas, seja o *efeito e não a causa*, elabora-se outras considerações. De outro modo dito, não são as religiões que melhoram o homem, que promovem o progresso da consciência (muito embora possam elas contribuir para o acesso dos indivíduos a conhecimentos que estimulam a mudança). São os indivíduos que se melhorando, conseqüentemente, (re)ligam-se a Deus ou ao universo, tidos como força superior que rege tudo.

Em consonância com o descolonial Enrique Dussel, o filósofo e educador Herculano Pires e Haroldo Dutra Dias, fundamentando a desmitificação e descolonização, na minha escrita, apresenta-se as experiências em pesquisas de o jornalista Rodrigo Alvarez (2018), correspondente da Rede Globo, na Europa. Alvarez escreve, depois de sete anos de pesquisa dos textos evangélicos, refletidos em *Jesus: O homem mais amado da história*,

O que você tem agora em mãos é uma biografia de Jesus que traz em suas páginas os cheiros dos desertos e das montanhas da terra de Israel, o lugar que os romanos chamavam de Palestina. Uma biografia escrita a partir das fontes bibliográficas e arqueológicas mais atuais, assim como também das mais antigas de que se tem notícia, com uma busca incessante pela informação em estado bruto, o mais livre possível dos interesses políticos e religiosos que manipularam a História em benefício dos vencedores (ALVAREZ, 2018, p. 19).

O jornalista segue os passos de outros tantos pesquisadores a exemplo de Haroldo Dutra Dias, Juiz de Direito, conferencista Espírita, tradutor e escritor, demonstrando que é possível rever, reavaliar os textos do Cristianismo primitivo, erigindo a partir daí uma realidade (fé) mais robusta, pois que teriam mais vínculos com a naturalidade (verdade). Isso também, em algum momento, vai fomentar discussões e debates nas academias, de sorte que os intelectuais, a exemplo de Dussel (2016), revisem a História, levando em conta o contexto de época, nem endeusando pessoas, nem as ignorando, sobretudo a Jesus, a quem o mundo ainda precisa conhecer. E apesar das religiões (incluindo a Espírita), Seus ensinamentos permanecem ocultos para uns e mal interpretados por outros. Seja como for, é de se admirar que o homem simples que demandou uma força moral imensa para orientar a humanidade da época, plantando sementes para o futuro, permanece vivo e amado há mais de dois mil anos. Isso não se pode ignorar.

Permanece viva também a figura altiva e racional de Paulo de Tarso (5-67), que teve que vencer a si mesmo para se colocar no papel de *educador de almas*, a serviço daquele a quem perseguira, sentindo na pele as dores da incompreensão, a desfeita dos Gentios, a fome,

a brutalidade de sua própria gente. Sua missão foi implantar o evangelho de Jesus (o Nazareno), entre os homens, inclusive entre os discípulos, pois mesmo eles se desentendiam acerca dos ensinamentos cristãos nas igrejas nascentes (CAIRNS, 2008).

Dessa forma, Paulo de Tarso procurava equilibrar os ensinamentos de Jesus-homem entre seus pares, orientando-os por meio das Cartas ou Epístolas, dentre as quais aos Romanos (DUSSEL, 2016). Texto usado por Enrique Dussel para descrever a Filosofia Política, que o autor entende ter-se iniciado a partir desses textos, levando-se em conta o contexto do Império Romano.

Estes escritos devem se situar no contexto econômico e político do Império Romano, em uma etapa de consolidação da estrutura de dominação escravista e oligárquica de trágicas desigualdades que despertava um clamor imenso entre crescentes massas majoritárias oprimidas, exploradas, reduzidas a suportar sofrimentos inenarráveis [...]. As Cartas são uma resposta a esse clamor por uma justiça política e econômica universal (DUSSEL, 2016, p. 16)

De certa forma, nos contam os estudiosos da religião Giuseppe Barbaglio (1989), Adalbert Gautier Hamman (1997) e Rinaldo Fabris (2001) que Paulo de Tarso faz uso de suas inclinações religiosas e políticas, habilidades que o colocam como homem de destaque tanto na sociedade romana quanto entre os primeiros cristãos, desenvolvendo aqui e ali os valores do Espírito (na minha escrita, conceituados por competências e habilidades). Dado que o Evangelho de Jesus, o Nazareno, é Lei de convivência pacífica e produtora de desenvolvimento moral e ético de ontem, de hoje e para o futuro (KARDEC, 2012).

Nesse percurso, as competências e habilidades, resultantes das práticas das (experi)vivências, determinam os efeitos da causa-conhecimento. Conhecer, viver, modificar, replicar, conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular (2017), conforme orienta Jesus de Nazaré em *As Bem Aventuranças* (KARDEC, [1866] 2013) (re)verificadas nas recomendações de Paulo Freire (1996), por meio das considerações que o autor faz acerca das competências e habilidades (atributos), que devem ter os que se propõem a educar, e em Dussel (2016, p. 10), via *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios*, em especial, à Carta de Paulo aos Romanos: “[...] há interdição absoluta para se usar ou interpretar filosoficamente (como se fossem intrinsecamente teológicos) textos da Bíblia judaico-cristã, tais como o Êxodo, o Evangelho de João ou a Carta aos Romanos, de Paulo de Tarso.”

O autor disserta sobre o quanto a academia abandonou as discussões e reflexões acerca dos textos bíblicos, considerando que esses textos não tenham grau algum de conhecimento que mereça ser pesquisado pelos intelectuais. Em contrapartida à ideia do nada, é oportuno se

levar em conta, por exemplo, que se não devemos refletir, discutir (re)elaborar opiniões acerca de tais textos, quais ferramentas podemos ofertar aos educandos que têm o vazio como bagagem, a insatisfação como presença? O que oferecer aos indivíduos que começam a tatear a vida social e coletiva, em especial àqueles que não têm sonhos, que não encontram o equilíbrio no seio familiar e, sobretudo, aos que passam fome?

Não seria inteligente pensar que a fé (sendo *racional*) pode alimentar, produzir vontade de “fazer”, de “esperançar”, de produzir resiliência e autoestima, partindo do autoconhecimento? Que os indivíduos com essas habilidades se autodeterminam, autogestam-se? E que tais habilidades produzirão confiança e certeza de que os caminhos, não importam quais sejam, os levarão sempre a um ponto desejável? E que se assim não for, esses indivíduos saberão lidar com possíveis insatisfações, desempenhando novas ações no sentido de se resolver essas e outras tantas questões postas ao longo da vida? Afinal, não existe ninguém que seja imune à dor, dificuldades, decepções. A vida é uma contínua ação que acontece nas inter-relações humanas. E essas inter-relações são alimentadas e realimentadas de outras tantas ações e reações que projetam consequências.

Por conseguinte, os sujeitos precisam aprender a viver com equilíbrio para dar conta de todas essas consequências, entendendo que elas dependem das causas, de ações específicas a que eles têm (ou teriam que ter) controle. Esse é o ponto. Teriam as escolas e as academias suporte para dar conta de projetar nos indivíduos estímulos capacitadores para a vida, fazendo mais do mesmo? Sendo a academia e as escolas padronizadas pelos conceitos materialistas, poderiam educar subjetivamente, inculcando nos indivíduos a resiliência e outras competências e habilidades que são dessa área?

Na América, as universidades coloniais teológico-monárquicas mutam-se em universidades seculares estatais. E se fundam outras universidades, como a do Chile, em 1862, e a UBA, em 1821. Tudo isto antes que a França e a Inglaterra colonizassem a África e a Ásia, e começassem aí a instalação de universidades kantianas-humboldtianas. Enfim, a universidade e o museu são duas instituições chaves sobre as quais se fundou e se mantém a **colonialidade do saber** e da **subjetividade** (MIGNOLO, *apud* LORCA, 2014, p. 2).

É certo que novas abordagens pedagógicas vêm sendo discutidas e, com efeito, elas são ponderáveis do ponto de vista do contraditório. E é certo que outras “coleções” culturais e bibliográficas vêm sendo descobertas e isso tem feito com que as instituições do patrimônio (conquistado) naturalizado europeu tenham que passar por mudanças. Se a educação materialista-colonialista não contempla o desenvolvimento de dentro para fora, o educar por excelência, é porque o Ser é feito de matéria outra, com necessidades ainda desconhecidas da maioria dos educadores.

Isso atravessa os textos de Amui (2007), uma (re)leitura de grande valia para nossa reflexão. A autora defende que o *Ser* necessita ser impulsionado para o bem, posto que é na ausência do *bem* que o espírito se vê forçosamente conduzido aos inúmeros problemas que caracterizam a condição humana, como o medo, as incertezas, as patologias psíquicas, a insegurança. O sentimento de incompletude (vazio existencial), dentre outros. Essa ausência do *bem* reverbera, conforme a interpretação de Alzira Bessa França Amui (2007), na maneira como os indivíduos exteriorizam suas ações e seus pensamentos.

Nessa perspectiva, a autora estabelece o que, em outras palavras, ponderam Enrique Dussel (2016) e Paulo Freire (1996) no tocante às questões da descolonialidade e do desenvolvimento dos educandos, respectivamente. Alzira Bessa França Amui (2007, p. 72) entende que o destino do *Ser* é progredir, evoluindo sempre “para vencer a si mesmo, seus conflitos, suas dificuldades e suas dores. O bem é a meta a atingir, mas nem sempre o Espírito tem a clareza de como proceder para alcançar o êxito de percurso evolutivo. O estudo da destinação do *Ser* rompe com os conceitos equivocados de determinismo e casualidade.”

É preciso dizer que os autores citados não tratam do mesmo tema, porém, cada um do seu jeito procura desvendar os caminhos que projetam o *Ser* ao alcance da autonomia, que essa projeção lhe garanta liberdade na verdadeira acepção da palavra. Desse modo, todos os autores, de Sócrates a Dussel, de Allan Kardec aos médicos e físicos, encontram em Eurípedes Barsanulfo, por intermédio de Alzira Amui o “elo”, “a costura” entre a dúvida e a certeza, entre o sobrenatural e a razão pura da natureza humana, refletindo os *Princípios que Fundamentam a Educação do Espírito* (2007).

É, por conseguinte, uma cadeia de elementos que se cruzam, aprofundam historicamente e que se completam, relativamente às informações que descolonializam a consciência do *Ser*. É algo maior e mais profundo que a superficialidade dos fenômenos materiais levados ao limite místico, que atuam na sociedade capitalista-materialista, ou seja, é a visibilidade do seu oposto: o espiritualismo, o seu desenvolvimento, a sua (re)afirmação. Bessa-Oliveira (2021a, p. 61) é salutar ao afirmar que

[...]: a consciência nos gera desprendimentos. A sapiência gera-nos produção. A primeira desvincula-nos dos saberes moderno e pós-moderno como únicas alternativas de consciência e sobrevivência. A segunda exige-nos pensar-nos sendo latinos para evidenciar nossa sapiência de viver-bem. Consciência evidencia-nos que não somos europeus e/ou estadunidenses. Enquanto sapiência permite-nos pensar-nos como ex-colonizados capazes de produzir artes, culturas e conhecimentos desvinculados dos modernos e pós-modernos pensamentos. Assim, a consciência é a pedra angular para desobedecer epistemicamente aos mandos e desmandos sistêmicos históricos europeus e estadunidenses genocidas de artes, culturas e conhecimentos das diferenças. Sapiência, portanto, é filosofar, pedagogizar, teorizar,

criticar, artesaniar, etc, por falta de termos conceituais melhores agora.

A fundamentação dessa ideia é claramente observável nas atitudes dos indivíduos que não as tendo, não as conhecendo, não as sentindo, provocam atos desvairados e muitas vezes “inconscientemente” se autodestroem. Nesse contexto, é produtor, já que esse é um fenômeno nacional (para ficarmos com dados do Brasil), reconhecer que em se tratando da Educação, algo tem que ser feito e com urgência, pois a ingerência nesse aspecto tem produzido muito mal à sociedade brasileira.

Essencialmente neste ponto salienta-se o grande número de suicídios registrados no Brasil, com destaque para o estado do Mato Grosso do Sul, conforme consta na página da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul (SED-MS), em matéria intitulada *O 3º estado com as maiores taxas de suicídio do país, MS ganha Comitê de prevenção*. Segundo a reportagem assinada por Luciana de Sá Brazil, o estado é um dos que mais registram taxas de suicídio no país. Esses dados são de 2019 e naquele momento, segundo a jornalista, são reflexos preocupantes.

Consoante com o tema há outros malefícios produzidos pela sociedade de consumo, incentivada por uma educação materialista, a serem elencados. Dentre eles o grande número de pessoas, sobretudo, entre os públicos adolescentes e jovens, fomentando as estatísticas que registram números cada vez maiores dos usuários de drogas ilícitas, segundo Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz que mostra “que 3,563 milhões de brasileiros consumiram drogas ilícitas em período recente”. De outro lado, o Relatório Mundial das Nações Unidas sobre Drogas (2021) aponta que há um esforço hercúleo global que não visa tão-somente a promoção de uma cooperação internacional mais atuante no embate contra os impactos negativos das drogas na saúde, na segurança pública e nas estruturas sociais de governança; mas busca, também – de maneira específica os impactos presentes e futuros da pandemia do COVID-19 –, auxiliar de forma mais efetiva e preventiva os Estados-Membros no enfrentamento dos prováveis problemas que surgirão a curto prazo em razão do Coronavírus.

Isso demonstra que o problema é generalizado. O que nos leva a refletir sobre a necessidade de descolonizar informações, aprofundar estudos e investir em pesquisas que deem conta de acelerar ações humanas no combate aos “monstros interiores” que levam à derrocada da vida. E, nesse sentido, operacionalizar investimentos em políticas públicas de combate às drogas ilícitas (e muitas lícitas), pensando na construção de conhecimentos para autorrealização, de autoaplicação prática e factível desses conhecimentos traduzidos no desenvolvimento dos indivíduos.

Nesse ponto é fundamental e assertivo considerar que isso é de interesse de todos, porquanto, as escolas, as universidades e centros superiores de ensino que têm alcance a esse público, muito podem contribuir nessa luta, investindo filosófica e cientificamente em estudos que, na prática, favorecerão toda a sociedade. Sem isso não haverá descolonialidade, nem efetivo progresso social-coletivo.

A Educação é um trabalho ético, estabelecido por princípios de respeito e amor. É pela educação que a humanidade vem avançando nos intrínsecos mecanismos da evolução. Pelo processo de educação do Espírito o pensamento é conduzido a novas descobertas para adquirir conhecimento e o Ser é estimulado a permutar as vibrações de seus sentimentos com o seu próximo, para se transformar. Jesus nos deixou o processo ético de educar quando pautou seus ensinamentos na verdade e estabeleceu a reflexão como meio seguro de se construir o saber [...]. Articulou no pensamento de todos a confiança e a certeza de um Mundo Novo (AMUI, 2007, p. 75-76)

Apesar dos ensinamentos de Jesus ter mais de dois mil anos, ainda estamos caminhando em busca *dele*. Pensando espaços de convivência mais humana. Busca-se no trato com os textos primitivos, dissociar ensino ético-moral da política tradicional, para mostrar a toda gente que cabe a cada um o próprio crescimento. E assim referendar ações pautadas em ideias libertadoras. E nesse aspecto muitos pensadores estiveram no Planeta, em vários continentes, em momentos distintos da história humana, produzindo textos que ora são tidos pela academia como religiosos, ora tidos como filosófico-políticos, teológicos e hermenêuticos.

Assim vai se construindo sociedades que de tempos em tempos se debruçam sobre eles, como o fazemos agora, imbuídos de boa vontade como estão os autores citados. E de tempos em tempos esses textos são aceitos por alguns pensadores, desconsiderados por outros, os quais merecem atenção e estudo, pois por trás das linhas e entrelinhas todos os textos trazem um pouco de “verdade” e muito de ilusão. No entanto, com a inteligência desenvolvida do homem e a tecnologia avançada, são passíveis de observação, de estudos, de modo que essas ilusões podem ser garimpadas, separadas, excluídas dos textos. Portanto, são textos com os quais vale a pena dialogar.

Quem assim não o faz, esquece que todo texto traz em si memórias muito profundas de costumes, da linguagem, da cultura sócio-histórica, político-econômico de distintos contextos, dando-nos a conhecer mais do que a superficialidade das diferentes sociedades. Quem não se atenta a isso, provoca ruptura na historicidade e demonstra que a ignorância se manifesta no medo de descobrir o óbvio. Pensando essa questão, Enrique Dussel assevera que:

O tabu de não se poder tocar em temas rotulados, e por isso negados, religiosos ou teológicos, impediu a filosofia de se fazer responsável pelos textos fundamentais da cultura Ocidental, de um lado, e pela cultura latino-americana (com respeito aos

povos originários) de outro. Ambas as vertentes exigem de nós, portanto, uma revisão da história, da metodologia e da temática filosófica (DUSSEL, 2016, p. 6).

Em consequência, para entender, na escrita, as críticas ao colonialismo, à fé cega, lendo-se religiosidade salvacionista, é preciso conceituar algumas palavras, para imbuir-se de formas outras de pensar esses termos.

Segundo o dicionário *Aurélio Buarque de Holanda Ferreira* (2008, p. 695), religião é “1. Crença na existência de força ou forças sobrenaturais. 2. Manifestação de tal crença pela doutrina e ritual próprios. 3. Devoção.” Previne-se, no entanto, que para a filosofia-ciência-doutrina espírita, não há rituais, portanto, o conceito apresentado não dá conta de definir a filosofia. Em seu meio, a doutrina não postula a ideia de que uma ou outra pessoa possa ser responsável pela “salvação” de alguns ou de muitos. O que há são regras de conduta a ser aprendidas-ensinadas, orientando cada indivíduo a se autoeducar, consoante à ciência. Chamando à responsabilidade os seres para consigo mesmo, para com o semelhante, assim como à natureza, inclusive para com os animais.

Nessa perspectiva, segundo Carlos Orlando Villabraga (2013), em *Espiritismo & Desenvolvimento Sustentável: caminhos para a sustentabilidade*, Leonardo Boff, teólogo e filósofo brasileiro, um dos mais respeitados pensadores da atualidade, coloca-se em defesa dos *bens espirituais* como movimento necessário para as relações humanas em conformidade com a relação com a natureza.

Leonardo Boff desde 1980 tem se dedicado intensamente às questões de ecologia, espiritualidade, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, apresentando ao público suas profundas reflexões e estudos em mais de 10 obras. Ele, que participou da redação da Carta da Terra, conclui: “um desenvolvimento será humanamente sustentável se em seu projeto incluir o capital espiritual. Ele é, à diferença do capital material, inesgotável, pois pode crescer mais e mais. Não há limites para a cooperação, a generosidade, a criatividade, a arte e para o amor” (VILLABRAGA, 2013, p. 102).

Nesse processo a cooperação, a fraternidade, a empatia, a gratidão, a sensibilidade, o afeto, a tolerância, a resiliência, a vontade, a “higienização” de pensamentos e sentimentos têm papéis fundamentais para a filosofia Espírita.

Retomando, vejamos o significado da palavra doutrina, conforme o *Dicionário Online Oxford Languages*: “1. conjunto coerente de ideias fundamentais a serem transmitidas, ensinadas; 2. conjunto das ideias básicas contidas num sistema filosófico, político, religioso, econômico, etc.”. Pois bem, a religiosidade que predominou na filosofia Espírita, deve ter se cristalizado no imaginário popular, por conta de Allan Kardec ter organizado, como terceiro livro do “Pentateuco Espírita”, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, demonstrando que os

bens espirituais estão atrelados às atitudes de ordem morais, consoante aos ensinamentos Cristãos primitivos. Dessa forma, todo o *Evangelho Segundo o Espiritismo* é fundamentado nas Leis morais, conforme descrita na introdução da obra (ESE, 2013 [1864], p. 17). Os objetivos da obra

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento dos seus dogmas; e o ensino moral.* As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas.

Diz-se “organizado” pelo fato de Kardec não ter criado nenhuma das obras de per se, mas atendendo a critérios de observação-estudo das manifestações naturais, que até aquele momento (século XIX) eram consideradas algo mágico, sobrenatural, fantástico.

No tocante à palavra sobrenatural há ainda mais discrepância. Vejamos. Segundo o *Dicionário Online Oxford Languages*, o significado de sobrenatural é: “1. que ultrapassa o natural, fora das leis naturais, fora do comum; extranatural. 2. Por extensão, que não é conhecido senão pela fé.” Tais definições representam, segundo as religiões materialistas, a adoção da fé cega, aquela que vende os meios para se chegar a Deus ou ao mais alto. Entende-se que essas definições podiam ser aceitas em uma época que não havia conhecimento, por exemplo, sobre a química, sobre a física em suas distintas classificações, sobretudo, mais recentemente da Física Quântica<sup>21</sup>.

A Física Quântica ainda não comprova a espiritualidade, a matéria de que é feito o Espírito. Também não comprova a existência de outras dimensões. No entanto, ela tem demonstrado com sutileza, que tais matérias podem ser explicadas, tanto quanto a *imatéria*, levantando relevantes discussões sobre temas tão sensíveis e necessários nessa altura da história humana.

Isso pode progredir ao ponto de os cientistas sentirem necessidade de criar instrumentos mais sensíveis que possam abranger além dos cinco sentidos humanos, descortinando novas-velhas verdades ao alcance de todos. Portanto, sendo a Física Quântica uma teoria, também chamada de teoria quântica ou mecânica quântica, ramo da física que permite uma descrição do comportamento e interação da matéria e da energia à escala das partículas subatômicas, passível de observação de elementos infinitamente menores que os

<sup>21</sup> Sobre o tema, veja GOSWAMI, Amit. **A física da alma**. 4ª ed. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

elementos tidos como a menor partícula da matéria: o átomo. Assim, comprova-se, no mínimo, que há “algo” além das esferas bruta da matéria, até então conhecida.

Contudo, a Física Quântica é a representação de uma parte da física moderna que, surgida no século XX, tem se desdobrado em muitas correntes, atendendo outros ramos das ciências, conforme demonstra Márcia Saito (2018) que, em *A gênese e o desenvolvimento da relação entre Física Quântica e misticismo e suas contribuições para o Ensino de Ciências*, pode vir a ser uma ponte (o elo) entre o visível e o invisível num futuro próximo. E assim sendo, poderá dar mostras de como se alcançar outros aspectos da vida que se coloca fora do alcance dos nossos cinco sentidos.

Nessa perspectiva, para mensurar a preocupação com a ciência, vamos buscar a definição para as palavras Física e Quântica no mesmo dicionário online, usado até aqui. Física: *substantivo feminino. Ciência que investiga as leis do universo no que diz respeito à matéria e à energia, que são seus constituintes, e suas interações.* Quântico: *adjetivo; é uma referência ao evento físico da quantização, que consiste na alteração instantânea dos elétrons que contém um nível mínimo de energia para um superior, caso sejam aquecidos.* Física Quântica: *que diz respeito a um sistema físico cujas grandezas físicas observáveis assumem valores discretos, de tal modo que a passagem de um determinado valor para outro ocorre de maneira descontínua, segundo as leis da mecânica quântica* (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Dessa forma, para introduzir a discussão sobre a Física Quântica no ramo da espiritualidade, citamos, antecipando dados apresentados por Márcia Saito (2018), o fato de que há uma pretensa convergência entre o pensamento científico e a espiritualidade. Essa relação seria considerada por alguns pensadores como inevitável. Nos EUA, onde essa corrente surgiu, recebeu o apelido de “misticismo quântico”, conforme trabalho apresentado por Pablo Nogueira (2010), em *Espiritualidade Quântica? Consciência, Religião e Ciência no Pensamento de Amit Goswami*.

Já foi dito, mas pode ser repetido: o espiritismo tem base tríplice, sendo ela filosofia, ciência e religião (espiritualidade). Entretanto, o que poucos compreendem é que religião do ponto de vista espírita tem conotação *outra*, diferentemente da conotação dada pelas oligarquias religiosas que de tempos em tempos se reorganizam de acordo com os interesses dos Estado-Igrejas. Assim, definem os espíritas, segundo a *Enciclopédia Online Portal Espírita*: religião “*é um canal de ligação íntima entre cada indivíduo para com Deus e a espiritualidade, livre de quaisquer formalidades, rituais e exibições exteriores.*”

Outra questão de fundamental importância, para se compreender os pressupostos Espíritas, é a constatação de que diferentemente das doutrinas religiosas existentes, a doutrina-filosofia Espírita se dissocia do ideário místico de Deus dos Católicos e dos Evangélicos. Para essas, Deus é um homem que se encontra não se sabe onde, sentado a um trono, julgando as pessoas; encaminhando-as, de acordo com as práticas e lealdade dos fiéis às suas igrejas, ao céu ou ao purgatório, numa tentativa de salvaguardar o crente de um infortúnio eterno no inferno.

Ao codificar o “Pentateuco da doutrina”, Allan Kardec iniciou pelo *Livro dos Espíritos* (1857), considerado a parte científica filosófica da doutrina, na qual faz a *conceituação razoável de Deus*, pois a concepção do Deus místico-mágico parecia-lhe uma concepção. Assim, o professor Rivail-Kardec inicia a escrita com uma inquirição: *O que é Deus (e não quem é)?* Pois a ele era irracional que Deus fosse alguém homem-mulher, de corpo físico semelhante aos habitantes da Terra. E ainda que seja interessante se aprofundar no tema, paramos as considerações por aqui, pois este é assunto para o terceiro capítulo.

Adentremos, então, à questão da colonialidade-aprisionamento mental, pois os conhecimentos (re)considerados neste projeto de pesquisa pretendem moldar instrumentos para vencê-la, pois este é o grande “mistério” da vida, conforme asseverou Jesus, o Pacificador: “Conheça a verdade e ela vos libertará”. Conheçamos, portanto, os meandros do poder religioso e político e sua relação deletéria, que afastou o conhecimento (verdades) dos homens e mulheres, gerando uma fé carregada de ilusões e mitos, para se (re)considerar o contrário: não há nada que o indivíduo não possa fazer em favor de si mesmo; a liberdade, assim como a “salvação” é da conta de cada um e acontece no seu tempo, de acordo com seus esforços. Nesse sentido, em *Pedagogia Espírita*, Pires (1985) dá mostras de como pensar a educação a partir de agora.

A cultura tanto objetiva quanto subjetiva, da Era do Espírito, não pode ser transmitida às novas gerações através dos limitados recursos da Educação Cristã ou da Educação Leiga. Ambas irremediavelmente superadas. *O conflito materialismo versus espiritualismo*, que gerou essas duas formas de educação, não tem mais possibilidades de sobreviver na cultura atual. A nova concepção do homem e do mundo que marca o nosso tempo exige uma nova educação de dimensões cósmicas e espirituais. Porque a Era do Espírito é também a Era Cósmica. E só o Espiritismo tem condições de atender a essa exigência do nosso tempo, através da Educação Espírita [*ou do Espírito* – grifo nosso], que já se desenvolve espontaneamente aos nossos olhos e por sua vez exige a sua formulação pedagógica (PIRES, 1985, p. 53).

Fazendo uma inter-relação entre Pires e Enrique Dussel (2013) no que tange à reverificação de textos evangélicos, que o autor considera de cunho político-religioso, percebe-se no segundo a preocupação em reinterpretá-los de maneira mais apropriada ao

pensamento atual. Essa forma de (re)constatar as “verdades” críticas, encontra na filosofia Espírita conexão. Já que ela recomenda que os textos devem ser reinterpretados, a partir do contexto político-social concernente a sua época, com as reverificações ontológico-epistemológicas quanto à linguística da atualidade. A filosofia-ciência Espírita é uma defensora da evolução humana, baseada nos eventos socio-históricos da civilização.

Assim, a partir de *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios* (2013), entre as páginas 115 e 122, Dussel esclarece minuciosamente todos os fatores implicados ao ensinamento que o Nazareno apresentou aos seus discípulos. É preciso se atentar para o fato de que naquela ocasião, o Pacificador usava de alegorias e metáforas para se fazer entender.

Devido, portanto, a essas nuances simbólicas da língua, apresenta-se em Dussel a possibilidade de clarear a enigmática fala do Nazareno, associando-a a descolonialidade tanto quanto faz menção à relação político-religiosa; afastando-se, assim, dos conceitos ortodoxos. Essa é uma forma que Dussel, como outros tantos pensadores (assim como esta mestranda), que pensam as ações e proposições de Jesus como ações e proposições de ordem moral, social e política, pensam contra uma política de estado que, naquele momento mantinha seu vínculo de poder político-cultural. E que na atualidade se mantém pelo vínculo psíquico-devocional.

Cabe-nos, por conseguinte, repensar a colonialidade, enquanto elemento de tutela do Espírito humano e de sua subjugação, na relação de poder entre mandatários sobre os mandados, num sistema hegemônico, réplica (em parte) das relações romanas sobre o povo judeu, feito servo-servil no jogo de interesses. Vamos, assim, filosofar, porque filosofando abrimos a mente para novos dados, novos conceitos, criando estruturas internas de amadurecimento. Sobre isso nos fala Pires (1985, p. 112) que “desde Platão os homens arejados já compreenderam que as verdadeiras transformações sociais se fazem pela educação”. E acrescentamos: pela Educação esclarecedora, crítica.

[...] são corpos que articularam e articulam filosofias que emergiram das condições ameríndias e africanas, por exemplo, mas também de gêneros, raças, classes, fés e línguas *outros* que o pensar cartesiano, ontológico, da fenomenologia e marxista modernos e a lógica capitalista pós-moderna e ainda neoliberal e de extrema-direita ultraconservadora contemporâneos sequer reconhecem e reconhecerão. (BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 1970).

Portanto, sugere-se que a Educação não é apenas a transmissão de “uma velha e caduca herança de culturas, de uma geração para outra”, é antes e para além da repetição do mesmo, a “reelaboração dessa herança pelos herdeiros, pelas novas gerações”. Nesse ponto Pires (1985, p. 112) faz uma ponte com o pensamento de Dewey, e antes dele, Rousseau, Sócrates e outros.

I. Depois de Platão, quem demonstrou a importância fundamental da educação na transformação do mundo foi Rousseau. Mas antes de ambos houve Sócrates na Grécia, Confúcio na China, Buda na Índia e por fim, Jesus na Palestina, ensinando e educando a Humanidade para o Mundo Novo [...].

Nessa perspectiva, Pires considera que agora é a vez do Espiritismo, enquanto princípio constituído de um código moral, implantado na educação dos indivíduos para se fazer a desmistificação, leia-se descolonialidade, político-religiosa, com intuito de se criar os alicerces de uma nova civilização. Isso, segundo o autor, se dará por meio da educação-modelação dos sujeitos, por meio e das novas gerações. Os leitores, a partir disso, podem questionar: mas e o que será feito dos homens-mulheres que não se afinizam com esses princípios?

Nesse caso, recorreremos a Pedro Demo (1999, p. 158) para salientar que chega um momento na história humana que não temos lugar para ir, a não ser de encontro com a ciência evolutiva. Segundo o autor, a relação “envelhecida ensino-aprendizagem esconde, ainda, a cultura formalista que nos marca historicamente, sempre apta a encobrir sistemas de desigualdade crescente”. A crítica é feita consubstanciando a realidade da educação formal, aos educadores que “não se definem por produção própria, por domínio de conteúdos, por capacidade de contribuição original, habilidade construtiva propedêutica, mas por uma forma geralmente vazia e que denota apenas o investimento de uma posição de autoridade” (DEMO, 1999, p. 158).

Isso posto, elenca-se que a mudança em todos os meios, especialmente à Educação, acelerada pela COVID-19, pede mais que formação acadêmica satisfatória, bom desempenho em sala de aula. Requer-se para o acompanhamento-desenvolvimento dos estudantes, profissionais habilidosos no campo das ciências e das filosofias que, positivamente, esmiúcem-afaguem-abracem as almas dos estudantes.

Explora-se, por meio da filosofia Espírita, portanto, temas que demandam urgência. Os saberes universais da natureza das pessoas e das coisas. Questões postas que, para as quais, ainda, não se obtém respostas acadêmicas, embora estejam aqui e ali na arte, na literatura e que demandam esforços na sua formalização. Por que somos tão dependentes de uma instrução conflitante, marcada pela regulação de interesses e de pretensões duvidosas? Para se compreender o homem, o movimento social, o estudante e o professor é preciso levar em conta uma gama de ocorrências que interferem na formação de nossa gente, desde a colonização.

Desse modo, é necessário reconhecer que desde que o Brasil foi invadido pelos

portugueses, sob a pecha de descobrimento, se propagou as ideias do catolicismo, que se alinhavam às condutas dos desbravadores europeus e a quem pudesse buscar mais terras e mais gente para acrescentar números nas suas fileiras de seguidores. Por um longo período de tempo elas “reinaram” absolutas no país, de modo que outras denominações religiosas só conseguiram impor-se à custa de muita luta. Bem lá atrás, um movimento histórico se deu envolvendo os cristãos e os opressores. Os mandantes do império Romano, não conseguindo inibir o culto ao crucificado, foram aos poucos firmando uma espécie de pacto, admitindo a partir daí Jesus como “salvador”, o Cristo morto e crucificado entre ladrões, o mágico.

Esse movimento político-religioso deu início à igreja Católica Apostólica Romana, que segundo Leandro Carvalho (s/d p. 1) “é considerada uma das maiores instituições religiosas e políticas da humanidade, desde o seu surgimento na civilização romana até os dias atuais.” Em uma análise resumida, temos que “a religião cristã, formada pela filosofia cristã, constituída por ensinamentos sobre amor, compaixão, fraternidade, provenientes das ideias de Jesus Cristo, surgiu e ficou conhecida na antiguidade”. O autor cita Pedro como principal apóstolo e responsável por difundir o cristianismo, após a perseguição e morte de Jesus. Esse grupo teve em Paulo, no entanto, outro importante nome apostólico, a força divulgadora dos ensinamentos, em cujo seio a religião se desenvolveu inicialmente. O autor assevera que

[...] durante o auge da civilização romana, o apóstolo Paulo teve fundamental importância para a expansão do cristianismo e da filosofia cristã. A partir da influência de Paulo, a religião desenvolveu-se inicialmente de forma incipiente entre os romanos, pois os cultos cristãos eram proibidos em Roma e, nessa época, a grande maioria da população romana era pagã (CARVALHO, s/d, p. 2).

Seguindo o raciocínio,

Durante o governo do imperador romano Nero, os cristãos sofreram uma das maiores perseguições em Roma: foram torturados, empalados e hostilizados nas arenas durante espetáculos públicos. No ano de 313, o imperador Constantino deu liberdade de culto aos cristãos e, a partir de então, o cristianismo passou a agregar novos adeptos em Roma, tornando-se a religião oficial do Império Romano em 390, ato instituído por Teodósio (CARVALHO, s/d, p. 2).

O feito teria ocorrido no intuito de “evitar a crise e a decadência do Império Romano”, que teria se dividido em duas partes, “a ocidental, com a capital em Roma, representando o Império Romano do Ocidente; e a parte oriental, com a capital em Constantinopla (capital da civilização bizantina), representante do Império Romano do Oriente” (CARVALHO, s/d, p. 1).

Ao avançar dos séculos e finda a era dos primeiros cristãos, as diferenças entre a Igreja bizantina e a Igreja romana se intensificaram, eclodindo (1054), no que ficou conhecido como o primeiro Cisma do Oriente. Como pano de fundo dessa divergência religiosa havia

divergência política entre o Papa (bispo de Roma) e o imperador bizantino e suas tentativas de dominação. Além do domínio cobiçado pelo imperador, havia já naquele tempo, “divergências em relação ao culto a imagens, às cerimônias, aos dias santificados e quanto aos direitos do clero” (CARVALHO s/d, p. 1). Para se compreender os absurdos que imperam nas atuais igrejas cristãs, é preciso lançar olhares críticos sobre como a Igreja antiga, apesar do declínio do Império Romano a quem se cumpliciou, durante séculos, manteve-se no poder, ditando suas regras e se manifestando como salvadora do mundo, até os protestantes.

Após as invasões dos povos germânicos (bárbaros) e com a crescente crise e decadência do Império Romano, a Igreja Católica aliou-se aos bárbaros, cristianizando-os, dominando e conquistando os vastos territórios ocidentais do Império Romano. As principais alianças se deram com os francos e, posteriormente, com o Império Carolíngio (na figura de seu grande imperador Carlos Magno). Juntamente com a Igreja Católica, propuseram reconstruir a magnitude do Império Romano do Ocidente, o chamado Sacro Império Romano Germânico (CARVALHO, s/d, p. 2).

E desse modo, segundo o historiador,

[...] adentramos a Idade Média, período que a Igreja Católica se confirmou como uma das maiores instituições religiosas e políticas do mundo ocidental. Sendo a grande detentora de propriedades de terra e dominando o campo do saber, as grandes bibliotecas medievais e os estudos filosóficos ocorriam quase sempre nos mosteiros medievais. Nesse período, surgiram os monges copistas (que reproduziam vários exemplares da Bíblia) e o movimento conhecido como Cruzadas (CARVALHO, s/d, p. 2).

A partir daí, as guerras e o terror implementados pela Igreja Católica ou sob sua tutela, na Idade Média, tinham como objetivo “demonstrar seu poder político e também levando em conta a crença da salvação das almas dos hereges”, o que culminou com a instalação da “Santa Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício”, eliminando aqueles que não coadunavam com sua ideologia (CARVALHO, s/d, p. 3). Dentre as vítimas, inclusive seus pares. O clero, nesse período, tinha o poder de decisão quanto à tortura, às queimadas em fogueiras, aos que consideravam hereges. A matança era justificada como necessária para a salvação das almas dos descrentes. Dessa forma, o *corpo físico* pereceria, no entanto, a alma ou *corpo espiritual*, considerada pela igreja como eterna, seria salva. O que a igreja não esclarece é em que condições isso se dará.

[...] o mesmo não é possível ser dito em relação às fés, línguas e aos diferentes gêneros não-heteronormativos que nasceram, cresceram e vivem em terras que foram e ainda o são “en-cobertas” (DUSSEL, 1993) pelas ideias de descobrimento e de globalização como “propostas” de salvação dos bárbaros que viviam e vivem sob as definições do Diabo. Neste caso, portanto, as fés de matrizes indígenas e africanas, os dialetos falados em terras brasileiras, quando das chegadas dos povos “descobridores” e dos migrantes neocolonizadores que vieram para lotear comercialmente as Américas (Latina), e os corpos que não respeitaram aos padrões de ter que ser homem ou mulher para sobreviver acabaram por ser soterrados nas mesmas terras que os amparavam e amparam as suas vidas (descartáveis) inteiras.

(BESSA-OLIVEIRA, 2021, p. 1976).

Mudou o tempo, mas as histórias continuam parecidas.

Martinho Lutero e João Calvino, monges católicos do século XVI, principais opositores dos dogmas e ideologias da igreja de então, chamam para si a responsabilidade de mudar a doutrina católica, “principalmente na região norte da Europa” (CARVALHO, s/d, p. 3). Aparentemente, segundo o pesquisador, eles “não tinham a pretensão de iniciar o movimento conhecido na história por Reforma Protestante, mas apenas solicitavam mudanças nos ritos católicos, como a cobrança de indulgências, a usura, entre outros.”

Assim se refere Leandro Carvalho ao movimento de Lutero e Calvino,

O movimento de reforma iniciado por Lutero e Calvino alcançou uma dimensão que os próprios monges não haviam planejado. A reforma foi decisiva, não por romper com a fé cristã, mas por contestar as doutrinas e os ritos católicos, fundando posteriormente o germen inicial da Igreja Protestante (que, atualmente, concorre plenamente com a Igreja Católica quanto ao número de fiéis e adeptos pelo mundo) (CARVALHO, s/d, p. 3).

No Brasil a Igreja Católica chegou com os navegadores portugueses, fincou o “pé” no coração da Pátria e em toda sua extensão, principalmente, como se constata, na consciência do povo brasileiro, a começar pelos indígenas, depois os homens feitos escravos e em todos os demais.

Quero aqui elencar a importância do trabalho da Igreja Católica, assim como das demais igrejas, em muitos e produtivos projetos e ações sociais e em outras áreas. E acrescentar que a despeito disso, nossa reflexão é histórica, e tem como objetivo o entendimento sobre as relações da igreja e da política enquanto Estado de Direito, e o quanto isso reverbera na Educação e na construção da cidadania em nosso país, sobretudo, nas regiões de fronteira. Pois de um lado temos os portugueses, de outro os espanhóis e de ambos a cultura europeia como modelos, apesar de arcaico, em uso. Melhor dizendo, este trabalho não tem outra pretensão, a não ser esclarecer os episódios que fazem da gente brasileira, agenciada das regras impostas pelas igrejas, sejam elas cristãs ou não.

No Brasil, a hegemonia da Igreja Católica já não existe; pois, os evangélicos, principalmente os vinculados à vertente da “prosperidade”, estão demarcando territórios. Agora já não no sentido geográfico, mas no sentido ideológico-político, infiltrados nas importantes pastas da administração pública brasileira atual. Esses têm compactuado com os negociadores e negociatas de vacinas, segundo a Comissão Pública de Inquérito (CPI) que investiga as más conduções de práticas, nas compras das vacinas, dando o tom político e

antirreligioso para não dizer ético, pelo qual devem postular todos os cristãos ou não.<sup>22</sup>

Os desmandos a partir daí nunca foram tão grandes, e a agressividade no trato aos cientistas e à ciência, à imprensa, à natureza, aos animais, às águas e à população, sobretudo, aos negros, aos índios, às mulheres e aos pobres em tempo algum foram tão violentas e explícitas. Por isso, a urgência em se pensar numa Educação que permeie outros valores entre crianças e adolescentes, que não sejam materialistas, sexistas, homofóbicos, racistas, porque, afinal, a essência de todo sujeito é o Espírito, e este não tem cor, nem raça, nem sexo, nem classe social. Para o espírito não há fronteiras, mas espaço coletivo de (con)vivências; não há segregação ou valores individuais, mas há a ética; o seu potencial é o da humanização, sua referência é a infinitude e o progresso, contrários aos mitos e à animalidade. Já é tempo de se falar sobre isso.

## **2.1 – HEGEMONIA RELIGIOSA: um passeio pela historicidade da fé irracional**

Inicialmente, propõe-se aos leitores um olhar menos evasivo ao tema a ser tratado neste espaço, levando-se em conta que ao me referir às diferentes escolas religiosas de outros e do nosso tempo, não tenho a pretensão de generalizar, pois é sabido que entre as diversas agremiações religiosas, há aqueles que se dedicam a ampliar conhecimentos que sejam comuns a todas as agremiações, e trabalham conjuntamente para despertar nas pessoas os valores morais, naturais, constituidores de “reforma íntima”, de respeito mútuo e de respeito a Natureza.

Para se compreender, no entanto, as doutrinas que atualmente permeiam o ideário religioso do brasileiro, promovendo o apagão reflexivo em a população, é preciso identificar entre os “crentes” as ramificações instituídas. Assim, mostra-se inicialmente conceitos das duas correntes, que acabaram se colocando como distintas entre as denominações religiosas contrárias ao catolicismo: os protestantes e os evangélicos ou pentecostais. Segundo Marina Motomura (2008, p. 1), jornalista da *Revista Super Interessante*, em reportagem na edição publicada no dia 5 de janeiro de 2008, as duas denominações

---

<sup>22</sup> Entendemos que essa é, de certo modo, a inserção da religião na política brasileira, uma prática antiga e também de vários outros governos. Num país onde deveria imperar a laicidade, as igrejas reinam em abundância na defesa dos seus “princípios” dogmáticos “religiosos”-financeiros. Mas precisamos ressaltar que como bandeira de palanque, nos últimos tempos, a gestão atual foi a mais evidente.

[...] referem-se aos cristãos que romperam com a Igreja Católica durante a Reforma Protestante. O termo ‘protestante’ vem do documento formal de protesto – *Protestatio* – que os luteranos apresentaram em uma assembleia em 1529, manifestando a sua oposição à política religiosa adotada pela Igreja.

Entre os protestantes estão os considerados crentes tradicionalistas, os que mantêm as regras fixas, sem levar em conta os movimentos socioculturais e, em boa medida, a tecnologia, os avanços das ciências. Diferentemente dos novos evangélicos que em sua grande maioria buscam a adequação de suas instituições aos gostos dos fiéis, atendendo ao modelo administrativo político-partidário e as convenções sociais. E, embora, no que diz respeito aos conceitos e vivências (re)atualizados, demonstram em suas ações os costumes farisaicos, conforme conceito apresentado no *Evangelho de Jesus*, se referindo aos crentes que se mostram “tementes a Deus” perante os olhos dos homens, mas que não cumprem as regras morais, Divinas ou naturais.

Já o nome “evangélico” vem do fiel que se submete ao ensinamento contido nas “boas-novas” (*evangelium*, em latim) trazidas por Jesus. Os protestantes se declaravam seguidores do Evangelho – um dos seus princípios durante a Reforma era o da *Sola Scriptura* (“Só a Escritura”, em latim). Isso significava que, para os protestantes, apenas a Bíblia era fonte de revelação suprema, e que não deveria ser permitido à Igreja fazer doutrinas fora dela (MOTOMURA, 2008, p. 1).

Dentre esses cristãos se reúnem as chamadas igrejas da prosperidade, aquelas que propagam os milagres aos seus seguidores e “vendem”, com maior operacionalização dos meios midiáticos, a salvação. Uma progressão dos milagres e bênçãos já tão conhecidos pelos fiéis cristãos de todos os tempos, com exceção do cristianismo primitivo, espaço de fé em o qual se encontram inseridos aqueles que viveram ao tempo do Cristo ou logo depois.

O primeiro grupo de protestantes a partir de Martin Lutero (1517), segundo Marina Motomura (2019, p. 1), insurgiu-se contra a postura da Igreja Católica, quanto à “condução do cristianismo e a venda de lugar no paraíso” e “das indulgências”. São nomes reconhecidos como os primeiros protestantes, iniciadores do movimento, o próprio Lutero, acompanhado de João Calvino, John Wyclif e Jan Huss que também queriam uma Igreja mais “racional”.

Apesar de alguns cristãos procurarem a fé racional, desde o movimento contrário ao papado, considerando que o poder central não deveria ficar a cargo de apenas um homem, segundo se observa na história humana, as convenções “dos humanos” sempre fizeram o pêndulo pesar mais para a materialidade e o imediatismo, de modo que se mantêm as propostas cristãs “erroneamente interpretadas”, permeando a política e a administração pública.

Fato esse que não faz o menor sentido, levando-se em conta, por exemplo, que os

cristãos deveriam observar e viver de acordo com o “Sermão da Montanha” (Mateus, 5:1/12), indicação de um modelo de vida pautada na ética e no amor ao próximo. O texto ganhou a atenção de Mahatma Ghandi que teria dito certa feita: “*Se toda a literatura espiritual da humanidade percesse, e só se salvasse o Sermão da Montanha, nada estaria perdido*”, conforme Artigo de Mário Frigéri (2015), publicado pela Editora Mundo Maior. O artigo seria uma transcrição da *Revista Reformador* de junho de 1998.

O que vemos, no entanto, é a contradição: homens vendendo a falsa ideia de milagres para “os escolhidos”, não se sabe por quem, nem por que ou para quê. Sabe-se que a condição para se alcançar “tais bênçãos” é não desconstruir o legado religioso dos “mercadores da fé”. Isso se faz com boa dose de bajulação aos falsos profetas e o “fechar dos olhos” e “abrir as mãos” e as algibeiras. E nesta toada estão os políticos que se elegem jogando com a ignorância e a fé cega dos crentes-eleitores.

Como resultado se vê instituições públicas falidas por conta de má administração. Homens e mulheres de todas as denominações religiosas, fazendo uso de suas redes de contato via igreja, preencherem valiosos tempos do jornalismo diário, que denunciam constantemente os absurdos que ocorrem nos bastidores das negociatas *poligiosas*<sup>23</sup> com anuência de uma multidão de engeguecidos *fieleitores*<sup>24</sup> arrastantes da nacional ignorância sistêmica. Isso sim é colonialidade de consciência.

O desnudamento que estou propondo, ao fim dessa reflexão (ainda que sem findá-la) que seria a exata compreensão da razão de desobedecer à retórica moderna, como argumenta Mignolo, é compreender que ter **consciência e sapiência** de ser-latino-americano desenvolve o exercício de re-existir – como sendo a terceira coisa a mais das duas que disse ser impossível de fazê-lo pensando sendo-europeu e/ou estadunidense – em que “O pensamento descolonial rejeita, desde o início, qualquer possibilidade de novos resumos universais que irão substituir os existentes (liberais e seus “neos”, marxista e suas “neos”, cristãos e seus “neos”, ou islâmicos e seus “neos”). A era da abstração “universal” chegou ao fim.” (2008, p. 321). (BESSA-OLIVEIRA, 2021a, p. 65, grifos do autor).

Quem elege e aplaude os políticos bancados pelas instituições farisaicas? Os fiéis, os cristãos, de modo geral as pessoas que pensam que sabem o que estão fazendo, pois não foram educados para refletir, nem para escolher. Frutos de uma educação de efeito material. Educação essa patrocinada pelo Estado-igrejas que instituem a hegemonia e a descrença do homem no próprio homem, no seu poder de ação e reflexão. A escravidão idearia é permanente e acentuada pela mídia e as *fakes news*, meios de comunicação que se consorciam

<sup>23</sup> Neologismo para conceituar as relações estreitas entre políticos em situação de comando e dirigentes religiosos.

<sup>24</sup> Da mesma forma, conceituando a unidade que existe entre os “crentes”, chamados fieis, e os eleitores que são para as igrejas e o sistema político a mesma coisa.

a esses grupos, comprando espaços na televisão, nas redes e nas rádios a altos custos.

A hegemonia político-religiosa tem início, aparentemente, com os movimentos contrários ao monopólio da Igreja sobre a interpretação da Bíblia. Conforme elenca Motomura (2019, p. 2), os protestantes “reivindicavam que todo e qualquer cristão pudesse ler as Escrituras e tirar delas o que quisesse”. Assim continuam os cristãos da atualidade, cada um tirando do “livro sagrado” a interpretação que lhe interessa, pois tais leituras não passam pelo crivo da razão. Não há uma pré-disposição crítica, para análise do que é adequado hoje, em comparação com a Antiguidade. Não há curiosidade de se conhecer o sentido que as palavras tinham quando foram escritas-ditas e compiladas na Bíblia, nos Evangelhos. “Os protestantes recusavam a ideia de que um único líder – o papa – deveria guiar os rumos da religião. Sem um ‘chefe’, cada grupo começou a se fragmentar em diversas correntes, com pequenas divergências doutrinárias” (MOTOMURA, 2019, p. 2).

Não há como negar, no entanto, que um número cada vez maior de evangélicos tem desenvolvido diálogo com outras escolas religiosas, superando as barreiras ideológicas e separatistas. Nesse caminho estão com maior frequência, participando de seminários ecumênicos de trabalhos sociais, os cristãos (ou não) determinados a vivenciar novas correntes de pensamentos, mais aos moldes dos avanços que a sociedade tem sofrido em velocidade aparente. Dentre os evangélicos, os espíritas cristãos, os católicos, os umbandistas, os judeus tem havido, é notório, nas redes sociais grande divulgação de acordo a favor da pacificação. Para esses crentes, a espiritualidade que é a base de todas as religiões, deve convergir para uma convivência pacífica e uma educação religiosa edificante.

Para Leonardo Boff (1935), nesse aspecto,

a espiritualidade não é monopólio das religiões, nem dos caminho espirituais codificados. A espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano. Essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta do outro. É alimentar um sentido profundo de valores pelos quais vale sacrificar tempo, e, no limite, a própria vida (BOFF, 1935, p. 51)

O autor, em *Espiritualidade: Um caminho de transformação*, confere à *Pedagogia do Amor* sustentação filosófico-epistêmica. É como uma releitura em conjunto, uma retomada do cristianismo primitivo que agrega, enlaça os indivíduos, imuniza as almas contra as deformações históricas, que deram culturalmente as características às consciências brasileiras. Essa postura deve também permear outros campos da vida humana, muito particularmente os das universidades, das escolas.

## 2.2 – A CONTRADIÇÃO DOS DISSIDENTES

Inicialmente, os desentendimentos eram contra as regras doutrinárias da Igreja dominante, e aos poucos as dissensões e brigas por espaços na consciência das pessoas exigiram alianças com o poder público, tornando-as tão agressivas quanto tinha sido a Igreja contestada. Desse modo, deu-se o movimento protestante inicial, que também teve seus dissidentes, ainda hoje contestados por alguns teólogos, mas que reproduziu os grupos de Luteranos, Anglicanos, Metodistas, Calvinistas e Batistas.

Seguindo os mesmos passos, outros grupos foram se recriando a partir daqueles, alguns numa tentativa de restaurar o cristianismo, outros de se afastar da figura de Jesus, movimentos originários dos Estados Unidos da América, dentre os quais se destacam os Mormons, conhecidos como seguidores da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, cujo batismo dos praticantes, segundo Motomura (2008), é feito sobre doze (12) bois, representantes das doze tribos de Israel; os Adventistas, que pregam a volta de Jesus. Dentre estes, “alguns” creem no sono da *alma* entre a morte e a ressurreição, outros fazem a guarda do sábado, dia em que não se pode trabalhar. Em oposição à crença desses, os Testemunhas de Jeová, que ignoram Jesus e a Santa Trindade, tendo como Deus a figura de Jeová. Entre a polêmica de seus seguidores está a negação da transfusão de sangue, portanto, a negação da ciência.

Apesar dos polêmicos dogmas das instituições remanescentes dos primeiros protestantes, estão entre os pentecostais os principais grupos religiosos brasileiros que se identificam como igrejas da prosperidade, uma espécie de instituições de autoajuda, as maiores controvérsias entre o espiritual e o material, o que confunde os fiéis menos afeitos à razão e ao bom senso. As primeiras, ainda, promovem campanhas de doação na qual os beneficiários são, em geral, os pastores mandatários permanentes dos grupos. Estas instituições religiosas prometem a realização material-financeira aos seus seguidores, consequentemente “a felicidade”.

Alguns vendem materiais com supostos poderes de salvação, incluindo dentre eles, em tempo de pandemia, o pastor Valdomiro Santiago, que oferecia determinada semente a R\$1.000,00 reais, prometendo falsa cura da COVID-19<sup>25</sup>. Outra manchete chamou a atenção

---

<sup>25</sup> Matéria do site UOL, publicada em 07/05/2020, às 10h20. Atualizada em 07/05/2020 16h44. Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/07/pastor-valdomiro-santiago-vende-sementes-prometendo-a-cura-da-covid-19.htm?cmpid=copiaecola>.

do público brasileiro, dando conta de que em vídeo do *Youtube*, o mesmo pastor fala sobre a venda de sementes de feijões “mágicos” para a cura da COVID-19<sup>26</sup>.

As Igrejas Pentecostais foram criadas a partir de um movimento cristão protestante que dá grande relevo ao *Dia de Pentecostes* e que apresenta algumas diferenças em comparação com outras denominações mais tradicionalistas. E apesar de algumas delas fazerem a renovação total dos dogmas tradicionais, outras se mantêm como disseminadoras da “palavra cristã”, no entanto, não aceitam a ideia do culto à prosperidade. Seus seguidores são adeptos da “fala em Línguas<sup>27</sup>“, que seria a “incorporação” do *Espírito Santo*, reproduzidas pelos fiéis. Essas falas não teriam uma mensagem clara ou específica, mesmo assim são cultuadas e incentivadas entre os pares. Algumas denominações, além da fala em Línguas, promovem danças e trejeitos dos fiéis, enquanto outros oram e cantam, uma prática idêntica aos rituais das religiões afrodescendentes.

O movimento pentecostal, conforme o sociólogo alemão Max Weber (2000) originou-se nos Estados Unidos da América no século XIX, e foi tributário de uma efervescência religiosa surgida da alta volatilidade e do dinamismo pelos quais atravessava aquele país. Até meados do século XVIII, o universo religioso que envolvia as colônias inglesas da América do Norte permaneceu inalterado; situação que mudou já no final do mesmo século com as influências sofridas pelo *pietismo*<sup>28</sup> de origem alemã. Outros fatores contribuíram para as

---

<sup>26</sup> Neste caso o Ministério Público Federal teria solicitado ao Ministério da Saúde para incluir um alerta sobre os feijões comercializados pelo pastor Valdemiro Santiago que teriam supostos poderes curativos contra o coronavírus. Vídeo *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=blJDW39IHl>

<sup>27</sup> Fenômeno denominado de *Glossolalia*, no qual o indivíduo é tomado de grande emoção; geralmente suscitada na crença irreduzível do fiel de estar tendo, de alguma forma, uma espécie de contato com Deus ou com a entidade que denominam de Espírito Santo. Nos episódios de glossolalia, os participantes das reuniões (cultos) são dominados por intensa euforia, em que geralmente dançam, choram, gargalham, gritam. Mas um traço desse comportamento é emblemático e configura o “falar em línguas”: aqueles acometidos pela glossolalia produzem sons semelhantes a murmúrios e/ou disparam frases espontâneas num discurso desconexo e ininteligível (FREIRE, 2007). Para saber mais, consulte também: JIVIDEN, Jimmy. **Glossolalia: De Deus ou de Homem?**. Ft. Worth: TX, Star Bible Publications, 1973.; PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.; SHERRILL, John L. **Eles Falam em Outras Línguas**. Tradução de João Marques Bentes, revisão Gordon Chown, São Paulo: Sociedade Evangélica Betania, 1969.

<sup>28</sup> O *Pietismo* foi um movimento na Igreja Luterana que teve sua origem no final do século XVII, ganhando adeptos ao longo dos anos – persistiu até metade do século XVIII. A denominação de pietistas foi conferida aos partidários do movimento por seus desafetos; portanto, consistia o termo em algo ridículo, elaborado para menosprezar – a exemplo da alcunha “metodista”, usada alguns anos mais tarde na Inglaterra. Sobre o Pietismo, Weber (2000, p. 287) explica que foi um “Movimento de intensificação da fé cristã nascido no seio do luteranismo, na segunda metade do século XVII, liderado por Phillip Jacob Spener (1635-1705) e A. H. Francke (1663-1705). O mais conhecido dos escritos de Spener foi o que acabou dando nome ao pietismo, os *Pia Desideria* (1675). Contra o dogmatismo intelectualista dos teólogos e a ortodoxia doutrinária da Igreja Oficial, o pietismo valorizava uma religiosidade prática de caráter íntimo e fervoroso. Mais que a teologia, importava a piedade cristã: uma conduta de vida centrada na experiência de fé, sentida mais do que pensada, aliada à mais rigorosa conduta moral”.

mudanças, tais como as ingerências do puritanismo e do movimento metodista (WEBER, 2000).

No Brasil o movimento pentecostal tem como maior representante a Assembleia de Deus, da qual surgiram os pentecostais evangélicos “da prosperidade”. Segundo Campos (1999), um dos mais conhecidos pastores representantes do grupo é Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, ferrenho opositor do catolicismo e empreendedor religioso (CAMPOS, 1999). Como ele outros tantos líderes fundaram outras tantas igrejas, na era da nascente oposição a um sistema que afogava a fé dos rebeldes.

Dessa agremiação religiosa saíram pastores, fundadores de outras igrejas fortes, que em pouco tempo enriqueceram seus líderes. São eles o próprio Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus; Valdomiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus; Silas Malafaia da Assembleia de Deus; R.R Soares, Igreja Internacional da Graça de Deus; Estevam e Sônia Hernandes, Igreja Renascer. Outros descontentes ou banidos da Assembleia de Deus fundaram novas instituições com nomes parecidos à matriz e permanecem vinculados pelos dogmas e os conceitos *assembleianos*, como informam Walter Barbieri Júnior (2007) e Mary Rute Gomes Esperandio (2005).

Os pentecostes influenciam na educação formal no Brasil em várias frentes. De um lado, as instituições fornecem ensino nos vários níveis da educação formal, tendo como orientação pedagógica a sua ideologia; algumas delas profundamente aliadas à direita extrema. De outro lado, com o uso extensivo da mídia, fortemente usada como meio de transmissão das ideias da direita em defesa do poder político constituído legitimamente por meio do voto direto. Nessa perspectiva, é mister (re)pensar a abordagem educacional ideologicamente posta por grupos religiosos vinculados aos políticos de extrema direita, pessoas claramente negacionistas da ciência, um risco para as instituições públicas e a manutenção da independência entre os três poderes (executivo, legislativo e judiciário) no país.

Em tempos difíceis como o atual, no qual grupos de políticos e pastores-apoiadores se recusam a valorizar o meio ambiente e os povos indígenas e ribeirinhos; enquanto descuidam das regras de boa convivência com outros países, ridicularizam as ações em favor das minorias; enquanto desmantelam as conquistas em favor da vida, aprovam leis a favor do armamento da população, claramente, beneficiando grupos armados dos grandes centros do país; fazem apologia ao AI-5 e à volta da ditadura, esses homens “de fé”, apoiados entre si, acumulam riquezas, imantando a alma da população de falsas ideias de liberdade, impondo

suas vontades e seu poder de sedução, conduzindo a manada como tem sido feito, com mais rigor agora, desde o Brasil colônia.

Isso só é possível em um país onde a colonialidade político-administrativa e os poderes religiosos imperam. Neste aspecto a Educação compromissada com o amor e a ética oferecem meios de instrumentalização para que os indivíduos aprendam a refletir sobre si mesmos e sobre tudo e todos que os rodeiam. Enquanto isso não for medida obrigatória, a população continuará cega, submissa, massa de manobra.<sup>29</sup> No entanto, ao instrumentalizar os indivíduos com conhecimentos acerca de si mesmos, cria-se outro tipo de poder capaz de transformar. Sobre essas questões, a área da Psicologia tem avançado bastante no sentido de compreender que o homem é mais que um corpo grosseiro solto no espaço Terra, vivendo por uma causalidade.

Quem nos remete a essa reflexão são os autores do texto *Espiritualidade como Dimensão Constitutiva do Humano na Perspectiva wilberiana*. Eugênia Paula Benício Cordeiro, Mariana Marques Arantes e Aurino Lima Ferreira (2015) ao escreverem acerca do conhecimento filosófico, espiritualidade e sua aplicação na Psicologia Transcendental. Os autores elencam que com essa reflexão “objetivou-se discutir o papel da dimensão espiritual como norte teórico para a plenitude do quadrante EU em uma perspectiva multidimensional do ser humano” (2015, p. 210).

Para eles, a Psicologia Transcendental abrange no que tange à laicidade que a caracteriza, em “valores éticos, questionamentos filosóficos e existenciais, as mais elevadas capacidades cognitivas (intuição), nossos afetos mais desenvolvidos (amor transpessoal), nossas mais elevadas aspirações morais (compaixão por todos os seres sencientes)” (CORDEIRO; ARANTES; FERREIRA, 2015, p. 210).

Essa visão dos autores coaduna com a preocupação semelhante em relação à Educação enquanto meio de transformação e ação rigorosamente necessárias ao fazer pedagógico. Em Pietro Ubaldi [1886-1982], (1982, p. 83), *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*, o autor afirma que quando alguém provoca danos a outros, é a si mesmo que estará provocando. Essa é a dimensão do amor e do cuidado que temos trazido por meio de distintos autores, detentores de saberes que ampliam a cosmovisão da humanidade e dão à Pedagogia do Amor, concretude

---

<sup>29</sup> Ao contrário do que apregoa nosso falso messias, de que o armamento é quem vai tirar toda uma população da escravidão, é a educação por meio de uma pedagogia do amor como defendemos quem fará, não a salvação desses ou daquele sujeito de/pela fê, mas pela instrução social, política, cultural, econômica e sensível.

A psicologia do involuído impôs à sociedade humana os agrupamentos de classe, obrigando-a muitas vezes, para servir à defesa, a tornar-se instrumento de opressão. Assim nasce a norma jurídica primitiva, a sociedade torna-se agressiva e o ser inferior acaba por suportar, com dano, a última das reações em cadeia por ele mesmo posta em jogo. Toda forma de vida implica a outra; educa e é educada. Só a ignorância do involuído pode acreditar na utilidade do egoísmo. O que o ilude é o imediatismo das vantagens obtidas.

Contrapondo-se a essa ideia, Ubaldi afirma que o evoluído, aquele que conhece como a vida funciona, “prefere seguir caminho mais estável e seguro, substituindo o princípio da força pelo do merecimento.” O autor, de visão espírita, sintetiza sobre o assunto que “um pouco de inteligência e reflexão bastariam para mudar não só os fundamentos da vida individual e social, mas também tanta dor em bem-estar” (1982, p. 83-84).

Conseqüentemente, nada se fazendo para alterar o conceito de Educação, permaneceremos em meio de construção alguma. É inegável que os meios capitalista-materialistas sejam ineficientes para conduzir a humanidade a um lugar qualquer que não seja o de espaço-colonização-alienante e perverso. E penso cada vez mais nesse conceito de organização política e educacional – retrógrada – à medida que assisto jornais televisivos diariamente nos quais vejo homens eleitos pelo voto direto, imantando a alma do povo brasileiro de mentiras, de palavrões chulos e (des)propérios de toda ordem.

### 2.2.1 – Escola sem partido, escola laica

Os religiosos, ao longo dos séculos, passaram e isso ainda persiste, a ideia de que a salvação se compra, portanto, é vendável. E quem compra a salvação nem sequer sabe o significado do que compra, uma vez que tem uma fé cega, não racional. O mundo, no entanto, não pode mais se abastecer de frivolidades, e exige dos homens o bom senso e coerência, das escolas e dos educadores. Cabe lembrar que esses homens que manipulam a fé alheia, são os mesmos que patrocinando guerras de toda ordem, promovem o caos vendendo a falsa ideia de que têm o poder da salvação do espírito, matéria essa, que inclusive negam.

Assim se justifica a proibição de se falar sobre política e religião nas escolas. É mais uma presunção do Estado e um meio de se proibir que os estudantes reflitam sobre quem são eles. Ora, se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC-2017) recomenda que a Educação aconteça de forma a dar autonomia ao estudante, como se pode fazer isso sem que se abram campos de discussão crítica sobre o que está posto na sociedade. Evidencia-se que não se trata

de não se discutir religião nos espaços escolares, mas de não impor ideologias desta ou daquela denominação religiosa, cuja tendência é mortificar ou manietar consciências, que estranhamente é um dos pilares da administração atual do Estado.

Do ponto de vista da filosofia, portanto, a academia (e as escolas) devem promover debates, do ponto de vista da ciência devem promover a observação, levantar hipóteses e dar vazão aos pensamentos críticos ao pensar uma Educação equilibradora. Diante disso, há que se pensar que a descolonização, a mudança de padrão de crenças de um povo, em se tratando da cultura – pensar ou não pensar –, é uma revolução individual. O que não exclui a necessidade de um agir coletivo, em função de se propagar os meios que culminem no conhecimento.

Portanto, é natural pensar e desejar que as esferas de governo busquem o empenho corajoso para realizar eventos nos quais a cultura local, de todas as localidades, seja respeitada como identificação comunitária. Mas também, que o indivíduo notadamente diferente nas suas escolhas culturais tenha o respaldo dos demais, principalmente, das instituições que devem avançar no sentido de se destituir de preconceitos e das reverenciadas ações postuladas como as corretas ou politicamente adequadas.

Finalmente, cabe aos educadores efetivarem uma educação para o novo tempo. Não se pode mais, diante de tantas necessidades em que o mundo se encontra, educar crianças e jovens sem que a eles sejam dados o direito do conhecimento e da verdade do espírito (da alma). É nesse ponto que minha dissertação de Mestrado ocupa espaço de debate e reflexão sobre o homem, sua natureza e sua infinitude.

Nesse sentido, os pesquisadores Eugênia Paula Benício Cordeiro, Mariana Marques Arantes e Aurino Lima Ferreira (2015, p. 210), no seu texto *Espiritualidade como dimensão constitutiva do humano na perspectiva wilberiana*, apregoam que se deve valorizar a espiritualidade como “a dimensão mais abrangente e elevada das linhas de desenvolvimento humano”. Os autores corroboram com a ideia de que, em se tratando do desenvolvimento humano, é preciso avançar a bem dizer, numa perspectiva multidimensional. Nesse contexto a *Pedagogia do Amor* pretende sistematizar o conceito de Educação, na perspectiva atual, bem como as práticas pedagógicas segundo os princípios que regem essa nova dimensão de preceitos, favorecendo um posicionamento crítico dos docentes, porém, sob uma ótica mais humanizada e racional.

Ainda segundo os autores, há necessidade de os seres humanos se comprometerem de

forma livre com o autodesenvolvimento, de forma a potencializar a sua dimensão espiritual. E, não sendo assim, a colonialidade, a rudeza e a injustiça continuarão imperando na sociedade,

[...] a visão fragmentada e separatista – quase hegemônica – do mundo do trabalho e da educação dificulta o cultivo de meios hábeis para tal entendimento. Propôs-se, portanto, que as instâncias educacionais assumam a tarefa de preparar os indivíduos para trilhar o próprio caminho em prol do autodesenvolvimento orientado pela dimensão espiritual constitutiva do seu ser (CORDEIRO; ARANTES; FERREIRA, 2015, p. 210).

De comum acordo com essa perspectiva, o escritor português José Saramago (1987-1995) em entrevista para um canal português de televisão relata sua preocupação com a má qualidade do ensino e o movimento escolar ao redor do mundo. O autor considera que o ensino da atualidade é deficitário. “As crianças não sabem ler e quando leem não interpretam o que leem”, disse o autor, acrescentando o que vem reiteradamente escrevendo acerca da falta de habilidade das pessoas com a reflexão. Na entrevista Saramago diz que “o pior de não aprender a ler é que esse fato acarreta outros erros piores, sendo o mais preocupante o fato dos indivíduos não aprenderem a refletir, a se colocar com criticidade e a fazer escolhas”. Isso torna as nações espaços de dominação político-ideológicos, posto que não sabendo interpretar a realidade ao seu entorno, os cidadãos são facilmente enganados por promessas vazias e demagógicas dos donos do poder.

O fazer escolhas, manter um ponto de vista, argumentar com propriedade requer um apurado senso de criticidade. Isso não é algo que se conquista de uma hora para outra, nem com uma Educação formal tradicionalista. Por isso, a necessidade de se apurar os sentidos para além dos cinco (sentidos) sensoriais. Os sentidos que estão relacionados com a percepção do meio interno e externo: olfato, paladar, visão, audição e tato, conforme se aprende desde cedo na escola. Já se sabe, entretanto, que há sentidos outros, de distintas ramificações que atuam em outras áreas de conhecimento que não a do meio externo ou interno físico. Exemplo disso é o sexto-sentido, consensualmente conhecido como efeito resultante das sensações. A filosofia espírita conceitua o sexto-sentido como sendo um pressentimento. Sensação essa que algumas pessoas relatam possuir. Seria uma capacidade extrassensorial para pressentir situações além dos cinco sentidos. Essa habilidade está ligada ao espírito e não aos órgãos físicos.

Portanto, o espírito do ponto de vista filosófico é tido como o fio condutor de todas as emanções vibracionais e extrassensoriais que o compõe: energia *quintessenciada* que pode ser moldada com uma educação centrada no afeto, no amor e na razão; que não inibe a

pesquisa, o debate ou às relações com uma multiplicidade de diferenças entre os indivíduos.

### 2.3 – EPISTEME DOS CORPOS-SUJEITOS

Ao se tratar da educação dos sujeitos é preciso repensar os tantos corpos, espaços de manifestação da *alma*, cujas salas de aulas estão cheias: os estudantes. Sujeitos esses tradicionalmente presos a um sistema inócuo, a exemplo dos escravos em troncos horrendos. Troncos esses, hoje representados pelas falas colonizantes, leis e decretos, hábitos replicados que repercutem via troncos mentais e se propagam por meio de uma educação tradicional-impositiva de culturas ocidentais, que não atendem aos brasileiros, já que nelas não se reconhecem os sujeitos-corpos-consciências de brasilidades.

Para se compreender o espaço de fala dos corpos-sujeitos ou sujeitos-corpos, encontro na voz de Marcos Antônio Bessa-Oliveira importante configuração ou reconfiguração indicativa do conceito de corpos:

Agora é a vez de corpos-políticas. Corpos negros, indígenas, baixos, gordos, feios, altos, corpos da exterioridade, corpos barrados, entre outros muitos corpos estranhos que, independente de relações com a ideia de mundo ocidental criada pelo Projeto Moderno Europeu – que institui o equívoco de que razão e emoção somente existem em corpos brancos, masculinos e eurocêtricos, apoiado pelo Cristianismo e ilustrado pelo Renascimento –, esses corpos outros agora também movem-se e, portanto, produzem arte, cultura e conhecimentos distintos das ideias homogenias de manutenção de um corpo datado, localizado e de única língua e de cor branca situados em espaços determinados por sistemas da arte (BESSA-OLIVEIRA, 2018, p. 113).

Na perspectiva de se constituir meios outros de pensar a pedagogia e a escola, o professor e o estudante, é que se pretende pensar a sociedade como novo meio de produção-desenvolvimento de conhecimentos, onde se manifestem as vontades, os desejos, a planificação de ideias dos sujeitos-escolas para o século XXI. Sujeitos-escolas-corpos tantos e tão diversificados quanto são diversificados os pensamentos e as emoções das individualidades. Todos esses corpos-sujeitos orbitando em espaços livres, de livres consciências e todos produzindo corpos-vidas em uma relação de respeito, de cooperação mútua em função de um bem maior: a felicidade de todos.

Assim, remeto a Manoel de Barros (1916- 2014) e à sua infância, como bem mostra o seu *crianceiro* em o *menino que carregava água na peneira*, o meu conceito de Educação Inclusiva, para além da preocupação com o cognitivo. Educação deve ser área de se construir

felicidade. Sendo o espaço dessa construção o terreno íntimo e o alimento, porquanto, adubo, a simplicidade. Pois como diz o poeta, infância é um tempo de fazer peraltices. É nessa fase da vida que se encontram as molas propulsoras da vida. Estas devem ser alimentadas, adubadas, valorizadas e não o contrário.

Por isso, me atrevo a emendar a fala do poeta, reproduzindo a ideia de que é da natureza da infância e da adolescência “criançar” e “adolescer”. Assim sendo, permitam-me afirmar que são inimagináveis essas fases da vida sem a alegria, a vivacidade e a ganância de fazer coisas. Essa ideia de produção é nata em qualquer indivíduo e todos devem, respeitando suas especificidades e o seu tempo, desenvolver-se para dar conta de si próprio e interagir com o meio em que se está inserido social e culturalmente da melhor forma possível.

#### **2.4 – EDUCAÇÃO-TRANSFORMAÇÃO: premissa de uma Nova Era**

Bessa-Oliveira (2019, p. 96) ao comentar os diversos projetos apresentados ultimamente por acadêmicos da UEMS-UUCG, repercute a ideia de que há uma preocupação maior por parte dos corpos-estudantes em se discutir a formação dos professores, mas em níveis outros de debates. O autor, pensando na abordagem dos projetos, refere-se quanto ao entendimento de que a academia tem sobre arte, cultura enquanto reprodutora de conhecimentos e menciona que, ainda que a academia pense uma educação libertadora, como o que temos “(im)postos nas universidades e na sociedade não promoveremos outras relações que não as continuações históricas estabelecidas”.

Isso demonstra o quanto é preciso pensar, discutir, mensurar sobre o que temos na prática, para ofertar enquanto formação descentralizada dos poderes político e econômico que permeiam as práticas escolares, e o que precisamos, de fato, ofertar para corpos-brasilidades<sup>30</sup> distintos, que precisam se identificar com a cultura, educação e arte, meios de produção com os quais tenham afinidades, portanto, que lhes façam sentido.

Ao se pensar a Educação como práticas libertadoras e os estudantes como indivíduos capazes de conduzir a própria aprendizagem, independente das suas especificidades, tendo seu

---

<sup>30</sup> Todos os corpos-sujeitos nascidos no Brasil ou que residem no país e se identificam como sujeitos ocupantes de espaços outros que não são seus por natividade, porém, espaços de convivência e aceitação entre os pares que formam uma coletividade pacífica e solidária.

querer mobilizado pelo estímulo do professor, há que se admitir que a Educação deve ser antes de tudo meio para se imprimir autonomia e autenticidade. Isso implica em afirmar que é recomendável ao professor desenvolver certas habilidades, aureolando seu trabalho no campo educacional com ações humanizadas, para capacitar seres outros no campo humanístico de existência e de inter-relações. Portanto, o professor deve desenvolver habilidades que lhe deem orientação segura no trato com os estudantes. Deve esforçar-se em aprender novas formas de ver e sentir os estudantes. Deve estar ciente de que seus valores e crenças influenciam assombrosamente o resultado do seu trabalho.

Nesse sentido, César Nunes (2016, p. 1), Educador Multidisciplinar, salienta que as escolhas dos indivíduos, o querer, a sua manifestação tem a ver com o sentido que ele dá para sua existência, conforme a visão freudiana. Sentido esse que pode ser construído na convivência pacífica entre os pares, entre estudantes e professores e toda a comunidade escolar.

Freud afirmava que a vida humana só adquire sentido se for movida por um dinamismo nascido de duas dimensões, o amor e o trabalho. Essa afirmação é um tanto dura, mas não deixa de ser verdadeira. É igualmente certo que há pessoas que encontram sentido para sua existência em outras direções. Mas é forçoso reconhecer que Freud tem muita ou quase total razão! Só o amor e o trabalho conferem algum sentido à nossa vida (NUNES, 2016, p. 01)

Em *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire (1996, p. 31-72) faz apontamentos muito pertinentes sobre o que deve saber quem se propõe a ensinar. Dentre suas colocações estão: ensinar exige criticidade, exige estética e ética. O autor se coloca como orientador que estende suas experiências aos que gostam do que fazem e procuram aprender sempre; pois, para ele, educar tem a ver com alegria e esperança.

Freire (1996), ao elaborar a ideia da exigência da alegria e da esperança a quem se propõe a ensinar, notadamente, não se mostrou indiferente aos problemas da Educação ou à precarização do trabalho docente. Evidente que, como educador crítico, ele esperava uma dimensão outra de qualidade para a Educação brasileira. É, portanto, oportuno, pensar que Freire se ocupou em dimensionar o importante papel do professor, para uma sociedade menos patética, mais progressista. Dessa forma, em um viés de perspectiva otimista, há que se separar, por questão de ordem e de necessidade, as preocupações com o avanço das melhorias para o professorado, para a educação de modo geral, e a valorização do sujeito-docente tanto quanto do sujeito-aluno, foco de todos os esforços dos profissionais da comunidade escolar.

#### 2.4.1 – Bases morais de uma educação transformadora

O filósofo Léon Denis (1846-1927), no século XIX, explicitou o seu entendimento sobre o papel da Educação e criticamente se posicionou contra o modelo que considerava, já naquela época, ultrapassado.

A educação que se dá às gerações é complicada; mas, não lhes esclarece o caminho da vida; não lhes dá a têmpera necessária para as lutas da existência. O ensino clássico pode guiar no cultivo, no ornamento da inteligência; não inspira, entretanto, a ação, o amor, a dedicação. Ainda menos possibilita alcançar uma concepção da vida e do destino que desenvolva as energias profundas do “eu” e nos oriente os impulsos e os esforços para um fim elevado. Essa concepção, no entanto, é indispensável a todo ser, a toda sociedade, porque é o sustentáculo, a consolação suprema nas horas difíceis, a origem das virtudes másculas e das altas inspirações (DENIS, 2000 [1905], p. 6).

Apesar do tempo, ainda hoje, o Brasil guarda resquícios daquele modelo, ainda que tenha importado ideias francesas em várias áreas de conhecimento, mais acentuadamente da filosofia espiritista que colocou o Brasil em evidência mundial devido aos trabalhos e obras literárias de grandes nomes como Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e Divaldo Pereira Franco, Raul Teixeira e tantos outros. Mas fora os contemporâneos, outros autores há muito vêm defendendo uma nova postura para a área educacional, pensando no avanço que se deve fazer para se formar pessoas com gosto irrestrito pela liberdade responsável do homem-mulher.

Para que se opere a evolução do meio é preciso que primeiramente se efetue a evolução do indivíduo. É o homem que faz a Humanidade, por sua ação constante, transforma a sua morada. Há equilíbrio absoluto e relação íntima entre o moral e o físico. O pensamento e a vontade são as ferramentas por excelência, com a qual tudo podemos transformar a nós e a roda de nós. Tenhamos somente pensamentos elevados e puros. Aspiremos a tudo o que é grande, nobre e belo. Pouco a pouco sentiremos regenerar-se o nosso próprio ser, do mesmo modo, todas as camadas sociais, o GLOBO e a humanidade (DENIS, 2000, p. 99).

Observa-se, portanto, que é possível que tenhamos ações fundantes de uma coletividade robusta em valores éticos, de sujeitos cooperadores em um sistema sociopolítico que vise, acima de tudo, o homem na sua essência, disso resultando nas mudanças que se iniciam na individualidade e que se consubstancia no equilíbrio coletivo. Os corpos-sujeitos das diferenças, prioritariamente, mas não somente, devem ser privilegiados por pensamentos dessa natureza que eleve ao corpo o *status* de alma da lógica cristã-colonialista.

#### 2.4.2 – Brasilidade: consequências nefastas da colonização europeia

As influências do processo de colonização ainda se fazem sentir em todo o mundo, inclusive no Brasil. Mas a cada dia que passa, essas influências são percebidas como fruto de crenças que não cabem mais em um mundo dito civilizado, cujas emanções devem ser de solidariedade, respeito pelos outros homens, pelos animais e à natureza. O amor desmesurado pelas armas e o repúdio por pessoas suas iguais é o reflexo coletivo de uma educação altamente colonizadora. Essa ideologia encontra forte crítica em Kant, Léon Denis e outros pensadores dos séculos XVIII e XIX.

Constata-se, por conseguinte, que a ideologia presente atualmente, no Brasil, seja fruto de uma Educação tradicionalista, criadora e mantenedora de mitos, que não transforma o indivíduo, mas alimenta a disputa, consagrando o mais forte. E a filosofia por si só não destrói os mitos, segundo Enrique Dussel, mas queremos crer que ela promove avanços substanciais no pensamento, até que em um dado momento desperta em quem não é, o Ser que precisa ser. No contra-argumento, Dussel assevera que o “[...] discurso filosófico não destrói o mito, embora se negue àqueles que perdem a capacidade de resistir ao argumento empírico de tal discurso” (DUSSEL, 2016, p. 186).

Outra ideia implementada por esse tipo de Educação é que um “comandante” deve gerir a vida de outros, alimentando assim os meios de subalternidade. Essa corrente de pensamento está alicerçada nas teorias materialistas, que reconhecem o corpo físico como o receptáculo do ensino. Ledo engano, o corpo é apenas o veículo responsável por carregar a essência, conforme abordagem feita por Freitas (2003).

À luz do espiritismo, o homem, é, em sua essência mais profunda, um espírito encarnado, onde reside o senso moral, onde se radica a inteligência e de onde partem os sentimentos, as qualidades, os vícios, as tendências, numa palavra, é de onde *promanam* todas as manifestações psíquicas, manifestações estas – é bem verdade – que para se exteriorizarem durante a vida terrena, necessitam também do concurso dos órgãos materiais (FREITAS, 2003, p. 117).

O autor considera que, uma vez desconhecida a essência humana, impossível educar para transformar. Sem esse conhecimento, a população inconscientemente é programada e alimentada pela “roda” do capital, da política e das religiões, mantenedores “da máquina” à permanente alienação mental.

Ligia Márcia Martins e Newton Duarte (2010), ao falarem sobre educação e pedagogia, fazem um balanço crítico, bastante produtivo sobre a herança deixada pelo século XX, no que concerne à formação dos educadores e, em particular, às práticas docentes. E provocam reflexões ao fazer um debate contemporâneo sobre as teorias pedagógicas,

considerando que elas não têm surtido o efeito libertador na formação dos professores, conseqüentemente, na formação dos estudantes.

Para Martins e Duarte (2010, p. 8), pedagogias pensadas nessa perspectiva têm seu foco na alienação cotidiana engendrada e mantida pela “sociedade capitalista contemporânea e, portanto, a superação dessas pedagogias requer a distinção entre a prática cotidiana e outras esferas da prática social, imprescindível para o resgate da função social da escola e do trabalho docente.”

Percebe-se que a crítica pretende alcançar os profissionais que depois de formados devem atuar em salas de aulas, pressupondo que estes possam reinventar o processo ensino-aprendizagem. Isso pode ser verificado no seguinte excerto dos autores: “O público ao qual se destina esta coletânea são alunos de pedagogia e demais licenciaturas, alunos de mestrado e doutorado em educação, pesquisadores da área educacional e professores atuantes nos diversos níveis da educação escolar (MARTINS; DUARTE, 2010, p. 7).

Na mesma direção teórica, Antônio Nóvoa ([s/a], p. 11) destaca a importância da formação da profissão para docente:

A formação de professores ocupa um lugar central neste debate, que só se pode travar a partir de uma determinada visão (ou projecto) da profissão docente. É preciso reconhecer as deficiências científicas e a pobreza conceptual dos programas actuais de formação de professores. E situar a nossa reflexão para além das clivagens tradicionais (componente científica *versus* componente pedagógica, disciplinas teóricas *versus* disciplinas metodológicas, etc.), sugerindo novas maneiras de pensar a problemática da formação de professores. (NÓVOA, s/a, p. 19).

O autor considera que é preciso investir numa forma inovadora de educar. E isso, assevera, não passa apenas pelo aperfeiçoamento do docente, sua qualificação ou sua progressão na carreira, “joga-se também aqui a possibilidade de uma reforma educativa coerente e inovadora (NÓVOA, s/a, p. 20).

Em Howard Gardner (1993), o cientista das *Inteligências Múltiplas*, citado por Linda Campbell, Bruce Campbell e Dee Dickinson (2000), encontra-se a fundamentação teórica e estrutural da ciência que nos ajuda quanto ao reconhecimento das diversidades de inteligências, desenhando um espaço de aprendizagem no sujeito, que é de foro íntimo, agregador de imagens e conceitos emocionais-psicológicos e não físicos. Conceitos e imagens que são aspectos característicos do corpo-espírito. Mobilizar-se na apreensão dessa ciência e produzir meios de se compreender as diversidades com base na teoria de Gardner, incide em compreender que os sujeitos não se portam, nem pensam igualmente, nem poderiam, pois que

seus espíritos não tiveram início agora ou no momento do seu nascimento, mas são seres experienciando vidas e por elas marcados, cada um em uma intensidade, tempo-espaço e velocidade.

Nesse sentido mais abrangente das inteligências, segundo Linda Campell, Bruce Campell e Dee Dickinson (2000), possivelmente a característica mais relevante da teoria de Gardner é a de ter capacidade de se constituir como um referencial teórico que possa dar sustentabilidade à integração e inclusão dos educandos de uma forma geral. Não obstante, para que isso ocorra, os autores enfatizam que é necessário reconhecer e valorizar de maneira adequada as habilidades pessoais e talentos de cada indivíduo no exercício de competências específicas; respeitando e compreendendo – no mesmo processo de valorização de talentos – os obstáculos que as pessoas podem enfrentar em outras áreas de atuação.

Compactuando dessa ideia de mudança, Cezar Braga Said (2015), em análise da introdução da obra de Léon Denis (1846- 1927), *O mundo invisível e a guerra*, assevera que a Educação carece de “farta corrente idealista e de sopro moral”. O autor, portanto, defende que o desenvolvimento humano da coletividade encontra fundamentação nas ideias do filósofo e professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, codinome Allan Kardec. Para ambos, Educação deve ter como fonte primária o conhecimento sobre a natureza do espírito, suas condições para o aprimoramento moral e o desenvolvimento da inteligência, atributo do espírito, que por sua vez é a parte imaterial<sup>31</sup> do homem.

É mister que uma farta corrente idealista, um potente sopro moral varra as sombras, as dúvidas, as incertezas que ainda pesam sobre tantas inteligências e consciências para que um raio das verdades eternas ilumine os cérebros, aqueça os corações e leve consolo àqueles que penam e sofrem (SAID, 2015, [1914], p. 3).

Said postula que graças ao patrimônio científico-filosófico herdado do século XIX, consubstanciado nas obras de Allan Kardec (Rivail), “a sociedade futura será regida por caracteres predominantemente intelectuais e morais” (DENIS, 2015 [1914], p. 97). O autor vai além, compara a Educação, para as novas gerações, com o movimento similar à evangelização, pois, sem a vivência da ética, da fraternidade e da solidariedade que se prega, nosso discurso se torna oco e sem sentido, e nesse caso, estaremos desmentindo com ações o que proclamamos com a palavra (DENIS, 2015, [1914]).

---

<sup>31</sup> O princípio inteligente do universo. Questão 23, capítulo II (Espírito e Matéria), de **O Livro dos Espíritos** (1876) Tradução de Herculano Pires.

### 2.4.3 – Educação inovadora para enterrar de vez o preconceito

O despertar da coletividade é lento. Exige-se uma paciência descomunal. Educar para a libertação de consciência é tarefa para poucos, ainda. Entretanto, é o caminho: libertação individual, depois coletiva. Entre uma e outra uma historicidade de lutas, de meios de sobrevivência e de “pequenas mudanças”, porém definitivas, em que se ancoram os passos que levantam os homens da servidão para a consciência de si mesmos. Segundo Léon Denis (2000 [1905], p. 52), o homem pode, ao mesmo tempo, ser definido como “espírito e matéria, alma e corpo; mas talvez espírito e matéria não sejam mais do que simples palavras, exprimindo de maneira imperfeita as duas formas da vida eterna, a qual dormita na matéria bruta, acorda na matéria orgânica, adquire atividade, se expande e se eleva no espírito.”

Para Denis [1846-1927], (2007), ávido pesquisador e autor de inúmeras obras nas quais amplia os conceitos e reflexões kardequianas, demonstra que pensadores de outras vertentes filosóficas igualmente se expressam, que “S. Clemente de Alexandria (69) e S. Gregório de Nice exprimem-se no mesmo sentido.” Este último expõe que “a alma imortal deve ser melhorada e purificada; se ela não o foi na existência terrestre, o aperfeiçoamento se opera nas vidas futuras e subsequentes” (DENIS, 2007, p. 83). Nessa perspectiva, Santo Agostinho, em *A verdadeira Religião*, [354-430], (1987) ao se referir à “salvação” do homem, crê que ela acontece pela via da razão (p. 20) e distingue a matéria mutável do espírito imutável, ou seja, o pensamento agostiniano, no que diz respeito à fé, primava pela razão (do *latim* ratio).

Aplicando-se sobre os dados da fé, a “**ratio**” vai efetuar sua “ascensão do visível ao invisível”, e do “temporal ao eterno”. Sendo faculdade de julgar, ela refere-se a cada um de seus atos a uma norma suprema de harmonia, de beleza, de unidade. Norma essa, não somente suposta como ideal, mas percebida como realidade. Unidade absoluta, ela transcende o tempo e o espaço, senso acessível não aos sentidos, mas somente ao espírito (**mens**). Os sentidos apenas fornecem os seus dados passiva, involuntariamente e, portanto, sem mentir. A razão trabalha sem cessar, a trazer o múltiplo mutável ao Uno imutável e à Verdade (AGOSTINHO, 1987, p. 20, grifos do texto).

Como se pode observar, a ideia da dualidade do Ser é bem mais antiga e estruturada do que podem supor os materilistas-arbitrários e independe de escolas religiosas. Essa constatação nos inspira à compreensão didática pedagógico-metodológica desse e outros conhecimentos aplicados à Educação, porque atualmente já é possível a verificação dos fatos.

Segundo o médico Emanuel Burck dos Santos (2019), membro do *Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* (NUPE/APRS), do

*Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Saúde e Espiritualidade do HCPA (NEISE)* e Membro do corpo diretivo da *Associação Médico-Espírita* daquele estado, em sua obra denominada *Consciência Imortal*, é dever demonstrar “evidências da sobrevivência da consciência a partir na compreensão das interações mente-cérebro”. Nesse paradigma, entenda-se consciência imortal como espírito imortal ou alma. Mais à frente veremos em Décio Iandoli Junior (médico), Fritjof Capra e Alexandre Fontes da Fonseca (físicos) as pesquisas que relacionam e explicam como o Espírito se associa ao corpo físico e como ele se manifesta.

DOS SANTOS (2019), segue descrevendo, de acordo com o filósofo David Chalmers, seis modelos teóricos para explicar a relação cérebro-consciência do ponto de vista materialista, considerando que três desses modelos estejam dentro de pressupostos metafísicos reducionista e três na perspectiva não reducionista (imaterial, fenomenológica).

**1. Modelo Monista Materialista:** é base na premissa de que tudo é matéria [...] composto por neurônios submetidos a processos bioquímicos e biofísicos. Os adeptos desse modelo acreditam que explicando os referidos processos nos termos neurofísico-químico irão também explicar a consciência. Nesse modelo a consciência é interpretada como sendo meramente uma ilusão (p. 33).

**2. Modelo Materialista:** é baseado na premissa de que a consciência deve ser idêntica ao processo intracerebral, já que há uma ligação entre certas atividades cerebrais, certas atividades conscientes (p. 34).

**3. Modelo Materialista Promissório:** admite que a consciência não possa ainda ser reduzida ao funcionamento cerebral que conhecemos hoje, mas acredita que com o progresso científico isso é apenas questão de tempo (p. 34).

**4. Modelo Intercionista-Dualista:** baseado no modelo desenvolvido pelo neurofisiologista, laureado pelo Nobel, John Eccles e pelo filósofo da ciência Karl Popper. Segundo essa proposta, consciência e cérebro são coisas diferentes, embora altamente interativas. É um modelo dualista cartesiano, portanto, baseado no pensamento de René Descartes. Embora seja incompatível com a física clássica, é compatível com conceitos derivados da física quântica [...] (p. 34).

Cabe lembrar, conforme Burck, que “nem todos os físicos aceitam o papel da consciência na física quântica” (p. 34), no entanto, a afirmação contrária também é possível de acordo com outros tantos que julgam como verdadeira essa narrativa “já que a consciência do observador colapsa a onda de possibilidades em nível de partículas subatômicas neurais.”

**5. Modelo Dualista Fraco:** baseado no conceito de que certas áreas do cérebro funcionariam como gatilho para a experiência consciente, mas que a consciência não tem efeito no cérebro ou na função corporal. Lembra a proposta materialista, sendo a consciência nesse modelo também o fruto de reações eletroquímicas neurais que, em contrapartida, não podem influenciar a própria consciência. Neuroplasticidade é,

portanto, um argumento contrário a essa teoria epifenomenológica, já que a mente pode sim causar permanentes mudanças na morfofisiologia cerebral.

E, por fim, temos, conforme Burck, o sexto modelo “também conhecido como pampsiquismo ou idealismo.”

**6. Modelo Monista Imaterial (Fenomenalismo):** de acordo com esse modelo, toda matéria e todo sistema físico contém uma forma de consciência subjetiva em um nível fundamental ou elementar. As propriedades são baseadas em observação subjetiva. Segundo esse paradigma, a consciência está primariamente, e não secundariamente, presente no Universo, e toda matéria apresenta propriedades subjetivas conscientes. A consciência não seria uma propriedade intrínseca da matéria, mas a realidade física um produto da consciência [...].

Dando seguimento aos argumentos de Burck, explicita-se com base na obra do neurocientista Mario Beauregard, *O Cérebro Espiritual*, sobre a plasticidade neuronal que ocorre, segundo ele, a partir do pensamento. E é dessa constatação que Burck e Beauregard destacam que “um dogma central da neurociência foi derrubado quando se deixou de acreditar que o cérebro de um adulto não mudava.” Isso, conseqüentemente, confirmaria a tese de que “existe neuroplasticidade cerebral não apenas na infância, mas também ao longo da vida” (p. 41).

Nesse sentido, compreende-se por que a ciência puramente materialista não encontra bases para comprovação ou não de um evento qualquer que se dê subjetivamente. E isso reforça o argumento de que o ser humano aprende durante toda a vida, conforme já citado neste trabalho, fundamentando a *Pedagogia do Amor*, como uma forma outra de conceituar Educação. E conforme se demonstrou, a medicina em várias áreas vem formulando hipóteses, refutando e/ou comprovando-as. Devido a esse movimento científico, têm se constatado teorias elencadas há muito tempo (vide obras de Francisco Cândido Xavier).

Conseqüentemente, para que essa cultura seja sistematicamente uma ocorrência desenvolvida, as academias devem se adiantar na empreitada de estudar teorias outras, tão antigas quanto a Educação, desmaterializando e descapitalizando o sentido do ensinar e aprender. Tendo como relevante a essência espiritual do indivíduo, pois para vencer a colonialidade, a subalternidade, a alienação, antes é preciso conhecer-se e vencer-se. E para isso é preciso ferramentas que não se encontram na exterioridade, são “armas” que todos têm dentro de si. Há ciência para se introduzir pesquisas nesse campo de conhecimento, inclusive na Física, segundo Alexandre Fontes da Fonseca. O físico e professor ao ser entrevistado por Cássio Leonardo Carrara (*O Clarim Jornal*), em entrevista publicada também na página online *Espiritualidade e Sociedade*, sob o título *Ciência e Espiritismo: cuidados e discernimento* (05/07/2014) dá o tom científico às questões espirituais, no entanto, revela que

a ciência e as ideias defendidas por ela tem seu tempo de amadurecimento e reconhecimento: **“Vê-se no meio acadêmico em geral a predominância do materialismo e a tentativa de manter distância das questões espirituais. Como você analisa essa situação?”**

Há preconceito, mas há também cuidado. A Ciência só aprova uma novidade quando esta é devidamente demonstrada de acordo com os critérios de cada disciplina científica. Se isso não pode ser feito, a novidade é rejeitada e esquecida. Se a Ciência não agisse assim, não teríamos a menor segurança em áreas de vital importância como Saúde e Engenharia. É como se, em Ciência, fosse adotada fielmente a recomendação de que é preferível “repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”, regra de ouro proposta por Erasto no item 230 de *O Livro dos Médiuns*. Na minha opinião, não devemos preocupar-nos com a Ciência. Em nada ela pode abalar a solidez metodológica do Espiritismo. Mais cedo ou mais tarde, acabará por encontrar a realidade espiritual.

Da Fonseca pondera sobre a solidez da ciência espírita e concorda que uma sociedade materialista, origina uma ciência ancorada em ideologias de indivíduos materialistas, e que estes não conseguem se apropriar de pesquisas no campo da imaterialidade; o que, de acordo com o físico, não impede que, com o passar do tempo, encontrem a realidade espiritual. [...] “O Espiritismo fornece à Ciência como um todo (isto é, não só à Física), a certeza da existência da alma. Essa certeza não vem dos fenômenos de efeitos físicos, como se poderia imaginar, mas do conteúdo inteligente dos fenômenos espíritas.”

Dando continuidade, Alexandre da Fonseca justifica que, de fato, é preferível que os cientistas duvidem de muitas verdades, antes de aceitar uma inverdade. E argumenta com base na filosofia Espírita, comparando os cuidados dos cientistas com as recomendações de Allan Kardec acerca do tema:

“Se é certo que a utopia da véspera se torna muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos que o dia seguinte realize a utopia da véspera, porém não atravanquemos a Doutrina de princípios que possam ser considerados quiméricos e fazer que a repilam os homens positivos” (Allan Kardec, *Obras Póstumas*, “**Dos Cismas**”, no capítulo “**Constituição do Espiritismo**”)

Vê-se, por conseguinte, que estamos diante de uma transformação no pensamento humano. Tal mudança vem acontecendo cada dia com maior velocidade, e a rede é meio de propagar esse gênero de pesquisa, portanto, não há mais como esconder ou ignorar os fatos. Assim sendo, quando grande parte dos indivíduos de ciências acordarem, é possível que não encontrem a mesma força e o mesmo rigor negativista tão propagados.

Nessa perspectiva Tatyana Stefani Fanini (2017), em *Proposta de um Estudo sobre Filosofia da Educação Espírita*, cita que:

A prática pedagógica, na vertente espírita, requer profundo conhecimento sobre educação, suas correntes, as tendências que norteiam as condutas e o trabalho dos educadores, que a influenciam. A atuação no processo ensino-aprendizagem

depende da maneira como concebemos o mundo e as coisas, da nossa sensibilidade posta na ação direcionando nossa conduta pedagógica (FANINI, 2017, [s.p]).

Frente ao exposto, é relevante salientar que não se pode prever do que é capaz o homem que tem como modelo de vida a sua elaborada consciência de valor, de ética, de coragem, de solidariedade. Deste modo, vemos na autora a clara designação de uma pedagogia de aporte espiritual para ensinar-aprender o indivíduo deste século. Fanini (2017, [s.p]) salienta que “A atuação no processo ensino-aprendizagem depende da maneira como concebemos o mundo e as coisas, da nossa sensibilidade posta na ação direcionando nossa conduta pedagógica”.

Daí é presumível que se os profissionais da Educação quiserem mudar o sistema, terão que começar por mudar a si mesmos. As ações deverão se iniciar na individualidade. A mudança não se fará “de cima para baixo”, já que quem está no topo da pirâmide são os dirigentes a quem não interessa a liberdade da população. Por outro lado, os docentes em seu campo de trabalho, sem ferir a ética ou consciências alheias, podem apropriar-se de meios outros de se relacionar com a comunidade educacional a que pertencem, agindo sob uma nova ótica pedagógica, uma de maior abrangência para se pensar o desenvolvimento moral-intelectual dos indivíduos. Assevera também Marcos Bessa-Oliveira (2019a, p. 77) sobre a questão do *diversalidade* do professor:

As pedagogias da diversidade não estão ancoradas, por conseguinte, em uma metodologia exclusivista como proposta epistêmica. Mas, pelo contrário, é necessário assumir um posicionamento – seja o professor em si, seja do pesquisador, seja ainda do artista que pensa em possibilidades pedagógicas através de suas práticas – dos *lóci* das diversidades também de pedagogias como de teorias que ancoram a prática docente, de pesquisa, ou mesmo de produção artística em relação à situação na qual se encontram os sujeitos das diferenças coloniais. Os corpos-metodológicos, pode-se dizer, que as pedagogias da diversidade esperam experienciar, não são, em hipótese alguma, corpos parados e menos ainda que se-pararam razão e emoção em suas ações.

Conforme elenca ainda Stefani Fanini (2017), a prática pedagógica na vertente imaterialista-espiritualista “requer profundo conhecimento sobre educação”, corroborando com a assertiva de que as crenças dos educadores, seus conhecimentos (ou falta deles), suas tendências ideológicas norteiam suas condutas e influenciam seus trabalhos, por isso, esclarecer-se segundo a ciência, adaptando-se a elas, é fator mensurável de credibilidade (FANINI, 2017, [s.p]).

Também é saudável pensar que, apesar da grande dificuldade dos professores no seu campo de atuação, geradores de conflitos pessoais e institucionais, os docentes têm, eles mesmos, sindicatos, associações da categoria que trabalham em defesa de seus interesses. O estudante, na grande maioria, tem apenas o professor como intermediário entre ele e a

sociedade colonialmente injusta e temerosa. Se o estudante tem dificuldade de aprendizagem, se pertence a um grupo qualquer de diversidade/*diversalidad*, tanto mais difícil é a sua inserção no meio social e acadêmico. Por isso, penso no estudante como resultado dos meus sentimentos. Ele, em grande medida, é resultado da grandeza ou pequenez dos meus valores e das minhas práticas, assim como das minhas escolhas políticas. E é nesse cenário que me coloco como profissional da Educação, desempenhando meu papel de empreendedora-transformadora, imantada de amor-compromisso e ética, vislumbrando o apagamento da colonialidade e de toda forma de opressão e ignorância para a população, pelo menos para meus discentes.

## 2.5 – PROBLEMATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Ligia Márcia Martins e Newton Duarte (2010) provocam reflexões interessantes acerca das relações academicistas, quanto à formação profissional dos educadores e à atividade produtiva, às teorias pedagógicas contemporâneas nas diversas licenciaturas e as abordagens metodológicas equivalentes e argumentam que “lamentavelmente, um dos maiores legados do século XX para a formação de professores foi o acirramento de sua subserviência às demandas hegemônicas do capital” (MARTINS; DUARTE, 2010, p. 8).

Por conseguinte, os autores deslocam do campo da comodidade ao “ringue” de debates, temas imprescindíveis para a Educação tanto quanto para o meio produtivo, o chão das escolas e das universidades brasileiras muito particularmente, mostrando que tanto uma quanto a outra sempre foram subservientes às estruturas de poderes políticos e econômicos.

**Em primeiro lugar**, e também o início irrecusável de toda a reflexão e atuação nessa direção, para tornar visível e irrefutável de que **não há “pedagogia” às cegas**, pois, a **pedagogia sem modificador é uma pedagogia oficial**, em serviço do sistema político e econômico que o sustenta, promove-o e também o deixa cair em favor de ocupações mais “eficientes”. A escola e a educação são, na mentalidade neoliberal, cada vez mais “ineficientes” porque os esforços devem ser colocados no aumento do PBI e não no aprendizado e formação de pessoas que contribuirão para a vida comunitária e plena (MIGNOLO, *apud* PALERMO, 2014, p. 9, tradução livre minha, grifos meus).<sup>32</sup>

<sup>32</sup> “En primer lugar, y también el irrecusable comienzo de toda reflexión y actuación en esta dirección, en hacer visible e irrefutable que no hay "pedagogía" a secas puesto que la pedagogía sin modificador es una pedagogía oficial, al servicio del sistema político y económico que la sustenta, promueve y, también, la deja caer en pro de ocupaciones más "eficientes". La escuela y la educación son, en la mentalidad neoliberal, cada vez más "ineficientes" pues los esfuerzos deben ponerse en el acrecentamiento de PBI y no del aprendizaje y formación

Parafraseando Paulo Freire (1996), os docentes devem buscar a autenticidade que a prática de ensinar-aprender exige. Indo um pouco mais além, é preciso ter sonhos grandes, sonhos emocionantes, para educar pessoas emocionadas, pois é com emoção que “se ganha a vida”. Segundo Freire (1996, p. 24), “Quando vivemos autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.”

A boniteza à qual se refere Paulo Freire e a emoção com a qual lido ao falar de Educação, remete às falas de outros tantos educadores pelo Brasil à fora, que conquistam espaços e afetos por mérito, apesar das imensas dificuldades que lhes são impostas pelo sistema. Por isso, é importante refletir a Educação na sua estrutura, para se levantar possibilidades de mudanças, arquitetar meios de avançar na pauta. Importante, lembrar as perdas sofridas pela população brasileira, com a atual administração, em torno das políticas públicas de saúde, mas poderiam ser mais falhas com a educação.

Os profissionais da Educação, assim como trabalhadores de todas as áreas, viram com assombro direitos irem diminuindo de forma incontestável. As universidades públicas, que deveriam receber o amparo do Ministério da Educação e o respeito de agentes administrativos, foram as mais atacadas no que elas têm de melhor para oferecer à população: a pesquisa, a ciência, a produção de conhecimentos. Entende-se, por isso, que a crise na área serve como chamamento, para balançar as estruturas dos profissionais, convidando-os para uma reflexão mais apurada diante do atual contexto histórico, sem fechar os olhos para a historicidade da Educação, menos ainda para a história do povo brasileiro.

Demerval Saviani (2001) nesse aspecto é rigorosamente crítico. O autor diz que se não houver um plano “lúcido”, “corajoso”, que denote um empenho efetivo em reverter a situação de calamidade pública em que se encontra o ensino dos diferentes graus em nosso país, nós iremos de mal a pior. Afirma o autor que “tudo o que se fala sobre educação, flui como palavras vazias, “ocas”, ampliando ainda mais o já insuportável déficit histórico que vem vitimando a população brasileira em matéria de educação”. (SAVIANI, 2001, [s/p]).

O autor faz referência à necessária mudança de gerenciamento da Educação brasileira e da superação das dificuldades do setor, como a dependência das mudanças de gerenciamento na área da economia, ou seja, para Saviani (2001, [s/p]), sendo os problemas

da escola pública de ordem das políticas públicas no Brasil, tais mudanças se darão também pela mudança na política econômica, pois ela com seus tentáculos nos torna dependentes do “afluxo de capital internacional e das metas dos ajustes das contas públicas decorrentes dos acordos com o Fundo Monetário Internacional” (FMI). Mas em tudo há “o querer” e isso depende de cada docente, pois o *amor compromisso* depende da vontade do indivíduo. E aqui temos o amor compromisso como sendo a vontade de fazer bem, fazer certo, fazer como se fosse para si mesmo. Na esteira de Mignolo, mais uma vez,

**A pedagogia descolonial não pode estar a serviço da eficiência, nem da tarefa limitada de formar cidadãos para o Estado-nação** (educação liberal), **nem apenas na formação de pessoas de fé** (educação teológica), mas na **busca, através do amor descolonial**, daquela **humanidade plena** que Franz Fanon ambicionou quando acabou de escrever *Os condenados da terra*, no leito de morte e inundado pela violência da colonialidade, na Argélia e no Terceiro Mundo (MIGNOLO, *apud* PALERMO, 2014, p. 9, tradução livre nossa, grifos nossos).<sup>33</sup>

Fechando a questão, embora sem fechar o debate, presumo que a precarização da Educação está intrinsecamente ligada à formação acadêmica materialista-colonialista. E aqui é necessário fazer apontamentos éticos e adequados sobre os profissionais universitários. Eles, tanto quanto os professores da Educação Básica, atendem ao sistema. E o sistema acaba sendo o grande empecilho para as mudanças. Estão todos acorrentados aos meios de produção materialista que exercem poder seja político, seja econômico, por todos os lados. Driblar esse sistema é o que vem a ser o grande “lance.”

### 2.5.1 – A dialogicidade, o tempo e o (des)alento na educação brasileira

De qualquer forma, pensar que a Educação pode avançar independente de governo, é uma ideia simpática, um tanto romântica, já que os vínculos de poder se sobrepõem às tímidas lutas da classe e à (des)mobilização dos profissionais da Educação, enquanto funcionários públicos. Isso pode ser observado, por exemplo, comparando os movimentos dos funcionários dos Correios ou da Polícia Militar. Essas categorias, provavelmente por não lidar com a “imaterialidade”, com “as consciências”, ao fazerem greve, por exemplo, mexem com

<sup>33</sup> “La pedagogía descolonial no puede estar el servicio de la eficiencia, ni tampoco a la limitada tarea de formar ciudadanos para el estado-nación (educación liberal), ni tampoco solo en la formación de personas de fe (educación teológica), sino en la búsqueda, a través del amor descolonial, de aquella plena humanidad que ambicionaba Franz Fanon al terminar de escribir *Los condenados de la tierra*, en el lecho de muerte e inundado por la violencia de la colonialidad, en Argelia e en el Tercer Mundo.” . (MIGNOLO, *apud* PALERMO, 2014, p. 9).

“os bolsos” das pessoas. As perdas são monetárias, e isso, em um país capitalista, tem medida de valor.

Soma-se a isso, a (in)compreensão generalizada sobre qual é o produto gerado pelo trabalhador-docente e qual é o valor desse produto(?). A ótica do mundo capitalista é a de valorizar o produto como trabalho final de um esforço mantido; aumenta-se o valor de um bem ou de um produto em virtude de fatores econômicos que independem de qualquer transformação intrínseca desse bem. Ora, o produto final do esforço do docente é a transformação do indivíduo. Entretanto, tal produto não se expõe, para ele não se calcula valor de venda, nem se pode negociar seu empréstimo. Obviamente, o valor desse bem é exatamente o da transformação intrínseca. Acontece no campo da imaterialidade.<sup>34</sup>

Nesses termos, é de bom tom observar que, segundo Lybio Magalhães (1996, p. 34), o psicólogo Alberto Bandeira, da Universidade de Stanford, defende a ideia de que “a natureza humana é um vasto potencial que influências sociais podem modelar numa variedade de formas [...] e que “o evolucionismo espírita acena para o terceiro milênio, pronunciando um processo seletivo.” Explica-se: de acordo com a lei do progresso à medida que o Planeta Terra melhora, “só teriam acesso a ele Espíritos-Almas aquinhoadas moralmente.” Para melhor compreensão, salienta-se que o indivíduo progride sempre, porém nem sempre o desenvolvimento moral acompanha o desenvolvimento intelectual e vice-versa. Eis a questão a ser discutida, a matéria que deve permear o currículo acadêmico-escolar. Nota-se por toda parte que os estudantes a cada ano apresentam novas e diversificadas habilidades, exigindo dos docentes mais do que conhecimento por área.

É para esse público que os docentes estão se preparando nas universidades. Um público de inteligência de acordo com o contexto sociocultural e tecnológico que exige dos educadores olhar e ações outras, além de conhecimentos que ultrapassam a mediana formação clássica. É o futuro que chegou depois de tantos avisos. Por isso, importante refletir sobre o papel dos acadêmicos, futuros docentes, que terão que desempenhar papéis transformadores na vida de indivíduos a seu cuidado, desempenhando funções de altíssimo nível moral, cujo resultado (produto), via de regra, o público de fora da sociedade acadêmica desconhece como mensurar valor.

---

<sup>34</sup> Entretanto, mesmo que numa ótica rasa, sabemos que a mudança do indivíduo por meio da educação transforma todo um sistema social em seu entorno, seja na capacidade crítico-intelectual desse sujeito, mas seja também nas relações sociais político, econômico e cultural. Logo, mudar um sujeito pela educação é transformar um sistema – até o produtivo – na cadeia social na qual esse indivíduo está inserido. Mas quem quer mudança crítico-social-intelectual para mudar política e economia de manutenções em um contexto capitalista?

Sabe-se que grande parcela dos docentes desconhece o campo onde esse valor (transformação) se dá, porque durante a sua formação, não teve acesso a nenhuma disciplina que lhe garantisse “conhecimentos” da esfera íntima (imaterialidade): o espírito-alma do sujeito. Espaço esse onde acontece o desenvolvimento humano, onde se desenvolvem todas as habilidades e competências elencadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (4.024 [1961] 2016). Portanto, o que se pede é a verificação das habilidades e competências que, em geral, não se encontram no âmbito do corpo-físico, mas do corpo-psicológico-emotivo-espiritual.

Isso, no entanto, já é realidade em outros campos de educação e pesquisa, por exemplo, em universidades de medicina, bem como na de psiquiatria. Nelas a dinâmica investigativa tem muito a ensinar aos educadores e às universidades-faculdades que se ocupam das licenciaturas. Nessa perspectiva os pesquisadores Fabrício H. A. de Oliveira e Oliveira (Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), John R. Peteet (Harvard Medical School, Boston, EUA) e Alexandre Moreira-Almeida (Faculdade de Medicina, Juiz de Fora, MG) em o artigo intitulado “Religiosidade e espiritualidade na residência em programas em psiquiatria: por que, o que e como ensinar?” propõem “um currículo básico para religiosidade e espiritualidade na prática clínica para programas de residência em psiquiatria com base nas evidências disponíveis.”

Os autores postulam que deve haver uma especialização para os residentes, conhecimentos que lhes ajudem na prevenção e tratamento dos pacientes psiquiátricos, pois segundo eles, há casos de patologias e casos de "influências espirituais, cujas manifestações são semelhantes." Por isso, recomendam que os profissionais da área devem estar "preparados para formular um diagnóstico diferencial que inclua aspectos culturais, religiosos e experiências espirituais e psicopatologias, bem como formular um plano de tratamento do ponto de vista bio-psico-socioespiritual (MOREIRA-ALMEIDA *et al*, 2021). Nessa perspectiva, Fabrício Henrique Alves de Oliveira e Oliveira e Alexandre de Rezende Pinto, do Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde – NUPES – postulam em o artigo *Psiquiatria e espiritualidade: em busca da formulação bio-psico-socio-espiritual do caso que*

o principal objetivo desse artigo é fornecer aos profissionais da saúde mental em geral, principalmente médicos clínicos e psiquiatras, a importância de se incluir aspectos religiosos e espirituais na avaliação dos pacientes, bem como quando e como realizar essa abordagem, tomando-se o cuidado para os devidos encaminhamentos, quando necessários (OLIVEIRA E OLIVEIRA; PINTO, 2019, p. 5).

Desse modo é pertinente reconhecer que, como afirma Léon Denis, em relação ao desenvolvimento do homem, que é “da consciência das almas superiores, dos seus

pensamentos, dos seus trabalhos, dos seus exemplos, dos seus sacrifícios, que brotam a luz mais intensa e o mais nobre ideal que podem guiar a humanidade no seu caminho” (DENIS, 2000 [1905], p. 52).

Em consequência disso, sendo esse o movimento reflexivo-ativo que deve libertar as almas dos indivíduos, pondera-se conhecer para compreender, mobilizando esforços para sair das grades da ideologia religiosa-materialista-capitalista: missão da Educação em relação à humanidade de hoje e de todos os tempos.

## **CAPÍTULO 3 – A PEDAGOGIA DO AMOR CONTEMPLA A DIVERSALIDADE DE SUJEITOS EM DESENVOLVIMENTO**

Inicia-se o terceiro capítulo desta dissertação, fazendo-se algumas considerações a título de esclarecimento antes de adentrar-se em os conceitos e concepções Espíritas, nas quais se assenta a *Pedagogia do Amor*. Sendo pesquisadora autodidata, emprenham-me ondas de mudanças o tempo todo, pois a manutenção ativa do autodesenvolvimento, parafraseando Oswald de Andrade (1890-1954), faz-me antropófaga sociocultural. O autor em o *Manifesto Antropofágico* (1976) que “digeria” a cultura “de fora”, paralelo ao empenho de um grupo de artistas brasileiros, da primeira metade do século XX, em desenvolver manifestação artística modernista no Brasil, levando-se em conta a brasilidade e a cultura nacional, inspira-me ao ato antropofágico de digerir matérias e informações que me chegam como prenúncio de “verdades” estabelecidas, agora já não pelas mãos de religiosos, mas de médicos pesquisadores que ponderam sobre a matéria da pesquisa. Portanto, trazendo à luz conhecimentos que durante tanto tempo ficaram guardados por trás de muros em sigilosas conversas, em velados grupos de poder humano-passageiro.

### **3.1 – JUSTIFICATIVAS DE PROCEDIMENTOS**

Conhecendo novos autores, novas formas de pensamentos, distintos posicionamentos filosóficos e científicos, correntes culturais outras que avançam em torno às mais diversas ramificações do conhecimento descolonizamo-nos, humanizamo-nos. E em sequência de associações e reflexões evoluímos todos. Desse modo, não há ideias preconcebidas sobre esta ou aquela corrente de pensamento que me sejam alijantes ou sem valor ao ponto de não merecer minha atenção e ponderação. O que há são possibilidades e curiosidades. Essas demandas são latentes em mim. Por isso, reitera-se que a pesquisa, a educação e seus desdobramentos são o meu projeto de vida e esses contextos de descolonialidade, sem pretensão nenhuma, fazem-se factíveis e muito mais abrangente epistemológica e multidimensionalmente.

É especialmente nesse contexto que ainda posso me valer até mesmo do ato

antropófago oswaldiano como possibilidades. Mas tendo muita consciência de que esse não o é como aquele pensando até hoje, por exemplo, pela crítica tradicional que entende o ato de devorar como necessário para constituir-se melhor e que a falta de comer o alheio me aterroriza como pior. É nessa ótica que as leituras antigas, modernas e as mais atualizadas devem servir à educação. Não o sendo o contrário, aquelas como únicas bases fundantes dessas e menos ainda essa atual rechaçando os passados como se aqueles não tivessem existido. Logo, é preciso a compreensão de que ao nos valer do que já fora feito, temos consciência para sapiência, bem ou mal, de como somos, estivemos ou se seremos incluídos nessas construções(?). Disso, por exemplo, este último ponto, Bessa-Oliveira e tantos outros autores descoloniais não abrem mão.

Outra questão a ser ponderada é o grande número de autores citados na escrita. Poderia optar por um número reduzido de especialistas, sintetizando teorias, “enxugando” o trabalho. No entanto, há que se primar pela coerência. A ideia, desde o início, é mostrar o grande número de autores das mais diferentes áreas, discutindo o mesmo tema. Alguns desses autores não saem do círculo a que pertencem, sendo ignorados pela sociedade e pela maioria dos educadores. Seus trabalhos estão circunscritos às plataformas a que estão inseridos nas universidades. Por que não trazer à luz do debate esses que se afinizam com a minha proposta pedagógica? Desde que os li, desde que os refleti, somam-se eles e elas ao meu cabedal, ainda que infinitamente pequeno, de conhecimento. Espera-se, frente a isso, ao final do trabalho, dar o próximo passo no sentido da replicabilidade do aprendizado adquirido com esses e outros tantos autores (lidos ao longo da vida) com o lançamento de um livro que sistematiza a Pedagogia do Amor.

De outra parte, pretende-se elaborar Cursos de Formação Continuada de Docentes, levando-se em conta os princípios que norteiam a pedagogia em questão, ampliando, o quanto possível, o conhecimento consubstanciado ao longo do mestrado. Pretende-se, em consequência, que isso se dê de forma democrática e crítica por meio de palestras, seminários, debates; o que demanda o uso de quantas estratégias forem possíveis para desmistificar preconceitos e ideologias que impedem o avanço educacional, em uma primeira perspectiva, em território brasileiro. Esses dois últimos pontos – primeiro a ideia de Cursos de Formação Continuada de Docentes, depois a sistematização da Pedagogia do Amor em livro – têm, de modo claro, a minha atenção voltada para o pré-requisito do PROFEDUC de ofertar, por meio de suas pesquisas, resultados interventivos na sociedade no campo da Educação elencado como Projeto de Intervenção resultante da pesquisa acadêmica.

Dito isso, alerta-se aos leitores que não tendo nenhuma formação nas áreas médica, física e de outras ciências aqui apresentadas, com exceção da ciência espírita e pedagógico-educacional, procurou-se aprendizagem não só via leituras das obras, mas em conversas com alguns especialistas dessas áreas (pessoalmente e por meio de contatos digitais), buscando a superação das dificuldades linguísticas, fenomenológicos e de episteme quanto às linguagens inerentes às áreas pesquisadas. Consequentemente, dadas as complexidades dos assuntos tratados nesses campos de pesquisa, elas evidenciam e confirmam, pelo menos em parte, as teses aqui apresentadas. Nesse contexto de fala, é preciso alongar explicações, notas, por isso, peço aos leitores perdão e compreensão.

Além disso, conforme vimos apontando no decorrer da escrita, elencando os princípios, epistemologia e conceitos da ciência-filosofia e moral Espírita, procura-se fazer uso de linguagem o mais próximo possível do entendimento das pessoas leigas sobre o assunto. Fazendo uso, quando necessário, da sinonímia no intento de dar entendimento quanto a palavras, quando elas não deem conta de significar ou explicar o que se pretende, ou quando elas forem passíveis de provocar duplicidade de sentido. É uma tentativa de alargar fronteiras, fazendo uso da linguagem natural e simples para dar respostas que já foram dadas, mas que por conta do preconceito linguístico, sociocultural-religioso e ideológico, perderam-se em meio a lutas de classes, ao desejo desenfreado da manutenção do poder, ao egoísmo e à falsa ideia de que o homem, na sua atual conjuntura física, é imortal. Assim como em meio à ilusão de que se vai usufruir eternamente dos bens materiais amealhados nesta existência. Essas lutas promovem, portanto, o distanciamento de todo um cabedal de conhecimento sobre a verdadeira natureza humana.<sup>35</sup>

### 3.2 – SÃO CINCO OS PRINCÍPIOS DO ESPIRITIMOS

Na introdução do *Livro dos Espíritos* (LE), Allan Kardec explicita que para coisas novas necessita-se de novas palavras. O autor foi rígido quanto à estruturação e codificação da

---

<sup>35</sup> Sobre os Cursos de Formação Continuada de Docentes que se pretende ministrar, sobre os quais o Projeto Interventivo em anexo pode dar mais esclarecimentos sobre a estrutura, é importante salientar que serão ofertadas práticas diversas que podem inferir no entendimento de professores/docentes acerca das suas práticas e de outras práticas didático-metodológico-pedagógicas como possibilidades para ampliação da docência como ato participativo, nem inclusivo e menos ainda modelador. Mas a ideia é promover, por meio da Pedagogia do Amor, o entendimento de uma pedagogia modificadora a partir dos próprios envolvidos na educação.

ciência Espírita, partindo do pressuposto de que a clareza da linguagem é fundamental para se “evitar confusão entre vocábulos de múltiplos sentidos”. Além disso, vocábulos como os que estamos acostumados, na literatura homônima, como espírita, espiritismo, espiritista não existiam no século XIX, tendo elas epistemologias com o advento do *Livro dos Espíritos* (1876). Como a palavra espiritualidade era mais comum, passou-se a usá-la para definir todas as crenças que se opunham ao materialismo. Kardec, para distinguir uma coisa da outra, conceitua uma e outra da seguinte forma (Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, 1995, parte I, p. 9):

As palavras **espiritual**, **espiritualista**, **espiritualismo** têm uma acepção bem definida: dar-lhes uma nova significação para aplicar à doutrina dos Espíritos seria multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem crê haver em si outra coisa que a matéria, é espiritualista, mas não se segue daí que crê na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar da palavra espiritual, espiritualismo, utilizamos para designar esta última crença as de **espírita**, **Espiritismo**, das quais a forma lembra a origem e o sentido radical, e que, por isso mesmo têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra **espiritualismo** a sua acepção própria [...]. (KARDEC, [1857], 1995, p. 9).

A despeito dos conceitos, importante salientar que nos meios médicos há os que usam os termos elencados, ao se referirem à saúde e espiritualidade, pois há os que pensam a espiritualidade como meio de relação entre saúde-religiosidade, de crença-força interior atuando beneficentemente nos indivíduos e há os que pensam a espiritualidade sob a conceituação kardequiana, espiritista, para explicar a relação da ciência e da religiosidade correlacionando saúde e entendimento-pensamento do próprio indivíduo, atuando sobre si mesmo, e das ações dos espíritos sobre as criaturas.

Este ponto será tratado com mais acuidade no espaço mediunidade, sendo meio de manifestações dos espíritos dos homens e mulheres que morreram corporeamente, cujas inteligências e sensações guardadas nos refolhos espirituais, podem relacionar-se, impregnarem-se das ideias e sensações uns dos outros – por *afinidade* – via pensamento e sentimento com os que se mantêm na materialidade corpórea.

Sobre isso, porém, concebe-se, segundo Hermínio Correa de Miranda (1975, p. 24), autor de mais de quarenta obras sobre o tema, que “a função de pensar não é orgânica, material – é espiritual. A prova é que o espírito pensa depois de desencarnado e o cadáver não pensa!”. O autor, portanto, faz a analogia entre cérebro e espírito, sendo este dotado de autonomia, enquanto que “o cérebro é uma espécie de muleta do espírito utilizada à falta de instrumento mais aperfeiçoado (p. 24)” para se manifestar.

### 3.2.1 – Crença na existência de Deus

*Não havendo efeito sem causa, sob todos os aspectos em que se analise o Universo, é inevitável concluir que tamanha complexidade não poderia deixar de ter sido originada por uma causa superinteligente, isto é, o Criador. Realmente, o Efeito deve ser proporcional à Causa e, por conseguinte, pela exuberância do Efeito, infere-se a excelência dos Atributos intelecto-morais da Causa (MOREIRA, 2016)*

Apresenta-se Leonardo Marmo Moreira, Doutor e pós-doutor em **Química Analítica**. Moreira tem formação em Química Inorgânica, Biofísica Molecular, Engenharia Biomédica/Bioengenharia e Química de alimentos/nutrição. Portanto, considera-se que o autor, com mais de 85 publicações de artigos e inúmeras publicações em capítulos de livros, sendo atualmente Professor Associado na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), tem autoridade para fundamentar o meu trabalho. Por isso, pede-se licença ao autor, para trazer suas reflexões acerca dos princípios Espíritas como proposição de formação básica às pessoas que, em se apropriando desses princípios, tenham em o conhecimento a compreensão que lhes permita alinhamento às suas pretensões éticas e morais (O Consolador; **Revista Semanal de Divulgação Espírita**, Ano 2 – N° 97 – 8 de Março de 2009).

No capítulo primeiro do *Livro dos Espíritos* (LE), em a questão primeira (de 1019 questões) Allan Kardec pergunta aos *Espíritos Superiores* que o auxiliavam na organização da ciência nascente: **Que é Deus?**, dando desde o início à codificação um caráter contrarreligioso, contrapondo-se à ideia de que Deus apresenta aspectos humanos, que é uma pessoa em permanente observação e contemplação, sentada em um trono em algum lugar do espaço, observando a humanidade. Segundo Allan Kardec (1957), o homem primitivo entendia como boa parte da humanidade entende Deus como um ser antropomórfico. Nessa concepção, Deus seria/é concebido e descrito como uma cópia humana. Assim Deus seria/é entendido com atributos humanos.

O homem primitivo entendia Deus como um ser antropomórfico. Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto [...] (KARDEC, 1957, questão 667).

Constata-se, assim, o que a inteligência propõe como cognoscível: deturpou-se conceitos plausíveis tanto sobre a natureza de Deus, quanto a de Cristo e, também, em relação às ciências que tratam dos fatos envolvendo questões teológicas, filosóficas e físicas. Esse Deus irônico, temido por grande parte da população é um Deus vingativo co-criado para manter a hegemonia. A partir desse entendimento, um ser indiferente em relação à

humanidade, apresentando-se nas mais diferentes formas, desde as ocorrências policiais diárias aos fatos que envolvem a política e políticos, as relações doentias entre pessoas e nações é “criado”. Por isso é de se pensar que esse ser “da indiferença” trata os indivíduos como peças de tabuleiro, pois estas apenas se locomovem pela força ou ação de outrem: pura fatalidade.

Por conseguinte, esse Deus não dá conta de atender às expectativas dos seres humanos. No entanto, sendo Deus Inteligência Suprema, consoante Allan Kardec, não pode se amesquinhar nem ser conceituado como de natureza humana. Se assim o fosse, haveria de fazer com que “seus iguais” ou semelhantes evitassem as guerras, prevenissem as tragédias naturais e todo sofrimento pelos quais passam milhares de pessoas que vivem à margem das sociedades. Assim como não poderia permitir que suas crianças nascessem com deficiências, os natimortos. Em detrimento das disparidades que assolam as sociedades terrenas, entende-se que é de extrema importância pensar em formas outras de se compreender “a natureza de Deus”. Isso, no entanto, deve-se fazer em consonância com as ciências, pois tudo está em conformidade com a Natureza.<sup>36</sup>

Nesse tocante, Sebastião Camargo, em *O Despertar da Consciência: do átomo ao anjo*, obra feita sob orientação de Léon Denis e Miramez, espíritos tidos como de escola no meio Espírita, diz que “[...] Deus não tem segredos para com os Seus filhos, mas pede preparo para que possamos suportar as revelações espirituais (CAMARGO, 2013, p. 386). Logo a seguir, ainda tratando do assunto, o autor salienta que: “*O Espiritismo é uma Filosofia transcendente, uma Ciência imanente e uma Moral consequente. Sua proposta fundamental é estudar a origem, a natureza e o destino dos espíritos, tendo como meta essencial a iluminação e a libertação das consciências.*”

Diante do exposto, observa-se que se, ainda, pela ciência materialista, não é possível se ter uma definição exata do que É Deus, também é certo que a definição ideológica de um ente miraculoso não se aplica. Esse Deus, portanto, que a maioria cultua, por ignorância ou oportunismo, não é o Pai apresentado por Jesus à humanidade. Assim como Jesus não é o ser com a identidade que lhe deram os homens (KARDEC, LE, 1995, p. 47), mas, segundo o Espiritismo, o oposto ao materialismo, um Espírito Superior, detentor de um progresso moral descomunal, a que a humanidade está submetida, via de regra, a conquistar aos poucos, em

---

<sup>36</sup> Aquela nossa questão anterior – descolonizar o espírito – toma (outro) corpo outro aqui: à medida que aproximamos a reflexão da ciência, podemos ponderar se é mesmo nosso entendimento de “Deus” que precisa ser formulado, nossa crença esperitual, ou se não o seria mudar nossa compreensão da relação Homem/Mulher – Natureza? Eis aí uma questão que se coloca, talvez, para outro momento de reflexão prolongada.

um processo contínuo de evolução.

Nessa perspectiva, revela-se que grande parte dos humanos ainda não compreende de todo a figura de Jesus, e sendo Ele a referência mais próxima que se tem de Deus, conseqüentemente, não O entendem. Diz-se que não há no vocabulário hominal palavras que comportem a dimensão do que Ele/Ela é, assim como não há ainda sentimento elevado o bastante para se apropriar dos ensinamentos do Cristo e sobre o que Ele chamou de Pai. Da mesma forma, permanece envolto em névoas dados sobre a episteme humana, muito embora haja uma literatura extensa sobre a matéria. Além disso, o materialismo impregnado nas relações interpessoais de egoísmo e orgulho, inibem o amor incondicional e a educação ética exemplificados pelo Nazareno de se mostrar na sua plenitude. Sendo Jesus, aqui entendido como o pedagogo, didático, cujos ensinamentos vão além das esferas comuns da vida humana.

Retornando, portanto, à conceituação Espírita de Deus, encontramos em o *Livro dos Espíritos*, “questão número um” (1995, p. 45), que Deus é a **Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas** (grifo nosso). Obviamente que isso fez sentido para o estudioso que avançou na questão: – **Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?** (1974, questão 4, p. 45). “- **Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa** (grifos meus). Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem, e vossa razão voz responderá.”

Para crer em Deus basta lançar os olhos sobre as obras da criação. O Universo existe; ele tem, pois, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito tem uma causa, e adiantar que o nada pôde fazer alguma coisa (KARDEC, [1957], 1974, p. 46).

Passa-se a compreender, a partir desse conceito, que Deus realmente pode estar em toda parte, e faz mais sentido a afirmação de que Deus é onipresente. Assim, não sendo um velhinho, sentado em uma poltrona de olho na humanidade, compreende-se as parábolas de Jesus, as passagens dos evangelhos. Pode-se afirmar, portanto, partindo desse conceito, que **Deus não está morto**. Matou-se um Deus com características humanas, um Deus inventado para atender as expectativas dos humanos: ciumento, rancoroso, pretensioso e vingativo. E do ponto de vista das barbáries que ocorrem diariamente no mundo, um Deus injusto, de muitas falácias e sem ação, assim como certo presidente que não tem senso de normalidade, portanto, “santo” sem efeito.

Ainda nessa perspectiva, em matéria publicada em o *Jornal Mundo Espírita* de Agosto de 1993 o Prof. Dr. Físico, Raul Teixeira, salienta que “Estamos vivendo a era do Espírito”. Além disso, o renomado conferencista-pesquisador alude, de forma geral, que Deus está para

a ciência como a ciência está para a verdade e, então, a verdade e Deus são uno. Seguindo, portanto, o raciocínio do Físico austríaco, Fritjof Capra, Teixeira afirma que

Deus pensa, e Seu pensamento – que é a Verdade – se espalha no Cosmo. E nós, à proporção que vamos crescendo, moral e intelectualmente, conseguimos captar essa mensagem da Divindade, que se acha no Universo. É importante que entendamos O Livro dos Espíritos, quando nos ensina que nos falta um sentido para entender a infinidade de Deus. E Jesus Cristo diz que é preciso ter puro o coração para ver a Deus. Então, à proporção que avançamos, em nível de Ciência, em nível de bom senso, de equilíbrio geral, vamos conseguindo “ver” a Deus, entender a intimidade do Criador, a partir das leis que estão espalhadas pelo Universo. Naturalmente que não apenas Capra mas um pugilo de outros físicos tem enveredado por esse caminho. E hoje encontramos uma literatura muito vasta, vinculando os progressos da Física às questões espirituais. Não é à toa que nós vivemos uma época que é propriamente a Era do Espírito (*Jornal Alavanca*, nº 397).

Para além disso, pode-se comparar, fazendo uso de metáforas como se faz com as crianças em contações de histórias, trazendo para nossas consciências adultas a importância dessa constatação e o que advém dela: imaginemos o mar imenso, cheio de peixes, animais, de formas outras de vida, incluindo as plantas. Pensemos no mar como num imenso aquário completamente descortinado aos nossos olhos. Nessa imensidão de água, os peixes e tudo mais como que flutuam em um mundo ao qual não criaram e não dominam, mas estão lá, vivendo, alimentando-se, crescendo.

Sob essa perspectiva, Deus sendo a inteligência espalhada pelo Universo está para nós como o mar para os peixes. Nós somos atravessados literalmente banhados por essa inteligência, pelos fluidos, por tudo o que há na natureza que compõe nossos corpos duais e tudo ao nosso redor. Essa inteligência é força viva que equilibra tudo o que há no Universo. É geradora de potenciais, orientada, no entanto, pelo livre arbítrio daqueles que pensam. Em função desses esclarecimentos, portanto, percebe-se que os indivíduos, uma vez que desenvolvem suas capacidades intelectuais, são responsáveis pela vivência pacífica, tratando com justiça das suas e das coisas de outrem, mantendo a si mesmo e tudo a seu redor em consonância com as leis naturais consequentemente.

### 3.2.2 – Crença na imortalidade da Alma

*Além dos fenômenos mediúnicos propriamente considerados, ou seja, das inumeráveis evidências de comunicação entre os chamados “mortos” e os “vivos”, existe uma gama de eventos paranormais denominados anímicos. Ambos os fenômenos sugerem fortemente a existência, relativa independência em relação ao corpo físico e*

*imortalidade da alma. [...] existência e até mesmo certa independência em relação ao corpo físico. Estes fenômenos de “Emancipação da Alma” demonstram o fato de o corpo espiritual (perispírito) poder se afastar com maior ou menor intensidade do vaso orgânico. Sono e sonhos, desdobramento (também chamado de “projeção da consciência” ou mesmo “viagem astral”), sonambulismo, êxtase, clarividência (também denominada “segunda vista”) e clariaudiência são exemplos de “Emancipação da Alma”. Vale registrar que os casos de mediunidade no leito de morte assim como as “Experiências de Quase-Morte (EQM)” têm fornecido extraordinárias evidências da existência e imortalidade da alma (MOREIRA, 2016)*

Allan Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (ESE) [1866], (2013, p. 32), cita a doutrina de Sócrates e Platão para introduzir o paradigma da imortalidade da alma. Teria dito Sócrates que “a alma é imortal.” “Antes de sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais das ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando, e, recordando o seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.”

Explicando as ideias dos clássicos, Kardec aclara o entendimento dos leitores, relatando didaticamente tais pensamentos:

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É além disso a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de um outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte (KARDEC, [1866], (2013, p. 32).

Esse seria, conforme cita Kardec, o paradigma ou “o gérmen dos anjos decaídos.” Aí está também o princípio da reencarnação. “É a doutrina dos anjos guardiães ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas [...]” (p. 34). E, evidenciando a evolução do ser, o professor e pesquisador de Lion (França) em o século XIX, fez importante revelação: “O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa” (p. 35).

Se a alma é imaterial, tem de passar, após essa vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua estada na Terra (KARDEC, 2013, p. 35).

Confrontando a argumentação Kardecista com a do Físico e ambientalista Fritjof Capra, percebe-se equivalência das ideias de ambos em relação à imortalidade da alma. É preciso, no entanto, levar-se em conta que o que Kardec considera *princípio inteligente, advento espiritual*, Capra define como *misticismo, advento de uma inteligência invisível*. Este teria baseado suas pesquisas nas semelhanças entre os conceitos subjacentes à física moderna e as ideias básicas do misticismo oriental. Sobre o trabalho de Capra, escreveu B. D. Josephson, Prêmio Nobel de 1973, professor de Física na Universidade de Cambridge

(CAPRA, 1983, contracapa):

Os leitores lerão com muito interesse as claras explicações do Dr. Capra a respeito das ideias básicas que estão por trás das várias formas do misticismo oriental e a respeito dos paradoxos da física moderna que parecem ter sido antecipados pelos paradoxos desse mesmo misticismo. É bem provável que, quando as relações entre ambos forem bem entendidas, terá chegado a hora de consideráveis progressos na compreensão que temos do Universo.

Para Capra [1975], (1983), na tradução de José Fernandes Dias, em o *Tao da Física: Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*, há paralelos entre as visões dos físicos e dos místicos. Segundo o autor, ao descobrir tal paralelo, constatou-se o óbvio: que esses paralelos têm sido insinuados, mas nunca antes experimentados. O Físico alude às concepções dos místicos como uma corrente de pensamento sempre presente na vida humana que vale a pena pesquisar. Assim, ele inicia o prefácio da segunda edição da obra fazendo declarações inusitadas para um físico. “Algumas vezes, enquanto escrevia *O Tao da Física*, sentia mesmo que esse algo estava sendo escrito, não por mim, mas por meu intermédio. Os eventos posteriores têm confirmado esses sentimentos (p. 16).” Capra, portanto, concluiu que o conhecimento dos místicos, “no futuro, seria de conhecimento geral” (p. 16).

O autor faz relato bastante convincente de suas experiências sensoriais ou mediúnicas enquanto produzia *O Tao da Física*. Conta o escritor que “algumas vezes enquanto escrevia”, parecia-lhe que outra pessoa o fazia, aludindo à experiência, em outras palavras, a uma inteligência invisível que o assessorava, assim como espíritos têm escrito por intermédio de médiuns ao longo da história. Mais particularmente no Brasil, são conhecidas as psicografias por meio dos médiuns Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, do físico e professor Dr. Raul Teixeira e outros tantos médiuns dispersos por todas as escolas religiosas e fora delas.

Allan Kardec, sobre a imortalidade da alma, apresenta por meio do *Livro dos Espíritos* (1857) inúmeras considerações irrefutáveis que esclarece os sentidos e faculdades humanas. No capítulo VI (1995, pp. 18-19) o pesquisador-professor reporta que:

- a) Os próprios seres que se comunicam se designam como o dissemos, sob o nome de Espíritos ou gênios, e como tendo pertencido, pelo menos alguns, a homens que viveram sobre a Terra.
- b) Que eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante a nossa vida, o mundo corporal.
- c) [...] Os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível ou espírita, quer dizer, dos Espíritos.
- d) O mundo Espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.
- e) O mundo corporal não é senão secundário; poderia cessar de existir, ou não ter

jamais existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

**f)** Os Espíritos revestem, temporariamente, um envoltório material perecível, cuja destruição, pela morte os tornam livres.

**g)** [...] A alma é um Espírito encarnado, do qual o corpo não é senão envoltório.

**h)** [...] O homem tem assim duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, dos quais tem o instinto; pela alma dos Espíritos.

Portanto, Kardec considera que o Espírito não é um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber; é um ser real, circunscrito, que, em certos casos, é apreciado pelos sentidos da **visão, audição e tato**. Os Espíritos, orienta Kardec, assim como os homens ou encarnados, não são iguais nem em força, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade.

Em Capra tem-se mais manifestação da importância de se observar a dualidade do Ser:

Parafrazeando um antigo provérbio chinês, os místicos compreendem as raízes do Tao, mas não os seus ramos; os cientistas compreendem seus ramos mas não as suas raízes. A ciência não necessita do misticismo e este não necessita daquela, o homem, contudo, necessita de ambos (CAPRA, [1975], (1983), p. 228).

E por fim, o autor realça o que Kardec considera vital para o Espiritismo e para o desenvolvimento humano em geral: a vivência dos ensinamentos (primitivos) de Jesus como base de uma sociedade saudável e pacífica. Ou seja, a vivência do conhecimento como ponderação “da verdade” explícita: “*Conhecerão a verdade e a verdade os libertará*” (João 8:32, Versão Almeida Revista e Atualizada). Sobre isso, diz Capra que

o conhecimento não pode ser separado de um determinado modo de vida, que se torna sua manifestação viva. Assim, adquirir conhecimento místico equivale passar por uma transformação: poder-se-ia afirmar que o conhecimento é a transformação. O conhecimento científico por sua vez, pode frequentemente permanecer abstrato e teórico (CAPRA, [1975], (1983), p. 229).

Sendo mais enfático, o físico alude que a “**maioria dos físicos de nossos dias não parece compreender as implicações filosóficas, culturais e espirituais de suas teorias** (grifo meu).” E lamenta que

muitos deles apoiam ativamente uma sociedade que ainda se baseia numa visão de mundo fragmentada, mecanicista, sem perceber que a ciência aponta para além de tal visão, em direção à unidade, que inclui não apenas o nosso ambiente natural, mas também os demais seres humanos. (CAPRA, [1975], (1983), p. 229).

E confirma sua disposição de aclarar os conceitos da vida quando diz crer que a visão de mundo em decorrência da Física moderna não se alinha à sociedade atual, por ser inconsistente. Sobre isso, o físico afirma que: “a Física moderna não reflete a harmoniosa inter-relação que se evidencia em a natureza.” (CAPRA, [1975], (1983), p. 229). Logo,

a sobrevivência de nossa civilização pode depender da efetivação ou não dessa transformação. Dependerá, em última instância, de nossa habilidade em adotarmos algumas atitudes yin do **misticismo oriental**, em experimentarmos a natureza em

sua totalidade, e a arte de com ela convivermos em harmonia (CAPRA, [1975], (1983, p. 229).

Consequentemente, evidenciando preocupação, Capra prolonga suas considerações acerca da teia social humana, ao elencar que para se alcançar o equilíbrio “dinâmico” é preciso de nova “estrutura social, econômica, ou seja, uma revolução cultural no verdadeiro sentido da expressão”. (CAPRA, [1975], (1983), p. 229). Depreende-se disso, a importância que o físico remete a fatores interdimensionais como ondas de transformação do pensamento humano.

### 3.2.3 – Crença na Comunicabilidade dos Espíritos

*O primeiro e geral benefício do fenômeno mediúnico consiste na demonstração da imortalidade da alma através de diferentes mecanismos. A mediunidade pode se apresentar de variadas maneiras. Afirma o Apóstolo Paulo que “Há Diversidade de Dons, mas o Espírito é o Mesmo”, denotando que a mediunidade é inerente ao ser humano, mas, para cada criatura, o fenômeno apresenta diferentes peculiaridades e intensidades. Assim como ocorreu no passado, haja vista a abundância de manifestações mediúnicas exaradas em Livros Sagrados como a Bíblia e o Corão, os fenômenos continuam a ocorrer, modificando, no entanto, algumas especificidades em função da evolução intelecto-moral dos habitantes da Terra. A mediunidade se baseia, no mínimo parcialmente, nas propriedades do perispírito, que permite a ocorrência de significativo nível de “Telepatia” entre Espíritos encarnados e desencarnados. De fato, essa espécie de mediunidade basal, comum a todas as criaturas, é o que possibilita a obsessão bem como a chamada “inspiração superior” através da intuição dos protetores espirituais (MOREIRA, 2016).*

Nesse tocante, observa-se em o “Ensaio teórico sobre afinidade no Espiritismo” (2022), uma escrita do Físico Alexandre Fontes da Fonseca, que trata da afinidade entre Espíritos e Médiuns, no qual o autor discorre sobre as bases doutrinárias de Kardec, em contraponto à ciência contemporânea, para estabelecer possível vínculo de valor que possa ser identificado e explicado o mecanismo que produz o fenômeno da mediunidade. Ou seja, de explicar uma relação entre inteligências de mundos distintos, “moradas” distintas, conforme assevera Jesus.

Em consequência, trata da relação entre um Ser no corpo físico com outro na imaterialidade, sendo este a inteligência de alguém que já esteve em semelhante condição, sendo uma inteligência que se mantém ativa-viva após a morte do corpo físico. Nesse contexto, conforme se pode supor, uma vez mantendo-se viva, a alma é livre para ficar em

espaços outros na “erraticidade” – em dimensão outra – como a reencarnar a depender de seus interesses e possibilidades.

Diversos autores espíritas encontraram nos conceitos simples de frequência e sintonia da Física uma forma de descrever o conceito de afinidade do Espiritismo. Esses conceitos permitem compreender a afinidade entre pessoas e Espíritos que tem os mesmos pensamentos, sentimentos e gostos. Porém, não permitem entender o mecanismo da afinidade em fenômenos como o intercâmbio mediúnico de um Espírito muito endurecido através de um(a) médium moralmente elevado(a) (DA FONSECA, 2022, p. 3).

Vê-se que o autor pondera a legitimidade do conceito espírita para “afinidade espiritual”. No entanto, o faz com certa reserva, pois admite que o termo afinidade empregada por Allan Kardec, ao descrever o intercâmbio entre Médium e Espírito, não necessariamente teria que ser a “afinidade” moral. O autor considera, entretanto, que à época, Kardec em suas considerações sobre o tema, usa como base a Química e termos condizentes, já que a Física não lhe oferecia elementos apropriados. Assim, segundo Fonseca (2022), Kardec possivelmente para explicar o fenômeno mediúnico fez “analogias com fenômenos fisiológicos”. Ideia que o Físico também refuta pois, segundo ele, tais ideias “carecem de fundamentos na própria DE” (p. 3).

Em o *Livro dos Espíritos* (1995, p. 72-73) Allan Kardec se apropriando das elucidações dos Espíritos Superiores esclarece-nos que “Os espíritos constituem um mundo à parte, fora daquele que vemos, sendo o mundo das inteligências incorpóreas” (questão 84). Na questão seguinte o ilustre professor Rivail (Allan Kardec) distingue, na ordem das coisas, o grau de importância, por assim dizer, entre os dois corpos que compõem os indivíduos, salientando que o espiritual é o principal, e que o mundo espírita preexiste e sobrevive a tudo (questão 85). Allan Kardec preconiza que o mundo corpóreo poderia “deixar de existir, sem alterar a essência do mundo espírita”. Segundo o pesquisador que “eles são independentes; no entanto, sua correlação é incessante porque reagem incessantemente um sobre o outro” (questão 86).

Em relação ao aspecto dos espíritos, Kardec informa que eles não têm uma forma determinada, pois que é “*uma chama, um clarão ou uma centelha etérea*” (grifo meu). E desse modo, é o mesmo que dizer que cada um “varia da sombra ao brilho do rubi, segundo seja o Espírito mais ou menos puro” (p. 73, questão 88). Dadas essas explicações, entende-se que a vivência de um Espírito em um corpo material é bastante curta para que obtenha aprendizado suficiente para alçar voo em paragens outras muito mais significativas do ponto de vista da moralidade, tendo assim, os Espíritos, que passar por várias experiências na carne, o que bem demonstram os pesquisadores contemporâneos.

Cita-se, por consequência, o trabalho do Dr. Décio Iandoli Junior (2020, p. 356), capítulo da *Tipologia e proposta de classificação da mediunidade*, no qual o médico-pesquisador apresenta como resultado de estudos acerca da relação entre médiuns e espíritos, que é perfeitamente possível que haja assimilação entre pensamentos de um e outro, considerando que o sistema nervoso é o meio para que tal ocorra. Segundo Iandoli, o sistema “tem três funções básicas: sensorial, integrativa e motora”. E tais funções “podem ser traduzidas por nossa capacidade de sentir, analisar e reagir aos estímulos emitidos pelo ambiente.” Claro que o respeitável médico faz alusão ao cérebro e mais especificamente à glândula pineal, como provável região sensorial, capacitadora do indivíduo encarnado (médiun) receber e assimilar o pensamento do Espírito desencarnado.

A mediunidade, portanto, analisada como uma função neural, deve ser explicada dentro desse universo de possibilidades bem determinadas e conhecidas pela neurofisiologia clássica. Esse tipo de pensamento nos permite sugerir uma classificação neurofisiológica para os processos mediúnicos – mesmo que ainda não possamos compreendê-los completamente –, a qual procuramos construir segundo as sólidas bases da fisiologia humana conhecida até o momento (IANDOLI JUNIOR, 2020, pp. 355-356).

Após fazer elucubrações outras, Iandoli afirma que a “glândula pineal é fundamental e é indispensável a qualquer processo mediúnico e cita uma obra do autor espiritual André Luiz (1945), psicografada por Francisco Cândido Xavier, que àquela época trazia informações sobre a glândula pineal como sendo “a estrutura diencefálica um órgão eminentemente sensorial, como tem sido cada vez mais demonstrado por pesquisas recentes.”

Isso não deixa de ser verdadeiro, contudo, elaboramos nossa proposta considerando as duas dimensões da glândula pineal: uma localizada no duplo etérico e conectada ao centro coronal, cuja função é conectar o cérebro com o Espírito e atuar em todos os processos intelectuais de nossa existência terrena, pois instrumentaliza a manifestação do nosso princípio inteligente; e outra responsável pela percepção dos campos eletromagnéticos – além de atuar na cronobiologia, para análise dos *zeitgeberen* e na produção de melatonina, *moduladora da atividade neural nas diversas variedades de atividade mediúnica* (grifo meu), entre outras tantas possibilidades ligadas à nossa relação com o mundo físico que ainda temos de estudar. Trata-se de uma estrutura transdimensional (IANDOLI JUNIOR, 2020, p. 356)

Observa-se, portanto, que as ponderações de Da Fonseca (2022) e Iandoli Junior (2020) são bastante plausíveis e em consonância com os apontamentos kardequianos. Ambos fazem elucidações que enriquecem e aprofundam a reflexão sobre a existência e sobrevivência dos Espíritos, sendo-os Almas cujo corpo fluídico não se vê comumente; ou seja, para que se veja é preciso certo grau de mediunidade (vidência).

### 3.2.4 – Crença na Pluralidade das existências

*Também chamada Reencarnação, Palingenesia ou Renascimento, a multiplicidade das vidas físicas é o mecanismo pelo qual a Lei de Progresso se manifesta na Obra da Criação. De fato, a sucessão de etapas nas esferas física e espiritual fornece, respectivamente, as provas e expiações (vida física) e a pausa para avaliação, estudo e preparação para novas experiências (vida espiritual). Uma única vida física seria totalmente injusta, pois os Espíritos nascem com capacidades claramente diferentes, vivendo em ambientes também distintos e morrendo com idades completamente diferentes. Além disso, a proposta tradicional de um “Céu” e um “Inferno” eternos após uma única vida física seria algo completamente artificial. Esse mecanismo seria cruel, injusto e profundamente incoerente com as características que a grande maioria das religiões atribui a Deus. Além disso, tal proposição nega um dos aspectos mais belos da Lei de Deus, que é a Evolução Espiritual. Interessante adir que lembranças de vidas passadas, que se dão tanto de maneira espontânea como de forma espontânea, evidenciam a realidade das várias reencarnações (MOREIRA, 2016).*

É a Kardec que uma vez mais recorreremos para esclarecer o tema Pluralidade das Existências. Já foi dito que o caminho percorrido é o que importa; as experiências vividas, a corrigenda dos comportamentos quando é necessário, ocorrem nessas idas e vindas de um mundo a outro, de uma dimensão a outra, como a borboleta que já foi lagarta e se colocou em casulo para depois voar lindamente no espaço. Kardec em o *Livro dos Espíritos*, na questão 115, esclarece:

Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, quer dizer, sem ciência. Deu a cada um determinada missão com o fim de esclarecê-los e fazê-los alcançar, progressivamente, a perfeição para o conhecimento da verdade e para aproximá-los dele. A felicidade eterna e pura é para aqueles que alcançam essa perfeição. Os Espíritos adquirem esses conhecimentos, passando pelas provas [...] e vencendo-as (KARDEC, 1995, p. 83).

Nesses termos, por conseguinte, alguns aceitam essas provas e fazem de tudo para melhorarem-se na intimidade, na essência, desenvolvendo habilidades essenciais para a vida e para as inter-relações humanas, respeitando a natureza dos homens e o meio ambiente, concorrendo para que o planeta seja um mundo melhor para todos; enquanto que outros mal suportam as provas, experimentam contrariedade diante das adversidades, magoam-se, revoltam-se facilmente, sem perceber que cabe a cada um lutar para melhorar o ambiente íntimo, os pensamentos, os sentimentos, pois são esses que os colocam em “lugares” com os quais têm relação de afinidade, conforme orienta Allan Kardec (1995).

- Segundo isso, os Espíritos seriam em sua origem, como são as crianças, ignorantes e sem experiências, adquirindo pouco a pouco os conhecimentos que lhes faltam em percorrendo as diferentes fases da vida (questão 115)?

- Sim, a comparação é justa; a criança rebelde permanece ignorante e imperfeita; segundo sua docilidade, ela aproveita mais ou menos. Todavia, a vida do homem

tem um termo e a dos Espíritos se estende ao infinito. (KADERC, 1995, p. 83)

Mais à frente Kardec registra que os Espíritos, ou seja, as Almas dos homens adquirem o livre arbítrio à medida que adquirem consciência de si mesmo (questão 122). Segundo Kardec.

Ele não teria mais liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente da sua vontade. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude de sua vontade livre. *É a grande figura da queda do homem e do pecado original* (grifo nosso); alguns cederam à tentação, outros a resistiram (KARDEC, 1995, p. 83).

E assim, constata-se que cada indivíduo é responsável pelo próprio crescimento. Justifica-se, assim, a negação de um destino pré-estabelecido ou determinado e derroga toda lei imposta por homens e mulheres que vendem espaços de fé a outros homens e mulheres ignorantes do próprio valor espiritual; que todos têm, mas que é preciso maturidade, conhecimento e esforço para que a luz íntima se revele ao sujeito. Esforço no sentido de desprender-se das “montanhas” de sentimentos mesquinhos que separam os indivíduos “de bem” dos que ainda são embrutecidos pelo orgulho, pela vaidade e pelo egoísmo.

Conforme citam Alexandre Fontes da Fonseca e Leonardo Marmo Moreira em *Reencarnação suas investigações científicas: trabalhos e investigações de Erlendurn More Haraldsson correlações doutrinárias e científicas* (2016), que

[...] apesar da maioria da população da Terra “admitir” a imortalidade da alma, essa “crença” ou “hipótese” é muito vaga e pouco elaborada intelectualmente, o que faz com que as consequências morais desta informação sejam bem menos eficazes na evolução espiritual da maioria dos indivíduos do que poderia e deveria ser. Nesse sentido, “mediunidade” e “reencarnação” corroboram-se mutuamente, pois ambas evidenciam a imortalidade da alma. A reencarnação é um dos principais fatores através dos quais os mecanismos naturais da são desenvolvidos [...] (DA FONSECA; MOREIRA, 2016, p. 02).

Os autores pressupõem que o desenvolvimento íntelecto-moral do Espírito (Alma) se dá à medida que o Ser humano, em meio a relacionamentos e vivências nas diversas “vidas” físicas se autodesenvolve, agregando valores e princípios éticos com emanações lógicas e senso de responsabilidade pela coletividade, pelo meio ambiente, pelo outro, simplificando-se, naturalizando-se aos moldes de Jesus, O Nazareno, conforme segue:

De fato, o aumento da bagagem íntelecto-moral do Espírito faz com que seu leque de possibilidades experienciais aumente, cada vez mais, com o cumprimento de etapas evolutivas preliminares. Assim, a aquisição de pré-requisitos educacionais (no sentido mais amplo da palavra, ou seja, envolvendo a chamada “educação integral”), os quais podem ser progressivamente vivenciados pelo ser à medida que o mesmo apresenta maiores possibilidades íntelectuais, morais e espirituais. Essa amplitude de caminhos evolutivos disponíveis para a personalidade (ou “persona”) específica de cada encarnação é potencializada não somente pelo caráter acumulativo e crescente das bagagens pretéritas, mas também pelo esquecimento do passado, que gera uma “maior liberdade” para a busca de novas aquisições desde a

primeira infância da nova encarnação (DA FONSECA; MOREIRA, 2016, p. 02).

Diante do exposto, depreende-se que a Pluralidade das existências é uma proposta inteligente que denota a justiça Divina. Do contrário o que se poderia pensar daqueles que erram, cometem crimes, suicidam-se, dos que estão em situação de rua; o que pensar comparativamente dos que nascem, crescem em situação de abundância, herdando bens, família organizada, status social, saúde, em relação aos que nascem na outra ponta dessa realidade? Não seriam os Espíritos encarnados, vivendo em situação análoga ao que construíram para si em outras existências (ou nesta)? E as pessoas a quem tudo parece sorrir? Não são os Espíritos reencarnados daqueles que muito trabalharam em consonância com a justiça, com a ética, desfazendo-se das impurezas espirituais-morais, atendo-se a melhorar os espaços coletivos, curando dores do semelhante, distribuindo bênçãos em forma de caridade-solidariedade-fraternidade?

Qualquer que seja a ideia que se faça dos Espíritos, essa crença está necessariamente fundada na existência de um princípio inteligente fora da matéria e é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, pois, nosso ponto de partida na existência, sobrevivência e individualidade da alma, da qual o *Espiritualismo* é a demonstração teórica e dogmática, e o *Espiritismo*, a demonstração patente (KARDEC, LE, 2008, p. 9).

Partindo, conseqüentemente, do princípio de que a lei natural é o progresso, pensa-se em aqueles que estiveram no mundo, em determinadas épocas, produzindo avanço para a coletividade humana, desde sempre. Onde estão agora essas inteligências? Afinal, quem são as inteligências que influenciam aos que ainda se encontram no corpo físico? Não seriam “pessoas” que não se pode ver, pois não estão mais revestidas de um corpo físico? Essas reflexões encontram em *O Livro dos Médiuns* (2008), traduzido por Salvador Gentile, considerações pontuais que as justificam.

### 3.2.5 – Pluralidade dos mundos habitados

*Jesus afirmou que “Há Muitas Moradas na Casa do Pai”. Realmente, segundo a Codificação, Deus não faz nada inútil, e, conseqüentemente, toda a sua Obra Universal deve ter uma função efetiva na Criação. Em verdade, tanto a Pluralidade dos Mundos Habitados como a Pluralidade das Existências estão profundamente relacionadas à Lei de Progresso. De fato, como o Espírito é imortal e evolui infinitamente, necessitará de várias experiências físicas em diferentes contextos de existência orgânica para atender a todas as suas requisições evolutivas. Logo, muitas reencarnações em diferentes mundos são necessárias para o cumprimento das múltiplas*

*etapas espirituais* (MOREIRA, 2016).

Pensa-se que já seria o bastante fundamentar nossa reflexão em Sócrates; afinal o filósofo preferiu beber a cicuta a voltar atrás nas suas convicções sobre o futuro da individualidade, certo de que em algum lugar fora do mundo da “matéria” existiria um local de continuidade. Ou seja, certo de haver “moradas outras” para onde iria depois da morte do corpo físico, conforme descreve Ana Lucia Santana, em artigo publicado na página online *Infoescola*, intitulado “A morte na filosofia socrática”. A morte, na concepção de Sócrates seria um mito, pois ela permite “que a alma se distancie novamente da matéria orgânica e, na esfera essencial, alcance o verdadeiro conhecimento” (s/d, p. 155).

Sócrates foi um pensador único e distinto de todos os seus contemporâneos. Ele defendia, já naquela época, a imortalidade da alma, além de ter a clara percepção de que havia sido imbuído por Apolo, um dos principais deuses da mitologia greco-romana, de um compromisso muito especial, a disseminação da máxima desta divindade, ‘conhece-te a ti mesmo’ (SANTANA, (s/d), p. 155).

Portanto, não é acaso virem depois de Sócrates outros pensadores, reforçando tal concepção de vida humana, criando alicerces por onde as ideias fluiriam posteriormente, mexendo com a curiosidade dos indivíduos. Dentre esses, ninguém mais que Jesus foi assertivo nas suas ponderações acerca da Pluralidade dos mundos habitados. O Mestre foi muito claro, bastante específico, no entanto, as inteligências da época permaneciam embotadas pelo orgulho e pela materialidade, para se dar conta da simplicidade com que a “verdade” se apresenta.

Consoante seus próprios ensinamentos, Jesus, segundo Allan Kardec, sob o pseudônimo de “Espírito da Verdade” assessorou Espíritos encarnados e desencarnados por meio dos quais O Mestre revelaria novas informações de acordo com a maturidade de uma civilização que outrora não O compreendera. Portanto, é por meio de médiuns – homens e mulheres – de boa vontade, espalhados pelo planeta, moralmente preparados, amadurecidos para refletir e internalizar Seus ensinamentos morais, vindo em Novos Tempos explorar falas antigas, agora já não mais por meio das religiões, mas da ciência, sob a observação de cientistas, alargando os horizontes da humanidade. Assim, no *Evangelho Segundo o Espiritismo* (ESE), no capítulo III, Kardec apresenta uma das ideias críticas que reconfigura e aprofunda o que Sócrates apresentara como “verdade” a respeito da continuação da vida e da pluralidade dos mundos na ocasião da sua morte.

Não se turbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim. *Há muitas moradas na casa de meu Pai*; se assim não fosse, já vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, *voltarei* e vos retirarei para mim, a fim de que onde Eu estiver, também vós aí estejais – João, 14:1 a 3 (KARDEC, 2013, p. 57).

Voltamos ao físico Alexandre Fontes da Fonseca para refletir um pouco sobre outro Artigo de sua autoria: “Conceitos de afinidade e qualidade moral dos fluidos do médium e Espírito comunicante” (2016). Nesse trabalho o autor salienta que as concepções Espíritas são verificáveis, no que toca aos mecanismos da mediunidade, bem como a ocorrência do transe mediúnico, pelas diversas categorias de médiuns, sendo tais concepções assemelhadas às observações feitas por Allan Kardec em a *Doutrina Espírita*, assim como as tem verificado o já citado físico, professor-doutor Raul Teixeira.

[...] O presente estudo é uma proposta de reflexão e entendimento do fenômeno mediúnico. Ele procurou conciliar afirmações da DE com o fato constatado de que médiuns de moral elevada são capazes de realizar o intercâmbio mediúnico de Espíritos muito endurecidos. Ela tem caráter teórico e se aproxima do conceito de ensaio da Filosofia (DA FONSECA, (s/d), p. 4).

Assim, Fonseca conecta resultados de pesquisas atuais às ciência e filosofia kardecistas do século XIX. Compreendido o mecanismo da mediunidade, ou seja, a comunicabilidade entre “vivos” e “mortos”, por conseguinte admite-se a Pluralidade dos mundos habitados. É uma questão lógica: uma vez que “os mortos” se comunicam, estão vivos; e não estando no meio material, têm que estar em algum lugar.

Esse lugar foi localizado pela médica ginecologista, conferencista e escritora, Dr<sup>a</sup> Marlene Nobre (1937- 2015) e consta na obra *Nossa Vida no Além* (1998), na qual a autora assevera que “a física e a tecnologia, vêm contribuindo para a indispensável mudança de paradigma da Ciência e da própria sociedade como um todo, vencendo os redutos recalitrantes do reducionismo” (1998, s/p).

Marlene Nobre, portanto, após anos de pesquisa em as obras de Francisco Cândido Xavier e de autores espirituais, retrata a vida física como uma passagem ou estágio; vida que se alonga para além da matéria como a conhecemos, permanecendo vida. Nesse sentido, a autora desmistifica a morte ao simplificar o conceito da existência humana e referencia a pluralidade das existências quando a partir de Experiências de Quase Morte (EQMs), funda a Associação Médico Espírita de São Paulo (AME-SP), sendo referência para as AMEs de várias partes do mundo, incluindo Cuba e os Estados Unidos da América:

Descobrimos que, em última análise, os corpos físicos, mesmo os aparentemente mais pesados e volumosos, são constituídos de **luz coagulada** (1), conforme revelaram em 1968, os Espíritos Superiores por intermédio de Francisco Cândido Xavier, ensinamento esse, posteriormente, em 1975, enunciado por Bob Toben e Fred Allan Wolf: **a matéria não é nada mais do que luz capturada gravitacionalmente.** (2) Sem dúvida, um rude golpe no elemento básico com o qual sempre trabalharam os materialistas (NOBRE, 1998, p. 11, grifos meus).

Nota-se que sempre que se houve falar em a pluralidade dos mundos habitados, seja

por força da arte cinematográfica ou pela imaginação natural do espírito humano, que a imagem de extraterrestres são imediatamente solicitadas. No entanto, poucos se dão conta de que, segundo a lei da reencarnação, somos todos “extras” de algum lugar, por ora vivendo no planeta Terra. Conclui-se por analogia a estudos apresentados por Nobre (1998) e Da Fonseca (2016), que tais “moradas” ou mundos não têm que ser estruturados com a mesma matéria a que está submetida a Terra.

Daí a humanidade atual prescindir de instrumentos-conhecimentos que permitam a comunicação “natural” entre diferentes mundos ou dimensões, como há entre os encarnados a comunicação via aparelho celular ou a televisão, por exemplo. Neles as imagens e sons são gerados à longa distância e se propagam pelo ar, chegando até as pessoas dentro do limite-espaço planetário. A comunicação entre planetas ou dimensões diferentes aparentemente ocorrem por sistemas outros como ondas longas, sistemas eletromagnéticos (DA FONSECA, 2026) ou pelo fluido universal. A comprovação desse feito, portanto, continua carecendo de estudos e novas tecnologias que lhe correspondam.

Por enquanto, embora sem tocar na questão dos mundos habitados, mas discutindo sobre a sobrevivência e comunicabilidade dos espíritos, Da Fonseca (2016) apresenta explicação que levanta o véu sobre a comunicação entre inteligências de diferentes dimensões. Por analogia, entende-se que para tal comunicação é preciso de um conjunto *ou modos normais de vibração de um corpo material (um sistema de partículas) e um conjunto de qualidade morais de um Espírito.*

Nessa mesma perspectiva, Allan Kardec, em o *Evangelho Segundo o Espiritismo* (2013), relata que “a casa do Pai” é o Universo. E “as diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito, oferecendo aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento moral dos mesmos Espíritos.”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS – PEDAGOGIA DO AMOR: A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA ALMA**

Na maneira de conduzir a obra da educação está à chave do problema cuja solução o momento atual da humanidade reclama. Não há duas correntes de opinião, quanto ao valor da educação. Todos a reconhecem e a proclamam como medida salvadora. Porém há divergências no que respeita ao modo de educar. Existem dois processos de educação: um falso, que mascara a ignorância; outro, verdadeiro, que realmente conduz ao saber. Um, que age de fora para dentro, outro que atua de dentro para fora. Um artificial, ora maquiavelicamente empregado para confundir; outro, natural, cujo alvo é esclarecer, libertar e aperfeiçoar o homem (CAMARGO, 1991, p. 55).

Ao iniciar as considerações finais, salienta-se que esta pesquisa vem de muito tempo. Primeiramente nascida-parida da indignação, posteriormente da introspecção de modelo outro de educar, implementado devido à consciência da necessidade de mudanças, ainda que tímidas, nas atitudes, nas tomadas de decisões dos estudantes. Tendo em vista essa peculiaridade, como salienta Sebastião Camargo (1991), é preciso reconhecer os modos de educar, para não continuar indefinidamente fazendo mais do mesmo, estando em tempo diferente no qual não cabem mais as ideias eurocêntricas.

Portanto, pensar e agir descolonialmente, em se tratando de educação, é uma questão de sobrevivência da própria sociedade enquanto meio de muitos caminhos para sujeitos diferentes. Por isso, iniciou-se a escrita baseada em falas de Enrique Dussel, Marcos Antônio Bessa-Oliveira, Walter Mignolo, Gloria Anzaldúa, dentre outros descoloniais, para inserir a ideia de despreconceituar o pensamento em o século que se abre para a luz do conhecimento. Conhecimento esse que pede produção, não reprodução.

Nessa perspectiva, segundo Ana Carolina Pereira de Souza (2020),

O pesquisador Bessa-Oliveira (2019) nos faz um importante convite a retirar as vendas que nos foram postas pelos colonizadores, ao longo desses 500 anos de história, remetendo-nos a enxergar melhor essas diversas produções de conhecimento que não estão mais pautadas somente no continente europeu, mas no regionalismo, na cultura vinda do Sul (não considerada —baixa, mas sim produtora de saberes) e que pode nos apresentar diferentes saberes, de diferentes culturas e lugares. (DE SOUZA, 2020, p. 126).

Nessa abordagem e em consonância com Paulo Camargo (1991), crê-se que a Educação é a chave para mudanças profundas na sociedade brasileira. Que os docentes se preparem, pois são novos os tempos e mais amadurecidos intelectual e emocionalmente o público das escolas básicas da atualidade, cujas exigências são em diversos campos, portanto,

privilegiar o cognitivo é fazer mais do mesmo.

A *Pedagogia do Amor*, como símbolo de fraternidade, está destinada ao fortalecimento do bem. Compreendendo que todo esforço deve ser feito em seu favor notadamente em face aos educandos com especificidades, pois o contrário, segundo Amui (2007. p. 73), gera enfraquecimento do compromisso com a verdade. O bem, na visão da autora, representa “a estabilidade do pensamento e um clima de paz” (2007. p. 74). Portanto, precisa-se compreender que o “trabalho no bem desenvolve no Espírito-Alma aptidões, valores e sintonias elevadas”, elencadas em “Competências e Habilidades” pela BNCC (2017); rigorosamente vinculada à proposta de Educação aos moldes de Paulo Freire (1996) no que tange à afetividade, interesse pelo estudante; e em Pedro Demo pela metodologia pedagógica que produz o conhecimento pela pesquisa, pelo aprender fazendo.

Aos leitores que, por ventura, tenham dúvidas sobre a Pedagogia do Amor estar/ser ou não religião, faz-se a seguinte consideração: a Doutrina Espírita é um vasto campo de conhecimento das leis naturais. Religião é, conforme se aprende desde cedo, a religião do indivíduo com Deus. Nesse contexto, a Pedagogia do Amor é o que os leitores quiserem que seja. Eu pretendo que ela tenha alcance, especificamente, filosófico-científico, porque é preciso “navegar” no mar de conhecimento, para internalizar-se alguma coisa que nos faça bem. É preciso SER: indivíduos convictos de que como seres naturais integrados em a natureza, estamos todos interligados, somos parte do mesmo “chão” planeta Terra, por ora.

Afirmar, no entanto, que uma pedagogia que cogita melhorar as pessoas, seja entendida como fórmula religiosa, não me parece possível, pois tal pedagogia pede “insubordinação”, “pecado”. Não. A pedagogia do Amor, com todo seu aspecto crístico, dentro daquilo que se estabelece como religião, é uma teoria pedagógica que pode influenciar positivamente todas as religiões, mas sendo ciência, a ela se aplica a máxima Espírita: se em algum ponto a ciência provar que a pedagogia está em erro, muda-se nesse ponto, pois a evolução é um dos seus princípios.

A proposta deste trabalho, por conseguinte, é pensar concretamente o desenvolvimento da alma dos estudantes, consoante o verdadeiro sentido de educar, ancorada em a pedagogia que tem em seu bojo tanto o conhecimento quanto o acolhimento. Justifica-se assim que o bem em a Educação do Espírito ou Alma é *o bem social que desenvolve a solidariedade, a fraternidade e a benevolência*. A *Pedagogia do Amor*, por conseguinte, cujas ações pedagógicas são atravessadas pelo bem em suas múltiplas manifestações, em conformidade com Amui (2007), contempla os sujeitos sempre aprendentes em todas as fases da vida,

sobretudo, aos estudantes da Educação Básica. “Não se trata de um fenômeno específico do processo pedagógico ou filosófico, pois nas Ciências e em todas as demais atividades humanas ocorre o mesmo.” (*Pedagogia Espírita*, 1974, p. 16).

Conforme a autora, Dora Incontri:

cada criatura humana é uma consciência pessoal, não obstante a consciência humana seja a mesma em seus fundamentos. Essa diversidade caracteriza a riqueza e a dinâmica da vida. Se quiséssemos esquematizar o pensamento, encerrá-lo em padrões definitivos, estagnaríamos a vida, impediríamos o progresso e sufocaríamos o espírito [...] (*Pedagogia Espírita*, n. 6, Ano VI, 1974, p. 16).

Importante considerar que os estudantes da Educação Básica, em especial do Ensino Fundamental, alicerce da Educação como um todo, demandam das instituições administrativas das várias instâncias de poder um olhar mais cuidadoso, considerando os investimentos públicos e as políticas públicas. Esses educandos têm a curiosidade natural, no entanto, à medida que avançam para os anos seguintes, constata-se que há decréscimo tanto de aprendizagem quanto de interesse pelos fazeres escolares, em última instância ocorre a exclusão escolar. Nisso reside o objetivo desta escrita: sistematizar a *Pedagogia do Amor sob os auspícios do Cristo Consolador, como modelo de vida moral; da ciência como desenvolvimento da inteligência; da filosofia como reflexão e estímulo para se ir cada vez mais longe e em melhores condições.*

Essa reflexão demonstra o vínculo entre a *Pedagogia do Amor* e o que preceitua o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA- (1990), no seu Artigo 3º, entendendo que as leis pedem que se cuide e se ensine o desenvolvimento do Espírito, além de outros:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, *físico, mental, moral, espiritual* (grifo nosso) e *social*, em condições de liberdade e de dignidade.

Deve-se, por conseguinte, levar-se em conta que a maioria dos estudantes, nessa faixa etária, guardam para si os problemas, as dificuldades pelas quais passam os pais; há as questões de gênero em salas de aula do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, na sociedade, nas empresas, na docência e discência. Não se pode fechar os olhos, fingindo que a questão de gênero, que é pouco aceita ou discutida em família, também seja ignorada na escola. Não é um decreto dizendo que não se pode falar sobre gênero nas escolas, que vai resolver as questões relativas.

Em a Educação, por conseguinte, não há mais espaço para hipocrisia. Não há mais espaço para totalitarismo e intolerância. Não se pode mais procrastinar o debate. Os

estudantes nascem, passam pela infância, pela adolescência antes de serem adultos, gays, bissexuais, lésbicas, héteros. E como são imaturos, não sabem como defenderem-se da rejeição e do vazio que ela (hipocrisia) causa. Guardam dores, frustrações a sete chaves, pois não tendo com quem conversar, fecham-se, sofrem. Daí o alto índice de suicídio.

Outro opressor, o *bullying*, é largamente praticado nos meios escolares, provocando traumas, condenando crianças e adolescentes a levar vida à fora sentimentos que podem ser “sarados” durante o evento ou logo após. Nesse cenário há, ainda, os filhos de mães solo, de pais detentos e, em maior número, estudantes portadores de alguma especificidade: psicológica, neurológica, emocional, física. Por tudo isso, a voz que não quer calar: qual Teoria Pedagógica dá conta de informar e formar cidadania, sem preconceito, sem culpa, sem escravização moral, ideológica, psicológica, filosófico-política-religiosa?

Há que ser, sem sombra de dúvida, uma Teoria que se assente no AMOR. Uma Pedagogia que seja construtora de vidas, de desenvolvimento de talentos, de conhecimentos em todos os campos da natureza humana. Há que ser uma Pedagogia, sobretudo, que demonstre aos estudantes e docentes que o indivíduo é dual e que é preciso (re)conhecer ambos os universos do SER. Sabidamente, em decorrência desses conhecimentos cada indivíduo deve pensar e agir de acordo com a dualidade. Em relação ao *corpo físico*, quais decisões tomar e como cuidar, tendo em vista seu papel secundário; de importância vital, porém perene. Em relação à Alma, sua verdadeira identidade, compreender o que ela carrega, desde quando, como e por que, de onde vem e para onde vai.

Nesse aspecto a *Pedagogia do Amor* tem viés freireano-pestalozziano-kardequiano no que tange ao afeto com que se identifica o docente, ensinando almas e não mais corpos físicos. É como um remanso calmo, que soergue as criaturas de seus próprios infortúnios, à medida que as ensina a compreender os princípios que regem a vida, a natureza e o universo, segundo a filosofia-ciência dos Espíritos, que se propõe a desenvolver nos indivíduos os ensinamentos do meigo Nazareno. Já o dissemos, todos compreendem que temos uma alma ou um espírito. Mas como isso funciona na cabeça do docente ou do estudante é o que se deve estudar, internalizar.

Citando Enrique Dussel, Walter Mignolo, Marcos Antônio Bessa-Oliveira mais uma vez para salientar que descolonizar o Espírito está para além de suas prerrogativas, conforme aponta as referências, mas até quando? Ainda assim, são eles, como descoloniais que são, arcabouços de eventuais mudanças sociais. Para tanto, espera-se que a eles outros se juntem e

ousem dar o tom de mudança na academia. Por tudo isso, aventa-se que é crucial que os estudantes, sejam eles da educação básica ou acadêmico-universitária, compreendam suas origens espirituais. Assim, com objetivo explícito de aclarar as mentes dos que ingressam em a academia, apresenta-se aos leitores, pesquisas várias de autores contemporâneos de distintas áreas: da física, da teologia, da psiquiatria, da neurologia, da psicologia, da pedagogia, da filosofia; sendo grande parte deles educadores, pesquisadores e comprovadores de que a essência (alma) é a vida, é o sujeito na sua integralidade. Replicamos, portanto, descobertas que moldam o pensamento kardequiano.

Percebe-se, nesse contexto, que os estudantes têm noções básicas de espiritualidade. Daí a necessidade de os docentes desenvolverem aptidões educativas para se explorar com êxito essas habilidades, conforme o fizeram Allan Kardec, Eurípedes Barsanulfo, Herculano Pires, sabedores de que os sujeitos nascem com esses conceitos, que ao longo da escolaridade são abafados. Da mesma forma, a naturalidade para lidar com as diferenças nasce com a criança, infelizmente, a escola, também a família, constroem muros de separatividade devido ao preconceito; podam suas vozes, suas aptidões sensitivas, engavetam seus conhecimentos internos, emergindo assim homens e mulheres iguais a tantos(as) outros(as) criados(as) feitos bonecos que seguem filas.

A *Pedagogia do Amor*, claramente, é uma proposta que realça o amor próprio e o expande ao próximo. É uma proposta que se ancora nos princípios de Paulo Freire pela grandeza dos seus propósitos educacionais – e que avança para Rivail (Allan Kardec) expresso no amor aos homens pela paranormalidade de Francisco Cândido Xavier e de um Divaldo Pereira Franco. Estes pautando suas vidas pelo modelo que as bem-aventuranças exprimem e pelas obras que psicografaram, sugerindo o Educar pelo Amor e pela vivência solidária. Diante disso, o que dizer aos orgulhosos e incautos, se é de amor e simplicidade que a Educação vive e progride? É de modelos como esses homens que são feitos os sábios, portanto, o que sobra depois que os egoístas e orgulhosos perdem os corpos de carne?

Imprescindível, por conseguinte, que os estudantes, desde pequeninos, tenham o conhecimento da vida que se alarga para além dos horizontes conhecidos, da força espiritual-moral que estrutura o caráter e o faz avançar, apesar das adversidades. Que se adquira coragem para resistir às intemperanças, independente da religião que tenha, do time que torçam, da classe social a que estão inseridos, ao gênero, à cor da pele, à etnia. Que todos tenham o direito de saber que para cada ação há uma reação correspondente; que a filosofia Espírita é retrato da realidade abafada, mas não escondida, de expansão da vida; que a dor que

dói em Zé também dói em Mané, em Maria, Suzana; que para cada esforço no sentido do bem, se ganha em caráter e em sustentação que fortalece. Assim, nem “Zé”, nem “Mané”, nem “Marias” ou “Suzanas” sucumbem à alienação e às drogas, à exclusão e ao crime.

Tratando da questão inicial da escrita: por que estudantes passam nove anos no Ensino Fundamental e chegam sem letramento no Ensino Médio, por conseguinte, reitera-se que a formação dos profissionais da educação é materialista, e tendo seus estudantes a essência (ALMA) como fonte de aprendizado e desenvolvimento da inteligência, das habilidades e competências, custa-se a crer que seu trabalho tenha êxito na sua totalidade. Em consequência da formação materialista, os docentes não são preparados para lidar com eventos, que ocorrem em espaços outros específicos da sua condição humana, conseqüentemente, não podem reconhecer em seus estudantes SERES de CORPOS outros, para os quais a infinitude e a multidimensionalidade exigem formas outras de educar.

Intenta-se, via princípios da filosofia Espírita, a construção de uma sociedade facilitadora de realizações ideais para os indivíduos. Sendo a sociedade espaço em que haja evolução em decorrência de uma educação que elucida os porquês da vida, que ensine o acolhimento, o auxílio, a cooperação mútua. É esse espaço céu a que Jesus se referiu. Um lugar ideal que está dentro das pessoas. O conhecimento, por conseguinte, implementado pela Doutrina Espírita – no seu tríplice aspecto ciência, filosofia, religião (como resultado de mudança íntima positiva em função da aplicação do conhecimento, **o que pode ser entendido como cristão** ao invés de **religião**) – é o elo que faltava para ligar os homens (seres imortais) a novos espaços dimensionais de vida.

Reforça-se, portanto, que a *Pedagogia do Amor* é instrumentalizada sob os princípios que regem a vida. Nesse sentido ela é fortemente recomendada como meio de prevenção e combate ao suicídio, sobretudo, à clientela da Educação Básica. Negar aos estudantes o direito do esclarecimento sobre sua essência e infinitude é relegá-los ao ponto cego da dúvida, da dor, em alguns casos, que estimula o indivíduo a dilacerar o “próprio” corpo físico. Não dar a esses sujeitos a oportunidade de tomar atitudes diferentes, com base em conhecimento há muito anunciado, é provavelmente um dos maiores crimes cometidos pela ciência e pelas religiões de todo o mundo. O mesmo se aplica a educação que delimita esse conhecimento.

Cita-se, por isso, o porquê de esclarecer-se aos estudantes sobre ideias suicidas. Na “questão 254” (p. 156), perguntado de que natureza é o sofrimento do Espírito, Kardec ouve que são “angústias morais, que o torturam mais dolorosamente que os sofrimentos físicos.” Diante de tais elementos, por conseguinte, é presumível que extirpar ideias suicidas só é

possível via conhecimento e orientação segura. Não há melhor lugar para se implementar essa orientação que as escolas e as universidades. O suicídio, portanto, é evento de tão grande impacto social e de saúde pública, que deve estimular educadores, escolas e academia a pensar em forma outra de implementação de pesquisas sobre a morte e a vida em suas múltiplas dimensões.

Por meio, portanto, das experiências apresentadas, comprova-se que o estudante atendido sob a égide da *Pedagogia do Amor* será sempre mais autônomo, mais leve, mais humano, menos arrogante, menos magoado, menos traumatizado, mais acessível, honesto, pois encontrará em si mesmo as ferramentas que lhe serão motivação, lenitivo, bálsamo confortador. Esse estudante será garimpeiro de princípios e ética.

Diante de tudo o que foi exposto ao longo desta dissertação, é notório que a Educação é meio mais rápido de se evidenciar na prática os discursos sobre a igualdade ou singularidade que temos todos, que pode não ser aparente, porém é definitiva – o Espírito (Alma). O resto é transitório. É dessa forma, por conseguinte, que o estudante, em se considerando o foco da educação, deve ser orientado pelo educador, fazendo reflexões que se alinham aos campos da ciência e da filosofia em consonância com as mais recentes pesquisas. E, enseja-se que uma vez detendo tais conhecimentos, reconheça-se como Ser integral, educador de si mesmo, modificador dos próprios pensamentos e ações e, em consequência dos saberes adquiridos e internalizados, modifiquem-se nele os padrões mentais sob o desenvolvimento da consciência, do senso crítico e de justiça.

Nessa perspectiva, Paulo Freire (1996. p. 91) postula que “ensinar é uma especificidade humana”, e acrescento: para ser humana uma ação deve estar pautada no bem em todas as suas nuances. Em suma, é importante se importar, ou seja, o educador em não se importando com as vivências do educando, deixa de fazer o bem, de vivenciar e exemplificar o bem, tão pouco é bom no que faz, segundo Freire (1996, p. 122). Em pensando consequentemente o bem que o educador deve fazer em sala de aula, reverencia-se um modelo de espírito sensível, maduro, amoroso na pessoa de Francisco Cândido Xavier, pois sem ele não teríamos este trabalho.

Portanto, na figura do apóstolo do Cristianismo nascido em solo brasileiro (Francisco Cândido Xavier), a *Pedagogia do Amor*, consolida-se, indubitavelmente, na pesquisa desta mestranda-autora, sob a tutela do professor Marcos Antônio Bessa-Oliveira, e deverá fazer dos educadores e dos estudantes empreendedores sociais ativos e permanentes; indivíduos preparados para um novo tempo, pessoas destemidas que se apropriam de valores outros, que

promovam a existência e não a subserviência. Se é fácil? Ninguém disse que seria. Por enquanto basta dizer que é possível. Diante, portanto, das ponderações feitas acerca dos problemas que atingem docentes e estudantes da Educação Básica brasileira, da proposição de uma educação que leve em conta o desenvolvimento da alma dos sujeitos, apresenta-se sentimentos de gratidão aos leitores pela atenção dispensada e, por ora, fiquemos com essas considerações.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2012/04/nicola-abbagnano-dicionario-de-filosofia.pdf> Acesso em: 12 fev. 2020.
- ALVAREZ, Rodrigo. *Jesus: O homem mais amado da história*. Rio de Janeiro: Leya, 2018.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 11. ed. São Paulo: Papyrus, 2007.
- ANDRADE, Oswald de. “O manifesto antropófago”. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.
- ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ARROYO, M. **Fracasso-sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos**. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 7, p. 33-40, Brasília, jan. 2000.
- ASAD, T. **Anthropology and the colonial encounter**. New York: Humanities Press, 1973.
- BARBAGLIO, G. **As cartas de Paulo**. São Paulo: Loyola, 1989. v. 1.
- BARBIERI JUNIOR, Walter. **A Troca Racional com Deus**: A Teologia da Prosperidade praticada pela Igreja Universal do Reino de Deus analisada pela perspectiva da Teoria da Escolha Racional. 2007, 118 f. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo – SP, 2007.
- BARTH, F. **O guru, o iniciador e as outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1974.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. HOFFNAGEL, J.C.; DIONÍSIO, A.P. (orgs). S. Paulo: Cortez Editora, 2006.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. HOFFNAGEL, J.C.; DIONÍSIO, A.P. (orgs). S. Paulo: Cortez Editora, 2005.
- BENHAMIDA, K. **O existencialismo de Sartre e a educação: a falta de fundamentação para as relações humanas**. Educational Theory, Illinois (EUA), n. 23, p. 230-239, 2000.
- BESSA-OLIVEIRA, M. A. Arte, cultura, educação, COVID-19 & o pensamento descolonial crítico biogeográfico fronteiriço: por uma pedagogia/filosofia da libertação de corpos, almas e fazeres culturais. **Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 1964–1995, 2021. DOI: 10.20396/rfe.v13i1.8662003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8662003>. Acesso em: 1 jun. 2022.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Os estudos comparativos não são pensamento descolonizado: arte, cultura e produção de conhecimentos biogeográficos fronteiriços. **Ñemityrã**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 51–67, 2021a. DOI: 10.47133/NEMITYRA2021200A5. Disponível em: <https://revistascientificas.una.py/index.php/nemityra/article/view/2464>. Acesso em: 5 jun. 2022.
- BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O corpo que habito: esse não o corpo da sala de aula, do museu, nem o corpo da academia!. **Revista Científica/FAP**, v. 21 n. 2 (jul./dez. 2019), p. 74-102. Disponível em:

[http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2822/pdf\\_10](http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/2822/pdf_10). Acesso em: 17 dez. 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. PEDAGOGIAS da *diversalidade*. **Cadernos de estudos culturais** – Pedagogias Descoloniais, Campo Grande, MS, v. 1, jan./jun. 2019a, p. 61-85. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9691>. Acesso em: 12 Mar 2022.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Arte e Cultura de Mato Grosso do Sul no Ensino de Artes: ser, sentir e saber**. In: NAV(r)E – Pesquisa e Produção de Conhecimento em Arte na Universidade: artista, professor, pesquisador / BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio (Org.) – Campo Grande, MS: Life Editora, 2018, p. 267-284.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Pedagogias das diversidades – apontamentos iniciais**. (NAV(r)E-UEMS), Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas/Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 4a Reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico: perspectiva y metodo**. Barcelona: Hora. 1982 [1969].

BICUDO, M. A. V. (Org.) **Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BURSTOW, B. A filosofia sartreana como fundamento da educação. **Educação & Sociedade, ano XXI**, nº 70, Abril/00. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n70/a07v2170.pdf> Acesso em: 2 jul. 2020.

CABRAL, João Francisco Pereira. “Imortalidade da alma em Platão”; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/imortalidade-alma-platao.htm>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

CAMARGO, S. **O despertar da consciência: do átomo ao anjo**. Ditado por: Léon Denis / Ditado por: Miramez. Belo Horizonte: Editora Casa dos Espíritos, 2013.

CAMPELL, Linda; CAMPELL, Bruce; DICKINSON, Dee. **Ensino e Aprendizagem por Meio das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As Origens Norte-Americanas do Pentecostalismo Brasileiro: Observações Sobre uma Relação Ainda Pouco Avaliada. **Revista USP**, n.67, p. 100-115, set./nov. 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). **Lusotopie** 1999, p. 355-367. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos2/igreja\\_universal.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos2/igreja_universal.pdf) Acesso em: 12 abr. 2021.

CARVALHO, Leandro. “**História da Igreja Católica**”; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/influencia-igreja-historia.htm>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

CAYGILL, H. **Dicionário Kant**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CÉSAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialisme**. Paris: Quatrième édition, Editions PRÉSENCE AFRICAINE, 2006 [1955]. In: <http://ia700307.us.archive.org/5/items/DiscoursSurLeColonialisme/CESAIRE.pdf> acesso em 19 mar. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL. **Orientações para a atuação profissional frente a situações de suicídio e automutilação**/Organizado pela Comissão Especial de Psicologia na Saúde do CRP 01/ DF, Brasília: CRP, 2020.

CORDEIRO, E. P. B.; ARANTES, M. M.; FERREIRA, A. L. **Espiritualidade como dimensão constitutiva do humano na perspectiva wilberiana**. São Paulo: CRP SP, Seminário Psicologia, Espiritualidade e Epistemologias Não Hegemônicas, 27 de novembro de 2015. Disponível em: [http://www.crsp.org.br/diverpsi/arquivos/ColecaoDiverpsi\\_Vol3.pdf](http://www.crsp.org.br/diverpsi/arquivos/ColecaoDiverpsi_Vol3.pdf). Acesso em: 12 fev. 2021.

COSTA, Celma Laurinda Freitas. **A noção de ciência e educação no espiritismo**. 2009. 250 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiânia, Goiás, 2009.

CROSSAN, Jean Dominic. **Jesus: uma biografia revolucionária**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CROSSAN, Jean Dominic. **O Jesus Histórico**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DA FONSECA, Alexandre Fontes. *Explicando conceitos espíritas em Mecanismos da Mediunidade parte II: analogia com circuitos elétrico*. **Jornal de Estudos Espíritas**, Campinas-SP, publicado em 08 de Março de 2017.

DA FONSECA, Alexandre Fontes. *Explicando conceitos espíritas em Mecanismos da Mediunidade parte I: analogia com raios gama*. **Jornal de Estudos Espíritas**, Campinas-SP, publicado em 05 de Fevereiro de 2016.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação: desafios da universidade**. Petrópolis. Editora vozes, 1999.

DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor**. Ed. FEB. Rio de Janeiro, 1975.

DE OLIVEIRA e OLIVEIRA, Fabrício H.A; PETEET, John R. e MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. *Religiosity and spirituality in psychiatry residency programs: why, what, and how to teach?* Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (NUPES), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Medicina, Juiz de Fora, MG, Brazil. Harvard Medical School, Boston, USA. Department of Psychosocial Oncology and Palliative Care, Dana-Faber Cancer Institute, Boston, USA. Brigham and Women's Hospital in Boston, Massachusetts, USA. **Braz J Psychiatry**. 2021.

DIAS, Aroldo Dutra. **O Homem Contemporâneo, Deus e a Religião**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=e5XNpq1QW24&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=e5XNpq1QW24&feature=emb_title). Acesso em jan. de 2021.

DOS SANTOS, Emanuel Burck. **Consciência Imortal**. 1ª.ed. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2019.

DURANT, GIL. **História da Filosofia**. 1996. (Coleção os Pensadores).

DUSSEL, E. (et al.) **Por um mundo diferente: alternativas para o mercado global**. Jorge Pixeley (coordenador); tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DUSSEL, E. **Para uma ética da libertação latino-americana I**. Acesso ao ponto de partida da ética. São Paulo: UNIMEP; Loyola, 1977, p. 88-92.

EDUCAÇÃO ESPÍRITA: **Revista semestral de Educação e Pedagogia**. [Órgão do Departamento Cultural EDICEL.nº 6, aniversário do Livro dos Espíritos.] São Paulo, SP, Brasil,[1857], 1974.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Da Ética Protestante à Ética “Iurdiana”: O “Espírito” do Capitalismo. **Protestantismo em Revista**, v. 06, p. 29-44, jan./abr. 2005.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo: Apóstolo dos gentios**. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Luz do Mundo)

FANINI, Tatyana Stefani. **PROPOSTA DE UM ESTUDO SOBRE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO ESPÍRITA**.Uberlândia-MG, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18952/1/PropostaEstudoFilosofia.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008, FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2008. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.

FOXHALL, L.; LEWIS, A.D. L. **Greek Law in its Political Setting: Justification not Justice**. Oxford: Clarendon Press, 1996, p. 73-89.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGÉRI, Mário. **As Bem-Aventuranças do Evangelho – I**. Artigo transcrito da Revista Reformador, mensário da FEB, de junho de 2015. Disponível em: <https://editoramundomaior.com.br/artigo/bem-aventurancas-evangelho/>. Acesso em: 01 de fev. 2021.

FROEHLICH, T. E.; LANPHEAR, B. P.; EPSTEIN, J. N, et al.: Prevalence, recognition, and treatment of attention-deficit/hyperactivity disorder in a national sample of US children. **Arch Pediatr Adolesc Med.**, 161(9), p. 857–864, 2007. doi: 10.1001/archpedi.161.9.857.

GADAMER, H-G. **La educación es educarse**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 2, 2000. SCIELO. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>. Acesso em: 04 de dez. de 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos; 1989.

GIDDENS, A. **Sociologia: uma breve, porém crítica introdução**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1984.

GOMES, William Barbosa. Relações metodológicas entre fenomenologia, historiografia e psicologia humanista. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 2009. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100002). Acesso em 15 de maio de 2021

GONZAGA, Selma Mendes. A importância da mediação na aprendizagem. **FTD Educação Sistema de Ensino**. Disponível em: <https://ftd.com.br/noticias/a-importancia-da-mediacao-na-aprendizagem/>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

GOSWAMI, Amit. **A física da alma**. 4ª ed. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

GRUZINSKI, Serge. **La guerra delle immagini**. Da Cristoforo Colombo a Blade Runner.

Milano: SugarCo, 1991 [1990].

HALL, M. D. Even Dogs Have Erin eyes: Sanctions in Athenian Practice and Thinking. In: HAMMAN, Adalbert. G. **A Vida Cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)**. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrologia)

HAMZE, Amélia. **O PROFESSOR E O MUNDO CONTEMPORÂNEO**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/professor-mundo.htm>. Acesso em: 06 de jan. de 2021

HOBUSS, J. F. N. **Introdução à História da Filosofia Antiga**. Pelotas: NEPFIL, 2014.

HORSLEY, Richard A. **Arqueologia, história e sociedade na Galiléia: o contexto social de Jesus e dos Rabis**. São Paulo: Paulus, 2000.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introdução e tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. São Paulo: Madras, 2000.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1990.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas: sexta investigação – elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

IANDOLI JUNIOR, Décio. **Da alma ao corpo físico**. São Paulo, SP: Associação Médico-Espírita do Brasil – AME/Brasil, 2020.

INCONTRI, Dora. História da Pedagogia Espírita. Disponível em: [http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/i\\_autores/INCONTRI\\_Dora\\_tit\\_Historia\\_da\\_Pedagogia\\_Espirita.htm#:~:text=A%20partir%20de%201997%2C%20por%20C3%A9m,e%20suas%20ra%20C3%ADzes%20historico%2Dfilos%20C3%B3ficas](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/i_autores/INCONTRI_Dora_tit_Historia_da_Pedagogia_Espirita.htm#:~:text=A%20partir%20de%201997%2C%20por%20C3%A9m,e%20suas%20ra%20C3%ADzes%20historico%2Dfilos%20C3%B3ficas). Acesso em: 20 de maio de 2022.

LORCA, Javier. O controle dos corpos e dos saberes. Entrevista com Walter Mignolo. Tradução: André Langer. **Página/12**, 08 de setembro de 2014, p. 1-3. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148%ADo%ADcontrole%ADdos%ADcorpos%ADe%ADdos%ADSaberes%ADentrevista%ADcom%ADwalter%ADMignolo?tmpl=component&print=1&page=>. Acesso em: 29 abr. 2016.

MOREIRA, Leonardo Marmo. Os dez princípios básicos do Espiritismo: *um resumo mais completo da Doutrina*. **Revista O Consolador**, Ano2 – Nº 97 – 8 de março de 2009.

PRADA, Irvênia L. S.; IANDOLI JR, Décio e LOPES, Sérgio L. S. **O CÉREBRO TRIÚNO A SERVIÇO DO ESPIRITISMO**. São Paulo, SP: AME/BRASIL EDITORA, 2020.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo** [tradução de Guillon Ribeiro da 3ª edição francesa]. (Edição histórica), Brasília; FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. [tradução de Salvador Gentili da 99ª edição francesa, revisão de Elias Barbosa]. Araras, SP, IDE, [1857], 1995.

KASPER, Walter, **Jesús, el Cristo**, 2 ed., Salamanca: Sígueme, 1978, p. 32-33.

KEMPFER, A. Suicídios crescem 112% na Capital e matam mais que assassinatos – O

suicídio já é a segunda causa de mortes violentas na Capital, em 2019, 91 pessoas se mataram. **Caderno Capital, CAMPO GRANDE NEWS**, 23/06/2020 10:41. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/suicidios- crescem-112-na-capital-e-matam-mais-que-assassinatos> Acesso em: 02 jul. 2021.

KLUCKHOHN, C. **Antropologia um espelho para o homem**. Belo Horizonte/MG: Editora Itatiaia, 1963.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/31943>. Acesso: em 29 de maio de 2020.

LOUSADA, Maria Gouvêa. **A espiritualidade na obra de autores da psicologia, saúde e educação**. 2017. 351 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica/PUC/SP. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20585/2/M%C3%A1rcia%20Gouv%C3%Aa%20Lousada.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020.

MAGALHÃES, Lybio. **Ciência da Vida à Luz do Espiritismo**. Rio de Janeiro: CELD, 1996.

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. **Religião e Política: o fenômeno evangélico**. 2006. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (Org.). **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital – UNESP). ISBN 9788579831034. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109149> Acesso em: 22 jun. 2021.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poiésis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, J.; BOEMER, M.R.; FERRAZ, CA. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf. USP**, São Paulo, 24(1):139-147, abr. 1990.

MARTINS, J.; BICUDO, M. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes Editora, 1983.

MATTOS. Sandra Maria Nascimento de. Inclusão/exclusão escolar e a afetividade: repensando o fracasso escolar das crianças de classes populares. **Cielo Brasil, Educar em Revista**. Artigos de Demanda Contínua, jun. 2012 <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000200014>. Acesso em 03 de junho de 2021.

MEMMI, A. **O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. [prefácio de Jean-Paul Sartre]; Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Título original: Portrait du colonisé précédé de portrait du colonisateur. [1957] 2007.

MIGNOLO, Walter D.. “Prefacio”. In: PALERMO, Zulma. **Para una pedagogia decolonial**. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014. (El desprendimiento / Walter Mignolo), 7-9.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica (II), pensamiento independiente y libertad decolonial**. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Mignolo.pdf> Acesso: 12 de set. de 2020.

MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón: diferencia colonial y pensamiento fronterizo**.

Buenos Aires: Ediciones del signo, 2011.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Globais/projetos Locais**. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MONTEIRO, Paula. **Trabalhos do crítico Homi Bhabha tratam da identidade contemporânea**. O projeto pós-colonial. Folha de São Paulo, caderno: Resenhas, 4 de agosto de 1999.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. O crescente impacto das publicações em espiritualidade e saúde e o papel da Revista de Psiquiatria Clínica, 2010. **Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde (Nupes) da UFJF**, Juiz de Fora, MG. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/ctq98K3RrbMBzTBPktbLN9M/?lang=pt>. Acesso em 12 de dezembro de 2021.

MOTOMURA, Marina. Qual é a diferença entre protestantes e evangélicos? Conheça a diferença entre os principais ramos do cristianismo. **Revista Super-interessante**, nov. de 2008. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-diferenca-entre-protestantes-e-evangelicos/>. Acesso em: 02 de fev. de 2021.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. **O acesso ao SUS na fronteira Brasil/Paraguai: estratégias e repercussões identitárias**. 2020. 179 f. Tese (Doutorado em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Campo Grande/MS, 2020.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. **“Yo soy paraguayo, chamigo”** Breve estudo sobre a identidade no Paraguai. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Sociocultural) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados/MS, 2012.

NOGUEIRA, Pablo. **Espiritualidade quântica?:** consciência, religião e ciência no pensamento de Amit Goswami. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

NOLASCO, Edgar César. DESCOLONIZANDO A PESQUISA ACADÊMICA: uma teorização sem disciplinas. In: **Cadernos de Estudos Culturais** – Tendências Artísticas do Século XXI. Campo Grande, MS, v. 1, jan./jun. 2018, p. 9-21. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725>. Acesso em: 13 Mar 2022.

NOLASCO, Edgar César. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: perto do coração selvagem da crítica fronteriza. Campo Grande, MS, v.4, n.7, p. 35-51, jan/jun. 2012.

NOLASCO, Edgar César. **babeLocal**: lugares das miúdas culturas. Campo Grande, MS, Life Editora, 2010.

NOLASCO, Edgar César. Paisagens da crítica periférica. **Cadernos de estudos culturais**. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3526>. Acesso em 18 de maio de 2021.

NUNES, César. **Educar para a felicidade**. <https://tutores.com.br/blog/educar-para-a-felicidade-2/> - Acessado em: 02/10/2019.

OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista, Belo Horizonte**, v.26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/?lang=pt> Acesso em: 9 mar. 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, L. A. Uma análise jurídica do julgamento de Jesus Cristo. **JUS.COM.BR**. 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/76459/uma-analise-juridica->

[do-julgamento-de-jesus-cristo/3](#) Acesso em: 12 abr. 2021.

PINTO, Aloisia Carneiro. **A moral Kantiana enquanto fundamento da ética: elemento para uma gestão pública eficiente**, 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/72625/a-moral-kantiana-enquanto-fundamento-da-etica>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

PIRES, José Herculano. **Pedagogia Espírita: As dimensões do Homem**. São Paulo. EDICEL, 1985.

PLATÃO. **As leis, ou da legislação e epinomis**. Trad. Edson Bini. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 1999.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. (Orgs.) São Paulo; Editora Cortez. 2009, Cap. 02, p. 73 à 117.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveria; OLIVEIRA, Márcia Gardênia M. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

RAMOS, D. J.; MOURA, J.D. P. Escolas que são asas: uma análise sartreana da escola do campo. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 14, n. 2, pág. 69-80, jul-dez 2018.

REGINALDO, T; PEREIRA, M. E. S. O existencialismo em Sartre: subjetividade e sociedade do conhecimento. **Filosofia da educação**, Campinas, SP, v.7, n.1, p. 109-126, 2015.

SÁ BRAZIL, Luciana de. O 3º estado com as maiores taxas de suicídio do país, MS ganha Comitê de prevenção. 17/abril/2019 10:40 am. **Portal do Governo de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <http://www.ms.gov.br/o-3-estado-com-as-maiores-taxas-de-suicidio-do-pais-ms-ganha-comite-de-prevencao/> Acesso em: 13 jul. 2021.

SAITO, Marcia Tiemi. **A gênese e o desenvolvimento da relação entre Física Quântica e misticismo e suas contribuições para o Ensino de Ciências**. 2018. 356 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. EDITOR EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.. Coimbra, PT, 2020.

SANTOS, B. de. S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v.5, n.1-2, p. 31-52, 1993. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira\\_TempoSocial1994.pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

SARAMAGO, José. Vídeo: **Entrevistas raras** (1987, 1995). Universidade Aberta de Lisboa <https://www.youtube.com/watch?v=9tQumqQ8eD0>

SARAMAGO, José. **A caverna**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2011.

SARTRE, J. P. **As Moscas**. Tradução de Caio Liudvik. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, J.P. **O Existencialismo é um humanismo**. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores, v. Sartre).

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdígão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 34. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

- SCHNEIDER, D. R. **Sartre, existencialismo e educação**. In. OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (org.). *Filosofia e Educação: aproximações e convergências*. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012. Cap. 20. p 389-404.
- SCOTT, D. **Refashioning futures: criticism after postcoloniality**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1999.
- SLOYAN, G. S. **The crucifixion of Jesus: history, myth, Faith**. Minneapolis: Fortress Press, 1995.
- SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- SILVA, C. G. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean Paul Sartre**. Londrina: UEL, 1997.
- SILVA, P. C. G. da. **O conceito de liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- SILVA, L. D. da. **Existencialismo e Educação – A filosofia sartreana da liberdade como fundamento pedagógico? Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, nº 4, p. 175-200, 2005.
- SILVA, J. A. **Cotidiano, saúde e fronteira: profissionais de saúde e a atenção ao parto em uma maternidade da rede pública localizada em território de fronteira**. 2016. 88 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Campus de Corumbá, Corumbá/MS, 2016.
- SOUTO MAIOR, M. **Kardec: a biografia**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- SULKES, Stephen Brian. **Visão Geral dos transtornos de aprendizagem**. Manual MSD: Versão para Profissionais de Saúde. Nova York (USA): University of Rochester School of Medicine and Dentistry. 2020.
- TEIXEIRA, José Raul. *ESPIRITUALIDADE E SOCIEDADE*. **Lavras 24 Horas: Física, Espiritismo e Educação**, 2010. Disponível em: [http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/T\\_autores/TEIXEIRA\\_Raul\\_tit\\_Espiritismo\\_Fisica\\_e\\_Educacao.htm](http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/T_autores/TEIXEIRA_Raul_tit_Espiritismo_Fisica_e_Educacao.htm). Acesso em 15 de novembro de 2020.
- TEIXEIRA, José Raul. “*Estamos vivendo a era do Espírito*”. *Jornal Mundo Espírita* – Agosto/1999. Disponível em: <http://www.raulteixeira.com.br/noticias.php?not=3>. Acesso em 21 de novembro de 2020.
- TELES, Tayson. R. **Mudar o discurso: por uma decolonização da mente docente na Amazônia**. *Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas*, n. 2, jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/3590> Acesso em: 1 abr. 2021.
- VILLARRAGA, Carlos Orlando. **Espiritismo e desenvolvimento sustentável: caminhos para a sustentabilidade**. Rio de Janeiro: FEB Federação Espírita Brasileira, 2013.
- XAVIER, Cândido Francisco. **O consolador**. Rio de Janeiro: FEB, 2009 [1940]. [Ditado pelo espírito de Emmanuel – psicografado por Francisco Cândido Xavier]. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9CFzVtKHMeYSFJBMWJMR0hNejg/view?resourcekey=0-e9aeG40ID4Ir24L5crhLJg> Acesso em: 12 mar. 2021.

**ANEXOS**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**



**IRAMI GONÇALVES FERNANDES MARTINS**

**PROJETO DE INTERVENÇÃO**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE:  
UM OLHAR PARA O SUJEITO-ALMA EM CORPO FÍSICO**

**Campo Grande – MS.  
2022**

## 1 – IDENTIFICAÇÃO:

### **TÍTULO: FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE: UM OLHAR PARA O SUJEITO-ALMA EM CORPO FÍSICO**

**1.1 – Coordenador-orientador:** Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira

**1.2 – Formadora-mestranda:** Prof<sup>a</sup> Irami Gonçalves Fernandes Martins

## 2 – APRESENTAÇÃO:

Com o Projeto de Intervenção intitulado *Formação Continuada Docente: um olhar para o sujeito-alma em corpo físico* cumpre-se as exigências do Mestrado Profissional – PROFEDUC – da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Unidade Campo Grande, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira, ao mesmo tempo supre-se demandas no que diz respeito à formação dos profissionais da educação, mais especialmente dos professores em docência, a partir da pesquisa de mestrado ora realizada vinculada ao PROFEDUC sob o título **PEDAGOGIA DO AMOR: A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA ALMA** desenvolvida no período que compreende Março de 2020 – Julho de 2022.

Nessa perspectiva, enseja-se permear a mente dos educadores de conhecimentos que abrangem filosofia e ciência *outras* necessárias para o aprimoramento moral e o desenvolvimento das consciências dos sujeitos que forem a elas apresentados. Espera-se, nesse contexto, que opere-se mudança ideológica (ou não) da classe docente, também dos paradigmas, até agora materialistas, em que se postulou a educação ao longo da história; licenciando, profissionais que nutrem apego à matéria bruta sem se atentarem para a verdadeira identidade humana: a Alma ou Espírito.

Em consequência dessa cultura, vemos as distorções impregnando os meios escolares de mitos, de personificação de profissionais e de estudantes educados para Ter, enquanto se escasseiam os movimentos que devem preparar os indivíduos para Ser. Por isso, formula-se o projeto como sendo resultado de experiências bem sucedidas, aplicadas no chão de escolas públicas do estado do Mato Grosso do Sul, bem como a partir de reflexões teórico-

epistemológicas realizadas na Pesquisa de Mestrado **PEDAGOGIA DO AMOR: A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO DA ALMA** ora em defesa.

Portanto, o que se pretende, de fato, com o projeto, é disseminar essa proposta de trabalho didático-epistêmico, embasado em filosofias e ciências que abrangem todo um cabedal de conhecimento científico, promovendo metodologias e ações pedagógicas outras, que têm início no *amor-compromisso, na ética e na vontade* de fazer diferente e com/a partir das diferenças como também promulga um pensamento descolonizado. Deste modo a iniciativa tem início, no entanto, não tem fim, pois falamos de uma formação para a vida, pela vida e por toda a vida e, ainda, para as vidas, – no desenvolvimento da alma, espaço onde tudo acontece.

### **3 – OBJETIVO GERAL:**

Suprir demandas no que diz respeito à formação dos profissionais da educação, mais especialmente dos professores da Educação Básica, por meio de uma educação mais humana *trans-formadora*, sob a ótica do desenvolvimento da alma dos sujeitos e de um pensamento descolonizador como episteme para, com isso, atender as exigências do Mestrado Profissional – PROFEDUC – da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

#### **3.1 – Objetivos específicos:**

- Desenvolver entre os sujeitos-docentes reflexões sobre corpos vários que compõem os indivíduos, por meio de os conhecimentos filosóficos-científicos epistemologicamente centrados nos princípios Espíritas;
- Difundir o pensamento descolonial como prática de vida;
- Facilitar caminhos para o desenvolvimento de sujeitos-docentes, criando conceitos outros de vida, de educação, promovendo modos solidários de vivências no campo do trabalho, na família e na sociedade;
- Incentivar a participação dos docentes neurotípicos tanto quanto os da educação especial (com afeto e respeito) à participação de discussões sobre as

diversidades humanas, levando-se em conta o princípio reencarnacionista, entendendo a vida como proposta de vivência na qual é preciso observar ações e reações, atos e consequências, isso tudo embasado em estudos de pesquisadores do atual contexto histórico;

- Considerar relevante reflexões sobre temas como: corpos outros, a fisiologia da alma, as emoções que revestem as palavras e as inteligências, atributo da alma, alma como espaço de sentimentos e desenvolvimento, princípios da Filosofia Espírita sob a ótica dos pesquisadores-cientistas;
- Compreender que os indivíduos são dualidades: os corpos físicos recebem emanções dos sentimentos e pensamentos, estes são atributos da alma e não ao contrário;
- Pensar a educação como meio de desenvolvimento da alma, em primeira perspectiva, para em segundo plano cuidar-se de observar suas reações no corpo físico;
- Entender que educar é movimento que acontece de dentro para fora, o contrário é instruir. E que a instrução está muito presente na educação, agora é preciso ir mais longe, para dentro das pessoas: educar.

#### **4 – METODOLOGIA:**

O *Curso de Formação Docente Continuada* será organizado por meio de palestras, oficinas, *workshops*, pesquisas e debates acerca de Educação Integral (reconhecendo os múltiplos corpos que compõem a integralidade dos sujeitos), nos ambientes escolares, em modalidade presencial e/ou a distância. Sendo, por conseguinte, a Educação integral meio de desenvolvimento dos sujeitos sob a perspectiva da existência da ação e manifestação (no corpo físico) da ALMA.

Nesta perspectiva, os profissionais da educação, sobretudo, da Educação Básica farão estudos sobre conceitos filosóficos – sempre fundamentadas em pesquisas científicas – que notificam a necessidade de um olhar outro para os sujeitos em desenvolvimento, suas emoções, suas reações perante os fatores sociais ou da própria vida, sua inteligência, pensamento e razão, de modo a reconhecer-se como SENDO, também, indivíduo-individualidade. E em reconhecendo-se como sujeito-interno (espírito-alma), adquira valores

sob a égide do CRISTIANISMO PRIMITIVO e dos PRINCÍPIOS “MORAIS” ELEVADOS: eticidade, moralidade, solidariedade, caridade, justiça.

O curso terá a previsão de cinco horas, divididos em dois períodos com espaço de tempo vago entre eles. Serão abordados no curso: a *Pedagogia do amor*: conceitos e epistemologia; pesquisas recentes na área médico-física, estudos que fundamentam a Pedagogia do Amor; momento de descontração: O fantasma camarada: histórias que ouvi contar, histórias que vi acontecer – nas quais se reconhecem os “fantasmas”, nas ficções ou lendas, e as experiências dos estudantes, vidas reais; O perdão e o autoperdão: palestra com o psicólogo, espírita, seminarista, professor e consultor da Rede Globo, por meio de vídeo. E ao final do tempo estimado, os professores farão uma avaliação do curso, que consiste em escrever as suas impressões sobre o curso, sem necessariamente identificarem-se, pois a atividade visa tão somente avaliar o trabalho dos organizadores do evento de formação, o próprio projeto e as possibilidades de melhorar tanto a apresentação quanto o material disponibilizado durante o curso e após a realização desse.

Espera-se que com as informações adequadas durante os estudos, os professores sejam positivamente impactados, de modo que possam refletir os estudos, contextualizadamente, aplicando tais conhecimentos em suas próprias vidas, bem como, em seus trabalhos, seus sonhos e projetos, suas relações familiares e sociais acrescidas de manifestações de respeito, tolerância, paciência e solicitude. Não se pode falar ou dar o que não se possui, ou sobre o que não se conhece. Primeiramente, é preciso se “embebedar” de conhecimentos que operem mudança íntima; de conceitos lógicos que promovam solidez interna, antes de se aventurar a ensinar, cuidar de alguém.

Portanto, com o Curso de Formação Docente Continuada sob a perspectiva do desenvolvimento da alma e de um pensamento descolonial, espera-se conferir aos docentes princípios de valores inestimáveis para os sujeitos que replicarão tais conhecimentos, produzindo ações benéficas e duráveis para a sociedade. Sob esse prisma, é possível que “mudando” os sujeitos professores-professoras, mudemos o mundo.

## 5 – ESTRATÉGIAS/CRONOGRAMA

**Tabela 1:** Cronograma do desenvolvimento do Curso de Formação Docente Continuada

Ação	Tempo/período matutino
------	------------------------

Apresentação	10 minutos
Dinâmica quebra-gelo	10 minutos
Pedagogia do amor: conceitos e epistemologia	60 minutos
Vídeos: indicadores de pesquisas recentes na área médico-científica e autores	50 minutos
Tira dúvidas	20 minutos
<b>Ação</b>	<b>Tempo/período vespertino</b>
Os princípios da filosofia-ciência Espíritas frente aos conceitos científicos no contexto atual	60 minutos
O fantasma camarada: histórias que ouvi contar; histórias que vi acontecer.	30 minutos
Vídeo: O perdão e o autoperdão – Rossandro Klinjey	50 minutos
Fechamento e Avaliação do curso	10 minutos

**Fonte:** Autoria Própria.

## 6 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS:

O *Curso de Formação Docente Continuada* tem como objetivo outro a mudança de paradigmas na educação como um todo, promovendo caminhos por meio do conhecimento para a mudança dos sujeitos. De outro modo, visa-se que os docentes cursistas apropriem-se, de habilidades e competências, para a docência de crianças e adolescentes, embasadas nas infinitas manifestações de amor, compromisso e amizade-solidariedade. Para tanto, apresenta-se a Pedagogia do Amor e suas fundamentações teóricas.

Assim, os pressupostos teóricos que contemplam o Curso de Formação Docente Continuada são os autores filósofos como Sócrates e Platão, Jean Paul Satre, José Herculano Pires; Físicos como Dr. José Raul Teixeira e Alexandre Fontes da Fonseca; Pedagogos como Allan Kardec, Paulo Freire, Pedro Demo, Claudia Raquel Büttendbender, Miguel Arroyo; autores descoloniais como Henrique Dussel e Marcos Antônio Bessa-Oliveira, dentre outros autores da psiquiatria, psicologia e medicina em geral: Alexander Moreira-Almeida, Emanuel

Burck dos Santos, Décio Iondali Junior, Haroldo Dutra Dias, Rossandro Klinjey, Celma Laurinda Freitas Costa e o teólogo Leonardo Boff. A grande maioria deles em consonância com o amor recomendado por Jesus, O Nazareno, vivenciado pelo modelo brasileiro de cidadania ímpar: Francisco Cândido Xavier.

## 7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARROYO, M. **Fracasso-sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos**. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 7, p. 33-40, Brasília, jan. 2000.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **O corpo que habito: esse não é o corpo da sala de aula, do museu, nem o corpo da academia!** Curitiba-PR: Revista Arte CAPS, 2019.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Pedagogias das diversidades – apontamentos iniciais**. (NAV(r)E-UEMS), Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas/Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. marcosbessa2001@gmail.com.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BÜTTENBENDER, C. R. É Possível uma Pedagogia do Amor na Educação Inclusiva?. **Caderno Marista De Educação**, 2020, 11(2), e39043. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/caderno-marista-de-educacao/article/view/39043>. Acesso em: 08 Jun 2022.

COSTA, Celma Laurinda Freitas. **A noção de ciência e educação no espiritismo**. 2009. 250 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiânia, Goiás, 2009.

DA FONSECA, Alexandre Fontes. Explicando conceitos espíritas em Mecanismos da Mediunidade parte I: analogia com raios gama. **Jornal de Estudos Espíritas**, Campinas-SP, publicado em 05 de Fevereiro de 2016.

DA FONSECA, Alexandre Fontes. Explicando conceitos espíritas em Mecanismos da Mediunidade parte II: analogia com circuitos elétrico. **Jornal de Estudos Espíritas**, Campinas-SP, publicado em publicado em 08 de Março de 2017.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação: desafios da universidade**. Petrópolis. Editora vozes, 1999.

DIAS, Aroldo Dutra. **O Homem Contemporâneo, Deus e a Religião**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=e5XNpq1QW24&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=e5XNpq1QW24&feature=emb_title). Acesso em jan. de 2021.

DOS SANTOS, Emanuel Burck. **Consciência Imortal**. 1ª.ed. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2019.

Estudos outros consubstanciam projeto, sendo um deles **Orientações para a atuação profissional frente a situações de suicídio e automutilação** do CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL, organizado pela Comissão Especial de Psicologia na Saúde do CRP 01/ DF, Brasília: CRP, 2020.